REALIDADE

UMA PUBLICAÇÃO DA EDITORA ABRIL

NOVEMBRO 1966 — C/$ 800

CORTESIA DOS EDITORES

BRASILEIROS QUEREM O DIVÓRCIO

COMO SE ELEGER DEPUTADO

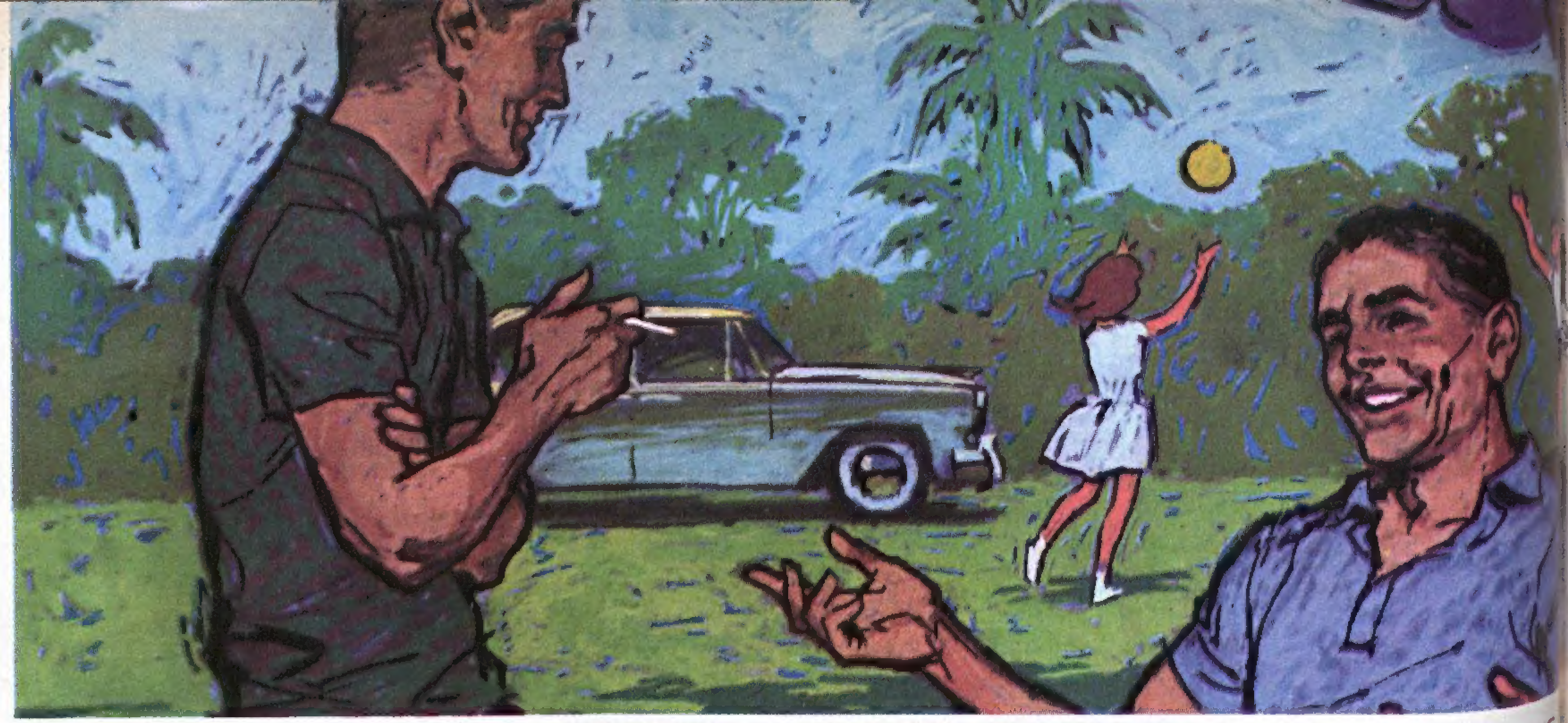
A ARTE DESCOBRE A MULHER

O PELÉ QUE NINGUÉM CONHECE

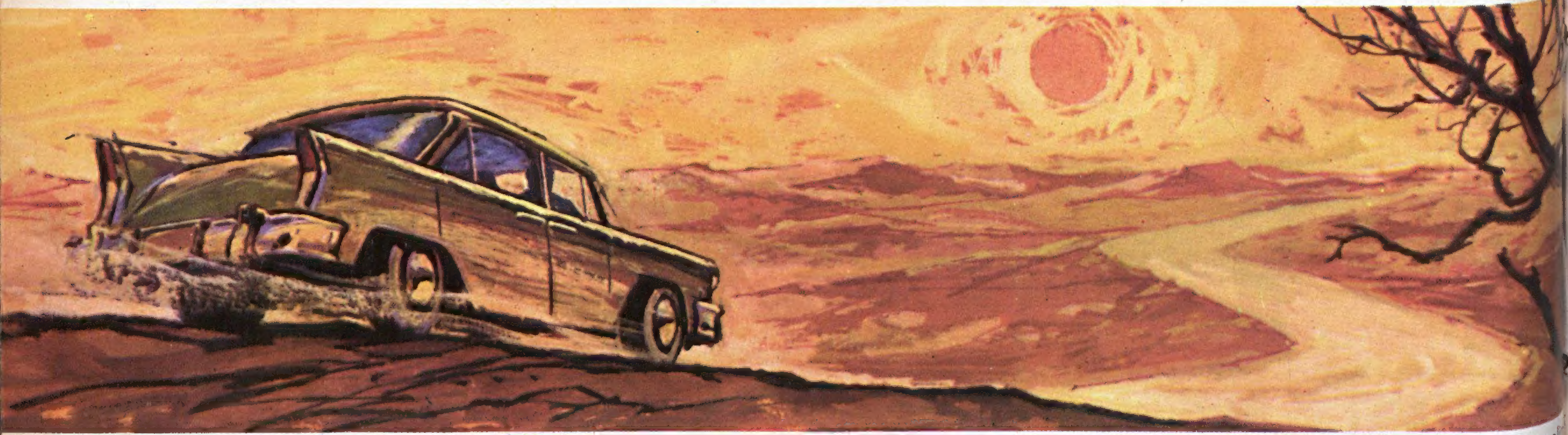
O QUE É INFLAÇÃO

OS NOVOS DONOS DO SAMBA

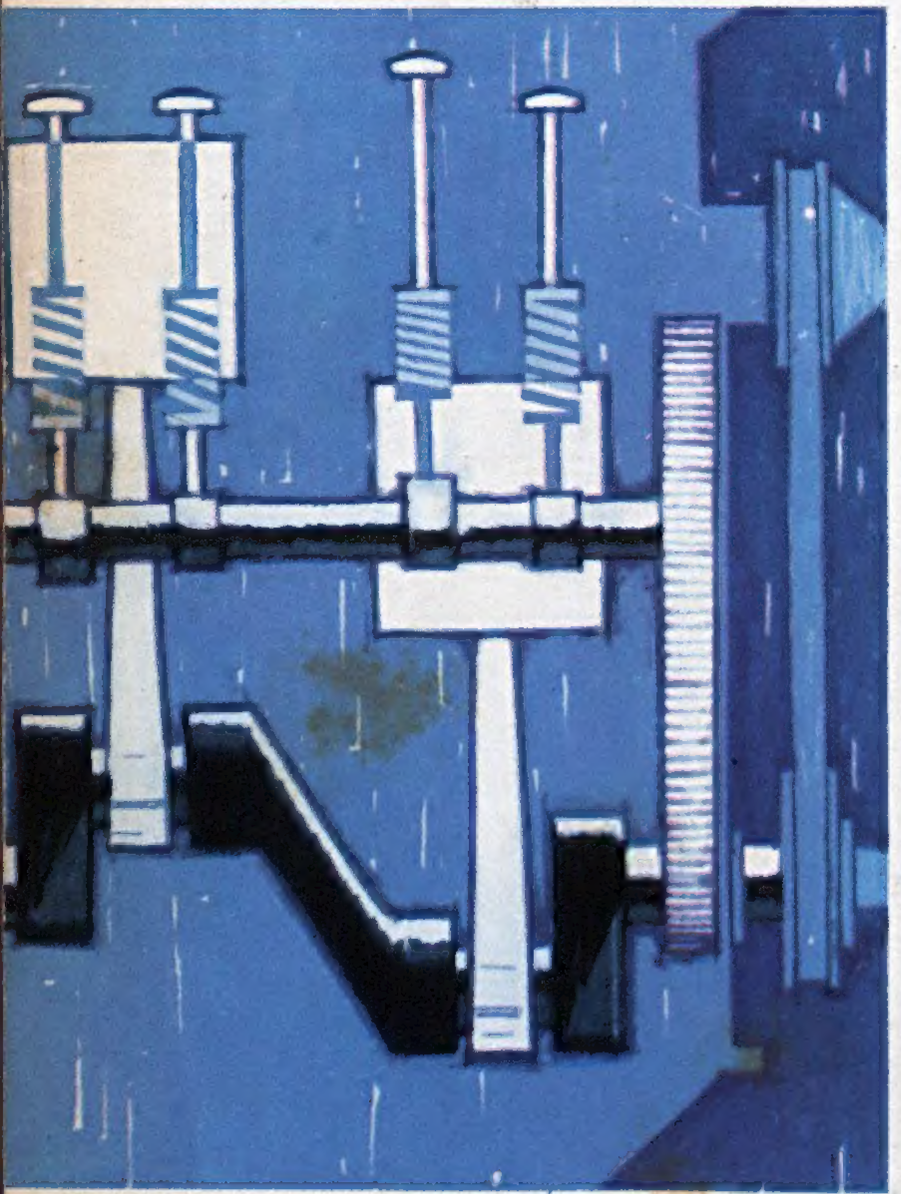
Quanto tempo sem ir à oficina?



É mesmo. Depois que o meu mecânico me aconselhou a usar sòmente HAVOLINE HAVOLINE ALL TEMP, acabou-se aquela história de passar fim de semana na ofic



Havoline não perde suas propriedades lubrificantes com o calor e os regimes elevados de rotação. E o quê é importante - Havol Motor Oil limpa enquanto lubrifica, mantendo desobstruída a passagem de óleo pêlos condutos internos de lubrificação do mo



Formando uma película protetora nas partes internas, Havoline protege contra os depósitos e impurezas que podem danificar os mancais do motor. Lubrificação perfeita.

Seu carro merece o melhor: Havoline e Havoline All Temp para motores a gasolina e Diesel satisfazem as especificaç API: ML, MM, MS, DG e DM. Para sua comodidade, Havoline All Temperature Motor Oil 20W atende simultâneamente SAE 20W, 30 e 40.

Prefira sempre os serviços do seu Revendedor Texaco o melhor ami do seu carr

TEXACO BRASIL S. A.

Editor e Diretor: VICTOR CIVITA

Redação

Redator-Chefe: Paulo Patarra
Editor de Texto: Sérgio de Souza
Redatores: Carlos Azevedo, Micheline Gaggio Frank, Roberto Freire Narciso Kalili, José Carlos Marão Luiz Fernando Mercadante José Hamilton Ribeiro, Mylton Severiano da Silva
Pesquisas: Duarte Lago Pacheco
Secretário Gráfico: Woile Guimarães
Chefe de Arte: Eduardo Barreto Filho
Diagramadores: Jaime Figuerola, Rubem B. Moraes
Fotógrafos: Luigi Mamprin, Jorge Butsuem, Roger Bester, Lew Parrella Geraldo Mori
Sucursal, Rio: Alessandro Porro Milton Coelho, Paulo Henrique Amorim Nélson di Rago
Sucursal, Nova Iorque: Odillo Licetti

Administração

Diretor Comercial: Alfred Nyffeler
Vice-Diretor de Publicidade: Sebastião Martins
Gerente de Publicidade, S. Paulo: Rubens Molino
Representantes, São Paulo: Sílvio Fernandes, José Luiz Decourt Ricci

Representantes, Rio: Nílson Alves
Pôrto Alegre: Jesus C. Ourives (gerente) e Vernei Pinto
Belo Horizonte: Afonso Tôrres
Curitiba: Édison Helm
Diretor Administrativo de Publicidade: Antônio Cioccoloni

*

Diretor Editorial: Luís Carta
Diretor Comercial: Domingo Alzugaray
Diretor do Escritório do Rio: André Raccah
Diretor Responsável: Edgard de Sílvio Faria

REALIDADE é uma publicação da Editôra Abril Ltda. / Redação, Publicidade e Correspondência: Rua João Adolfo, 118, 9.º, fone: 37-9111 / Administração: Rua Álvaro de Carvalho, 48, 6.º e 7.º and., São Paulo / Sucursal, Rio de Janeiro: Av. Presidente Vargas, 502, 18.º, fone: 23-8913 / Sucursal, Pôrto Alegre: Av. Otávio Rocha, 134, 6.º, fone: 4778 / Sucursal, Belo Horizonte: Av. Goitacazes, 43, cj. 301-2, fone: 4-7146. Sucursal, Curitiba: Edifício Galeria Tijuca, Rua Cândido Lopes. 11, 15.º and. cj. 1516 — C. Postal 3121, Telefone: 4-5937 - 4-9427. Distribuição exclusiva para todo o Brasil da Distribuidora Abril S.A. Preços: exemplar avulso Cr$ 800. Assinatura semestral Cr$ 4.800. Assinatura anual Cr$ 9.600. Nenhuma pessoa está credenciada a angariar assinaturas desta publicação. Se fôr procurado por alguém, denuncie-o às autoridades locais. Números atrasados: no Rio, Rua República do Líbano, 19; São Paulo, Rua Martins Fontes, 163-165. Pelo Correio: Caixa Postal 7901. / Todos os direitos reservados. / Impressa em oficinas próprias e nas da S.A.I.B. Soc. Anônima Impressora Brasileira, São Paulo. As opiniões que aparecem nos artigos assinados não representam necessàriamente o ponto de vista da revista, podendo até ser contrárias a êste.

REALIDADE

UMA PUBLICAÇÃO DA EDITÔRA ABRIL — ANO I — NÚMERO 8 — NOVEMBRO 1966

BIBLIOTECA BRASIL NACIONAL
I00000 22284 DL
2,058,01,058
ct. 878923 B. 213659

Capa — Rubinho do Zimbo Trio, Jair Rodrigues, Nara Leão, Paulinho da Viola, Chico Buarque, Gilberto Gil, Toquinho, Caetano Veloso e Magro do MPB4 são parte do grupo jovem que procura novos caminhos para a nossa música popular. Foto de David Drew Zingg.

Documento 28 — **Coronel não morre** — O coronelismo parece que finalmente está desaparecendo do Nordeste. Mas ninguém pode garantir qual será o último coronel.

Perfil 38 — **Pelé** — É possível entrevistar um gênio? O repórter Roberto Freire acha que não. Mas conseguiu assim mesmo descobrir a essência do nosso maior ídolo.

Problema 51 — **Vale a pena ser brasileiro?** — De mais de 3 milhões de estrangeiros que vieram para cá, sòmente cem mil se naturalizaram. Alguma coisa está errada.

Política 60 — **De como se eleger deputado** — Há muitos que dizem que não vale a pena. Para os que tentam, a luta é sempre dura e cheia de imprevistos e sutilezas.

Arte 75 — **A arte descobre a mulher** — A história da arte pode também ser contada através dos nus. Desde as estátuas gregas até as mulheres da pintura moderna.

Bebida 86 — **O uísque é nosso** — Neste ano consumiremos dez milhões de litros desta bebida cuja receita inclui desde tonéis velhos e açúcar queimado até a turfa.

Pesquisa 92 — **O que os brasileiros pensam do divórcio** — Eis os resultados da grande pesquisa lançada em julho. Um documento importante e muitas vêzes surpreendente.

Religião 105 — **A Bíblia** — A história fascinante do livro mais importante de todos os tempos. Quem o escreveu? Em que época? Por quê? E como chegou até nós?

Música 116 — **A nova escola do samba** — Nossa música popular está ganhando novos rumos. Quem colabora para isso é um grupo que só tem em comum a juventude.

Teatro 126 — **Êle mudou nosso teatro** — Nove de suas peças, já representadas no Brasil, o tornaram o autor mais discutido do momento. Seu nome: Bertolt Brecht.

Economia 134 — **O que é inflação** — É um monstro que está presente em nossa história e em todos os nossos dias. O problema é saber como os brasileiros poderão vencê-la.

Literatura 143 — **Um escritor diante do espelho** — Falando o que pensa de sexo, política, religião e moral, Érico Veríssimo traça — com sinceridade — seu auto-retrato.

Tiragem desta edição: 485.700 exemplares

quando lhe disserem que
tôdas as gasolinas são iguais,
lembre-se que só nos postos shell
você encontra
gasolina contendo **I.C.A.**
e não paga um centavo
a mais por isso.

(isto é ou não é algo mais?)

...e saiba também que Shell Super é mais que um nôvo óleo: é superquilometragem com supermargem de segurança. É, positivamente, o óleo que excede as especificações da indústria automotiva.

ESPECIFICAÇÕES DA INDÚSTRIA AUTOMOTIVA
EXCEDE

Isto é ou não é algo mais?

Nos postos Shell / algo mais para seu carro e você.

Standard Propaganda

POMBO

à venda na sua papelaria:

AGENDAS para bolso

CALENDÁRIOS para mesa

"POMBO" para **1967**

EXPECIAL

PLAY-DRESS sedutor, elegante, exclusivo. Feito em renda elástica de Helanca, cobre o corpo como uma segunda pele.

Veste bem a qualquer estatura ou tamanho. Favorece a beleza do corpo feminino com suave efeito modelador. Por baixo usa-se biquini ou... nada mesmo. Côr: Preta. **29.500** Reemb. Simples

Mod. Pat.

CALÇA-MEIA sugestiva e atrativa. Substitue com vantagem 3 peças (meias, calça e cinta-liga) por uma só. Em lindíssima renda de Helanca, tem elasticidade em todos os sentidos. Côr: Preta. Mod. Pat. Reemb. Spls. **18.900**

e agora também

Picantes Biquinis, Miniquinis, Biquinis, c/Ouvert (model. francesa, abertos na entreperna) em Nylon ou Renda. Peça catálogo. Mande Cr$ 300 em sêlos postais, serão abatidos de posterior pedido. Veja ao lado: Miniquini c/Soutien, renda de Hel. Cr$ 6.500 p/Reemb. Spls.

Compre pelo Reembolso Postal

Cx. P. 1933 **EXPECIAL** CURITIBA - Pr

Nome: ....

Endereço: ....

Cidade: .... Estado: ....

PEDIDO .... Manequim: ....

cartas

Prêmio Esso

Calorosos parabéns a Luiz Fernando Mercadante pelo Prêmio Esso dado à reportagem "Brasileiros Go Home". REALIDADE não poderia mesmo ter ficado sem êste reconhecimento pelo muito que tem feito pelo desenvolvimento de nossa imprensa.

ABREU SODRÉ
Governador eleito
São Paulo — SP

Recebam meu abraço caloroso pela grande notícia da concessão do Prêmio Esso ao repórter Luiz Fernando Mercadante. Essa distinção traduz o reconhecimento do talento jornalístico de quem é honesta e vigorosa expressão de homem de imprensa da nova geração.

PAULO PIMENTEL
Governador
Curitiba — PR

Revolução na Igreja

Sr. Diretor: Os verdadeiros católicos não devem iludir-se com as falsas pregações dos padres Dominicanos, pois êles desmoralizam a religião.

CÁSSIA FERNANDES
Pará de Minas — MG

Sr. Diretor: Fico feliz em saber que a Igreja se está transformando e se adaptando, procurando encarar os problemas sociais com verdadeiro realismo, como, no caso, a Ordem de São Domingos.

FREDERICO GUILHERME JAEGER
Belo Horizonte — MG

A Revolta Húngara

Sr. Diretor: Fiquei impressionado com o admirável artigo "A Revolta Húngara", escrito por Alessandro Porro, no número 7 de REALIDADE. Estas linhas evocam com fôrça aquêle tremendo drama humano que, sem dúvida, anunciou uma nova época, o desmantelamento da tirania monolítica comunista. A importância do artigo consiste justamente na penetrante observação que o movimento húngaro de 1956 não era fascista, nem anti-socialista. Era uma verdadeira revolução popular, visando à redemocratização do país, guardando tôdas as reformas sociais que beneficiaram o trabalhador. Os jovens estudantes, intelectuais e operários que morreram nas ruas, nos cárceres ou na fôrca, deram suas vidas para o livre desenvolvimento político, cultural e econômico do país.

KRISTÓF KÁLLAI
REPRESENTANTE NO BRASIL DO COMITÊ DE NOVA IORQUE
Rio de Janeiro — GB

Tiragem de REALIDADE

Sr. Diretor: Na sétima edição de REALIDADE, deparei com a tiragem de 485.700 exemplares. Será que vende tudo isso?

JAIRO AMARANTE
São Paulo — SP

Eis a tiragem e venda de REALIDADE, nos seus primeiros seis números:

Abril	*251.250*	*250.775*
Maio	*281.750*	*281.517*
Junho	*354.030*	*351.858*
Julho	*448.992*	*404.060*
Agôsto	*470.030*	*430.122*
Setembro	*473.230*	*440.103*

REALIDADE no exterior

Sr. Diretor: Acabo de receber, enviado por parentes, o número de setembro de REALIDADE. Nessa revista, encontrei a resposta à minha procura de reportagens e notícias sôbre a atualidade brasileira, tão difíceis de se conseguir por aqui. Gosto da linha clara, completa e imparcial adotada nos seus artigos.

NÍLTON G. GIMENES
Chanute Air Force Base, Illinois — USA

Sr. Diretor: Minha senhora e eu, professôres de Português em The American Institute for Foreign Trade, depois de cuidadosa pesquisa, decidimos que REALIDADE é a atual revista brasileira que melhor retrata e informa sôbre a vida e o povo brasileiro em geral, de maneira objetiva, imparcial, esclarecida e construtiva.

DR. GUILHERME DE CASTRO E SILVA
Phoenix, Arizona — USA

Sr. Diretor: Um exemplar de sua magnífica revista chegou às minhas mãos, aqui no Canadá. Formidável! Quero nesta breve mensagem expressar o meu contentamento ao ver que ainda há em meu país homens que se dedicam, sem temor, corajosa-

SEGUE

NÔVO SISTEMA
EMAGRECER

Rejuvenescer sem drogas, banhos, aparelhos ou sacrifício. Em qualquer idade.

Dedicatória da notável soprano, cantora internacional, Baronesa Lia Roberti.

Diretor **Vicente COLÓ**

Pessoalmente com hora marcada

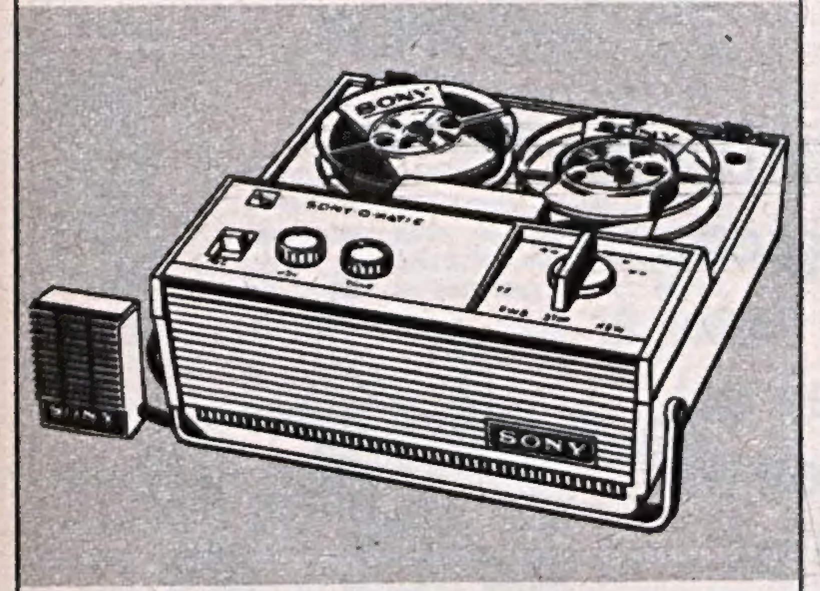
Normalizado o organismo não se volta a engordar. Remeta pêso, idade e altura.
Correspondência: Cx. Postal 5.696

R. Rosa e Silva, 170 - Tel. 52-1675 - S. Paulo
(Próximo à Pça. Marechal Deodoro e Av. Angélica)

basta comparar

o gravador
SONY® TC-900

com seus similares
para compreender
porque êle custa
um pouco mais!!!



...a diferença de som
e sua versatilidade
é impressionante!

Conheça também o
TC-123
-um modêlo econômico
com a qualidade SONY

Solicite uma demonstração!

cartas

mente, a combater a injustiça.

ASSIS LOPES
Saint-Boniface, Manitoba — Canadá

Sr. Diretor: No seu artigo "Altamente Secreto", está escrito que o coronel Stig Wennerstrom suicidou-se. Não é verdade! O ex-coronel apenas tentou o suicídio, mas sobreviveu e está atualmente na prisão de Langholm, em Estocolmo.

JORGE SILVA
Estocolmo — Suécia

Contrôle de natalidade

Sr. Diretor: A resposta do Sr. Glycon de Paiva, à pergunta "devemos limitar a natalidade?", bem demonstra o tipo de economista que é. Sua fórmula é simples e eficiente: matemos os pobres e o Brasil será um país de ricos.

WALTER CAMPAGNOLLO
Campo Mourão — PR

Sr. Diretor: Como médico, felicito a extraordinária, objetiva e patriótica resposta dada pelo sr. Glycon de Paiva a favor do contrôle da natalidade. O Brasil não deve mesmo "preencher espaços vazios com estômagos vazios".

DR. SIDNEI PEREIRA LUCAS
São Carlos — SC

Sou padre e quero casar

Sr. Diretor: O caso **particular** do padre Stephen Nash, se é real (pois soa a coisa forjada!), é para entristecer. Por que não aconselham êsse padre torturado a deixar o ofício e se casar, se tamanha é a ânsia?

JOEL ROLIM
Fortaleza — CE

Sr. Diretor: Aprovo em tudo e por tudo os conceitos e expressões de Gustavo Corção, no seu artigo publicado no jornal "O Estado de São Paulo", quando condena e protesta contra o depoimento do inventado padre Stephen Nash. Por que os senhores não mencionam o nome da revista norte-americana em que tal artigo foi publicado?

PE. CLÓVIS M. RENDER
Campinas — SP

O depoimento do padre Nash saiu, pela primeira vez, na revista The Saturday Evening Post.

Sr. Diretor: O sr. Gustavo Corção que escreveu um artigo contra a revista REALIDADE, parou no tempo. E teima ainda em escrever com pena de pato!

ARTHUR FRANCISCO BAPTISTA
São Paulo — SP

Sr. Diretor: O autor do artigo "Sou padre e quero casar" teve a felicidade de conseguir exprimir em palavras exatas o que sinto sôbre o problema. Soube apresentar o drama do seu celibato, sem desvalorizar a grandiosidade do celibato vivido por quem recebeu de Deus êsse dom. Discordo totalmente do sr. Gustavo Corção que em seu artigo distorce as palavras de Stephen Nash.

PE. JOSÉ O.N.
São Paulo — SP

Sr. Diretor: O artigo "Sou padre e quero casar" causou-me admiração e alegria pela sinceridade e seriedade manifestadas. Graças a Deus que já temos sacerdotes sinceros sôbre êste assunto. A maioria dos meus paroquianos gostaram do artigo. Sugiro seja realizado um inquérito sôbre o celibato eclesiástico entre sacerdotes e fiéis de boa vontade. Como sacerdote me realizo e amo plenamente minha vocação, mas sinto, segundo ensina a Palavra de Deus, que "a Verdade nos fará livres" e sinto profundamente "o mêdo" que alguns parecem ter sôbre certas "realidades verdadeiras".

PE. HENRY SILVEIRA
Sete Lagoas — MG

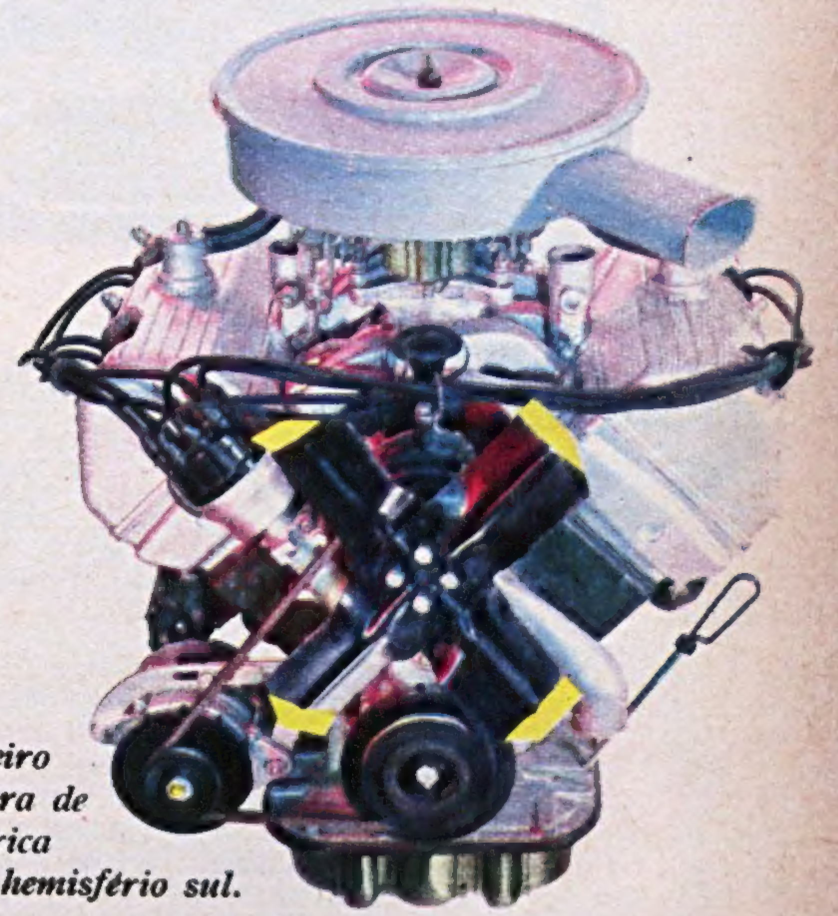
Sr. Diretor: Em meu nome e no de centenas de sacerdotes com quem conversei durante viagens pela América e Europa, parabéns pelo artigo "Sou padre e quero casar". Sugiro que os senhores enviem uma separata de tal artigo a cada um dos bispos brasileiros.

PE. J.F.

Sr. Diretor: O artigo do padre Stephen Nash disse quase tudo. Espero continuar a ser padre, mesmo que a Igreja não permita o casamento. Deus não me faltará com suas graças, para continuar neste heroísmo que me impuseram, para ser fiel à vocação que me deu e ser um padre bom e apostólico.

PE. A.F.

A temperatura do Emi-Sul nunca sai do normal. Nunca.



Emi-Sul - o primeiro motor V8 com câmara de combustão hemisférica fabricado no hemisfério sul.

Seu super-motor Emi-Sul - classe internacional - tem câmaras d'água especialmente dimensionadas.

O nôvo Simca Emi-Sul é o único carro criado especialmente para as condições brasileiras. V. pode rodar horas seguidas, na estrada ou no trânsito congestionado, que a temperatura nunca sai do normal.

Nunca.

Por ser um carro especial para o Brasil, o Emi-Sul aproveita ao máximo qualquer tipo de gasolina.

E V. pode subir serras ou descer para o litoral, que o motor não desregula.

Como tudo isso é possível?

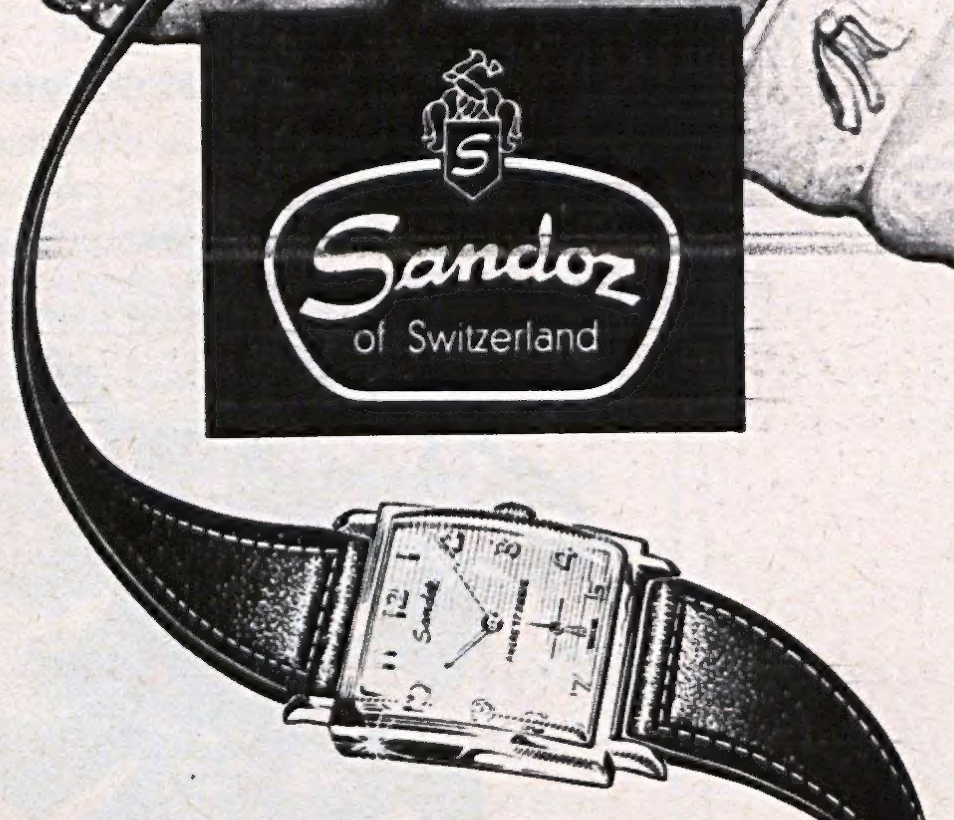
É que o nôvo motor Emi-Sul tem uma série de aperfeiçoamentos revolucionários: câmaras de combustão hemisféricas, câmaras d'água super dimensionadas, metais que não retêm calor e mais corretor de avanço centrífugo e avanço manual do distribuidor.

Ah... e o Emi-Sul é ainda muito econômico. Faz 8 km com um litro de gasolina, a uma velocidade média de 80 km/h.

Experimente o nôvo Emi-Sul nos Revendedores Autorizados Simca.

SIMCA
Emi-Sul V8
130 HP 140 HP
CLASSE INTERNACIONAL

mpm



De Johannus Sandoz, artesão suíço, teve início, no ano de 1530, em Locle, a descendência de artífices que ainda hoje fabrica um dos mais famosos relógios de precisão do mundo. Essa tradição de quatro séculos de artesanato, encerrada em moderníssimas e elegantes caixas é o que você coloca no pulso ao adquirir um SANDOZ.

Moderníssimos modelos para senhoras e cavalheiros.

Sandoz

— ELEGÂNCIA E PRECISÃO —

Nas boas casas do ramo.

Representante exclusivo para o Brasil

RUDOLF HERRMANN S.A.

Rua Buenos Aires, 101 - tel. 52-2687
RIO - GB

cartas

A juventude diante do sexo

Sr. Diretor: Confesso que fiquei profundamente chocado. Sou pai de quatro rapazes, um dêles já casado. Embora meus filhos sejam homens, importo-me também com o comportamento das môças, pois não vou querer para nora uma môça que já sabe demais.

MARINHO VIDAL
Belo Horizonte — MG

Sr. Diretor: Não queria ser aluno de professor tão mal formado como o sr. Antônio L. Gomes que elogia "pesquisas" despudoradas, e gosta de poemas para rezar ilustrados com mulheres desnudas. A única **realidade** é que os donos de REALIDADE querem enriquecer, mesmo sacrificando os mais sagrados valôres da civilização. Só não o fazem quando seu lucro é ameaçado por algum juiz de menores cônscio de seu dever. Gostaríamos de ver esta carta publicada, mas não podemos acreditar que isto aconteça.

JOÃO E MIGUEL Q. BARROS
Santa Maria — RS

Sr. Diretor: Sua enquete "A juventude diante do sexo", para usar uma expressão popular, "me quebrou um galho imenso". Tenho uma filha de 17 anos e dois rapazes de 13 e 16 anos. Nunca consegui fazer-me entender com êles a respeito de problemas sexuais, pois tendo sido educado em meio aos tabus convencionais de nossa sociedade, nunca pude romper a barreira do acanhamento e abordar a questão como devia. Sua revista fêz isso por mim. Todos leram e emitiram sua opinião. Fiquei sabendo o que meus filhos fazem e pensam a respeito do sexo.

ISALTINO BRIGAGÃO NETTO
São Paulo — SP

Sr. Diretor: O sr. Ferraz Sales ameaça queimar os exemplares que possui de REALIDADE; pois bem: estou disposto a pagar o preço que o citado senhor quiser (desde que numa base lógica!) pelos números 1 e 2 de REALIDADE. Iria, inclusive, até São Paulo para buscá-los. Eis meu enderêço:

PAULINO ALVES BARRETO
Rua Miguel Jascus, 132 — São João do Meriti — Est. do Rio de Janeiro

Sr. Diretor: Não consideramos obscena ou chocante a pesquisa "A juventude diante do sexo". Ela nada mais é que a coleta de dados reais. Não é o assunto que é chocante e sim a vivência atual dos nossos jovens. Mas se êles assim procedem é conseqüência de uma educação falha. Sugerimos que a revista faça uma enquete junto aos pais, perguntando como orientam sexualmente seus filhos.

SR. E SRA. ADÍLSON BRUNHARO
São Paulo — SP

Sr. Diretor: Há alguns dias em nossa cidade realizou-se uma conferência sôbre sexo, dirigida por um cônego, e êste utilizou-se das estatísticas da pesquisa "A juventude diante do sexo", para explicar, debater e esclarecer assuntos de nosso interêsse.

PAULO M. BARROS FILHO
Arcoverde — PE

Sr. Diretor: Sempre que se faz algo de útil para os jovens, há algum vetusto cidadão que se compromete a defender a "honra e a moral da nação".

CAIO VENÂNCIO MARTINS
São Caetano do Sul — SP

Sr. Diretor: Sua revista vem pregando a humanização do povo e não a dissolução da família como li em uma das cartas enviadas a REALIDADE. Sem moral são os que em tudo vêem algo de pecaminoso.

LÉA DELBA
Belo Horizonte — MG

Sr. Diretor: Tenho 23 anos, sou mineira e professôra. Protesto contra o que a sra. Tereza Alkmim publicou em um dos nossos jornais **em nome** das mulheres mineiras, contra sua pesquisa "A juventude diante do sexo". O que eu admiro é que essas **mulheres mineiras** nunca tenham visto certas revistinhas e livrinhos imorais que seus filhos lêem. Por outro lado, será que tôdas as mulheres mineiras estão de acôrdo com as afirmações dessa senhora?

MARLENE AMARAL
Rio de Janeiro — GB

A Sra. Lia Leme tem uma ótima razão para usar o melhor produto que existe.

Aqui está:
(Terezinha Leme)

Não é uma boa razão? Por isso é que a Sra. Lia Leme só usa Claybom. Claybom é enriquecido com 30.000 unidades de vitamina A por quilo. É o que existe de mais saudável para as crianças passarem no pão, nas bolachas, nas torradas. Quantas crianças a Sra. tem em casa? Ou melhor: quantas razões a Sra. tem para usar Claybom?

Angústia em caixa de maçã

Leopoldo Lima é um marceneiro de 32 anos que até os 17 não conseguira o diploma do Grupo Escolar e, até hoje, não leu mais que dois livros: **As Aventuras de Robinson Crusoé** e uma biografia de Van Gogh. Um dia Leopoldo resolveu dar nôvo uso aos seus instrumentos de trabalho. O formão, a plaina e o pirógrafo, que serviam para fazer móveis e caixões de defunto, tornaram-se as ferramentas de uma coisa nova para êle: o diálogo com os outros homens. Faz dois anos, e os resultados foram desconcertantes.

Sua parte nesse diálogo é sofrida. Êle a deixa gravada, a golpes de formão e canivete, em tábuas de caixote de maçã argentina, e é difícil classificá-la: entalhamento e alto relêvo são algumas das tentativas de enquadrá-la nas formas tradicionais de expressão artística.

Para êle êsse alinhamento não tem importância. Interessa-lhe, apenas, ter descoberto sua forma de comunicação e a certeza de que todos são capazes de consegui-lo também.

Até 1964 Leopoldo era, além de marceneiro, funcionário do Museu do Café, em Ribeirão Prêto. Nascera em São Simão, ali perto, e gastou quase 20 anos para vencer a meia hora de estrada que separa as duas cidades. Sua inquietação levara-o, antes, a correr o interior fazendo mil coisas: de servente de pedreiro a vendedor de enceradeiras e liquidificadores.

Em Ribeirão, para completar o orçamento, trabalhou em quadrinhos pintados na madeira, que vendia como lembrança da cidade aos forasteiros. Nada, porém, o satisfazia. Sentia-se prêsó a um mundo fechado e angustiava-se por não poder comunicar-se com outros homens.

— O problema de todos é a solidão — diz Leopoldo.

Conheceu, nessa época, um grupo de universitários de Ribeirão, que o entusiasmou a procurar novas formas de expressão artística. Passou horas ouvindo-os falar coisas que não era capaz de dizer, mas que sentia dentro de si mesmo, confusas e difíceis de explicar.

Auto-retrato, identificação com Van Gogh

"Nós e Nós", estilo de Jeronimus Bosch

— Todo mundo tem um mundo para expressar, afirma.

Tentou exprimir-se em contos, que rasgava um a um, mal acabava de escrever.

Seus velhos instrumentos de trabalho é que iriam ajudá-lo a vencer as barreiras do isolamento. Alguns anos antes, um fato marcara-o duramente: foi chamado a fazer o caixão para uma criança, filha de uma prostituta, e a imagem daquele corpinho mirrado, nos braços da mãe, nunca o abandonou. Para êle, aquela criança morta transformou-se no símbolo das injustiças do mundo.

Nas tábuas de um velho caixote, com o formão e o canivete, procurou gravar a imagem da mulher com a criança. Em cada detalhe, quis deixar seu protesto diante da dor e do sofrimento dos inocentes. E a imagem que arrancou da madeira tinha tôda a fôrça da revolta que o torturava.

A crítica dos que viram o trabalho foi entusiástica. Mais do que um triunfo artístico, Leopoldo conseguira uma vitória sôbre si mesmo: derrubava as barreiras de sua solidão e descobria que era capaz de dizer ao mundo o que tinha para contar.

Seu primeiro contacto com a crítica oficial, porém, foi desfavorável. Participou de um concurso na Semana da Paz, em Ribeirão Prêto, e foi mal recebido pelos críticos da cidade. Seu trabalho era uma menina pobre, com uma bruxinha de pano nos braços, e se chamava **A Boneca Está com Frio.**

Mais tarde um grupo de intelectuais paulistas levou alguns trabalhos seus para a capital e organizou uma exposição na **Galeria Atrium.** Desta vez houve sucesso de crítica, mas que não foi acompanhado pelo sucesso comercial. Por uma razão muito simples: Leopoldo recusa-se quase sistemàticamente a negociar seus trabalhos.

— Eu choro quando vendo um quadro — diz êle.

Para Leopoldo, as exposições são apenas uma oportunidade de comunicação. Gosta que todos vejam o que produz. E, para não vender, pede preços altíssimos. Em Ribeirão e em São Paulo, costuma sair à rua com seus quadros e, na primeira oportunidade, pára para conversar com gente do povo e mostrar o que fêz. Quer que todos descubram que são capazes também de vencer a solidão em que estão fechados, e encontrem suas formas de diálogo com o mundo.

Uma das suas grandes alegrias foi descobrir em São Paulo um engraxate que, depois de um dêsses encontros de rua, procurou-o para mostrar-lhe desenhos a nanquim, numa arte sofrida como a sua.

— Fazer arte não é difícil, afirma Leopoldo.

Para não comprometer a sua autenticidade, êle se recusa a freqüentar os meios artísticos e só lê jornal de vez em quando. Nunca entrou nos museus de São Paulo ou do Rio. A atmosfera dramática dos seus trabalhos, porém, fêz com que alguns críticos lembrassem Kafka e Dostoiewsky.

Em um auto-retrato, a que chama **Eu e Essa Lua,** é impressionante a presença de Van Gogh e êle não a nega. Admite que foi profundamente marcado pela leitura da biografia, há alguns anos.

Outro trabalho, porém, é fortemente marcado pela concepção e pelo estilo de Jeronimus Bosch, de quem garante nunca ter ouvido falar. Máscaras de patético vigoroso saem na madeira, arrancadas a golpe de formão que, às vêzes, quase atravessa a tábua de um lado a outro. Chama-se **Nós e Nós** e demorou dois meses para ficar pronto. Entre as várias figuras, há uma mulher que esconde o sexo, um homem que esmaga uma cruz, um casal se amando; todos amontoados, mas sem que seus olhares se encontrem.

Cada máscara é a imagem do sofrimento.

—Todos os homens são infelizes — afirma.

SEGUE

só falta dar uma chave aos nossos clientes para que êles se sintam donos do Banco Nacional da Lavoura e Comércio S.A.

(êles sabem que "nossobanco" é muito mais que um simples "slogan")

O tratamento que dispensamos aos nossos clientes faz com que êles se sintam donos do Banco Nacional da Lavoura e Comércio S.A.
Sempre temos um tempinho para atender a todos.
E ficamos satisfeitos quando podemos ser úteis.
Afinal de contas, a prosperidade de nossos clientes está intimamente ligada ao nosso progresso!

BANCO NACIONAL DA LAVOURA E COMÉRCIO S.A.
"NOSSOBANCO"
MATRIZ: RUA DA QUITANDA, 85/93 - SÃO PAULO

WH-Publicidade

Com as camisas PERVAL sociais, papai trabalha na segunda, têrça, quarta, quinta e sexta.
Você pode preferir sempre as camisas Perval. Uma boa razão é que seus modelos são sóbrios e elegantes. Outra boa razão é que as camisas Perval - sociais ou esporte - nunca amarrotam, estão sempre impecáveis.
Camisas PERVAL
TERGAL
Valisère
Com as camisas PERVAL esporte, papai nos pertence nos sábados e domingos.

Suas obras nunca trazem assinatura e, quase sempre, são acompanhadas por um texto, primitivo, gravado na parte de trás da tábua. A conversa de Leopoldo é difícil e nervosa. A frase curta nunca diz mais que o essencial e vem sempre sublinhada pelo mexer inquieto dos olhos, como se estivesse permanentemente à procura de alguma coisa.

Suas historinhas contam sempre o seu sentimento de marginalização em um mundo onde não vê senão o repelente. Podem servir de exemplo alguns trechos gravados atrás de **Nós e Nós**: "Aqui estava cheio de môscas fêmeas e machos (. . .) Aí, êles e elas queriam comer o que comia. Comi tocando as môscas (. . .) Fumei três cigarros num cantinho que cabia apenas eu (. . .) estava bem lá só que aqui vivem muitos cães soltos e êles não gostam de mim."

Êste ano, Leopoldo fêz apenas cinco quadros. Só produz quando não tem dinheiro e, com a venda — de vez em quando é obrigado a chorar — de alguns trabalhos antigos, viveu êstes dez meses. Grava cada trabalho como se fôsse o último e diz ter sempre a sensação de que morrerá ao terminá-lo.

— Em cada quadro faço meu testamento — costuma dizer.

Essa angústia diante da vida e da morte está inteira em cada máscara que cria, depois de procurá-la em seu próprio rosto, diante do espelho.

— O que marca é a dor — diz.

Ainda êste mês, Leopoldo estará expondo em São Paulo, onde já se apresentou duas vêzes. No Rio já estêve uma, e, em Campinas, ganhou um prêmio quase sem saber. Um amigo, que guardava um quadro seu, mandou-o a uma exposição e Leopoldo acabou premiado.

Hoje, êle vive apenas para a sua arte, no casebre em Ribeirão, e cercado de seus caixotes, seus três filhos e a mulher, que não vê com bons olhos a sua arte e o quer de volta ao emprêgo público.

Leopoldo, porém, não abandonará seus quadros, enquanto sentir que tem alguma coisa a dizer com o formão. Foi com êle que se descobriu e é com êle que quer dizer a todos, a quem chama de irmãos, que também êles são capazes de jogar abaixo os muros da solidão, se não lhes faltar coragem.

— Porque — explica — arte é sofrimento. E é preciso coragem para aceitá-lo.

Hélio Souto, o único ídolo que arriscou

televisão

Ídolo não ganha eleição

É provável que, num dia, dezenas de milhares de pessoas pensem em Roberto Carlos ou em Agnaldo Rayol ou em Elis Regina. Mas, se um dos três fôsse candidato a deputado estadual ou federal, essas mesmas pessoas se lembrariam de seu nome, para dar-lhe os 15 mil votos de que necessitaria, em São Paulo, para se eleger?

Os dois partidos nacionais — Arena e MDB — acham que não.

No Rio e em São Paulo, as duas organizações políticas pediram à televisão e ao rádio alguns nomes para concorrer às eleições dêste mês. Entre os escolhidos, porém, não aparece nenhum dos grandes ídolos do público. A quase totalidade foi procurada entre os que se dedicam aos programas de jornalismo.

No Rio, onde a contribuição do rádio e da tv para a lista de candidatos foi menor, Raul Brunini — do rádio — é um exemplo. Em São Paulo Aurélio Campos, Blota Júnior e Jacinto Figueira Jr. são alguns dos nomes relacionados. O único grande cartaz que não saiu do telejornalismo, em São Paulo, foi Hélio Souto, galã de novelas.

Aurélio Campos dirige um programa político de debates, o **Pinga-Fogo;** Jacinto Figueira faz rápidas reportagens, conhecidas de cariocas e paulistas pelo toque sensacionalista; Blota, que é também produtor e apresentador, herdou de Silveira Sampaio o **SS Show** (hoje **Blota Jr. Show),** onde entrevista personagens famosas.

Quando desprezam os grandes ídolos, os partidos ajustam a sua sensibilidade eleitoral à intuição política do povo e ao próprio desejo dos grandes astros, diz Blota Júnior.

Para êle, o ídolo vive afastado das preocupações da grande massa e esta sabe disso. Aceita-o no campo próprio da sua atividade artística. Fora daí, sabe que dificilmente poderá contar com êle, sabe que ídolo vive num mundo à parte e a sua arte é a única ponte que o liga ao dia-a-dia do seu público.

O próprio ídolo não tem interêsse em que seja diferente. Até se esforça para ficar longe de qualquer atividade política, pois não quer desgostar nenhuma parcela das grandes massas que o aplaudem.

O que acontece com o rádio e com a tv acontece, também, com os ídolos do próprio futebol. Aqui, os únicos êxitos assinalados não foram além da esfera municipal. Belo Horizonte elegeu Kafunga e Zé do Monte, jogadores do Atlético, para a Câmara dos Vereadores. Nenhum dos dois, porém conseguiu fazer carreira política.

Larry, centro-avante da seleção olímpica de 1952, foi eleito vereador em Pôrto Alegre. Para chegar a deputado estadual, porém, largou o futebol e teve que substituir a imagem do atleta profissional pela do homem público dedicado à luta contra a corrupção. No Rio, também não se elegeram Flávio Costa e Ademir Meneses.

Diferente, no entanto, tem sido a sorte dos que fazem jornalismo no rádio e na tv. A sua participação nos debates políticos e a presença nos assuntos de interêsse geral abrem-lhes grandes créditos de confiança junto à massa. Êste ano, inclusive, o Tribunal Regional Eleitoral, em São Paulo, proibiu os candidatos de rádio e da tv de continuar trabalhando. Só lhes é permitido aparecer diante das câmaras ou dos microfones nos horários gratuitos de propaganda. A decisão dá a medida do valor promocional do rádio e do telejornalismo.

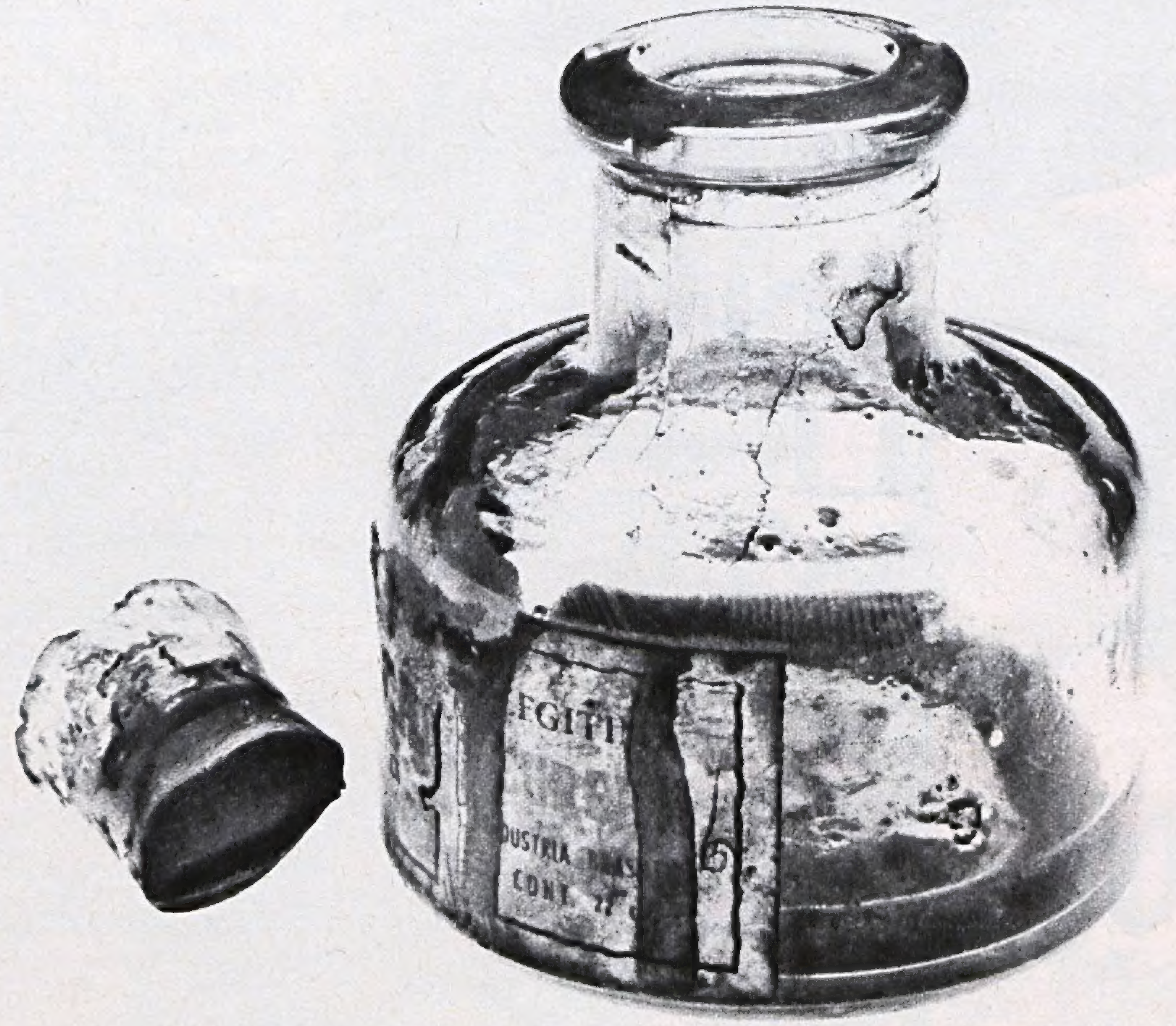
Quando se elegeu vereador, no Rio, pela primeira vez, Raul Brunini era o responsável pelo **O Globo no Ar,** noticioso da Rádio Globo. O programa dava cobertura total ao jornalista Carlos Lacerda em sua campanha contra o Govêrno Vargas. Os adversários de Brunini o ridicularizavam, dizendo-o candidato apenas porque segurava o microfone de Lacerda. A sua votação, porém, foi esmagadora. O povo o associara a uma campanha que, durante 18 meses, mobilizara a opinião pública.

Hoje, Brunini está pràticamente desligado do rádio-jornalismo, mas a fidelidade à imagem que inicialmente criou permitiu-lhe reeleição tranqüila e o anima tentar um lugar na Câmara dos Deputados.

Mas Manuel da Nóbrega, em São Paulo, pagou caro por não ter mantido sua imagem de rádio-repórter combativo e de oposição. Logo após a queda da ditadura Vargas, criara um programa corajoso e foi eleito à Assembléia Legislativa com votação até hoje não igualada por seus companheiros de trabalho: 37.778 votos. Tentando a reeleição, não chegou a 500 votos. É que Nóbrega fôra eleito pelo partido que elegeu também o governador e passou, é lógico, para o lado da situação. O povo, habituado a vê-lo combativo, na oposição, não compreendeu e sentiu-se traído.

E poucos, como Raul Brunini, conseguem continuar na vida pública, abandonando a plataforma profissional de onde se lançaram na política. SEGUE

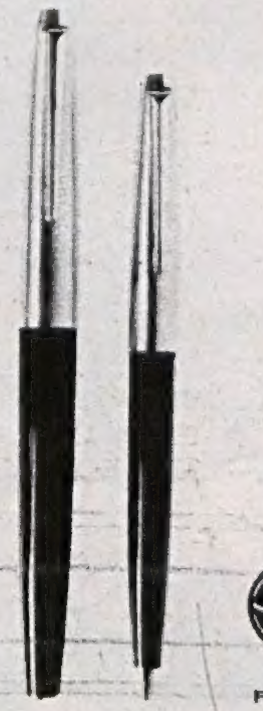
pdp propaganda



Foi pensando em gente como você, que não pode ficar sem tinta de uma hora para outra, que fizemos a Nova Caneta Johann Faber 66

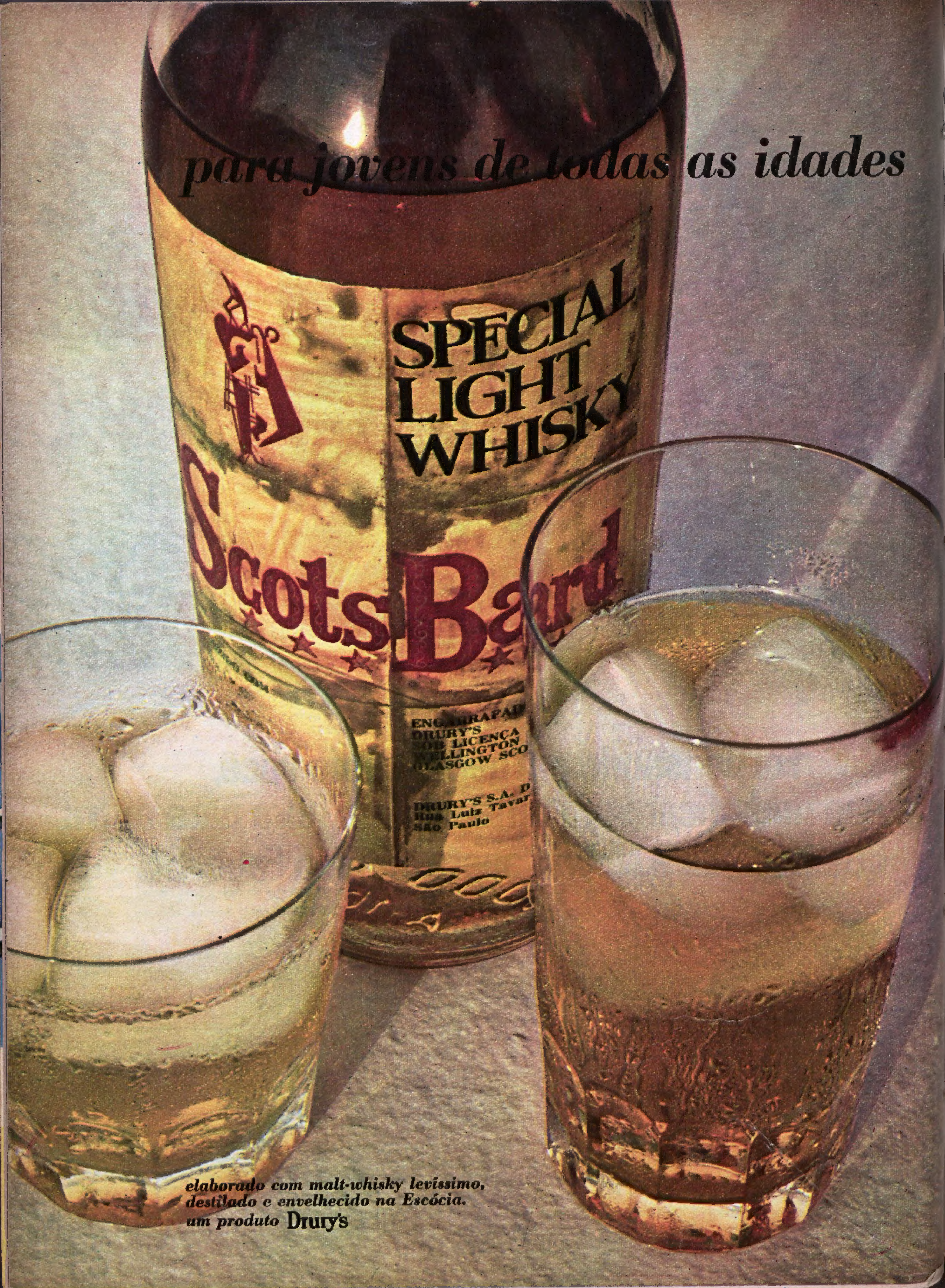
— a mesma qualidade do lápis que você usa desde o Grupo Escolar.

Quem estuda, trabalha, assina cheques sem parar, escreve cartas ou bilhetes. Gente inteligente, ocupada, apaixonada... sempre precisa ter tinta à vontade. De reserva. Foi para pessoas assim, que fizemos a Nova Caneta Johann Faber 66. A tinta, de reserva, está dentro da própria caneta (feito um pneu estepe). Quando a tinta acaba, e ela não avisa quando vai terminar, você só precisa jogar fora o cartucho vazio e usar, no mesmo instante, o cartucho estepe. Tão simples e ninguém havia pensado. A Nova Caneta JOHANN FABER 66 (com cartuchos) é encontrada nas côres preta, vermelha e azul, e faz par com a Esferográfica JOHANN FABER 66.



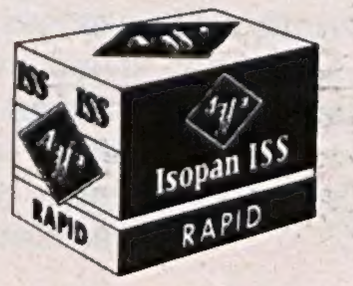
Johann FABER

FÁBRICA EM SÃO CARLOS, SP.

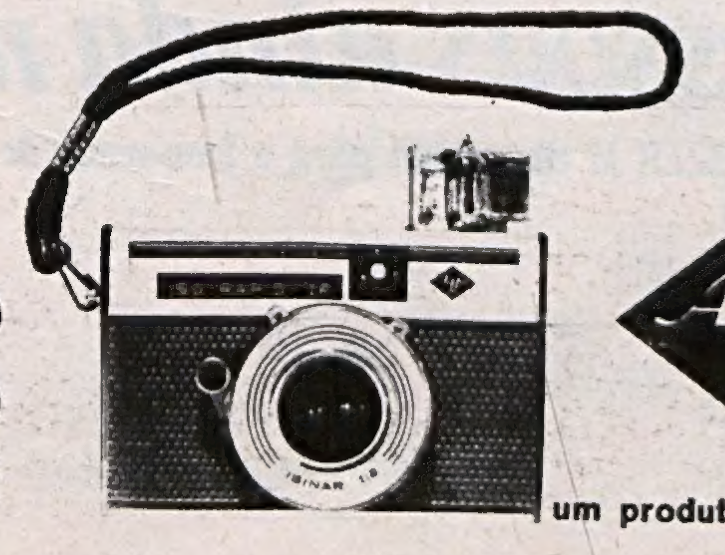


Impossível colocar errado o filme: devido ao processo de carregamento "Rapid", basta colocar o chassi no magazine, fechar a máquina e disparar. É impossível velar o filme na hora de carregar: você não tem o trabalho de acertar a ponta do filme no magazine - o filme se coloca sòzinho. É impossível velar o filme na hora de retirá-lo: não há necessidade de colocar a ponta do filme no carretel, uma vez que o processo "Rapid" não tem carretel, e, sim, chassi. É impossível perder fotos por falta de luz, mesmo à noite: além de ter dispositivo para contrôle de abertura e velocidade, a ISO RAPID IF tem flash embutido. É impossível o principiante deixar de fazer bonito: as fotos saem perfeitas, desde a primeira. É impossível o amador experiente não se orgulhar dela. os fotógrafos experientes também gostam de máquinas simples. É impossível resistir a tentação de comprá-la: tendo tudo isso, a ISO RAPID IF custa muitíssimo menos do que você está pensando.

Para filmes prêto e branco e AGFACOLOR.



ISO RAPID IF



Agfa

um produto AGFA-GEVAERT

algumas pessoas têm opinião formada sôbre a Pfizer:

DEMÉTRIO FELIPE DOS SANTOS
motorista de caminhão do frigorífico Santa Rosense - RGS

É a fábrica mais bonita da Via Dutra. E acho que também é a maior.

REGINA CELI BLASIO

É a Companhia onde papai trabalha há mais de 13 anos. Adorei quando soube que a Coty agora faz parte da Pfizer.

LARA APARECIDA FERREIRA

É onde o papai trabalha fazendo plásticos.

ANARDINO COSTA
Fazendeiro no Município Cachoeira de Minas - (MG)

É o laboratório que fabrica os melhores produtos para minha criação e para minhas colheitas.

JUVENAL HADDAD
Vice Pres. Sind. do Com. Varejista de Produtos Farmacêuticos.(SP)

Além de uma ampla linha de antibióticos para as mais diversas indicações, a Pfizer produz também alguns dos mais eficazes anti-colinérgicos, tranquilizantes, diuréticos, medicamentos contra enjôos, etc. · Todos sabem que a Pfizer mantém laboratórios de pesquisas, responsáveis por alguns dos maiores avanços em vários campos. Foi a Pfizer que descobriu a Oxitetraciclina. Nós, farmacêuticos, consideramos a Pfizer como um dos maiores e melhores laboratórios do Brasil.

outras pessoas ainda não têm.

Mas de alguma forma a PFIZER já contribuiu para o bem-estar de tôdas elas.

Pfizer

Em SP conseguiram-no Nicolau Tuma, Emílio Carlos, Fauze Carlos, Gióia Júnior. Alguns viram-se mal quando o tentaram: Blota Júnior, em 1954, jogou numa eleição tôda a sua bagagem de rádio e tv e ganhou. Fôra produtor de programas, animador de auditório, locutor esportivo e repórter político, conseguindo criar a imagem do jornalismo imparcial.

Nos quatro anos de mandato, porém, afastou-se do rádio e da tv e ao tentar a reeleição foi derrotado. Em 1962, atendendo a um apêlo do seu partido, candidatou-se e foi eleito com excelente votação. Entre a derrota e a recuperação, Blota se dedicara com entusiasmo à televisão e conseguira refazer a popularidade. Hoje é candidato à reeleição e está tranqüilo: durante o nôvo mandato, conciliou a atividade de homem público com a de profissional da tv. Na Assembléia Legislativa chegou a líder do govêrno; na televisão, conseguiu vários prêmios como melhor apresentador e produtor de programas.

Para Aurélio Campos, essa necessidade de conciliar as duas atividades é que impediu os homens da tv, em São Paulo, de se candidatarem à Câmara Federal.

— Não podemos ir para Brasília e abandonar a nossa vida profissional. Seria arriscado e não traria compensação.

Êste mês, o povo vai às urnas. E, na cabina indevassável, milhões de eleitores, que também são telespectadores e ouvintes de rádio, dirão às cúpulas partidárias se elas andaram bem na escolha dos nomes que lhes ofereceram à escolha, depois de terem decidido que ídolo não dá voto.

teatro

Ópera só volta sem Tra-Tro

Têrça-feira, 4 de outubro, o **Jornal do Brasil** do Rio de Janeiro publicava: "Lúcia Barroca estreará nestes dias, cantando em **La Bohème,** no Teatro Municipal. O guarda-roupa será do costureiro Denner, o que constitui uma revolução no setor do canto lírico nacional."

Realmente, há muito era esperada uma revolução na ópera lírica do Brasil. Esperava-se, porém, que fôsse provocada por um compositor, um libretista, um cenógrafo ou um diretor. Contrariando tudo isso, o único sinal revolucionário vem de um costureiro.

Assim — dizem no mundo da lírica — continuaremos ao ritmo do **Tra-Tro,** talvez até o fim.

Na linguagem secreta da música, **Tra-Tro** quer dizer **Traviata** e **Trovatore** e, com as primeiras sílabas das duas grandes obras de Verdi, procura-se denunciar uma situação que nada promete, nem de nôvo, nem de bom.

O Brasil, que ganha prêmios com o cinema, que se impõe em todo o mundo com suas artes plásticas, que tem dois de seus maiores escritores — Jorge Amado e Guimarães Rosa — apontados para o **Prêmio Nobel,** não existe no panorama mundial da música lírica contemporânea. Precisa voltar atrás quase um século e chegar à noite de 19 de março de 1870, para achar a grande página: naquela noite, o **Teatro Alla Scala,** de Milão, representou em primeira execução mundial **O Guarani,** de Carlos Gomes. Escrevia o poeta Luís Guimarães Júnior que, na época, era secretário da Legação Brasileira na Itália: "Depois de cada ato, são 15, 16 ou 18 chamadas ao autor e, no fim da ópera, o público rende a devida glória ao novo astro que surge."

Ainda hoje, na Itália, **O Guarani** é obra "di repertorio e di cartello", isto é, vem representada normalmente nos principais teatros líricos da pátria da ópera. Nos últimos 50 anos, contudo, **O Guarani** foi apresentado pelo Municipal do Rio de Janeiro 48 vêzes, isto é, menos de uma execução por ano, em média. As outras óperas de Carlos Gomes, desconhecidas ou quase pelo grande público, são pouquíssimo representadas. Basta pensar no **Salvador Rosa,** estreada no **Teatro Carlo Felice,** de Gênova, em 1874, com grande êxito e que só foi apresentada três vêzes no Rio — em 1920, 1926 e 1946. Êste ano, a temporada oficial de São Paulo inclui a **Fosca,** que ali fôra representada pela última vez há 30 anos.

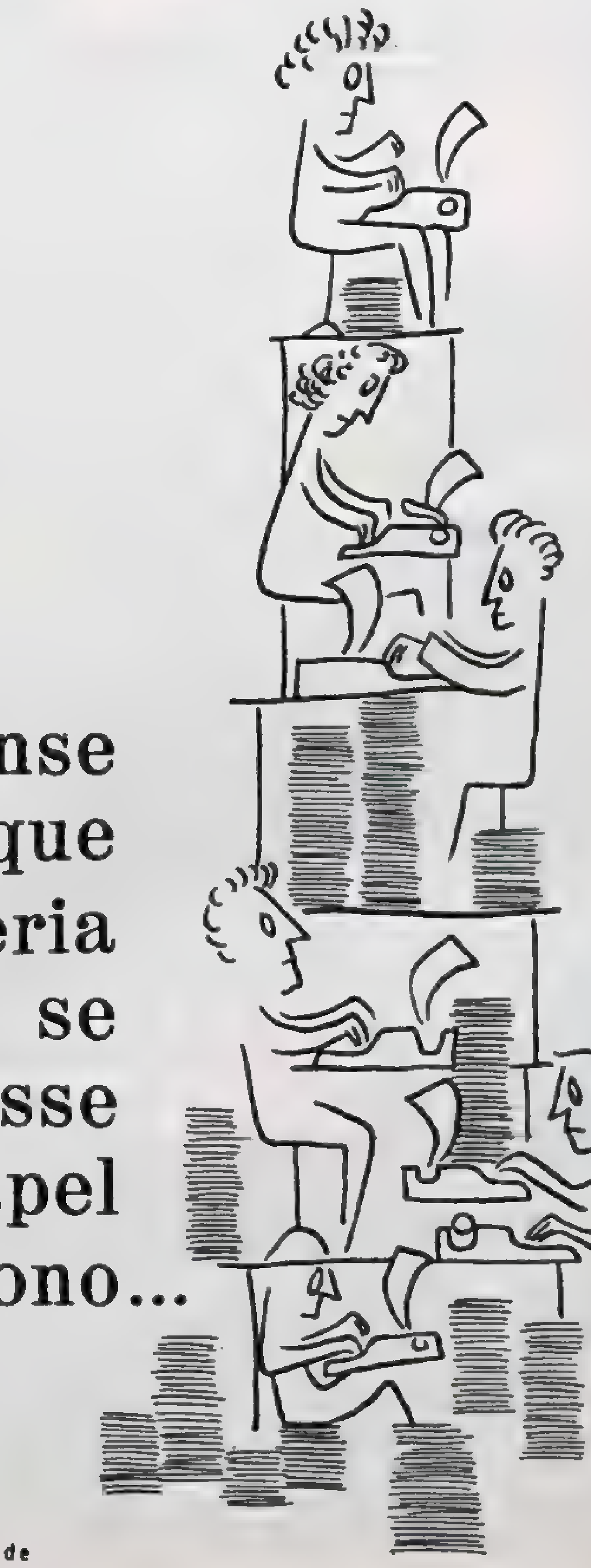
O que acontece a Carlos Gomes repete-se com outros autores nacionais como, por exemplo, Alberto Nepomuceno, Leopoldo Miguez, Francisco Mignone, Henrique Oswald, Assis Republicano.

SEGUE

Carbex

pense nas lojas, extraindo, uma por uma, milhares de notas fiscais e suas cópias...
pense no mesmo texto datilografado dezenas de vêzes...
pense nos fabulosos gastos das emprêsas com aquisição de máquinas e contratação de mais funcionários...
pense no problema de acomodação para novas datilógrafas e novas máquinas...
pense no Govêrno, enfrentando o mesmo problema nas repartições públicas...
Bem, chega de pessimismo.
Pense em coisas boas. Pense em *Carbex* — o melhor carbono brasileiro.

V. sabe que os fabricantes de Carbex podem atender sòzinhos à demanda total de papel carbono do Brasil?



pense no que aconteceria se faltasse papel carbono...

Marcus Pereira Publicidade

Jordan

ROLEX

Presente
nas melhores
joalherias
do mundo

MONTECRISTO
Joalheiros NOVA BARÃO

JOIAS • RELÓGIOS
PRATA DE LEI
CRISTAIS ESTRANGEIROS

Credito a seu criterio

Rua Barão de Itapetininga, 29 - Loja 48 - Tel.: 37-8028
Rua José Bonifácio, 250 - 1. and Conj. 14 - S. Paulo

O compositor brasileiro Camargo Guarnieri, entre 1952 e 1966, conseguiu fazer representar apenas cinco vêzes **Pedro Malazarte** e **Um Homem Só**, consideradas pelos críticos duas páginas de alto nível.

Os empresários atribuem os poucos espetáculos novos ao alto custo das montagens: uma ópera fica em centenas de milhões e não pode ser apresentada mais de três ou quatro vêzes numa temporada. Por isso, preferem a tranqüila encenação do **Tra-Tro,** ou de **La Bohème,** com material de 20 ou 30 anos atrás, costumes de **repertório** (a não ser os da **prima donna**) e o público certo, embora sempre o mesmo e sempre pequeno. Assim, os compositores e libretistas brasileiros ficam esperando, como Carlos Gomes, uma oportunidade que talvez possa chegar do exterior. Nos últimos dois anos, no Rio e em São Paulo, apresentaram-se sòmente óperas do século passado e, 99%, estrangeiras.

A lição de Gian Carlo Menotti, compositor italiano que vive nos Estados Unidos, ainda não chegou até o Brasil. Com **O Consul** e **Amahl e os Visitantes Noturnos,** Menotti conseguiu quebrar as rígidas formas da ópera lírica, revolucionando essa arte. Já no comêço do século, Debussy tinha desafiado os partidários do **Tra-Tro** com seu espetacular **Peleas e Melisando,** que os tradicionalistas da época consideraram ofensivo. Menotti foi muito além: em suas óperas aplicou métodos e técnicas inspirados pelo cinema, e, especialmente, pelo cinema realista de após guerra, deixando de lado as plumas, os guerreiros e as damas de muita saúde.

Os novos rumos indicados por Menotti foram aplicados também às páginas clássicas da música lírica e os movimentos de atôres, dos coros, dos figurantes, foram confiados a diretores de cinema ou de teatro, como Visconti, Vilar, Zeffirelli, que transformaram barítonos, tenores e sopranos em gente viva e não mais em estátuas paralisadas à espera do **do di peto.** O elemento visual do espetáculo era vigorosamente valorizado. A curiosidade, o escândalo e as polêmicas levaram nôvo público ao teatro lírico e o melodrama consolidou-se outra vez, como arte atual.

No Brasil, porém, continua-se a representar a **Bohème** com cenários de 1937, roupagens empoeiradas e coros parados aguardando o **lá** do maestro. Os tradicionalistas, que dominam o meio, arrepiam-se à simples idéia de encenar **Maria Tudor,** de Carlos Gomes (quase desconhecida pelos freqüentadores dos Municipais, mas considerada pelos críticos superior ao **Guarani**) com a direção entregue a um homem de teatro ou cinema.

Deve-se lembrar, porém, que o mesmo aconteceu na Itália, quando Luchino Visconti fêz Maria Callas cantar a **ária** do brinde da **Traviata,** em cima de uma mesa, os pés descalços, as garrafas de champanha (verdadeiras) rolando até o chão. A sala sofisticada do **Teatro Alla Scala,** de Milão, ficou chocada e gritou, diante do escândalo. Naquela noite, porém, a ópera lírica ficou mais jovem.

rádio

A mágica para ganhar público

Será possível ao rádio, hoje em dia, ganhar audiência à custa da televisão?

Nos Estados Unidos, mesmo antes que os **shows** de tv se espalhassem por todo o país, o número de pessoas que ouviam rádio já estava reduzido à metade. E quando as pesquisas descobriram que o americano médio passava 35 horas por semana em frente de um aparelho de televisão, lançaram a sentença: o rádio tem pouco tempo de vida. Levantamentos realizados na França, Inglaterra e outros países levaram à mesma conclusão.

E quando todos se preparavam para ver o rádio morrer, o que êle fêz foi começar vida nova. Primeiro, inventaram o transistor, os aparelhos passaram a ser portáteis. Ao mesmo tempo, os programadores reagiram, as emissoras trataram de transmitir na base de música e informação (**um só anúncio por intervalo**); e a audiência crescia por mais um fator: o imenso número de automóveis dotados de rádio, que aumenta todos os dias.

No Brasil, além destas armas, uma emissora usou a própria televisão — seus artistas e sua fôrça promocional — para, em apenas cinco meses, reduzir em 10% o número de aparelhos de rádio desligados. Sucedeu o que ninguém podia prever há alguns anos: SEGUE

Mesmo tirando
a etiquêta,
v. reconhece uma
calça Cori: ela
sempre tem um
detalhe
diferente.

Quem traz padrões
e desenhos exclusivos
da Europa? A Cori.
E o cinto, com aquêle
jeitinho curvo atrás para
não repuxar a calça,
quem faz? A Cori.
E as costuras feitas
com linha de nylon, em
ponto corrente, para não
romper a costura e dar
maior elasticidade?
E a modelagem
anatômica, moderna,
confortável, bem
ao seu gôsto?
E o tecido que é
pré-encolhido?
V. quer tirar a etiquêta
da sua calça Cori?
Pode tirar.
Ela continua sendo
uma calça Cori.

cori

Fab.: Rua Teodoro Sampaio, 2484 - S.P.
Escrit. Rio: Edifício Central - conj. 2929

Em Cotton Rustic, 2 bolsos traseiros, passantes suspensos. Cinto em juta trabalhada.

Em Extensible rústico, aplicações de motivos geométricos na barra. Cinto e chapéu em tons contrastantes.

Em Praiana Rhodosá. Fitilhos em tons contrastantes nas costuras. Cinto com o mesmo detalhe.

Êste foi um dos momentos mais dramátic da jovem Ford.

Quando a astronave Gemini engatou suavemente no foguete Agena (a
velocidade de 28.000 km por hora), o pessoal do Centro de Contrôle
NASA delirou com o sucesso da histórica façanha. E com êles
a organização Ford. Por que nós? Porque a Philco, uma subsidiária da
participou do projeto e construção do Centro de Con
Outras realizações Ford: Um "leitor" eletrônico capaz de ler 36
endereços por hora. Um computador "professor" que ensina crianças
todos os níveis escolares. A antena do satélite "Mariner IV" que en
as primeiras fotos do planeta M

Muitos arranha-céus têm agora algo em comum com os nossos automóveis: o vidro feito pela Ford. Em 1965 fabricamos 15 milhões de metros quadrados de vidro plano. Com tudo isso, ainda tivemos tempo para fabricar 4.595.537 veículos no mundo inteiro (642.360 mais que no ano anterior). E tempo para ganhar as principais corridas internacionais.
É dessa jovem e dinâmica organização mundial que faz parte a Ford brasileira.
A mesma que brevemente lançará em nosso País o Ford Galaxie, o carro que colocará o Brasil em dia com o que há de mais moderno no mundo automobilístico internacional.

HÁ UM FORD GALAXIE BRASILEIRO EM SEU FUTURO

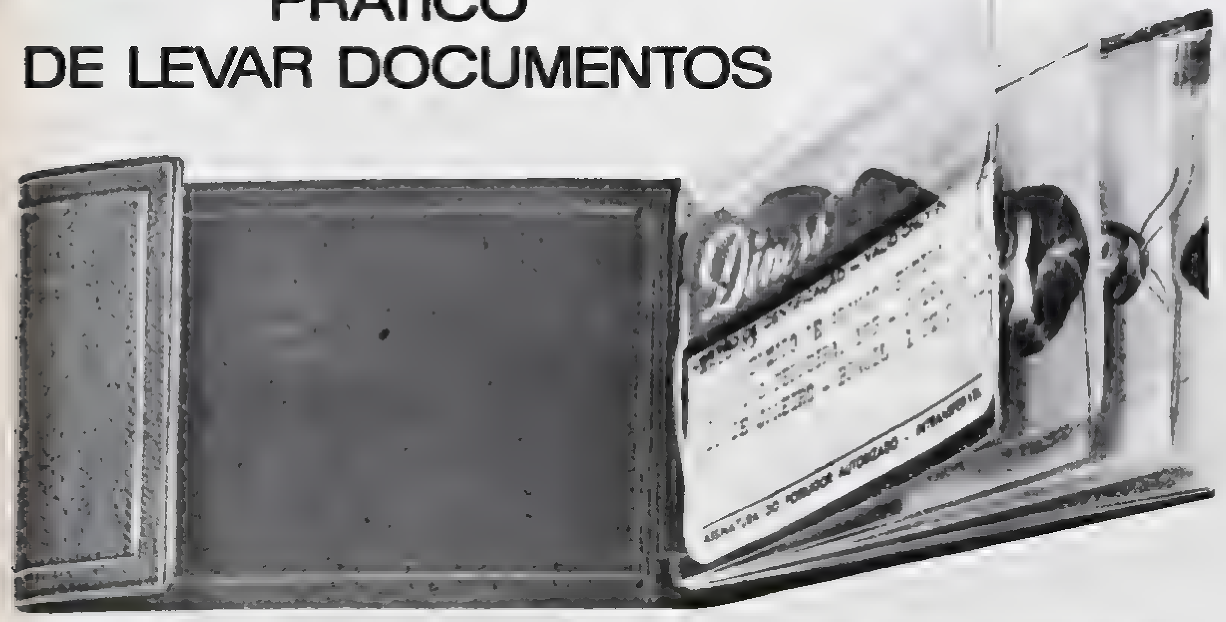
Ford

FORD MOTOR DO BRASIL S.A.

O MODO MAIS
ELEGANTE
DE LEVAR DINHEIRO

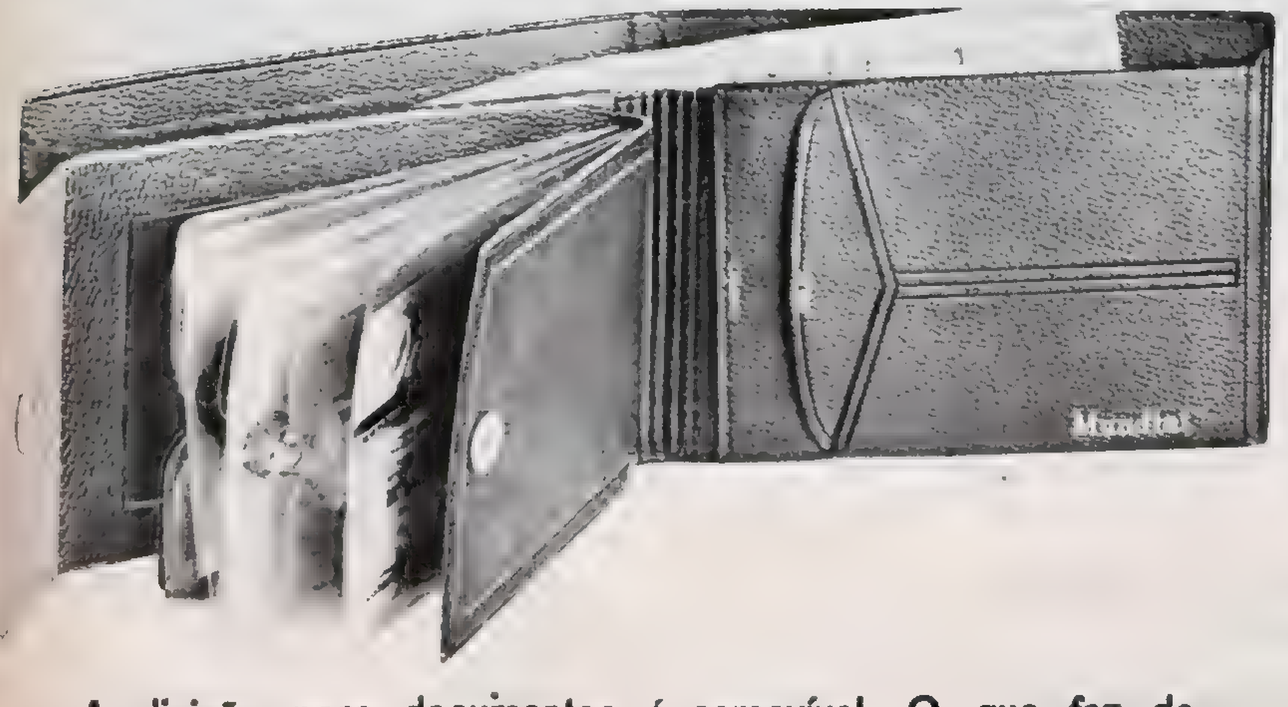
"Modulus - duas em uma" é a carteira duplamente perfeita. Combina com ambientes de bom gôsto. É sóbria, moderna, funcional. É feita com o melhor couro, pelos melhores artesãos.

O MODO MAIS
PRÁTICO
DE LEVAR DOCUMENTOS



"Modulus - duas em uma" tem um compartimento removível para documentos, com apresentação instantânea de fotos, carteiras de clubes, identidade, habilitação, credit-cards, etc.

O MODO MAIS
INTELIGENTE
DE LEVAR DINHEIRO E DOCUMENTOS



A divisão para documentos é removível. O que faz de "Modulus - duas em uma", duas carteiras numa só (embora você só pague o prêço de uma). E basta escolher: Usá-la completa ou separadamente.

modulus
duas-em-uma

Um produto
Mundial
CINTOS • CARTEIRAS • ESTOJOS
RIO: Rua Leopoldina Rêgo, 647 - Tel.: 30-4211 e 30-6673
S.P.: R. Barão de Itapetininga, 255 gr. 611 - Tel.: 36-4060

A tv, que em todo o mundo sufocava o rádio, começou a ajudá-lo a sobreviver.

As honras dessa revanche são da Rádio Pan-Americana de São Paulo, a Jovem Pan.

Em abril, sua situação era medíocre, nas estatísticas do IBOPE: entre 17 estações ocupava o 12.º lugar.

Quatro meses depois, seu índice de audiência era três vêzes maior. As pesquisas do mesmo IBOPE davam-lhe o segundo lugar. E uma emissora concorrente atribuía-lhe o primeiro. Esta situação é mantida até hoje.

A Pan-Americana, que viu a televisão dos primeiros dias usar os grandes nomes do rádio para crescer, inverteu a receita. Agnaldo Rayol, Roberto Carlos, Elis Regina, Jair Rodrigues, Cidinha Campos, Erasmo Carlos, Wanderléia, Ronnie Von e Wilson Simonal, ídolos criados pela tv, foram apresentar programas diários em seus microfones.

Os primeiros testes foram feitos em maio. Dos 300 números musicais executados diàriamente pela Pan, 150 foram reservados para os artistas da Televisão Record, pertencente ao mesmo grupo — as Emissoras Unidas. E a audiência cresceu de aproximadamente 80%.

Em junho, surgiram os programas de Elis, Agnaldo, Elizete e Simonal, e mais 30% de audiência foram alcançados. Depois vieram Roberto Carlos, Hebe, Cidinha Campos, Erasmo, Wanderléia e Ronnie Von. Durante os cinco meses, de maio a setembro, a Jovem Pan ganhou diàriamente mais de 200 ouvintes e passou a ser o assunto da cidade, que se habituara a reservar o rádio para as transmissões diretas de futebol e uns poucos programas de **disc-jóquei.** O único veículo de promoção usado foram musicais da TV Record.

Agnaldo Rayol, apresentando-se no Teatro Record em transmissão direta, arrastou tanto público que centenas de pessoas ficaram na porta, tentando entrar sem conseguir. Então, cantou para quem estava na rua, da sacada do teatro.

Na semana seguinte, tantas foram as reclamações contra o congestionamento do tráfego naquele local, que Agnaldo não repetiu a experiência. Êle pode orgulhar-se, hoje, de ser o único cantor proibido pelo serviço de trânsito.

As transmissões esportivas também foram beneficiadas, com a intercalação de gravações em que o torcedor ouve Roberto Carlos dizer que **êste é o futebol da Jovem Pan, mora!** De sexto lugar nas pesquisas, as transmissões esportivas passaram para segundo.

Hoje, as gravações dos programas são vendidas para todo o país. Foi com algumas delas que a Rádio Inconfidência em Minas pulou do 4.º para o 1.º lugar de audiência, em 30 dias, e que a Rádio Guarany, das Associadas, espera voltar à liderança.

Pelo resto do país, dezenas de outros radialistas acompanham com interêsse a experiência: querem saber até onde o prodígio pode ser repetido.

FIM

fábula

O urubu e o sapo

O urubu ganancioso vendeu suas asas ao sapo. O sapo morreu esmagado pelo pêso das asas. O urubu morreu de saudade do céu.

Moral: O dinheiro não traz felicidade.

Gerda

Você já ouviu falar muito bem d'êle:

-eis o TeleKing

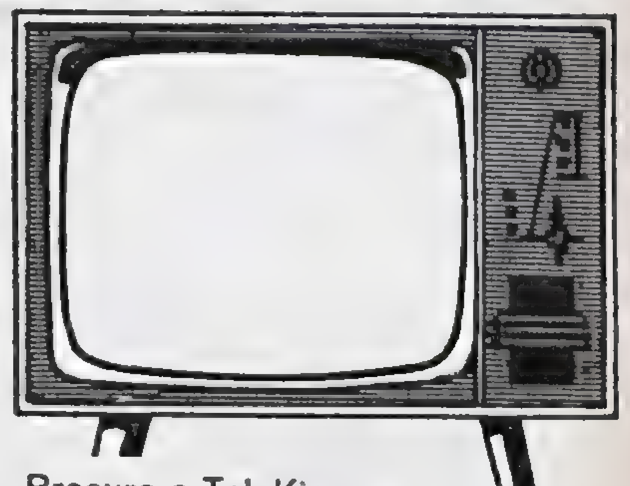
Há muito para se ver e conhecer num TeleKing. Olhando-o assim por fora, nem se imagina... Como tem inovações e aperfeiçoamentos técnicos...
Também pudéra: êle representa a maior experiência brasileira em televisores.
É produzido pela Eletrovisão, que fabricou o primeiro televisor no Brasil!

Éste, por ex. é um modêlo TK-19 polegadas, o primeiro semitransistorizado da América do Sul. Aqui faz tempo frio para as válvulas, porque foram introduzidos circuitos transistorizados nas áreas mais sujeitas ao superaquecimento. E isto gasta menos energia.

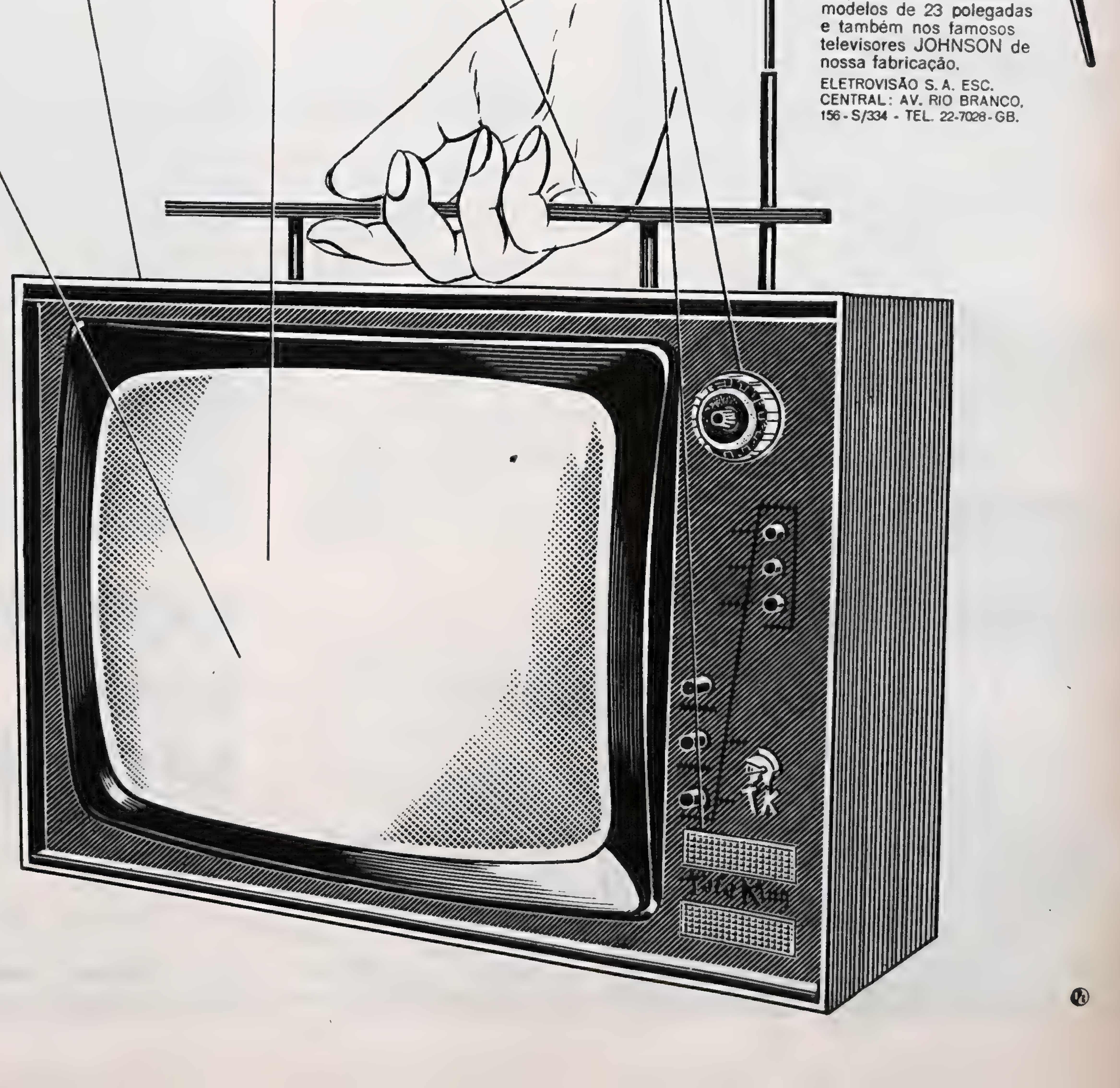
Não precisa de regulador de voltagem. A famosa e exclusiva unidade VDR comanda o circuito eletrônico, compensando as desagradáveis variações de voltagem, que deformam as imagens em outros televisores.

Você carrega a diversão por tôda a casa. É portátil mesmo! Pêso e tamanho bem menores. Foram eliminados volumosos componentes tradicionais. Isto faz TK o televisor mais econômico que existe!

Som frontal de alta fidelidade e sintonização instantânea em todos os canais. MemoMatic é a sua "memoria automática", que ajusta diretos: o som e a imagem. Extraordinária sensibilidade para os sinais fracos. É o único que opera com 3 FI.



Procure o TeleKing em seu revendedor preferido. Tudo o que existe no modêlo TK-19 está ampliado nos modelos de 23 polegadas e também nos famosos televisores JOHNSON de nossa fabricação.
ELETROVISÃO S. A. ESC. CENTRAL: AV. RIO BRANCO, 156 - S/334 - TEL. 22-7028 - GB.



O coronel Gérson Maranhão, de Itaíba, Pernambuco, está sentado no alpendre conversando com o pessoal quando um jipe vem chegando. É d. Adelino, bispo de Garanhuns, querendo saber se o coronel lhe arruma dez litros de gasolina. — Tanto tem gasolina como coalhada, senhor bispo. Vamos entrar. Minutos depois, aparece seu Floro, a cavalo. Não apeia quando vê estranhos. Numa intriga em Alagoas mataram-lhe o pai e êle jurou eliminar os 14 homens da família inimiga. Já despachou 13. — E o último, seu Floro, quando é que êle vai? — Quando Deus chamar, seu coronel, chega de violença e tropelias. Debaixo do paletó, seu Floro deixa aparecer o cano do revólver.

O coronel pernambucano Zé Abílio, de Bom Conselho, acha que o coronelismo hoje é como pão de dois vinténs — não existe mais. Queixa-se dos partidos e diz que a volta da cédula individual, só, não adianta nada: — As cédulas são como as religiões: tôdas as religiões são boas, desde que se creia em Deus. Cédulas também, qualquer uma serve, quando é o govêrno que vence. Zé Abílio foi famoso em Pernambuco. Quando o govêrno estadual usou a Polícia para conter alguns de seus excessos, êle escreveu uma carta que marcou época. Êste é um de seus trechos: "Governador, o apoio que um coronel dá ao govêrno é concreto, tem sustança. E a opinião pública não passa de um cheque sem fundo..."

O coronel Cunha Lima, de Areias, Paraíba, almoça às duas da tarde e sai a cavalo pela fazenda, medicando. Dá injeção num, distribui pílulas para outro, recomenda regime para um terceiro. Seus 80 anos não o abatem nem na política, mesmo depois de perder as últimas eleições para a Prefeitura de sua cidade. O adversário era seu irmão, e o povo explica: — Aqui em Areias, pra vencer um Cunha Lima, só mesmo outro Cunha Lima. Contam muitas histórias do velho coronel. Uma delas foi no govêrno de Epitácio Pessoa. A Polícia invadiu a fazenda e quando enfrentou seus cabras foi uma briga feia: — Olha, môço — contam os matutos — morreu tanta gente que urubu só comia de capitão pra cima...

CORONEL NÃO MORRE

Texto de José Hamilton Ribeiro
Fotos de Geraldo Mori

O coronelismo no Nordeste já viveu seus grandes dias. A história do coronelismo é a própria história política do Brasil nesta região — diz Geraldo Guedes, ex-secretário da Justiça de Pernambuco. Mas muita coisa se fêz, direta ou indiretamente, para diminuir os dias dos chefões matutos, institucionalizados e fardados com as patentes da Guarda Nacional, criada em 1831. A cada golpe recebido — a estrada, o rádio, o caminhão, o retrato no título de eleitor, a cédula única — o coronelismo se abalava, mas não morria. Quando o primeiro coronel do sertão pernambucano foi processado por crime de morte, todos previram o desaparecimento do mandonismo, mas êle resistiu. O **último coronel** já foi cantado muitas vêzes, sem nunca ter sido o último. Há ainda hoje, no Nordeste, vários coronéis na ativa, Chico Heráclio, de Limoeiro, conhecido como o Leão das Varjadas, é, talvez, o maior dêles. Pode até ser o último. SEGUE

Sua vontade sempre foi a lei de todos

Às sete da manhã já o coronel está em seu **gabinete** — a varanda da casa. Como sempre, há várias pessoas ali à espera de ordens: um ou dois motoristas, alguns **cabras, o secretariado** da cozinha, os meninos de recado. Então o coronel começa a atender os que chegam.

Entra Maria das Flôres, acompanhada de duas meninas. Vem para acertar contas:

— O movimento está bom, coronel. Já alistamos 1.500 só em Carpina. Estas duas môças também são eleitoras, uma tem 16, a outra 17 anos, mas nóis aumentamos a idade...

— Aumentou as duas prá 18, foi?

— Foi.

— Oxente, Maria, tu feiz as duas irmã ficá gêmeas...

Da cerquinha da varanda, sem entrar, mostra-se um moreno baixo, cabelo cortado rente, os olhos piscando muito:

— Baú tá liso, coronel.

O coronel levanta-se, vai até o homem, passa-lhe umas notas de mil, manda-o caminhar e, antes de voltar para sua cadeira, explica:

— Com tôda a cara de bôbo, êsse aí já matou um. Tirei êle da cadeia.

Entrando pela porta dos fundos, uma mulher muito bem disposta surpreende o coronel.

— O que, cumade, já está raspando a perna do defunto? Nem bem o homem chegou no céu, já vosmicê tá tôda enfeitada outra veiz?

A mulher engrola umas frases, mas vai logo ao principal. Precisa viajar para Recife e quer um dinheirinho. Fala das duas filhas que na próxima eleição já vão votar. O coronel corta a conversa, diz uma brincadeira qualquer para um dos presentes, chama Zefa, a cozinheira, para trazer mais um cafèzinho e depois apanha a comadre pelo braço e vai conversar lá dentro.

Há bem umas 15 pessoas na varanda, mas continua chegando gente. Todo espalhafatoso, entra Paulo Louco. Vem dar notícia de um jumento que mandou trazer de Minas e que já está a caminho, viajando de navio:

— É animal para 900 contos, mas sua produção é garantida: só mulas de onze palmos.

Ajeitando a calça, que sempre ameaça cair quando êle está de pé — por causa do cinto fora das passadeiras — reaparece o coronel. Dá com Paulo Louco e larga boas risadas. Deixa-o contar seus negócios extravagantes com mulas e jumentos, diverte-se um momento, mas logo se dá por satisfeito:

— Vai lá dento, Paulo. Diz pra Zefa lhe arranjá di comê.

O môço obedece. O coronel, já outra vez acomodado na cadeira, reassume a iniciativa da conversa. Volta-se para um homem que estava a um canto sem dizer palavra, desde bem cedinho:

— Tonho, você está outra veiz se enleando com rabo de saia, num tá? Já andei sabendo disso. Deixa de molecagem, tu já é homem de ter vergonha. A cumade Maria veio queixá que você tá botando casa pra outra muié, e isso num se faiz. Vai pra casa conversar mais com a cumade Maria, e diz pra ela que tu vai largá a outra. E depois vêm oceis dois aqui, pra jurá na minha frente que tu vai vivê como homi direito, de uma casa só. Dessa idade, e ainda não sabe fazer as coisas...

Tonho diz que sim com a cabeça, levanta-se e vai.

Vindo de dentro da casa, aparece na varanda um rapaz de 20 anos, simpático, o cabelo bem penteado e ainda respingando. Falador, discute com o coronel sôbre a hora em que veio dormir e garante que não bebeu nada. Nem cerveja. Pede autorização para que um dos motoristas o leve à cidade. Logo que o carro arranca, o coronel conta:

— Êsse filho duma égua é meu filho. Agora está morando aqui, porque êle é bom pra eu ditar os boletins de política.

O nome do rapaz é Reginaldo, e o coronel acha divertido o fato de haver um outro seu filho que também se chama Reginaldo. Diz que não se intromete na escolha do nome que as mulheres queiram dar aos seus filhos naturais:

— Isso é problema delas, não interfiro. Mas também não desamparo nenhum.

Fala que não sabe exatamente — parece mais não querer revelar — o número de seus filhos naturais. Uns 20 ou 30.

— Todos homens. Filho meu, natural ou legítimo, só é homem. Mulher eu não tenho produção própria...

Afilhados, êle tem mais de dez mil, o que lhe rende um exército de compadres e comadres. Entre os filhos naturais, um é artista de rádio, outro foi famoso salteador em Pernambuco (agora faz parte do seu **gabinete**); o último tem apenas quatro meses de idade.

A conversa é interrompida por **seu** Severino. Êle vem dizer ao coronel que seu caminhão — "aquêle que o senhor ajudou comprar" — sofreu um acidente e se estragou todo. Sem dinheiro para o consêrto, e como o caminhão é a única fonte de renda da família, estava ali para pedir um eixo cardã nôvo. Uma jovem bonita acompanha **seu** Severino mas se mantém em segundo plano. O coronel quer detalhes. Pergunta se ninguém ficou machucado, quem teve a culpa do acidente, a conversa fica animada, o homem conta tudo, o coronel lamenta o que aconteceu mas no fim se desculpa:

— É, cumpadre, mas eu tô muito sem dinheiro, não dá pra li arranjá a peça.

Aí a môça entra em ação. Insinuante, tôda promessas, chega bem pertinho do coronel. Repete a história, dramatizando bastante, dizendo-se nervosa e afirmando que tem certeza da ajuda. O coronel a esta altura é mais olhos do que ouvidos. Pede, por fim, que ela volte amanhã, para êle **repensar no assunto**. A môça diz que vem sim, acertam a hora, e pai e filha se despedem. O coronel volta-se para os presentes com um riso maroto e pergunta:

— Quanto custa mesmo o diabo dêsse eixo?

Antes de chamar todo mundo que está na varanda para o almôço (há sempre comida para muita gente em casa), o coronel ordena a um dos empregados que reúna, às cinco horas, uma meia dúzia de **cabras** bons de tiro, para fazer um **tiro ao alvo.** Recentemente êle operou uma das vistas e agora quer treinar a mira com a outra, para ver se ainda acerta. Quer também **cortar o papo** de Fernando — o filho natural que já foi assaltante — pois o menino anda dizendo que joga uma laranja para cima e enche-a de bala antes que ela chegue ao chão. Diz para o empregado não se esquecer de mandar buscar o Zé Vigia — o mais famoso de seus cabras — e se levanta em direção à copa, fazendo um movimento com a cabeça:

— Vam'bora cumê.

Uma fila obediente segue o gordo coronel Chico Heráclio.

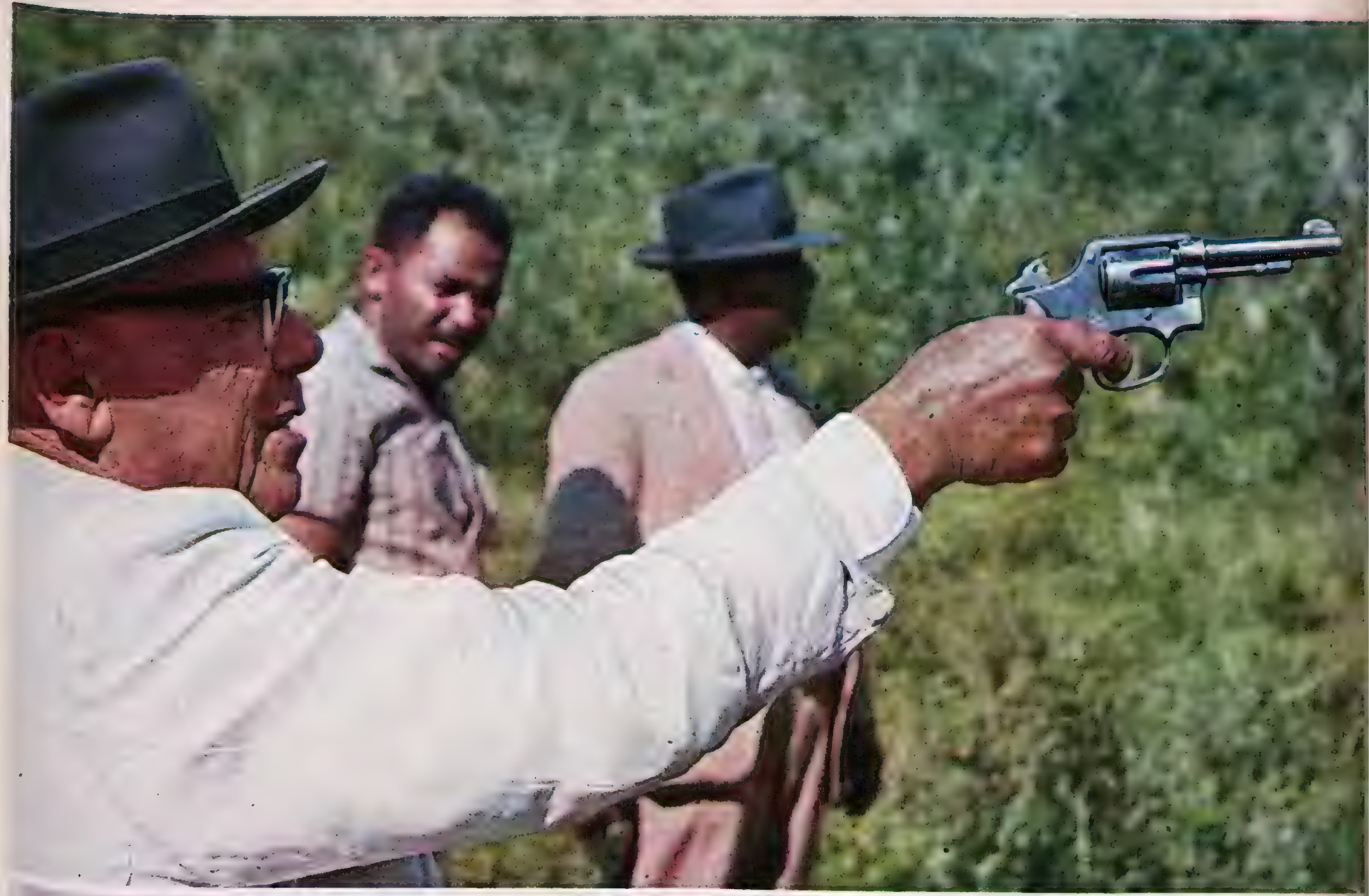
Limoeiro é uma cidade do agreste pernambucano, a faixa entre a zona da mata, açucareira, e o sertão. Cortada pelo rio Capibaribe, que nesse ponto vive sêco boa parte do ano, Limoeiro tem 30 mil habitantes, bons colégios, ruas quase tôdas calçadas, emissora de rádio, televisão nas casas e comércio bem desenvolvido. Tudo isso, mais o fato de estar a pouco mais de 100 quilômetros de Recife, devia fazer de Limoeiro uma cidade naturalmente anticoronelista.

Mas é aqui, nesta cidade — "que parece adiantada mas só lê 100 jornais por dia" — de acôrdo com o amargurado jornaleiro, que o coronel Francisco Heráclio do Rêgo, ou simplesmente Chico Heráclio, como é mais conhecido, desenvolve ainda atividade impressionante. Êle está com 81 anos e há 60 sua vontade é lei, não só em Limoeiro, mas em municípios vizinhos, onde também tem terras e votos. Seu raio de ação atinge 50 mil pessoas. Tôdas conhecem a fôrça do coronel. E a respeitam. Através do tempo a riqueza da família de Heráclio só tem sido aumentada: é dona das melhores fazendas, da indústria nascente — principalmente da de tecidos de algodão e óleos vegetais — do melhor gado. Isso significa fôrça política, contrôle sôbre a Prefeitura, a Câmara, a Cooperativa, e todos os cargos federais e estaduais da região, como a Polícia, por exemplo.

Pessoalmente, o coronel Chico Heráclio tem 13 fazendas e dois engenhos. A maior propriedade fica no sertão e tem quase 30 mil alqueires; a mais famosa, e melhor, é a das Varjadas, muito ligada à sua fama. Êle é o **Senhor das Varjadas.**

O coronel agora está almoçando. A mesa é simples, em atenção à sua dieta de homem cuidadoso com a saúde. Nada de muita gordura e coisa picante. Carne cozida, arroz, farinha, feijão verde, queijo assado, cuscuz de milho, banana assada, e uma variedade de legumes cozidos: macaxera, jerimum, cará, inhame, chuchu, batata doce. Fruta caseira de sobremesa. E café. Bebida nunca. A mesa não é muito grande, mas geralmente almoçam mais de 20 pessoas, em vários turnos. Quem estiver na casa do coronel em hora de refeição só não come se não quiser.

SEGUE



Depois de uma operação no ôlho de fazer mira, o coronel, que sempre foi um bom atirador, está treinando de nôvo, para apurar a pontaria com a outra vista. Zé Vigia, de chapéu, e Fernando não gostam muito de revólver; acham que tiro bom mesmo é o de rifle. Ao lado, o coronel e seu sêlo.

A bondade é como o terrorismo: uma tática

Bem almoçado, o coronel volta à varanda. Outras pessoas e outros problemas o esperam. Nesta época, principalmente, sua atividade é bem maior: as eleições estão próximas e êle vai eleger, pela quinta vez, um filho deputado federal — Heraclinho — e um outro, estadual — Francisquinho. Casado três vêzes, o coronel tem quatro filhos legítimos; o terceiro, José, prefere ser fazendeiro e o último tem só 13 anos. Nenhum é formado, o que para o coronel não é muito importante:

— Único diploma que eu dou pra êles é o de deputado, e o José não tem porque não quer.

Um dos cabras, Antônio da Niquinha, ou Antônio Moleque, entra na varanda, com uma notícia que irrita o coronel. Uma tal dona Maria, que mora para os lados do Ponto Certo, vai fazer hoje um **samba** em homenagem a Djalma Tavares. Djalma, um produtor da Rádio Difusora de Limoeiro — estação que o coronel pràticamente construiu — é hoje o adversário político mais incômodo para o Senhor das Varjadas. O nome de Djalma começou a ficar importante a partir do dia em que êle denunciou um crime de morte violento acontecido em Limoeiro. O crime envolvia a figura do juiz de Direito, que era amigo do coronel. Ao desafiar a fôrça da família Herácilo, Djalma ganhou fama, e aproveitou-a candidatando-se a deputado estadual. Era um inimigo bastante inconveniente, que além de tudo tentava buscar votos no domínio direto do coronel, prejudicando a votação de Francisquinho.

— A festa vai ser grande — diz o cabra — pois dona Maria já matou um bacuri, três capões e um peru, e comprou bastante bebida. Até já contratou um zabumba para a dança.

— Muleque — respondeu o coronel — esteja aqui às seis horas que nós vamos dar um **pantim** nessa dona Maria. Ela vai aprender a fazê festa pra cabra safado.

Pantim é a tática terrorista que o coronel usa contra os adversários: uma ameaça pesada, com fundo e possibilidade de verdade. Se a pessoa visada dobra-se só com o pantim, tudo certo. Se reage, a ação aparece — primeiro em palavras, depois em atos.

— Só mandar bater e matar é que eu não faço — garante o coronel.

A oposição diz o contrário:

— Faz sim. Êle já pôs os cabras atrás de muita gente para deixar a cidade em um dia ou morrer apanhando.

Faltam duas horas para o pantim de dona Maria. São quatro agora, hora de comer novamente. Enquanto o coronel ordena a Zefa que prepare a mesa, chegam os seus dois filhos deputados. Do portãozinho de entrada da varanda, pedem a **bênção.** Erguem a mão direita como se pudessem alcançar a mão do velho, e o saúdam. De sua cadeira êle responde vagamente com a cabeça, e só depois dêsse gesto êles entram. O maior respeito. Mesmo Heraclinho, já avô, não fuma na frente do pai. Nem bebe.

— Filho meu só é de-maior quando eu morrer — explica o coronel.

Durante o lanche, a conversa é só eleição. Deve ser removido um praça de Limoeiro que anda com minhoca na cabeça. É preciso dar um apêrto no prefeito de Cumaru que anda meio mole. Comenta-se a volta da cédula individual, coisa muito boa, **mais fácil para o matuto votar.**

Depois do lanche, e antes do **tiro ao alvo,** o coronel dá um giro na cidade para uns expedientes. Vai à Prefeitura apanhar uns selos — tôdas as taxas municipais de Limoeiro são cobradas através de um sêlo com a sua efígie, — passa na Cooperativa para ver um livro de anotações políticas (o diretor-presidente foi muito tempo seu **primeiro-ministro**); acerta detalhes com dona Isaura sôbre alistamento de eleitores (ela é funcionária municipal mas não precisa ir à Prefeitura: está **comissionada no gabinete** do coronel); finalmente abre crédito numa farmácia e num empório para um compadre que está em dificuldade. Em nenhum lugar o coronel desce do carro. Todos vêm até êle, que não conversa muito. Dá o recado que quer, e ordena ao motorista:

— S'imbora, Mané.

Cumprimenta pelo nome a maioria das pessoas, e só pára para conversar se o sujeito é um **contra.** Desbocado e direto, não manda ninguém dizer — êle mesmo diz. As crianças o reconhecem no carro e gritam:

— Olha o coronel Chico.

Êle responde:

— Sai prá lá, ximbute!

Se vê por ali uma môça bonita, novinha, manda o motorista dar várias voltas no quarteirão:

— Revólver, automóvel e mulher, pra mim, só zero quilômetro.

Nas campanhas eleitorais a oposição explora bastante seus casos com môças, mas êle até gosta que falem disso.

Da cidade vai direto para o **exercício** de tiro. Fica contente com a pontaria e acha os cabras muito destreinados.

— É que hoje não se precisa mais disso — diz.

— Não é isso não — replica Fernando — traz um rifle pro senhor ver.

E chega a hora do pantim. Com Antônio Moleque de cara amarrada, o coronel toca para a casa onde vai haver a festa para o candidato da oposição. Manda chamar dona Maria, e começa macio:

— Então, cumade, a festa vai ser boa, não vai? Vosmicê já feiz muita despesa, não foi?

Dona Maria diz que sim, e cai na armadilha. O coronel destempera, junta gente, arma um caso:

— Quando é pra emprestar dinheiro, ou avalizar letra, é comigo que vocês vão, não é? Na hora do apêrto, o arrimo é lá em casa, não é? Pra depois fazê festa pra cabra safado, prum sujeito que quando entra numa casa tira o respeito da família, e faiz todo mundo ficá igual a êle, passando ruge e batom na cara, não é?

O destempêro verbal prossegue, e, na beira do escândalo, vem o pantim:

— Olhe, cumade, vosmicê qué fazê festa, faiz. Mas se aquêle cabra safado vier aqui eu mando um de meus meninos acabar êsse forró a tiro. Não é, Muleque?

O coronel vai embora, fica a interrogação: será que êle manda mesmo? Homem pra isso êle tem; coragem também. Enquanto se discute se o coronel manda ou não, sempre surge a voz do bom senso dizendo que, por via das dúvidas, o melhor é avisar **seu** Djalma para não vir desta vez, não convém arriscar. Dêsse momento em diante a festa esfria, perde o sentido. O desânimo chega a outras pessoas que também já estavam se organizando para dar reuniões com o homem da rádio.

— E eu mandava gente dar tiro na festa? Mandava nada, é só pantim — fala o coronel.

— Já mandou muitas vêzes — diz a oposição — e bem podia mandar mais uma.

Entre sete e oito horas da noite o coronel vai dormir. Na rêde, e de camisola. Sua casa de homem solteiro, onde há sempre estranhamente uma ou duas mocinhas, é grande, simples e mal arrumada. Não tem geladeira, televisão ou vitrola; o próprio rádio está enguiçado. Mas com os carros o coronel é caprichoso. Atualmente tem uma perua, um Impala, um Chrisler, um Volks. E está com idéia de comprar um helicóptero — **se não fôr muito caro** — para poder mais fàcilmente visitar o seu império de bois e de votos. Êle não conhece o Rio, nem São Paulo, nem mesmo João Pessoa. Certa vez um candidato a senador — para obter seu apoio eleitoral — ofereceu-lhe a suplência na chapa. O coronel foi eleito mas jamais apareceu em Brasília:

— É muito longe, e o povo lá só vive de protocolo...

Não teve escola. Quando o pai matriculou-o no colégio, em Recife, houve uma epidemia e êle foi levado de volta para a fazenda, para nunca mais estudar. Exercitou, entretanto, a capacidade de dizer as coisas. E diz realmente o que quer — nas seções livres da imprensa, ou em boletins — com bastante clareza, na sua linguagem de matuto e num português bem livre. Suas poucas letras foram postas muitas vêzes em causa, nas lutas políticas. Certo governador do Estado, militar, que além de compadre havia contado com seu apoio, desentendeu-se com êle e declarou aos jornais que ia pedir a cassação de seu título de eleitor, por analfabetismo. O coronel não deixou por menos: em carta aberta ao **Diário de Pernambuco** contou certas coisas do compadre e terminou assim: "Devo acrescentar que a minha pouca ilustração não chegou ao ponto de deixar de avalizar letras e promissórias para muitos doutores, e até para marechais..."

— Fizeram-me prefeito em 1922, e nunca mais eu me livrei da política — lembra o coronel.

SEGUE

Em todo lugar há gente pedindo dinheiro ao coronel, e êle dá. Tem sempre no bôlso um bom estoque de notas miúdas, para isso. De hábitos simples, o velho Chico só tem um capricho: os carros. Gosta de automóvel bonito e tem quatro atualmente, muito bem cuidados e cada um com um motorista.

Coronelismo passou mas os coronéis continuam

— Nesse tempo — diz o coronel Chico Heráclio — eu casava, batizava e aí existia união em Limoeiro, e todos viviam bem.

Êle se gaba de nunca ter deixado uma comissão fiscal, do Estado ou da União, mexer nos livros dos comerciantes da cidade. Em 1953 apareceu uma comissão da Secretaria da Fazenda. Foram avisar o coronel e êle, encontrando os fiscais no hotel, quando começavam a jantar, deu-lhes 24 minutos — em vez de 24 horas — para saírem da cidade. Como um dêles pedisse que ao menos os deixasse comer, pois já haviam pago a diária, o coronel apanhou dinheiro do bôlso e colocou na mesa para que não tivessem prejuízo. Só que a janta tinha de ser noutro município.

Segundo jornais da época, Chico Heráclio foi um dos homens mais fortes de seu partido em Pernambuco. Um vereador de Glória de Goitá, cidade em que o coronel também agia, escreveu um ABC inteiro para dar notícia de seu prestígio: "O coronel vai eleger/ o govêrno do Estado./ Também uns 20 prefeitos/ e mais 12 deputados/ sendo dois federais/ e os outros dez do Estado".

Chegou-se a propor, nesse tempo — e houve até reuniões preliminares — a formação de um **pacto dos coronéis** pernambucanos, para escolha de um candidato da área de domínio de cada um. Seria uma reedição do famoso **Um por todos, todos por um** que os coronéis do Ceará, inspirados pelo padre Cícero de Juazeiro, haviam firmado em 1911.

— Mas aí veio aquêle governador amarelo — diz Chico Heráclio — e então eu comi fogo.

Refere-se a Etelvino Lins, a quem havia dado grande votação em Limoeiro. Os dois se desentenderam e o governador passou a apoiar o maior adversário do coronel em tôda sua zona de influência. Depois, substituiu todos os funcionários estaduais — da Polícia às coletorias — que tradicionalmente eram indicados ou removidos pelo coronel. E nomeou delegados e praças com orientação de pisar no calo do Senhor das Varjadas e de sua gente. Para Limoeiro foi nomeado como delegado um oficial da Polícia, coronel Higino, que tinha atuado nas volantes contra Lampião.

— O tratamento que êles me davam — diz o coronel Chico — era o mesmo dos cangaceiros. Cercaram minha casa, desfizeram comícios e até planejaram minha morte. Mas eu não amoleci. Numa eleição mandaram para cá 200 soldados, mas eu tinha mais cabras do que isso.

Etelvino Lins ficou apenas dois anos no govêrno. Substituiu-o o general Cordeiro de Farias, e a paz voltou aos domínios do velho chefe. Sob o govêrno de Cid Sampaio, a coisa não andou boa para o coronel, até que chegou a campanha de Arrais. Como a maioria dos coronéis, Chico Heráclio apoiou, por obediência partidária, o candidato da esquerda. Durante a campanha o coronel gritava:

— Potoca êsse negócio de que o dr. Miguel Arrais é comunista. Em Pernambuco basta um homem ser de bem, preocupar-se com os pobres, para ser chamado de comunista.

Eleito Arrais, o coronel viu-se novamente **de cima**. Mas por pouco tempo. Logo que a movimentação dos camponeses por reforma agrária, salário mínimo, férias, estabilidade começou a beirar seus domínios, o coronel virou uma fera. E ficou mais irritado ainda quando se certificou que o govêrno, dessa vez, não estaria do seu lado. Partiu violentamente para os boletins — "essa liga camponesa é a vergonha do Brasil" — e dispôs-se a tudo, como nos seus melhores tempos. Mas o pesadelo passou. Com a revolução subiu ao govêrno um seu amigo, vizinho de fazendas e velho companheiro de lutas políticas, o governador Paulo Guerra. Hoje o coronel entra no Palácio do Govêrno a qualquer hora, sem avisar. E quanto ao futuro governador — Nilo Coelho — deposita nêle as maiores esperanças, pois além de terem pertencido ao mesmo partido, Nilo é filho de um grande coronel do sertão, o coronel Quelê.

Mas mesmo com tudo isso, Chico Heráclio sentiu perder um pouco o pé. Nesse meio tempo veio a adoção do retrato no título de eleitor, que acabou com "o eleitor mais barato e mais obediente: o defunto", como dizia o coronel Zé Abílio. E Limoeiro perdeu, entre as eleições de 1955 e a de 1960, 2.500 **eleitores**. Para Chico Heráclio foi um desastre. Êle, que sempre garantia a eleição de três deputados estaduais em sua área, teve uma surprêsa: dos três indicados, um não foi eleito, por 200 votos.

— E sabe logo quem? — pergunta o coronel — logo o Francisquinho, meu filho. Isso não podia ficar assim, e o recurso foi comprar o resultado das urnas impugnadas. O menino acabou tendo voto até no Alto São Francisco... Agora estou mais cuidadoso, só mando votar é nos meninos mesmo...

Nenhum coronel deixa sucessor — afirma Marcos Vilaça, filho do **ex-primeiro-ministro** do coronel Chico Heráclio e autor de um livro importante sôbre a coronelismo em Pernambuco.

Mas o velho Senhor das Varjadas acredita que seu filho Francisquinho, o deputado estadual, reúne muitas condições para sucedê-lo no pôsto, "quando padre Cícero me chamar". Os estudiosos do problema, porém, acham que o tempo dos coronéis já passou, ainda que dois de seus pilares estejam de pé — o latifúndio e as relações servis de trabalho. O poder original de um coronel, depois da sua morte, reparte-se entre vários pequenos líderes e nenhum dêles — por não haver mais aquêle isolamento de uma estrutura fechada e auto-suficiente — consegue a hegemonia total sôbre os outros.

Coronel tem proteção até para dormir

Nada disso preocupa o deputado Francisquinho Heráclio. Por via das dúvidas, êle mora na Fazenda das Varjadas, onde seu pai começou. Algumas das suas façanhas já estão ficando conhecidas. Como esta: em março dêste ano corria animado o baile, no clube de Limoeiro. Um dos filhos do Francisquinho dança com a namorada. Lá pelas duas da madrugada, um gaiato resolve perturbar o romance e dirige uma gracinha à pequena. A reação é instantânea, o rapaz vai de bofetão sôbre o engraçadinho, que topa a briga. Vem mais gente, arma-se o rôlo, acaba o baile. Os soldados de plantão no clube põem panos quentes, mas o delegado e o sargento, postos em brio, querem mostrar independência e levam prêso o filho do deputado. Vão acordar Francisquinho em Varjadas e êle chega à delegacia às quatro horas. Vai direto ao delegado:

— Escuta, cabra, você tocou no menino?

— Não, isso eu garanto.

— Então escapou de morrer. Agora mande abrir a cela.

— Já dei ordem para os praças soltarem-no às cinco horas. É só esperar mais um pouquinho.

— Eu disse agora, capitão. Já!

O delegado não discute. Chama um praça e ordena:

— Solta o môço.

— Eu não disse — grita o deputado — para soltar o meu filho. Eu disse abrir a cela, isso significa: soltar todo mundo...

Abre-se a prisão. Todos os presos são libertados. No dia seguinte, o delegado e seu sargento são recolhidos para Recife: 30 dias de cadeia cada um.

Quando contam o caso, o sorriso de Francisquinho faz lembrar o pai.

Chico Heráclio pode até não ser o último dos coronéis do Nordeste.

FIM

Além do pessoal do escritório, sabe quem mais vai gostar que V. instale um Fôrro Eucatex?

Êles.

É o barulho das máquinas de escrever e calcular.
É o barulho das campainhas e dos telefones. É o barulho das portas.
É o barulho de passos ecoando no corredor. É o barulho de vozes.
É barulho, barulho, barulho.
Você já percebeu o mal que isto causa à sua saúde?
O ruído é responsável pela tensão nervosa
— um bom caminho para o enfarte — pela neurastenia,
pelo embotamento do cérebro, pela elevação da pressão cardíaca,
fadiga (Você ainda quer saber mais?). É por isto, talvez, que ao chegar
em casa V. não tem disposição para conversar com seus filhos.
Ou para fazer um programa com sua espôsa.
É por isto que V. precisa conhecer, com urgência, o Fôrro Eucatex.
Porque êle absorve até 93% dos ruídos. O ambiente de trabalho
fica mais agradável (Todo mundo vai produzir mais!).
Quanto a V., garantimos que vai voltar para casa mais tranqüilo,
mais bem disposto, bem humorado.
Só isto compensaria a instalação de um Fôrro Eucatex.
Sem falar na sua beleza decorativa.

À Eucatex S. A. Indústria e Comércio - Av. Francisco Matarazzo, 530 - Caixa Postal 1683 - São Paulo. Desejo receber mais informes sôbre o Fôrro Eucatex.
Nome:.......................................
Profissão:.......................................
Endereço:.......................................
Cidade:.......................Estado:.......................
R 2

Eucatex - chapas para tratamento acústico

**É impossível entrevistar um gênio.
Não encontramos perguntas para as suas respostas.
Pelé é um gênio.
O que o torna genial esta além do que diz e sabe, principalmente a seu próprio respeito.
Nem todos os gênios têm a digna humildade de Pelé.
Sua perplexidade pelo que faz e significa universalmente é a maior de tôdas.
Suas respostas são perguntas, absolutamente irrespondíveis.
Por tudo isso, acontece que, nas entrevistas com os gênios, o entrevistado seja sempre o repórter.
Como o fui por Pelé, sôbre êle mesmo.**

PELÉ

Texto de Roberto Freire — Fotos de David Drew Zingg

No vestiário do campo de futebol em Vila Belmiro, em Santos, aguardo Pelé. Cêrca de 30 cidadãos preparam-se para mais um dia de trabalho em sua profissão comum. Ainda estão todos vestidos. Conversam, brincam, discutem, riem. Começam a despir-se: tornam-se gente em estado puro e anônimo por alguns instantes. O calção, a camiseta, a chuteira os transformam em profissionais e ídolos populares. Dirigem-se para o túnel que os levará ao gramado. Os assuntos que tratam nas conversas são os mesmos, entretanto alguma coisa mudou, alguma coisa indiscutível mas muito importante, como acontece com os médicos ao vestirem o avental e o folião a fantasia.

Pelé entra apressado. Abre o armário. A seu lado, amarrando a chuteira, está Carlos Alberto, um jovem atlético e simpático que veio do Rio para o Santos.

— Como é, carioca?

— Que é que há, negrão?

Pelé estende-lhe a mão para o cumprimento. O outro estranha um pouco, mas aperta-a. Ouve-se um chiado e Carlos Alberto solta a mão bruscamente e dando um salto para trás. Levou um choque provocado pelo **anel mágico** que Pelé trouxe há pouco tempo de Nova Iorque. Os dois riem da brincadeira. Carlos Alberto vai para o campo. Pelé começa a tirar a roupa assobiando um samba. Surgem dois homens e falam baixo com êle. Fica evidentemente incomodado, mas tem os olhos fixos no rosto dêles enquanto falam. Já está vestido para o treino. Entrega dinheiro a um dêles e recebe um pacote. Abre-o dentro do armário, examinando demoradamente o conteúdo. Para se ver livre dos dois homens comprara um presente para a mulher. Volta-se depois de trancar o armário. Passa por mim:

— Com licença.

— Pelé, queria marcar um bate-papo com você.

Enquanto explico onde trabalho, quem sou e o que pretendo, êle olha fixamente para os meus olhos, procurando ver mais do que está ouvindo. Disse-lhe ser médico e psicanalista, além de repórter. Sorriu:

— Será uma entrevista ou um diagnóstico?

Antes que eu pudesse responder, fêz outra pergunta.

— Quer saber se sou louco? Acho que sim, mas não quero ser mais do que os outros.

Marcamos o encontro para dois dias depois — após o jôgo contra a Portuguêsa de Desportos — em seu escritório, na cidade.

Vou para junto do alambrado, assistir ao treino. Os jogadores estão ouvindo, atentos e sérios, uma preleção do professor Júlio Mazei, o preparador físico da equipe. Quando êla pára de falar, Pelé grita um pique-pique. É para Toninho, o centro-avante, que depois é abraçado por todos. Tento observar o rosto de Pelé. Olha um pouco para cima. Alguém comenta ao meu lado:

— Nasceu hoje o primeiro filho de Toninho.

O que Pelé estava sentindo naquele momento era o mais vago, intenso e belo dos sentimentos viris. Por isso olhou para cima, para que não houvesse limite para sua emoção. O seu filho também já existe, e nascerá dentro de poucos meses.

Chega o dia do jôgo com a Portuguêsa. O estádio está lotado. Ao lado do médico da equipe, dr. Ítalo Consentino, observo os jogadores batendo bola no meio do gramado. Pelé esquenta o corpo, correndo um pouco e depois saltando seguidamente. A noite é fria. Um grande silêncio e a partida começa. Olho os torcedores. Não há nada de pessoal em seus pensamentos. A vida pára quando o jôgo começa. Logo, suas frustrações e ambições, as coisas mais primitivas de suas vidas, serão liberadas explosivamente. O inconsciente da massa não é apenas a soma do inconsciente de cada um. Êle domina tudo como um denominador comum, absoluto em todos, total e indivisível. Pelé dá uma arrancada: ouve-se um som profundo, único, que se eleva em crescendo. Êle chuta e vem o berro. A bola sai fora e há um corte súbito do berro. Depois, aplausos. O jôgo prossegue, ou melhor, dois jogos prosseguem juntos: o do Santos e o de Pelé. Às vêzes são um só, mas poucas vêzes.

Durante alguns minutos tenho a impressão de que Pelé, lá no meio do campo, assiste ao jôgo como eu. Estuda de perto o jeito de seu marcador, sem disputar bolas com êle. Quando as recebe, passa logo, sempre atento aos movimentos dos jogadores adversários. Mas, em seguida, vejo-o atraí-los, driblá-los, enganá-los com enorme facilidade. O jôgo é violento, ágil, rápido, intenso. Um comentarista esportivo fala ao microfone perto de mim:

— Pelé está jogando uma barbaridade! Está com a **coisa** hoje.

A bola vai para o seu pé e o povo grita. Êle corre e o povo urra. Êle passa e o povo aplaude. Êle chuta e o povo já grita gol, aconteça ou não. Logo êle começa a sofrer faltas pesadas. É preciso contê-lo de qualquer jeito. Recebe uma pancada forte, irrita-se. Vejo em seu rosto uma dureza que desconhecia. Olha quem o atingiu de tal forma que o outro, atemorizado, nem mais se aproxima. Vai agora para uma bola com algo mais que seu talento, parecendo querer revidar a agressão. Não é o mesmo jogador que o atingiu, e não o enfrenta, tirando o corpo. Pelé fica estendido no chão. Macedo, o massagista, vai correndo em sua direção. Examina-o e faz um sinal para o médico. Pelé é retirado de campo. Massageado, volta a jogar. Mas está mancando. Os repórteres cercam o médico com os microfones e a mesma pergunta:

— O que foi doutor?

— Não posso responder, desculpem.

— Foi distensão muscular? Ou foi o joelho?

— Vocês compreendam... a ética não me permite. Pelé é um cliente como qualquer outro. Tenho de guardar sigilo profissional.

Alguns compreendem, outros não. O jôgo muda completamente. Pelé corre com enorme dificuldade. Para o segundo tempo, o Santos volta sem êle. Agora só há um jôgo, o menos interessante. O Santos perde e o povo está mais contundido que Pelé. Não se conforma, sobretudo com o juiz — o bode expiatório das frustrações humanas nos estádios — e com o bandeirinha que confirmou um gol em impedimento, contra o Santos. Pelé foi levado carinhosamente para casa. O bandeirinha saiu escoltado por dezenas de guardas, depois de ter levado socos, pontapés e quase ter sido linchado.

— Senhores ouvintes: acaba de ser confirmada a tragédia. Pelé teve mesmo distensão muscular, apesar do sigilo profissional do médico. Ficará um mês sem poder jogar.

Dr. Ítalo sorria ao ouvir isso. Quando foi desligado o microfone, aproximou-se do repórter:

— Quem lhe disse isso?

— O próprio Pelé!

— Então está certo.

— O senhor desmente?

— Nem sim, nem não; muito pelo contrário.

Um escritório pequeno, mas confortável, com inúmeros retratos dêle; alguns muito antigos, uns posados e outros instantâneos de jogos. O assunto **ser ou não ser Pelé** surgiu a propósito do fato de exercerem sôbre êle marcação muito pesada.

— Não tenho culpa de ser Pelé. Não pude evitá-lo. Eu o faria, esteja certo, se dependesse de mim.

Sentado numa larga poltrona, Edson Arantes do Nascimento falava-me da contusão sofrida:

SEGUE

Por que a gente nunca termina o que começa?

— Não houve deslealdade alguma contra mim. Foi maldade minha querer revidar. Se estou jogando bem é natural que apertem o cêrco. Normalmente até gosto. O jôgo fica mais divertido e isso ajuda meu quadro, pois a preocupação comigo os faz deixar outros jogadores livres. Ontem errei.

Um amigo, presente à conversa, perguntou:

— Não é mole ser Pelé, hein?

— Não, não é. Fora e dentro do campo.

— Mas quem manda querer ser o maior?

Pelé, sem falsa modéstia e com simplicidade, tentou explicar-nos como sua procura, no comêço, foi bem outra. Só queria ser um bom atleta.

— Depois, gosto muito de lutar.

Fala com enorme segurança sôbre o que já aprendeu na vida. Volta-se para mim:

— Não é a mesma coisa, no fundo, a luta pela vida e uma partida de futebol, hem doutor?

A psicologia já fêz essa constatação, e eu disse a êle o que sabia sôbre isso. Ouviu com extrema atenção, o corpo inclinado para a frente, o pescoço espichado. No final concordou:

— É isso mesmo, está certo. Só pensei em vencer, sempre. Não gosto que o meu time perca, mesmo nos treinos. Agora, por causa disso, as coisas se complicam. No campo saberei achar uma saída, mas na vida pessoal acho que não tem mais jeito. Vivo perseguido, me escondendo, não tenho liberdade para nada. Não posso fazer o que todo mundo faz.

— Mas há coisas que só você pode fazer. Isso não o consola?

Sem mágoa, mas com certa tristeza, Pelé responde:

— Deve ser muito bom andar tranqüilamente por uma calçada, olhando as gentes e as coisas. E um banho de mar? Sem pressa, sossegado, ficar tomando sol, deitado na areia... olhando o céu. E fazer compras, podendo escolher direito o que a gente quer. Quase tudo o que tenho, compraram para mim... e é tão bom escolher as coisas!

Agora fica realmente triste.

— Sabe, por causa disto tenho poucos amigos. Os que tenho são ótimos, mas gostaria de conhecer melhor bem mais gente. Para mim isso é muito difícil. As pessoas me olham de um jeito que me intimida. A admiração por meu jeito de jogar impede que vejam direito minha pessoa.

Pelé não falou, mas estava claro que sabia, ao dizer essas coisas, que a admiração excessiva pode impedir o amor. E sentir-se alvo de atenção muito grande inibe o afeto natural pelo outro.

— Como você ganha bastante dinheiro, deve também ser procurado por vendedores ou gente que lhe quer propor negócios — disse lembrando-me daquela cena do vestiário, antes de apresentar-me a êle.

— Certo. Mas não entro em fria. Olho bem nos olhos das pessoas e fico logo sabendo o que são e o que pretendem. Mas em compensação isso me tornou muito desconfiado.

Entendia, então, o que observara durante o jôgo. Pelé não joga apenas seu jôgo, mas o improvisa de acôrdo com a forma de jogar do adversário. Por isso não entra em **fria**, e no campo também. Faço a relação e êle confirma:

— Veja, nesses dez anos só me contundi três vêzes. É bem pouco pelo número de partidas que joguei e pelo tipo de marcação que fazem sôbre mim.

De fato, uma das características mais impressionantes do gênio de Pelé é justamente sua capacidade de improvisação e, sobretudo, em função da maneira de jogar do quadro adversário e de seus marcadores. Contusões sérias sòmente três e, a julgar pela última, só mesmo quando se irrita, repete ou insiste em jogadas erradas ou impulsivas.

Durante uma semana Pelé passou tôdas as manhãs pelo serviço de fisioterapia do clube, para fazer aplicações de diatermia na coxa. Conversávamos enquanto eram feitas as aplicações.

Pelé tem hoje 26 anos, já fêz mais de mil gols e, segundo informam alguns jornais, sua fortuna já atingiu cêrca de três bilhões de cruzeiros. Em nenhum momento falamos de dinheiro. Sei que êle não se importa, mas isso, como outras coisas de sua vida íntima, não me interessam. E, se me interessavam, ao conhecê-lo melhor nem me lembrei delas. Percebendo sua tristeza por não poder ser tão livre, no dia a dia, quanto eu, por exemplo, procurei respeitar sua intimidade o mais possível. Só fui ao seu apartamento e conheci Rose, sua mulher, quando êle me convidou. Não estive na casa de seus pais, não lhe pedi fatos que não fôssem exclusivamente de sua pessoa. Tudo isso, creio, deve ter contribuído muito para que nossa convivência fôsse realmente espontânea. Não acredito que esteja na intimidade das pessoas sua maior verdade. Depois, como qualquer brasileiro, além de admiração, tenho respeito por Pelé. Sabia, de antemão, ser seu gênio indiscutível. O que buscava era a razão do nosso afeto por êle. Então, como importuná-lo e estar contribuindo para agravar sua solidão e falta de liberdade como homem?

Durante as aplicações fisioterápicas, falávamos do que nos vinha à mente. Mas era impossível afastar Pelé totalmente da conversa. Pelé **precisa** falar de Pelé, sem nenhum exibicionismo ou vaidade. E isso é fácil de explicar: jamais conheci alguém tão curioso e ávido por entender as coisas e a própria pessoa. Êle não pôde estudar muito, quase não tem tempo para ler e convive com poucas pessoas, ìntimamente. Percebi logo que, através do nome de Pelé, êle aprofundava questões pendentes ou obscuras em seu espírito.

— Você sabe, claro, o que é uma distensão... — disse êle segurando sob a pele o músculo atingido — mas eu não sabia e tinha uma bruta curiosidade. Tanto enchi o doutor Ítalo com perguntas que, um dia, convidou-me a assistir a uma autópsia. Êle queria mostrar-me diretamente como era a coisa.

Pelé enfrentou o cadáver, os odôres, a dissecação, mas viu o que era uma distensão.

— Puxa, é um negócio impressionante. Paguei caro pela curiosidade. Durante uma semana tôda, fiquei **vendo** o cadáver e sentindo aquêle cheiro... Mas é o jeito, não é?

É. Os amigos de Pelé já se habituaram às suas perguntas. Alguns passam apertados.

— Aqui no clube tem agora um colega seu com quem tenho batido ótimos papos. Aprendi muita coisa.

O psiquiatra do Santos não se envolve na vida profissional dos jogadores. A convite do doutor Ítalo Consentino — não é pago por ninguém — só quer ajudar os jogadores a compreenderem o que os aflige ou a ampliar os conhecimentos sôbre si mesmos. Pelé procura-o para aprender coisas. Outros buscam orientação.

Atravessando as salas do serviço médico do Santos, Pelé fazia perguntas falando de Pelé:

— Por que a gente não consegue terminar nada que começa? Um disco, por exemplo... um livro... por que aquela vontade de sair de automóvel por aí... sem ter ou saber para onde ir? E a pressa? Por que ter pressa ao andar a pé ou apertando o acelerador com todo o dia pela frente sem ter nada o que fazer? Ficar diante das roupas no armário sem conseguir escolher nenhuma? E aquela vontade de comer uma fruta fora de estação?

Pelé pára. Olha pela janela, na rua há gente fazendo exame de direção em automóveis. Fala voltado para a rua:

— Quando eu era garôto, só comia frutas do mato, porque as outras precisava comprar... Aqui não as encontro. Uvaia, pitanga, tamarindo, amora... Puxa, daria tudo por algumas pitangas, **agora!**

Chegamos ao vestiário. Está vazio. Pelé abre o armário e retira um violão lá de dentro.

Começa a tocar. Cláudio, um dos goleiros do Santos, vem ouvi-lo. Pelé toca uma composição sua que fala de crianças. Na verdade deve estar falando de si mesmo quando criança. Parece querer garantir uma presença para tôdas, desde que êle conseguiu vencer, vindo do nada.

— Quando vejo um crioulinho só de calção, com suspensório de pano, pé descalço, carinha suja, ôlho vivo... chego perto... falo com êle ou o aperto em meus braços, choro feito criança... Por quê? Não posso me conter... choro mesmo! Por que, hem?

Não é possível responder. Sem transição, passa a contar-me outra experiência quando chegamos à rua. Foi em Lima, no Peru. Queriam que fizesse uma visita a um hospital para crianças defeituosas. Êle se propunha a ajudá-las financeiramente, como faz com uma centena de organizações brasileiras que cuidam da infância doente, pobre ou infeliz. Mas recusava-se a ir vê-las.

— É uma covardia, eu sei. Mas tínhamos um jôgo importante no dia seguinte. SEGUE

Sempre vou caçar ou pescar. É fuga isso, não?

Acabou tendo que ir, por insistência dos responsáveis pela excursão. Deu presença, carinhos, dinheiro, tudo. Na hora, agüentou. Mas não conseguiu treinar, não dormiu à noite e aquêle foi o pior e o mais difícil jôgo de sua vida. Nunca jogou tão mal.

— Todo homem tem um limite. O meu é quando vejo que há coisas incuráveis, ausência de futuro e gente sem esperança. Principalmente crianças!

No quadro mirim do Santos (garotos de 10 a 14 anos) há um menino terrível. Joga demais e promete ser um dos grandes craques do futuro. Chama-se Didi. Acabou o treino dêles. No vestiário ouvem um sermão do treinador porque houve algumas brincadeiras em campo. Os engraçadinhos estão de cabeça baixa. Terminado o sermão, Didi vai para o chuveiro, volta nuzinho para apanhar o sabão com o roupeiro. Pergunto direto:

— Qual é o maior jogador de futebol do mundo?

A resposta vem rápida:

— Zito!

— Mas, e Pelé?

— O senhor perguntou jogador ou mágico?

Para a meninada Pelé é o mocinho, o super-homem, o mágico, o herói máximo. Sem discussão.

Uma das figuras mais importantes que conheci no esporte brasileiro por sua capacidade técnica, cultura, influência e liderança natural, homem de personalidade forte e profundo sentido humano, chama-se Júlio Mazei. Professor de nível universitário na Escola de Educação Física de São Paulo, preparador físico do Santos e escritor, tem uma teoria própria para explicar o fenômeno Pelé. Estamos no bar diante do estádio do Santos Futebol Clube.

— Pelé é um gênio. Não é possível explicar um gênio.

— Mas, do ponto de vista de sua especialidade, o que existe de excepcional no atleta Pelé?

Para o professor, Pelé tem de nascença uma musculatura excepcional. Seus músculos locomotores são extremamente desenvolvidos e possui poderosos glúteos, lombares e abdominais. Aliás, deve isso à raça negra; porém, mesmo entre os negros, raros foram tão bem dotados fisicamente para a prática do futebol. Mazei lembra ainda outra particularidade importante dos negros: têm o osso calcâneo mais alto do que o dos brancos, o que lhes obriga a uma inclinação maior para a frente e favorece o desenvolvimento da velocidade. Por essas razões explica a elevada porcentagem de negros no futebol brasileiro: 70 por cento, entre os profissionais.

— Tenho certeza de que, bem treinado, Pelé estaria entre os 10 maiores atletas do mundo para a prática do decatlo (conjunto de 10 provas que o atleta deve praticar uma em seguida da outra) — garante o professor — pois êle faz 100 metros rasos em cêrca de 11 segundos, salta 1,80 m de altura, 6,50 m de extensão, joga magnìficamente vôlei e basquete.

Impressiona todo mundo a visão de jôgo de Pelé. A gente tem a impressão de que êle vê mais do que os outros jogadores.

— E vê mesmo — afirma Mazei — já que tem uma visão periferial fora do comum, isto é, tem capacidade de ver mais e melhor lateralmente, já espantou muito oftalmologista.

Mazei acha que Pelé pode continuar na forma atual — que julga excelente — por mais cinco anos, sem queda de produção.

— E, se êle quiser, ainda mais outros cinco anos. Sabe por quê? É que Pelé, como raras vêzes acontece nesse esporte, além de excepcional jogador de linha, é ótimo na defesa e goleiro de fazer inveja a alguns titulares atuais.

— Eu prepararia seus músculos e características de jôgo para essas posições, descansando os outros, que usou para a posição atual. Seria, com mais de 30 anos, um beque ou um goleiro tão geniais quanto o avante Pelé.

Estamos agora rodeados por uma porção de jogadores aspirantes e juvenis do Santos. Ouvem atentamente o professor.

— Mas tudo isso não explica o gênio do crioulo. Resumo o fenômeno Pelé neste triângulo...

Todos se curvam para ver o desenho que êle faz sôbre a mesa.

— Se um homem descobre sua verdadeira especialidade atlética e vive em função dela — Mazei escreve **especialidade** no ápice do triângulo — dedica seu tempo ao aperfeiçoamento orgânico e fisiológico do corpo para essa prática — no interior do triângulo anota **preparação atlética** — e, finalmente, se tem qualidades humanas suficientes para sustentar tudo isso, então será um atleta excepcional. Como Pelé.

Quando escreveu **qualidades humanas** na base do triângulo, olhou para os jovens ao seu redor. Todos balançaram a cabeça afirmativamente. Pensando em Pelé e nêles próprios, certamente.

— Ninguém que o conhece direito duvida disso: o homem Pelé é tão excepcional quanto o jogador Pelé. Seu exemplo nos ajuda muito na formação dêsses meninos.

Àquela altura, já vira Pelé durante cinco dias. Anoto um detalhe: só usa camisas amarelas ou azuis.

— Não tenho a menor idéia do porquê disso — afirma quando saímos do estádio em direção ao seu Mercedes azul — talvez combinem melhor com minha côr... até, sei lá...

Além dessa, Pelé não tem muitas outras preferências pessoais. Só fumou em criança, e assim mesmo cigarros feitos de talo de mamão, escondido. Não gosta de álcool, mas também não tem nada contra, desde que dentro dos limites. Não se interessa especialmente por carro.

— Você sabe, infelizmente não posso andar a pé, de bonde ou de ônibus.

Todos os carros que já teve, inclusive o Mercedes, ganhou de presente. Ouvir música e assistir à televisão são os seus passatempos, mais porque são cômodos para o tipo de vida que leva. Joga em média duas partidas por semana; precisa dormir cedo e bastante. Para cada jôgo, um treino, e no mínimo, uma noite de concentração antes das partidas. Tem de atender à imprensa, acertar negócios, posar para fotos publicitárias e não passa um dia sem visitar os pais.

Vive com Rose num pequeno e confortável apartamento. Dois quartos apenas e um dêles transformado em escritório — é onde guarda seus troféus. É enorme o número de medalhas e taças que possui, de ouro e prata.

— Mas faltam muitos — comenta — nem sei onde estão. Gostaria que me devolvessem.

Atendendo pedidos de diversas organizações, emprestou troféus para solenidades, campanhas, e a maioria não voltou.

— Claro que não foram roubados. Acho que os guardaram como lembrança...

Abraçado à mulher, olha a estante, calado. Cada uma daquelas peças deve ter para êle um significado especial. Parece estar conferindo-as. De repente, fala:

— Você podia me fazer um favor com a reportagem que pretende escrever...

Para Pelé, o mais importante de seus troféus é um que ganhou na Copa de 1958. Foi oferecido pela Rússia, para o jogador mais jovem que disputou aquêle campeonato. Não está na estante.

— Quem sabe a pessoa que o guarda venha a ler sua reportagem. Peça-lhe que me devolva. Êle significa muito para mim.

Pelé não diz porquê. Mas é fácil compreender. Naquele campeonato nasceu o Pelé internacional, com 17 anos.

Êle gosta muito de brincar com a mulher sôbre composições musicais. Tem mais de 50. Rose gosta de tôdas mas finge não gostar, durante as brincadeiras.

— Ela não quer que me transforme num artista de televisão... por ciúme das minhas futuras colegas. Prefere o futebol porque só dá homens...

Apesar de Pelé dizer que não vai entregar suas músicas para nenhum cantor gravar, quando falamos disso fiquei com a impressão de que o fará e, no fundo, é o que quer. Alguma coisa o retém. Acho que teme desviar sua atenção e interêsse no momento para outra coisa que não seja o futebol. Mas — quem sabe — embora as ache boas, parece não estar seguro de que o compositor Pelé seja tão bom quanto o jogador. Êle não gosta de perder em nada e, ainda que sofra com a popularidade, talvez viesse a sofrer mais se a visse reduzida por causa das músicas. A confirmação disso veio um ou dois dias depois, quando, no carro de seu irmão Zoca, ouvíamos música de rádio.

— Dá para tocar — comentou Pelé — mas não conheço bastante o violão. Tenho prejudicado algumas letras por não poder harmonizar corretamente minhas melodias.

— Estude violão e composição, ora.

— Cadê tempo? Deixa prá lá.

Ouvíamos música de bossa-nova.

— Essa garotada é muito boa. Gosto do que fazem, mas acho que sou mais bossa-velha. Quem já conseguiu ser melhor que o Ataulfo?

Quando passamos diante do mar, depois de um longo silêncio, Pelé parou o carro e ficou olhando a paisagem. Logo estávamos rodeados de gente. Êle falou com alguns curiosos, apertou a mão de outros, pediu desculpas e deu partida no carro.

— O duro é que para me sentir livre preciso estar só. E é muito bom estar com gente, não?

Sempre que pode, êle sai de Santos para caçar ou pescar. Essas coisas servem de pretexto, evidentemente, para Edson libertar-se dos problemas de Pelé.

— É fuga isso, não? Só saio nessas ocasiões com gente muito íntima ou que não dá maior importância ao meu nome. Há um pescador japonês que pouco fala e só descobriu quem sou depois de muitas pescarias. E nem ligou... grande praça.

Êle faz segrêdo dos lugares para onde vão. Dormem em palhoças, no chão.

— Procuro acordar antes de todos para ver o Sol nascer sôbre o mar. Ouço o canto dos pássaros misturado com o bater das ondas... sinto o cheiro das coisas verdes... da terra. A luz surgindo no céu... a friagem da manhã... Sabe, tudo isso me dá muita alegria e uma espécie de saudade, sem tristeza, também. Às vêzes pego o violão... toco e canto modas sertanejas. Então não penso em nada. Será que não penso mesmo?

Pensa sim. Mas é impossível contar aos outros êsses pensamentos de comunhão com a natureza, fora e dentro da gente.

Pelé nunca dormiu direito. Sonha demais. Raramente são pesadelos. Como se a vida continuasse sem pausa, repouso e trégua, noite e dia. O inconsciente de um homem genial é igual ao de todos nós, apenas com tensões mais violentas entre as fontes de vida e de morte, e com bem menores repressões derivadas da impossibilidade de descarregar tôda a agressividade, de amor e de ódio, na vida social.

Pelé é amado universalmente. Porém, quanto mais universal é o amor, será sempre menor do que se necessita pessoalmente.

É amado por seus familiares. É amado por seus amigos. É amado por sua mulher. É amado pelo povo. É amado. Mas como lhe chega êsse amor? Como pode devolvê-lo? Deve ser difícil amar Pelé, sobretudo porque a genialidade alimenta-se do homem para construir o ídolo. E como se ama um ídolo? Todos admiramos suas qualidades humanas, mas para serem assim tão perfeitas não o estariam desumanizando?

Pelé é um homem muito rico, muito famoso, muito importante. Dinheiro, fama, valor foram sempre os grandes obstáculos para amar e ser amado. Inúmeras mulheres amaram Pelé e tentaram realizar êsse amor. Por êle mesmo, por seu dinheiro, por sua fama, por seu gênio. Mas, para chegarem até êle mesmo, teriam de atravessar as barreiras tentadoras, traiçoeiras, dos valôres que governam e infelicitam o mundo.

SEGUE

E quem daria carona, de noite, a três crioulos?

Pelé é um herói da raça negra sem se dar conta disso. O amor de todos os brasileiros e o respeito dos outros povos devem estar dissolvendo boa parte dos preconceitos raciais em quem o ama e respeita. Êle afirma nunca haver sentido discriminação alguma contra si. Hoje o seu nome o protege disso e, na infância, a humildade de sua vida não lhe permitia distinguir essas coisas. Mas diz que sempre percebeu a discriminação em relação aos outros negros e já partilhou dos sofrimentos e humilhações dêsses homens. Prefere não lembrá-los. E, quando isso é impossível, procura o caminho do humor para atenuar o que sente.

Como naquele dia em que o Santos foi jogar em Araraquara. Num mesmo carro, viajavam Pelé, Lima e Coutinho. Têm os três exatamente a mesma côr, nem mais nem menos. Era noite. O motor do carro teve uma pane e nenhum dos três conseguiu fazê-lo funcionar de nôvo. Ficaram horas na estrada, à espera de uma carona. Mas, embora o trânsito fôsse intenso, não conseguiram nada. Quando apareceram no hotel de madrugada encontraram tôda a delegação em pânico.

— Por que não pediram carona?

Pelé sorriu:

— Quem ia dar carona pra três crioulos numa estrada, altas horas da noite?

— Então, como é que conseguiram chegar?

— Um chofer acabou me reconhecendo... pra alguma coisa serve o Pelé...

Pelé teve poucas namoradas — entre elas uma japonêsa — mas nenhuma de côr. Casou-se com uma branca. Amam-se muito. Rose trouxe para Pelé aquilo que êle estava precisando: um amor pessoal que encarnasse e sintetizasse o de seu povo. Por outro lado, sempre que um ídolo declara amor a uma pessoa, todos os seus admiradores sentem-se um pouco roubados. Tudo se passa, é claro, no plano subconsciente. E como a admiração por Pelé não é do tipo histérico — como acontece com outros ídolos populares — logo o descontentamento se faz consciente e é racionalizado, sem danos maiores tanto para o ídolo quanto para os seus fãs. De qualquer forma, alguma coisa é perdida. Porém, enquanto o ídolo perde, ganha o homem.

Pelé respeita a imprensa. É grato pelo carinho com que é tratado pessoal e profissionalmente pelos jornalistas. Tem muitos amigos entre êles. Mas, às vêzes, as coisas ficam difíceis. Pelé quer preservar apenas para si sua vida familiar. Aí estabeleceu um limite para a imprensa. Seus amigos contam que apenas uma vez êsse limite foi desrespeitado e êle reagiu como reage no campo ao ser atingido deslealmente. Foi na véspera de seu casamento. Burlando tôda a vigilância e não respeitando o pedido de Pelé, um repórter invadiu seu apartamento e fotografou a cama do futuro casal. Mesmo os mais íntimos jamais haviam visto Pelé tão transtornado. O repórter foi salvo por um amigo de Pelé que conseguiu acalmá-lo depois de garantir que a foto não seria publicada. E não foi mesmo.

É com profunda preocupação que vê o instante do nascimento de seu filho lembrando-se do que aconteceu no casamento.

— Como lhes seria grato se me deixassem viver em paz o encontro com meu filho!

Por causa de um juiz exibicionista, embora talentoso, o Brasil quase perdeu Pelé. O jôgo era difícil e a responsabilidade enorme. A tática do adversário era desesperada. Precisava vencer o Santos de qualquer jeito, mesmo que fôsse necessário inutilizar Pelé. Maus profissionais atendiam a essa recomendação, caçando-o pelo campo, com violências de tôda ordem, do tranco por trás ao pior palavrão. E cada vez que Pelé caía, contorcendo-se de dor, o juiz apitava falta contra o Santos. Quando reclamavam, o juiz afirmava que Pelé estava fingindo.

Ferido já, irritado, magoado, impossibilitado de jogar, o desespêro tomou conta dêle. Foi a única vez que Pelé jogou chorando, de dor e humilhação. O Santos perdia e êle não podia fazer nada. As faltas se sucediam. A torcida, no mais absoluto silêncio, embora fôsse tôda contra o Santos. De repente Pelé arranca num pique sensacional, mas é calçado violentamente por trás. A própria torcida é a primeira a protestar, vaiando os jogadores do seu time. O juiz apita a falta... contra o Santos e adverte Pelé. Nem a vaia do público contra o juiz, nem a revolta dos companheiros o consolam. E êle é retirado do campo sèriamente contundido — não pôde mais voltar a jogar. Não consegue falar com ninguém. Chega em casa horas depois, completamente transtornado. À inquietação de todos, responde de sêcamente.

— Chega, acabou! Não jogarei mais!

E jogou a sacola com as chuteiras num canto. Ninguém pôde dizer nada. Pelé estava irreconhecível.

No dia seguinte, quando ia tomar as providências para efetivar sua decisão, os amigos lhe explicaram o que na véspera não pudera compreender: aquêle juiz o usava para projetar-se, tentando fazer crer a todos que era superior a Pelé.

Com o episódio aprendia uma das leis do sucesso, que até então desconhecia.

Hoje tem profunda compreensão pela ingrata profissão dos juízes. Respeita o torcedor, mas, assistindo a partidas internacionais na posição dêles, descobriu que é mais fácil torcer do que jogar ou apitar.

— No fogo, sem perspectiva geral, ninguém é bidu. Isso o torcedor precisa compreender. Eu também jogo melhor e entendo mais de futebol... nas gerais.

Quando se vê no lugar do torcedor, estranha jogadores que preferem jogar apenas por si mesmos, sem estudar o adversário.

— É um suicídio repetir jogadas que provaram não dar certo. A gente vence às vêzes mais pelas falhas alheias que por qualidades pessoais.

Jogadores de outros clubes, jogando contra o Santos, sempre ouvem **conselhos** de Pelé:

— Não complica, negrão... bobagem querer me driblar, passa logo...

Ou então:

— Não sai para a esquerda... você só chuta de direita!

Ou ainda:

— Mais uma entrada dura dessas e você acaba fazendo pênalti. Depois cai tudo nas suas costas. Vá, joga limpo, seu!

Pelé acha ótimo falar jogando.

— O grito é jôgo também. No Santos, eu e o Zito somos os que mais jogam no grito. Ajuda um bocado, sabe? Tem jogador que só funciona no berro. O cara está meio mole, você o ofende e de carneiro vira lôbo, ninguém mais segura. Xingamento em campo é igual cabeçada, drible, chute ou armação, pique ou gol.

Goleiro para Pelé, precisa falar o tempo todo. É o único que assiste ao jôgo e pode orientar o time, com perspectiva geral. Um goleiro inteligente e falador pode ser o técnico dentro do campo.

Acredita sinceramente em liderança no futebol. Quadro sem líder, para êle, só ganha por sorte.

— Ninguém quer jogar mal, todo mundo precisa ganhar e há gente boa em qualquer time. Vence quem tiver mais liderança em seu próprio quadro.

Pelé é um líder natural. Sua presença em campo já é meia vitória. Um comentarista comparou-o ao coringa num jôgo de cartas. Quando saiu de campo contundido na partida contra a Portuguêsa, um locutor esportivo falou:

— O Santos, agora jogará com nove elementos...

O comentarista retificou no outro microfone:

— Dez elementos, você quis dizer...

— Não, nove mesmo! Saiu Pelé...

Mas Pelé acha que quem vale por dois é Zito:

— Com êle, jogamos com doze... o décimo segundo são as ofensas que êle faz o tempo todo contra a gente, com os maiores palavrões. Fora do campo é incapaz dessas coisas.

Numa enquete feita no Santos, entre jogadores — de mirins a profissionais — diretores, funcionários e torcedores, só duas pessoas disseram que não era Pelé o melhor jogador de todos os tempos e de todo o mundo. Um foi Didi, o garôto de 14 anos que acha Pelé mágico e não jogador. O outro, respondeu assim:

— Acho que foi Zizinho. Chutava com os dois pés, armava com perfeição, assistia ao jôgo jogando, ao mesmo tempo estudava e atuava, inteligência e músculos, fôlego e intuição, serenidade e garra ... um gênio!

O nome dêsse único discordante é Edson Arantes do Nascimento. O massagista que trabalhava sôbre os músculos das pernas de Pelé, Macedo, comentou baixo, só para mim:

— Onde se ouve Zizinho, ouça-se Pelé...

SEMPRE PESQUISANDO... SEMPRE MELHORANDO

CHEGOU

NOVA DUPLA DA FÔRÇA

LUBRIFICAÇÃO MÁXIMA PARA MOTORES

NÔVO BARDAHL B|1

para o óleo do carter. Protege os motores jovens. Reduz o atrito e o desgaste (comprovado e atestado pelo Laboratório York, nos EUA). Usa-se com óleo lubrificante de qualquer tipo, em veículos de qualquer marca ou ano, na proporção especificada na lata. BARDAHL B/1 é a sua garantia de um motor sempre jovem.

QUALITY CONTROLLED YORK RESEARCH CORPORATION

Laboratório que testa o equipamento dos projetos espaciais.

NÔVO BARDAHL B|2

para o óleo do carter. Revigora motores cansados. Reduz a excessiva queima de óleo (comprovado até 100%pelo Laboratório York). Estabiliza a viscosidade do lubrificante, torna o motor mais silencioso. Restaura a compressão e a potência. BARDAHL B/2 é a sua garantia de motor rejuvenescido.

...e o Detetive Bardahl já começou a descansar.

"Agora vamos dar o fora mesmo!"

TUDO ANDA BEM COM BARDAHL

CRAME

Não entendo. Para que luz a essa hora?

Quando Pelé foi convocado para a Copa de 1958, possuía uns magros dinheirinhos num banco, e um apartamento que ainda estava pagando. Não havia ninguém em Santos que pudesse ficar tomando conta de seus pagamentos de prestações e impostos. Zito era amigo de um espanhol, dono de uma loja na cidade, que cuidava de seus negócios quando precisava viajar. Pelé confiava em Zito e Zito confiava no espanhol, o senhor José Gonzales Ozores. Pelé então confiou suas coisas ao senhor Ozores e partiu sossegado para conquistar o título de campeão do mundo, na Suécia.

Quando voltou, estava tudo em ordem. Queria pagar os serviços do bom espanhol, mas Zito o advertiu:

— Não faça isso ele vai se ofender. Compre-lhe um presente.

Antes de fazer a entrega do presente, Pelé pediu-lhe outro favor. Não entendia muito de negócios e havia ganho um bom dinheiro, além de viver recebendo mil propostas. E precisava dedicar todo o seu tempo ao futebol. Queria que o senhor Ozores cuidasse de todos os seus negócios e fôsse seu representante junto a emissários de clubes. Enfim, propunha-lhe a função de procurador de Pelé, o ídolo que surgia naquela época. Então entregou-lhe o presente, um relógio. A proposta foi aceita, mas Ozores tinha uma condição:

— Tu não me pagarás nada, absolutamente nada pelo serviço. É êsse o presente que tu me darás.

Pelé insistiu em pagar, mas não houve jeito. E foi assim que tudo que dissesse respeito a Pelé teria de ser discutido antes com o sr. José Gonzales Ozores. Que começou também a aplicar o dinheiro ganho pelo jovem de 18 anos. Não assinaram, porém, nenhum documento.

Chega a Santos um dirigente do Real Madri. Procura Pelé, quer comprar seu passe. A resposta é aquela que iria se repetir sempre:

— Por favor, procure o senhor Pepe. Trate do assunto com êle.

O apelido de Ozores é Pepe. Pelé passou a chamá-lo assim, mas de **senhor** Pepe. Como no Santos há outro Pepe, o famoso ponta-esquerda, a confusão era freqüente. Quando estavam juntos não havia dúvida: um Pepe é magro — o jogador, e o outro é gordo.

A proposta era sensacional: um milhão de dólares para Pelé e outro milhão para o Santos. Pepe Gordo conversou com Pelé e voltou com a resposta:

— Êle não deixará o Brasil por dinheiro nenhum.

Tratava-se de uma fortuna jamais paga para qualquer jogador.

Mas Pepe Gordo foi categórico e profético ao aconselhar Pelé:

— Tu vais provar que santo de casa também faz milagre. Em poucos anos, com o juízo que tens, ganharás aqui mesmo muito mais do que isso, e teu passe ainda valerá dois milhões de dólares.

Outras propostas vieram. O Internazionale de Milão insiste até hoje na compra de Pelé. E paga os dois milhões de dólares. Mas não o leva.

Aplicando inteligentemente o dinheiro ganho por Pelé e sabendo cobrar com extrema habilidade o uso de seu nome para a publicidade, Pepe Gordo cumpriu sua promessa. Só muito recentemente assinaram um documento em que Pelé o faz seu procurador. Mas não lhe dá plenos poderes. Pepe Gordo não quis:

— Pelé vive hoje junto de seus pais e irmãos, casou-se e já é um homem maduro inclusive para cuidar de grande parte de seus negócios.

Com o tempo, surgiu uma belíssima amizade entre os dois. Um dia Pelé mudou-se para a casa de Pepe Gordo. Ali viveu muito tempo, dormindo no mesmo quarto do filho mais velho de Pepe. Só saiu de lá para o casamento.

Sem que isso possa diminuir absolutamente nada do valor de Pelé, não é possível deixar de reconhecer a importância de Pepe Gordo no que êle significa como homem e ídolo. A formação que recebeu em sua casa prosseguiu na de Pepe, sem solução de continuidade e dentro dos mesmos padrões de humildade digna, que parece ser a característica fundamental do caráter de Pelé. Longe da família, que permanecera em Bauru, Pelé teve pai, mãe, irmão e um amigo muito especial na casa em que vivia em Santos.

Um amigo de Pepe Gordo o julga médium. Êle não discute, mas prefere achar que nasceu com boa intuição para cuidar e proteger as coisas que ama. Mário Filho conta num livro esta frase de Pepe Gordo a respeito de Pelé:

— Para mim é Deus no céu e Pelé na terra. E ponto final.

Talvez por isso sua intuição a respeito das coisas que envolvem Pelé parece fora do comum. Notei, aliás, que os dois parecem se comunicar telepàticamente com muita freqüência e com grande facilidade. Assisti a êste episódio no escritório de Pepe, justamente quando lhe perguntava coisas de sua vida antes de Pelé. Na mesa há dois telefones de números diferentes. Pepe interrompeu sùbitamente a conversa, dizendo:

— Desculpe, mas preciso telefonar ao Pelé. Estou com a impressão de que lhe devo dar um aviso importante, mas não me lembro o que é...

Discou. Quando fêz rodar o último número, o outro telefone tocou. Pepe atendeu. Era Pelé. Começou a rir quando ouviu o outro dizer que estava pensando nêle lá na concentração porque necessitava de um conselho — era exatamente o que Pepe precisava lhe dizer.

Quando Pelé foi jogar no Peru, Pepe cuidava de seus papéis para o casamento. Faltou uma assinatura importante e a solução foi tomar um avião para Lima. Chegando ao hotel, quis fazer surprêsa e foi entrando no quarto, sem bater. Pelé olhou-o tranqüilamente:

— Olá, Pepe.

Pelo seu temperamento, Pelé deveria assustar-se com a chegada repentina do amigo, deveria perguntar se havia acontecido alguma coisa grave com a sua família. O **olá** de Pelé o impressionou.

— Tu não te espantas de eu baixar aqui sem mais nem menos?

— Não. Eu sabia que tu virias hoje...

— Como sabias? Alguém te avisou?

— Não, ninguém. Estava precisando conversar com você. Eu queria que tu viesses. Tudo bem?

Cuidar da vida e dos negócios de um homem como Pelé exigiu de Pepe um conhecimento profundo do amigo. Sem a telepatia do amor, da confiança e do respeito, isso seria impossível. Graças a ela, Pelé viveu e vive protegido das coisas que poderiam reduzir seu rendimento atlético e prejudicar sua popularidade. Por outro lado, Pepe ficou com o lado pesado, ingrato, da fama de Pelé. Só Pepe diz que não, agüenta os impertinentes, os desonestos, atraindo para si a inveja e o despeito que possam existir contra Pelé.

— Já me acusaram de tudo, até de ganhar dinheiro às custas de Pelé, de receber comissões pelos negócios que faço em seu nome. É natural que pensem isso, porque tenho recebido inúmeras propostas dêsse gênero, inclusive dos que me acusaram pùblicamente, por tê-las recusado. As pessoas projetam nas que invejam suas próprias fraquezas e indignidades. Elas não podem compreender uma coisa muito importante e simples para mim: há algum dinheiro no mundo que valha a amizade que o Pelé tem por mim? Existe coisa melhor do que ajudá-lo a ser feliz, confiante, tranqüilo?

São sócios apenas em um negócio, que Pepe administra e onde Pelé faz relações públicas. Trabalham com outros sócios ganhando todos igualmente. Pelé tem muitos projetos para o futuro, quando resolver abandonar o futebol. Mas não quer decidir nada agora. Para ser o que é no esporte precisa apenas pensar nisso. Uma coisa, entretanto, é certa: Pelé não é apenas atleta. De uns tempos para cá, vem dedicando um pouco mais de tempo à administração de seus bens. E quem negocia com êle já percebeu a habilidade, intuição e seriedade iguais às que revelou no futebol.

Ozores é professor secundário formado na Espanha. Homem culto e honesto vê a vida e as pessoas com otimismo e ternura. Seu carinho viril por Pelé exemplifica bem um lado de sua personalidade. E a agressividade para com tudo o que possa magoar ou prejudicar Pelé representa o outro lado.

— Quem dá alegria ao crioulo é o meu melhor amigo. Se Pelé precisar um dia agredir alguém, eu gostaria de fazê-lo por êle. Entende?

David Zingg começa a fazer as fotografias. No carro de Pelé, visitamos as praias desertas e o morro de Santa Teresinha, onde não há quase ninguém durante o dia todo. Está terminando a reportagem, depois de 15 dias de convivência diária com Pelé, seus companheiros e amigos. Já consigo acostumar-me à sua presença, perturbadora apesar de tôda a simplicidade de nossas conversas e de suas atitudes.

Atende pacientemente e de bom humor ao trabalho fotográfico. Aproveita as pausas para tratar de um último assunto. Êle estava falando de seu barco de pesca e do mar. Eu carregava uma revista italiana que tinha uma reportagem contra Pelé — a única que li até hoje. O repórter desconhece-o completamente. Diz mentiras cruéis e comete enganos absurdos sôbre coisas do Brasil e do nosso futebol. Busca sensacionalismo com o título **Adeus, Anjo Negro,** e dá sua sentença injusta no subtítulo **Acabou o Reinado de Pelé.** Tratava-se, pois, de um bom pretexto para falar do futuro. Pelé não se lembrava de haver concedido entrevista a nenhum jornalista italiano durante a última Copa. Traduzi as passagens mais importantes. Pelé sorria sem dizer nada. Em seguida mudou de assunto. Insisti. Comentou sêcamente:

— No campo é igual: às vêzes me atingem deslealmente para me impedir de jogar. Acham que assim conseguem ser melhores do que eu, ou projetam-se às minhas custas. Paciência. Já aprendi a esquivar-me e o segrêdo é não revidar, enquanto fôr possível e necessário.

Quando menciono que o artigo comenta o interêsse do Internazionale de Milão por seu passe, Pelé nega serem corretas as razões apresentadas para a sua recusa. Quando fala acho que mistura o repórter italiano com o clube milanês:

— Êles quiseram comprar meu passe, mas não conseguiram. A razão é uma só: não jogarei em clube estrangeiro nunca. Se querem me agredir por causa disso, a resposta está no jôgo contra o próprio Internazionale, em Nova Iorque. Foi um passeio e ganhamos de 4 a 0. Ofereço o gol que fiz naquele jôgo a êsse repórter. Até que, para fim de reinado, não joguei tão mal, você não acha? Depois, não sou anjo algum e nunca tive um reino, muito pelo contrário. Tentam destruir o que êles mesmos criaram. Meu problema é outro — o prazer de jogar futebol acabará antes de minha forma física. Então, deixarei o futebol, mas nunca de ser Pelé.

Não havia orgulho algum em seu olhar. Completou o pensamento:

— E ser Pelé, para mim, é o que sentimos juntos, os torcedores e eu, apenas quando jogo bem.

Entramos no campo do Santos. Era estranho ver Pelé andando pelo gramado com roupas e sapatos comuns. Os refletores estava acesos, mas era dia ainda.

— Não entendo para que a luz a essa hora? — pergunta Pelé ao fotógrafo.

— Se eu conseguir um equilíbrio perfeito entre a luz do dia e a dos refletores faremos uma foto muito significativa.

Pelé olha para mim sério e depois sorri. É um olhar-pergunta. Respondo-o:

— Nem dia, nem noite, luz natural e artificial, Pelé com a bola no campo e sem chuteiras... você compreende?

O fotógrafo pede para que êle sente sôbre a bola. Pelé obedece. Olha firme para a lente da máquina, muito sério. A foto é batida. Então, me responde:

— Compreendo.

Olho tudo ao nosso redor: a bola, Pelé, o estádio vazio, os refletores, o céu. Mas sua pessoa parece dominar tudo. Sòzinho e único, consciente, mas livre disso.

Terminam as fotos. Pelé começa a bater bola. Depois chuta-a para mim. Não ousei devolvê-la. Faço-o agora, em seis mil palavras, das quais mil foram uma só: Pelé. FIM

— Preciso dizer ao Eduardo que já escolhi a nossa nova Geladeira: vai ser esta G-E.

...e lembre-se: geladeira começa com G. E.

Mais de três milhões e duzentos mil estrangeiros escolheram o Brasil, neste século, como sua segunda pátria. Dêles entretanto apenas 3,5 por cento resolveram se naturalizar. Para todos, a grande pergunta é

VALE A PENA SER BRASILEIRO?

Texto de
José Hamilton Ribeiro
Fotos de
Lew Parrella

No princípio eram os índios. Depois vieram os portuguêses e a nação brasileira começou a se esboçar. O quadro enriqueceu-se com a chegada dos africanos e ganhou a tonalidade definitiva quando, vindos de tôdas as partes do mundo, milhões de imigrantes fixaram-se no nôvo país. Todos, num dado momento, tornaram-se brasileiros, com a lei — na **grande naturalização** da Constituição Republicana de 1891 — ou sem ela, pela integração pura e simples. Com o tempo, entretanto, novas leis começaram a diferenciar os brasileiros nascidos no país e os que resolviam se naturalizar. Finalmente, a constituição de 1946, influenciada pelas ditaduras racistas da Europa e pelo surto de imigração provocado pela guerra, criou para o imigrante que se dispusesse a requerer a cidadania brasileira embaraços e discriminações. Com tudo isso, dos 3.247.893 imigrantes que chegaram ao país de 1900 a 1960, apenas 111.576 se naturalizaram. Isto é, pouco mais de 3% do total.

Ao se naturalizar brasileiro — através de um processo maçante, caro e que demora um ano na melhor das hipóteses — o imigrante torna-se, entre nós, um cidadão de segunda classe. Pesam, sôbre êle, quase meia centena de impedimentos, desde ser professor primário até casar-se com funcionário do Itamarati, desde ser aeromoça até vender bilhetes de loteria. Diferentemente da legislação de outros países, onde a naturalização é automática ou pelo menos incentivada e facilitada, no Brasil ela é dificultada e dispendiosa.

Passados os cinco anos regulamentares de sua chegada ao país, o imigrante enfrenta o problema: continuar estrangeiro ou naturalizar-se. Giovanni Mariani, engenheiro, está no Brasil há 18 anos, é casado, tem dois filhos e não pretende voltar à Itália. Mas não se naturaliza.

— Como estrangeiro, munido de carteira modêlo 19, toco normalmente a minha vida. Continuo sendo cidadão de primeira classe de um grande país, com o qual não tenho hoje ligação alguma, mas que também não me aborrece. Em qualquer emergência, tenho o Consulado à disposição, para falar em meu favor. O Brasil não criou, em nenhum momento, qualquer incentivo, mesmo psicológico, nem manifestou o menor interêsse em que eu me naturalize. Não peço a cidadania brasileira porque sei que, com ela, vou me tornar um homem com direitos limitados, um semicassado, um meio cidadão. Então nem duvido: continuo italiano.

A maioria dos italianos e portuguêses — que são as duas maiores correntes de imigração no Brasil — não se naturaliza "porque não é necessário, e também porque a naturalização não traz vantagem nenhuma". Um motorista de táxi, espanhol, disse que a naturalização traz "uma desvantagem e um aborrecimento, e só". A desvantagem é perder a proteção do Consulado; o aborrecimento, ter de votar.

Diante da situação, com o número de imigrantes que vivem no Brasil sem se naturalizar, nosso país tem o maior número de estrangeiros do mundo — mais de três milhões.

E isso é bom para o Brasil?

— Não é — responde o professor Canuto Mendes de Almeida, ex-representante do Brasil na ONU e antigo procurador-geral da República — porque há manifesto incoveniente político para o país, ao abrigar número tão grande de estrangeiros que não se naturalizam. Isso pode, até mesmo, ser índice da germinação de propósitos de instalação de minorias não integradas e predispostas à disputa eventual de pretensos direitos capazes de comprometer a unidade nacional. A situação tem de mudar, e para isso os caminhos são claros: não só atribuir aos brasileiros naturalizados direitos iguais ao do brasileiro nato (com as exceções já consagradas internacionalmente) como criar incentivos à naturalização em massa. Impondo, ao mesmo tempo, restrições e sanções aos estrangeiros que, vivendo aqui plenamente, se negam sistemàticamente a optar pela cidadania brasileira.

O ex-deputado Castilho Cabral, autor da emenda constitucional que extinguiria a maior parte das restrições ao brasileiro naturalizado, disse:

SEGUE

Perante a lei, são brasileiros pela metade

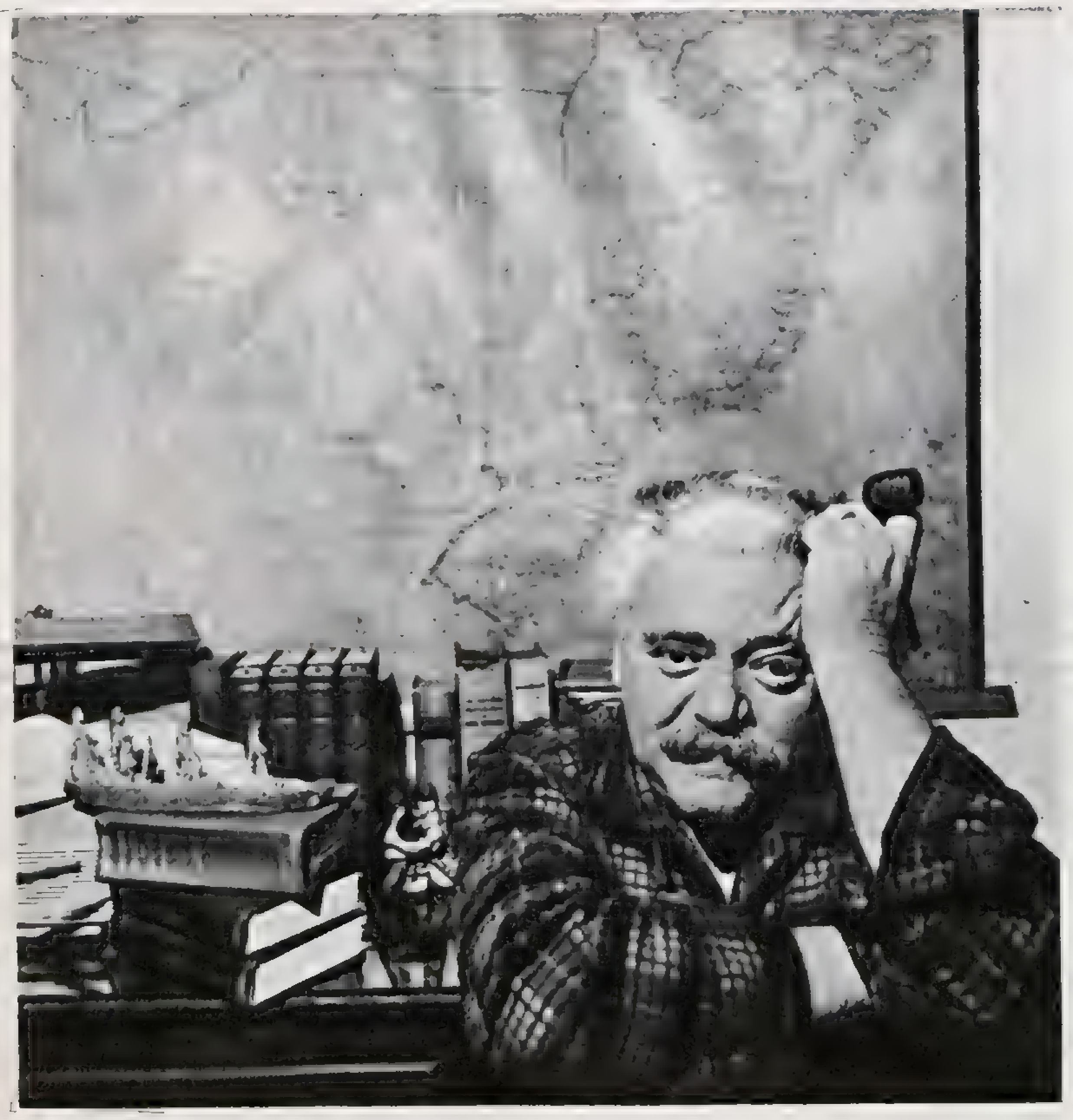
— Que naturalização é essa que faz perder a pátria de nascimento ou de sangue e não dá uma pátria nova àquêle que satisfaz todos os requisitos de nossa lei? Que naturalização é essa que apenas cria **meio-cidadão,** humilhando-o com uma desconfiança injusta que desnatura a própria razão do instituto? O naturalizado, no Brasil, com seu atestado de cidadão brasileiro, ganha apenas a ilusão de que é brasileiro. Teve razão Fernando Carneiro quando disse que a legislação sôbre naturalizados, entre nós, é a menos liberal de tôda a América.

Ser brasileiro por naturalização é uma expressão de vontade, um ato de coragem. Para se renegar a terra onde se nasceu e escolher uma outra por pátria, é preciso muito amor, muita decisão, muita crença no futuro da pátria nova.

No entanto, no Brasil, tamanha declaração de amor é considerada, ao contrário da maioria dos países, uma quase intromissão. O cidadão que nega a sua pátria para ser brasileiro passa a ser tratado pela lei como uma pessoa permanentemente sob suspeita.

O professor Sílvio Rodrigues, da Universidade de São Paulo, em parecer encaminhado ao presidente da República, tendo em vista a elaboração de nova Constituição, afirma: "Uma das tônicas dos países absorvedores de imigrantes tem sido a propaganda da naturalização. Porque ela acelera a incorporação do imigrante em sua nova pátria, cortando os elos com o país de origem. A naturalização envolve incômodos e despesas, e dela são afastados os levianos e os hesitantes, os indolentes e os tímidos. Há o propósito deliberado de adquirir a nova nacionalidade, daí porque até se diz que o naturalizado é mais cioso de seu país de adoção do que o nacional, de seu país natal, porque enquanto a nacionalidade daquele resultou de uma escolha, a dêste derivou do acaso."

Os vários países de imigração no mundo reservam um tratamento especial aos estrangeiros que se decidem pela cidadania do país que os acolhe. Em nenhum dêles há tantas restrições como no Brasil. Na União Soviética, por exemplo, nem existe o título de cidadão naturalizado. Qualquer pessoa que escolha a cidadania soviética requer ao **Praesidium** do Soviete Supremo essa condição. Sendo aceito, passa a ser **cidadão soviético** sem nenhuma restrição. Pode até vir a ser membro do próprio Soviete Supremo. Nos Estados Unidos — onde a naturalização é bastante facilitada e seu processamento começa logo na chegada do imigrante ao país — o naturalizado só não pode ser presidente da República. SEGUE



Êle vive para os nossos índios

Salomão Nutels, russo, vermelhão, estava de volta para a Ucrânia porque não se dera bem na Argentina. O navio parou em Recife e, nesse mesmo dia, estourava a primeira Grande Guerra. O russo vermelhão, com mêdo de ser tomado por espião, fugiu para o interior de Alagoas. Na cidadezinha de Laje de Canhoto começou a trabalhar, até que a tempestade passasse. E nunca mais saiu de lá. Assim que pôde, mandou buscar a mulher e o filho de nove anos, que ainda nem conhecia.

O menino de nove anos é hoje o dr. Noel Nutels, de um rim só, com oito maleitas nas costas, porque pôs na cabeça que tem de evitar que os índios brasileiros morram de tuberculose e outras doenças infecciosas. É o fundador e diretor do Setor de Unidades Aéreas Sanitárias do SPI.

— Eu só vim a saber que não era brasileiro por inteiro — diz Nutels — quando fui tomar posse no Serviço de Proteção aos Índios. E fiquei assustado: meu pai era senhor de engenho e minha mãe morreu de esquistossomose; quer mais brasilidade do que isso?

Noel estudou em Recife, mas já em 1937 estava no Rio. Tornou-se amigo de Manuel Bandeira, Carlos Drumond de Andrade, Graciliano Ramos e José Lins do Rêgo. E também do famoso Paulo da Portela, com quem fundou uma escola de samba. Mas tem uma mágoa:

— **Minha maior frustração como** brasileiro é não saber dançar o samba. Em compensação, quando estudante, integrei um conjunto criado por Capiba e dei aulas de frevo no Brasil inteiro.

Nutels começou a cuidar do problema dos índios quando, na Marcha para o Oeste, de Getúlio, foi combater a malária em Goiás.

— Acho que meu amor pelos índios — diz — é uma espécie de solidariedade natural entre os povos perseguidos. Como judeu, vi minha família sofrer muitas perseguições. Por isto não tolero a dizimação dos nossos índios.

Noel acha que está ficando velho. Contempla a herança que vai deixar para a mulher — carioca — e os dois filhos: um apartamento financiado, os livros e os quadros que os amigos lhe deram: Portinari, Pancetti, Clóvis Graciano, Di Cavalcanti. E Zorba, o gato, como êle diz que chama o seu cachorro de estimação. O vira-latas sobe no seu colo, êle o acaricia e lamenta:

— Isso é uma injustiça de Deus. Zorba deveria falar.

Êle sabe o que o freguês quer

Em 1948 a Boate Vogue era a melhor casa do gênero no Rio. O barão, von Stuckart, seu proprietário, resolveu então contratar o melhor **maitre** de cozinha de Paris. E foi buscar, no Maxim's, **monsieur** Robert Halfoun, um libanês baixinho que já havia trabalhado no Egito, na Índia, na Pérsia, na Grécia e em várias cidades da Europa. O môço veio. Agora, em 1966, o hotel Waldorf Astória, de Nova Iorque, mandou um emissário ao Rio para contratá-lo. E levou como resposta:

— Não, doutor. Do Brasil eu não saio mais.

Robert tem hoje o seu próprio restaurante no Rio, o **Chez Robert.** Conhece todos os freqüentadores, e mesmo que não conheça, recebe cada um com o melhor sorriso.

— As pessoas vêm aqui para comer bem e para se distrair. Eu não tenho o direito de perturbá-las com a cara feia. Deixo os problemas em casa, antes de vir para cá.

Robert acha que um **maitre** que se preza tem obrigação de saber o prato que cada hóspede deseja só em olhar o seu rosto. Então êle faz uma prova:

— Está vendo aquêle môço lá? Êle está com cara de quem quer galinha.

Vai, conversa com o freguês, e volta com a resposta:

— Pediu frango grelhado.

Robert diz que nestes seus quase 20 anos de Brasil chorou uma vez e viveu o dia mais triste da sua vida. A tristeza foi quando se incendiou a Boate Vogue, e êle assistiu sem poder fazer nada. E o chôro foi em 1960, quando a Câmara Municipal do Rio de Janeiro concedeu-lhe o título de cidadão carioca honorário.

Os três filhos de Robert são cariocas até demais. Ely, o do meio, é jornalista da **Última Hora** do Rio. O mais velho é contador e o caçula faz cinema.

O fato do **maitre** conhecer meio mundo cria situações curiosas. Um dia, no restaurante **Casa Grande,** tratou um tal sr. Malaquias com a maior intimidade. Conversaram muito e o Malaquias, afinal, não resistiu:

— Perdoa, senhor Robert, mas alguma coisa está errada. Eu cheguei hoje a esta cidade, nunca vim aqui antes, e não conheço ninguém. Como o senhor sabe o meu nome?

O maitre então lembrou-lhe que, lá por 1940, o sr. Malaquias freqüentava muito o restaurante do Hotel São Jorge, em Beirute. E êle é que o servia.

Êle dirige o mais brasileiro dos times

Pacaembu lotado. É dia de guerra. O coríntians vai jogar. Os jogadores já podiam ter entrado em campo mas acontece que o Coríntians, como boa religião, tem um ritual sagrado antes de cada jôgo. Os 11 atletas fazem uma roda em tôrno do técnico, que estica o braço esquerdo com a mão aberta, palma para cima. Os jogadores, um a um, vão colocando a sua mão esquerda sôbre a mão do técnico, que fecha, com a direita, palma para baixo, a pilha de 13 mãos. Cabeças baixas, silêncio, respeito. Com voz pausada e grave, o técnico faz uma prece e um juramento. Todos ouvem compungidos e só se movimentam quando o **oficiante,** ditas as últimas palavras, retira a sua mão direita da pilha e faz sinal de que a cerimônia acabou. Há um ar de vitória antes da batalha. O técnico do mais brasileiro dos times irá para o seu banco sofrer 90 minutos, como o corintiano número um.

Êle é Nélson Ernesto Filpo Nuñes, nascido em Buenos Aires, brasileiro por escolha. Está no Brasil há apenas 12 anos, mas já diz:

— Só saio desta terra com os pés para a frente, num caixão.

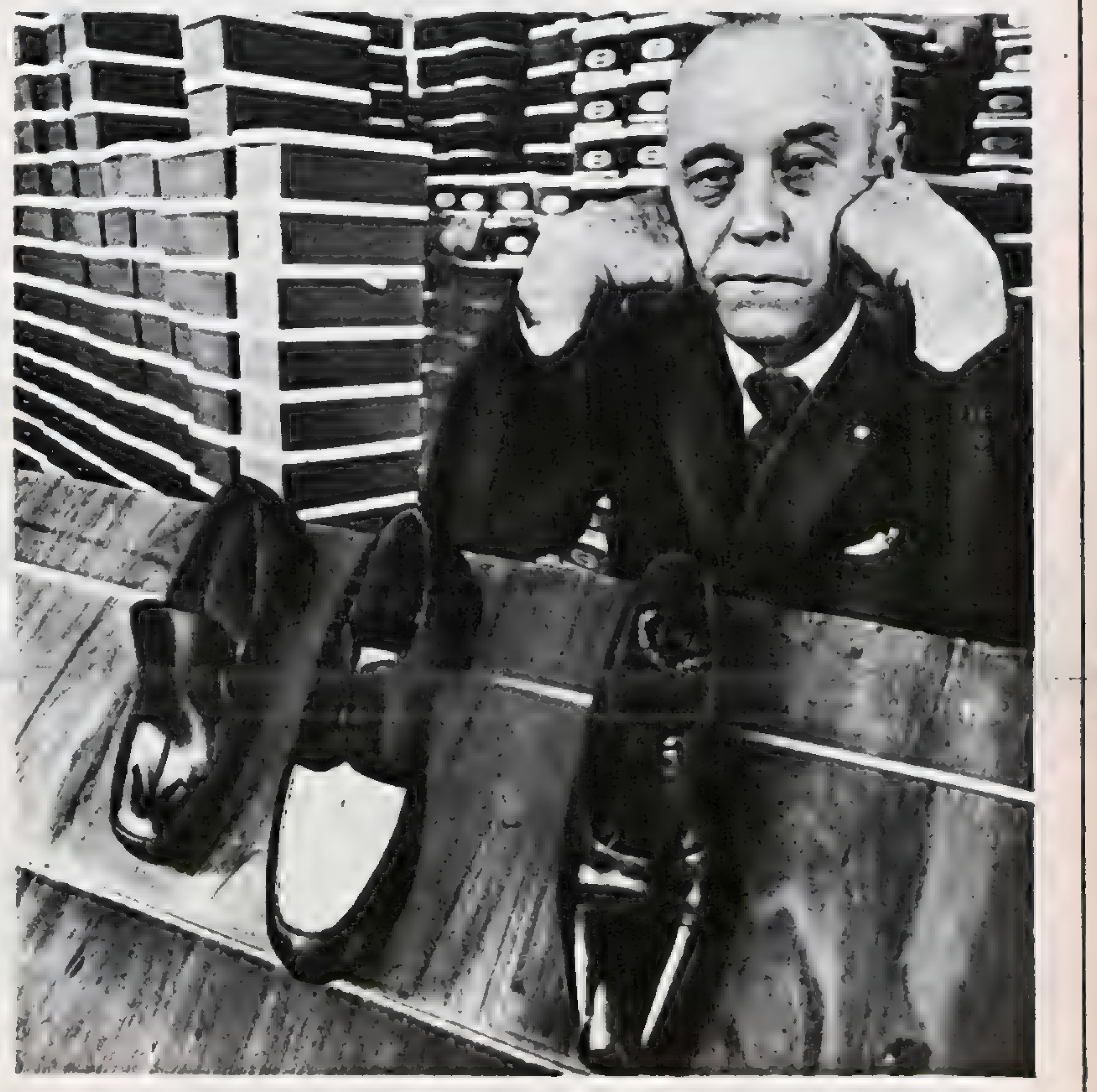
Filpo Nuñes começou na Argentina sua carreira de técnico. Trabalhou depois no Uruguai, Chile, Peru e Bolívia, até que, em 1954, foi dirigir um time de Belo Horizonte. E virou brasileiro. De Minas veio para São Paulo, com duas escapadas: uma para o Rio — trabalhou no Vasco da Gama — outra para Portugal onde fez um time desconhecido — o Leixões — ganhar a Taça da Europa.

Filpo Nuñes tem muito orgulho de seu papel no futebol brasileiro, e cita um galardão: na inauguração do estádio **Mineirão** de Belo Horizonte, a seleção brasileira, formada com seus jogadores (do Palmeiras) derrotou o Uruguai por três a zero, e venceu um torneio de que participaram as seleções do Paraguai e da União Soviética.

Hoje Filpo Nuñes tem três projetos: 1) fazer do Coríntians, êste ano, campeão paulista, coisa que não acontece desde 1954; 2) escrever um livro de memórias, com lições sôbre tática de futebol e um capítulo sôbre "o que fazer para derrotar o Santos"; e 3) abrir, no Coríntians, uma escola de futebol para formar jogadores.

Don Filpo afirma:

— O futebol brasileiro é, por dom de Deus, superior ao de qualquer outro país.



Êle calça milhares de brasileiros

Em 1920, Joaquim Melo da Cunha, português de Penafiel, desembarcou no Rio. Tinha 22 anos e foi ser balconista de uma loja de tecidos.

Em 1966, Joaquim Melo da Cunha, brasileiro naturalizado, preside a maior indústria de calçados da Guanabara, a DNB (Do Nosso Brasil). Tem, de contrapeso, 15 lojas e 700 empregados.

Às oito da manhã, já **seu** Joaquim está na firma, que dirige junto com um dos seus cinco filhos. E diz que um dos fatôres de seu êxito é ser não apenas carioca cem por cento, mas também bastante **caipira.** Depois de balconista de loja êle tornou-se vendedor viajante e com isso conheceu quase todo o interior do Brasil.

— Foi em 1933 — diz **seu** Joaquim — que deixei de ser mascate e passei a cuidar da fábrica de sapatos de um tio.

Reorganizou a emprêsa, ampliou-a e aumentou nela a sua influência, até que ficou o único dono. Trabalha doze horas por dia, e só sai da DNB quando há reunião da diretoria do Vasco da Gama, onde é vice-presidente. Os jogadores do Vasco têm em Joaquim Melo da Cunha um amigo e confidente, a quem procuram, mesmo na fábrica, para contar os seus problemas. E o industrial os atende pacientemente, como um pai:

— A gente tem que resolver, cá fora, os problemas dos meninos. Para que êles, dentro do campo, só tenham um pensamento: a vitória para o Vasco!

Não podem ser nem balseiros no Tocantins

Nem ocupar cargos — como o de presidente do Congresso, por exemplo — cujos titulares são substitutos eventuais do chefe da nação. O resto pode; La Guardia, considerado por muitos o maior prefeito de Nova Iorque, nasceu na Itália. Felix Frankfurter, juiz da Côrte Suprema, nasceu na Alemanha; Antony Calabreze, outro italiano, foi ministro da Educação de Kennedy; vários senadores e muitos deputados nasceram em outras nações.

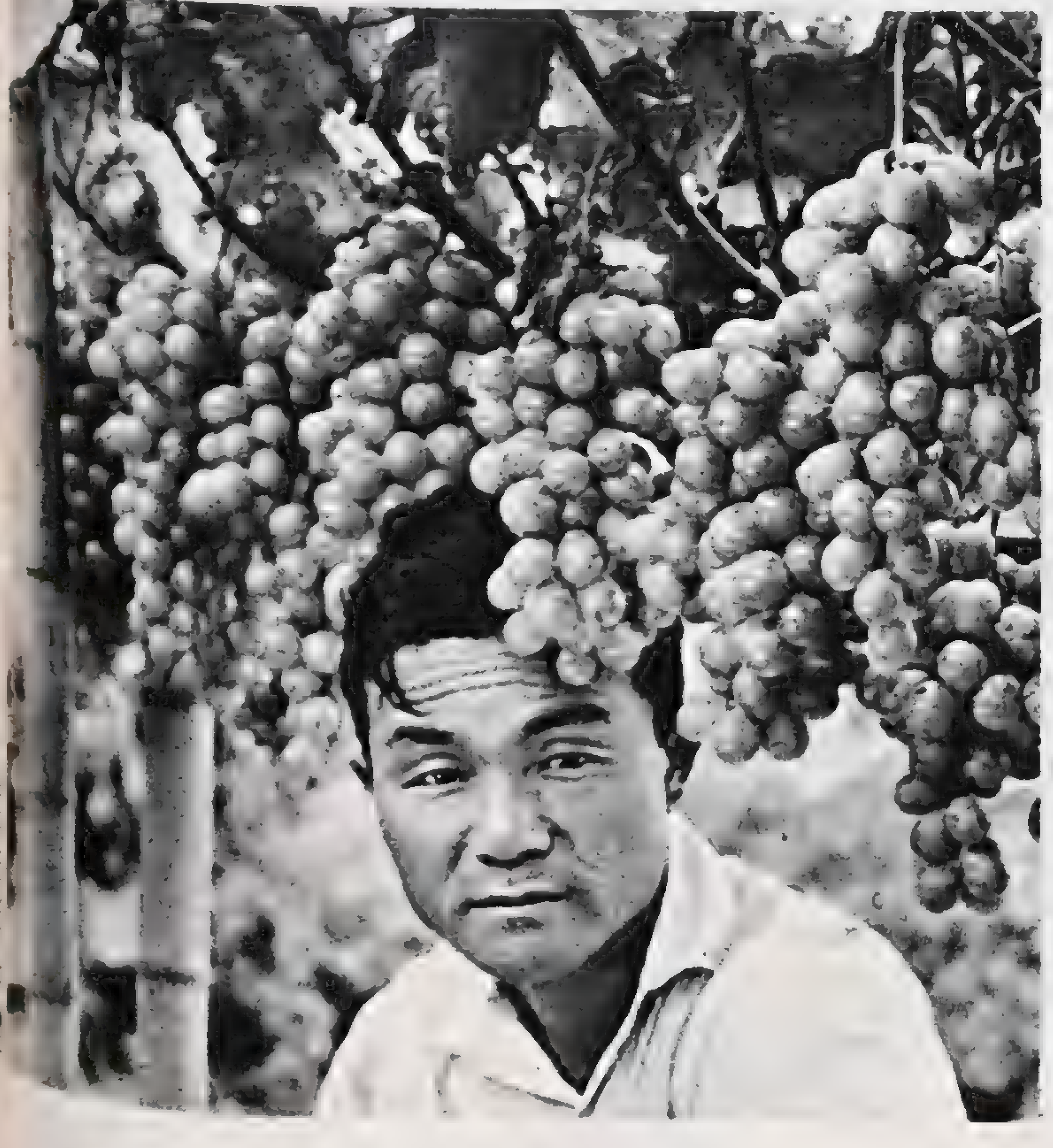
No Canadá, o naturalizado tem todos os direitos do cidadão nato. Na França e na Bélgica há uma escala de tempo: cinco anos após o decreto de naturalização, o nôvo cidadão pode votar; dez anos depois, pode votar e ser votado e, então assumir qualquer função pública. Na Argentina, o prazo para requerer a cidadania é de dois anos de residência no país; com cinco anos a naturalização é automática, com amplos direitos civis e políticos, menos êstes: ser presidente da República ou exercer cargos executivos nas Províncias, ser senador ou membro da Côrte Suprema. A lei Argentina tem um detalhe curioso: a naturalização envolve também o nome e o sobrenome, que têm de ser traduzidos para o castelhano.

No Brasil, segundo a Constituição, o naturalizado tem "todos os direitos do brasileiro nato". Menos 46 coisas, desde ser presidente da República — e esta parece ser uma restrição com a qual todos estão de acôrdo — até ser prático de balsa no rio Tocantins. Também não pode pregar a Bíblia — ou prestar qualquer tipo de assistência religiosa — em cadeias, hospitais, quartéis. Nem ser proprietário de navios, mesmo para navegar em rios ou lagos. Em meio às várias proibições, há uma que pode encerrar curiosa interpretação: a que diz não poder o brasileiro naturalizado "dirigir com autonomia emprêsas de indústria ou comércio numa faixa de 150 km da fronteira do país". Se se considerar a costa marítima como fronteira, quase todo o parque industrial de São Paulo — que está a menos de 50 km do oceano — estaria fora da lei, já que boa parte das emprêsas paulistas tem brasileiros naturalizados em sua direção.

O sr. Arnoldo Felmanas nasceu na Lituânia, mas é brasileiro naturalizado. Mais, é cidadão honorário de São Paulo, já foi condecorado pelo govêrno brasileiro e é, também, delegado regional da ONU entre nós. Há vários anos o sr. Felmanas dirige a Liga Pró Direitos dos Brasileiros Naturalizados, e nessa condição é que êle afirma:

— Nenhum país, dos que eu conheço a legislação, é tão extremado na restrição aos direitos dos nacionais por escolha como êste nosso adorado Brasil.

SEGUE



Êle exporta máquinas brasileiras

Quando Giácomo Franco chegou ao Brasil, em 1939, nosso país importava máquinas de costura. Êle então fundou uma firma importadora, para cuidar disso, e começou a comprar milhares de máquinas no exterior. Mas em 1945, após naturalizar-se brasileiro, mudou completamente seu esquema de trabalho:

— Por que razão deve êste país, tão cheio de possibilidades e de talento, buscar lá fora o que pode fazer aqui? Por nenhuma. Vamos fazer nós mesmos as nossas máquinas de costura.

Montou uma fábrica, e já em 1953 20 máquinas ficavam prontas. Hoje a **Vigorelli do Brasil** produz 500 máquinas de costura por dia e, faz cinco anos, vende para outros países boa parte de sua produção. O sr. Giácomo Franco, cidadão honorário de São Paulo, diz apenas:

— O Brasil é isso. Num instante passa de importador a exportador. E não só de máquinas de costura. De tudo aquilo em que se acreditar sinceramente, pois nesta terra abençoada tôda boa semente germina.

O sr. Giácomo tem muito orgulho da sua Vigorelli, onde trabalham duas mil e quinhentas pessoas. Mas tem um orgulho a mais, muito particular: o fato de seu filho, Haim Franco, chegado ao Brasil com um ano de idade, ser hoje oficial do Exército Brasileiro.

— Se o Brasil se envolvesse numa guerra — e que Deus nos livre disso — a minha família estaria toda na linha de frente. Haim é tenente do Exército e Fernando, meu genro, é oficial da Fôrça Pública de São Paulo. E eu, por certo, não os deixaria brigar sòzinhos...

Foi a guerra que fêz Giácomo Franco vir para o Brasil, fugindo do nazi-fascismo. Hoje êle coloca, acima mesmo dos bens materiais, a liberdade como impulso maior de trabalho e de luta. Sempre que pode, em pronunciamentos públicos, nos grandes programas de televisão que patrocina, êle conclama os outros brasileiros naturalizados a que nunca se omitam, tôda vez que a liberdade no Brasil esteja sob ameaça.

Êle promove nossas pedras preciosas

Nas festas de fim de ano, cem mil pessoas, em todo o mundo, recebem um cartão de Natal. É do Brasil e vem assinado: H. Stern.

Há 27 anos, o Brasil não conhecia êsse nome. Era de um rapaz de 17 anos, cuja família emigrara da Alemanha por causa da perseguição nazista. O pai de Hans, engenheiro eletricista, foi contratado pelo govêrno brasileiro para trabalhar no Piauí. Mas o menino ficou no Rio, trabalhando no escritório de uma firma de mineração de cristal de rocha e lapidação de pedras preciosas. Gostou da coisa. E acabou montando, em 1946, um escritòriozinho na rua Gonçalves Dias, para trabalhar com pedras brasileiras. Com um empregado só. Hoje, H. Stern tem um império de 700 joalheiros e 600 funcionários, guarda no cofre do escritório central, na Av. Rio Branco, jóias seguradas em três bilhões de cruzeiros e financia — com direito à primeira oferta — garimpeiros do Brasil inteiro.

Turistas de todo o mundo, chegando ao Rio ou a São Paulo, quase sempre já trazem o plano de levar para o seu país uma jóia brasileira. A imperatriz Farah Diba, quando estêve no Brasil, surpreendeu muita gente ao dizer que queria conhecer a casa H. Stern. Foi conhecer, e gastar.

Para seus amigos e funcionários, o **imperador** H. Stern é apenas o **Senhor Agá**. O homem que chega às 8 da manhã ao escritório, assina tudo, ouve todos e faz questão de atender pessoalmente os fregueses ilustres.

Quando às 8 da noite chega em casa é para brincar com os três filhos — Roberto, Ronaldo e Ricardo, o mais velho de apenas sete anos — e para dedicar as horas de folga aos seus três **hobbies:** um órgão onde está aprendendo a tocar Bach, uma coleção de selos, e uma seleção das mais lindas pedras preciosas do Brasil.

Quando, em 1950, H. Stern recebeu o seu diploma de cidadão brasileiro, o fato foi largamente comemorado. Um dos oradores disse então: "Stern agora é filho desta terra que êle ajuda a enriquecer".

Êle planta uva "estrangeira" aqui

No supermercado, uma senhora compra frutas. Fica encantada quando vê aquelas uvas brancas, imensas, cada uma do tamanho de uma noz. Pensa no preço e pergunta:

— São uvas do estrangeiro, não?

O vendedor diz que sim. A freguesa ainda vai dizer qualquer coisa, mas um japonês de óculos se intromete:

— Estarandgero non. Uva barasirêro, garantido. Uva chama Itaria mas é parantada aqui, colhida aqui. Uva barasirêro cem por cento.

O brasileiro Hiroshi Saito, nascido perto de Nagasaki, fica aborrecido quando ouve dizer que suas uvas são importadas. Êle não entende por que se diz que um produto, para ser bom, precisa vir de fora. Quando, há 16 anos, Saito comprou as suas primeiras dez mudas de uva branca de mesa, variedade **Itália** — aquelas de bagos grandes e quase sem caldo — garantia-se que ela não dava bem por aqui, não se aclimatava. Os vinhateiros que tentavam plantá-la aborreciam-se com os resultados: a produção era pouca, os bagos muito pequenos, os cachos de pouco pêso. De 1950 a 1955 Saito observou cuidadosamente o desenvolvimento de suas dez mudas. Quando, em 1956, plantou 250 pés, para iniciar com êles um vinhedo definitivo, já tinha tôdas as idéias na cabeça. A primeira colheita foi em 1958: os 250 pés renderam-lhe 154 caixas de 8 quilos. Êste ano, as 250 videiras de **Saito da Uva** — como êle é chamado na Cooperativa Agrícola de Cotia, em São Paulo, — deram 2.200 caixas de uva **Itália**.

Saito diz apenas:

— A melhor maneira de se viver e de se produzir, não é em liberdade? Eu escutava a uva e a deixava fazer o que quisesse, procurando entender sua natureza, sem forçá-la.

Tendo **escutado** a uva, Saito alterou quase todos os padrões de sua plantação no Brasil, da adubação às podas, da altura dos moirões ao combate aos passarinhos. E, nesse meio tempo, uma coisa ficou definitiva: a uva branca dá tão bem no Brasil como qualquer outra.

Hiroshi Saito chegou, há 34 anos, para ser colono na divisão São Paulo — Mato Grosso. Casou-se aqui, e tem cinco filhos, todos trabalhando com êle. Após 14 anos de trabalho como meeiro, conseguiu dinheiro para comprar três alqueires de terra em Ibiúna. Plantou hortaliças, tomate, batatas, até apaixonar-se pela uva. Hoje é doutor no assunto.

Êle faz rir o país inteiro

O cinema vinha lotando há várias semanas. Sempre com fila para entrar. Era das primeiras vêzes que um filme brasileiro atraía tanta atenção. Trabalhava nêle o maior ator cômico do Brasil e, nas cenas em que aparecia, antes mesmo que êle dissesse qualquer palavra ou fizesse uma careta, já a platéia gargalhava. A certa altura, o ator era prêso pelo bandidão, que tentava arrancar dêle comprometedoras informações. Êle se negava a falar, e o homem mau perdeu a calma, deu-lhe uma **gravata** e colocou-lhe uma navalha no pescoço. Sentindo-se sufocar, o cômico faz um esfôrço terrível para falar, todos pensam que afinal vai revelar tudo, mas êle diz:

— Bonita navalha, môço, é de aço?

O cinema explodiu em risadas. Como bom brasileiro, o artista tinha a medida certa do que o povo gostava. Seu nome: Oscarito. Lugar de nascimento: Espanha. Nacionalidade: brasileira.

Oscarito chegou ao Rio em 1908. De família de artistas, já aos sete anos começou a fazer pequenos papéis. Aos 17 era profissional, atuando no Circo Teatro Democrático. Aos 20 já era um nome nacional, fazendo sucesso no Teatro Recreio, onde trabalhavam os maiores nomes da época.

— Às vêzes — diz Oscarito — eu mesmo ficava intrigado com tanta besteira que me vinha à cabeça, quando estava no palco. E o povo ria demais.

Quando o cinema brasileiro começou a impor-se comercialmente, com as **chanchadas,** Oscarito foi um rei. Atraía gente ao cinema tanto em Copacabana como em Juazeiro, na Bahia. Criou um estilo de humorismo que fêz escola no Brasil.

Casado com uma brasileira — a atriz Margô Louro — Oscarito tem um casal de filhos e três netos. Êsses netos são as únicas pessoas que fazem o artista — que é um homem sério e de pouca conversa — bancar o cômico também fora do palco.

Oscarito naturalizou-se brasileiro em 1935. Foi à Espanha uma vez só, a passeio.

— Eu sempre me esqueço de que não nasci aqui. O Brasil tem alguma coisa que atrai, que amarra a gente, e eu me sinto brasileiro completamente.

HÁ ALGUMA COISA DE ESPECIALMENTE FEMININO NO NÔVO TALCO LUX, QUE O TORNA PERFEITO PARA MULHERES QUE FAZEM QUESTÃO DE FICAR REFRESCADAS, DISCRETAMENTE PERFUMADAS E TOTALMENTE FEMININAS.

Na realidade conseguimos criar um talco extremamente fino e com um perfume sutil e agradável.

lintas publicidade internacional

O limite é deputado estadual

O sr. Felmanas diz que a ONU já está organizando a comemoração do 20.º aniversário da Declaração dos Direitos Universais do Homem, que ocorre em 1968. O Brasil, como um dos signatários do documento, vai ter, agora, que confirmá-lo, no Congresso. E a declaração é límpida quando fala que "todo homem tem direito a uma cidadania" isenta de preconceitos e plena de direitos.

Os naturalizados — diz o sr. Felmanas — dariam muito mais de si ao Brasil se se sentissem, também, responsáveis diretos pela imensa tarefa de fazer de nosso país uma grande potência. A pátria de cada homem é aquela onde êle vive, trabalha, cria seus filhos, faz planos para o futuro. E o naturalizado, no Brasil, é cercado de restrições, é discriminado. E como aos amigos não se faz restrição, resta que o Brasil trata os naturalizados como inimigos. Não me parece a melhor maneira de somar, de contar pontos para a verdadeira comunhão nacional.

Um brasileiro naturalizado com jeito para política pode ser vereador, deputado estadual e só. As vêzes, com resultados pitorescos. João Caruso era um líder natural, desde menino. Considerado um nacionalista autêntico, gaúcho perfeito, candidatou-se a deputado estadual e, eleito, viu-se logo na presidência da Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul.

No meio do mandato de Caruso, o governador precisou viajar para o exterior e pediu uma licença de seis meses. Como o Estado não tinha o cargo de vice-governador, o seu sucessor natural era o presidente da Assembléia. O povo gostou muito, chegaram manifestações de "regozijo e esperança", mas a bomba estourou logo: João Caruso, gaúcho perfeito, era nascido na Itália, chegou ao Brasil quando ainda era criança de colo, e, por isso, não era brasileiro inteiro. Estava, pois, impedido de governar. O governador, decepcionado, desistiu da viagem.

No começo do govêrno Jânio Quadros, em São Paulo, aconteceu quase a mesma coisa. Para a secretaria da saúde, Jânio escolheu um conhecido técnico em medicina social, Habib Carlos. Mas logo veio o aviso: o médico era brasileiro só pela metade.

O dr. Habib tinha chegado ao Brasil ainda criança e era irmão de um homem muito conhecido na política: Emílio Carlos. Jânio, intrigado com o assunto, decidiu: se não vai ser o Habib, vai ser o irmão mais nôvo, Fauze Carlos, que nasceu aqui. Hoje, os naturalizados já podem ser secretários de Estado, em razão de mandado de segurança que permitiu firmar jurisprudência sôbre o assunto.

Ficou famoso o caso Kerlakian. Clemente Kerlakian candidatou-se a deputado. Estabeleceu contatos, montou tôda uma organização de propaganda, fêz até cédulas.

SEGUE

Êle toca o samba

O fùndador de uma das primeiras universidades para negros, nos Estados Unidos, chamava-se Booker T. Washington. Assessor do presidente Roosevelt e grande educador, êsse homem encabeçou, no seu tempo, a luta pelos direitos civis de sua raça. B. T. Washington teve um neto que poderia ser, como o avô, professor; ou arquiteto, como o pai; ou concertista de piano, como a mãe. De qualquer maneira, podia ser um cidadão americano. Mas resolveu ser saxofonista e, quanto à cidadania, é brasileiro, dêsses que recusam convite para viajar ao Exterior porque "me dá uma saudade desgraçada antes mesmo de montar no avião".

O neto do líder negro chama-se Booker Pittman. Conhece o Brasil inteiro, onde chegou em 1936, vive no Rio, apresenta-se numa estação de TV de São Paulo mas ainda acha que a melhor cidade brasileira é Santo Antônio da Platina, no Paraná. Booker é citado em tôdas as enciclopédias da música negra dos EUA. Ex-integrante do conjunto de Louis Armstrong e da orquestra de Count Basic (que acompanha Sinatra), é, até hoje, convidado para trabalhar nos EUA. Mas não vai.

Quando êle chegou ao Brasil era época do jôgo livre e então êle trabalhou, com bons contratos, nos cassinos do Rio e de Santos e em boates de São Paulo. Proibido o jôgo, Booker foi para o interior. Viveu no Rio Grande do Sul, foi para o Nordeste, e acabou morando durante sete anos em cidadezinhas do Paraná. Tocava onde lhe pagassem qualquer quantia. Em 1956, diz Booker, "encontraram morto no interior do Paraná um baiano igual a mim, que também tocava saxofone; os jornais fizeram confusão e noticiaram que eu tinha morrido". Ficou morto uns seis meses, até renascer através da descoberta de um jornalista carioca. Em São Paulo e Rio começou uma nova fase da sua vida artística, tendo então uma razão a mais para trabalhar: queria fazer de uma menina de 10 anos — Eliana Pitman — uma grande artista.

Eliana está hoje com 20 anos e já e uma cantora consagrada.

Além do sax, Booker toca clarineta e canta, numa voz rouquenha à moda de Armstrong. Vai usar todos êsses recursos para gravar um LP com as melhores canções brasileiras de todos os tempos. Mas o grande sonho da sua vida, conta êle, é bem simples:

— Comprar uma chacrinha no Paraná.

Podem ser oficiais; capelães não

Mas o Tribunal Eleitoral impugnou sua candidatura: era brasileiro naturalizado. A família reuniu-se e achou a solução: Carlos, o irmão mais nôvo, nasceu aqui, e então vai êle. E foi, usando inclusive as cédulas do irmão por causa da coincidência do nome começado com C. Ganhou a eleição.

Algumas das restrições aos brasileiros naturalizados encerram verdadeiras contradições. Uma delas é a que impede "prestar assistência religiosa às Fôrças Armadas". O dr. João de Oliveira Filho, ex-presidente do Instituto dos Advogados do Brasil, comenta assim essa discriminação:

— O brasileiro naturalizado pode pertencer às Fôrças Armadas. Pode ser oficial da reserva. Em tempo de guerra é convocado para lutar e para comandar. Eis aí: pode ser comandante de um batalhão mas não pode ser seu assistente religioso.

John F. Kennedy, em seu livro **Uma Nação de Imigrantes**, inicia um dos capítulos assim: "Oscar Handlin uma vez pensou em escrever uma história dos imigrantes na América. Então descobriu que a história dos imigrantes na América era a própria história da América".

Passa-se o mesmo no Brasil. A frase patriótica — **O Brasil espera que cada um cumpra o seu dever** — foi dita pelo almirante Barroso, que não era brasileiro nato. Em todos os campos, brasileiros naturalizados se destacam. Nas universidades, a sua participação é fundamental. A indústria e a lavoura têm nos seus grandes pioneiros brasileiros por escolha. Na própria música popular êle está presente, e basta citar Carmem Miranda. Otto Maria Carpeaux é considerado pelos críticos mais rigorosos uma das maiores glórias das letras brasileiras e nasceu na Alemanha. Nas artes plásticas a influência dos naturalizados é notável, e pode ser medida com dois nomes conhecidos no mundo inteiro como representantes da nossa pintura: Lasar Segal e Manabu Mabe. No cinema — com Rui Guerra e Jean Manzon — no teatro — com Henriette Morineau, Ziembinski, Eugênio Kusnet — no esporte — a seleção brasileira de beisebol foi campeã sul-americana jogando só com **japonêses** — e em todos os campos de afirmação nacional os brasileiros naturalizados atuam com dedicação, por inteiro.

Quando defendia na Câmara Federal a sua emenda constitucional para eliminar as restrições que pesam sôbre os naturalizados, o deputado Castilho Cabral voltou-se para os seus colegas e disse:

— Tenho até certo constrangimento em falar nesse assunto num plenário em que não vejo nenhum índio: parece elogio em bôca própria. A propósito, quem nesta casa não tiver entre os antepassados nenhum brasileiro por escolha que se levante!

Ninguém se levantou. FIM

Imigrantes e naturalizados

A imigração em massa no Brasil começou a partir do século dezoito. Até então vinham para cá quase exclusivamente portuguêses e africanos. Do ano da independência (1822) até 1914 entraram no país 4.610.000 imigrantes, assim discriminados:

Italianos	1.502.000	32,6%
Portuguêses	1.394.000	30,3%
Espanhóis	595.000	12,9%
Alemães	226.000	4,9%
Japonêses	179.000	3,9%
Eslavos	115.000	2,5%
Outros	599.000	12,9%
Total	4.610.000	100%

A percentagem de naturalizados, nesses períodos, é desconhecida. A constituição de 1891 considerou brasileiros, a menos que se manifestassem em contrário, todos os estrangeiros que viviam no Brasil no momento em que foi proclamada a República.

No período que vai de 1900 a 1960 entraram no país 3.247.983 imigrantes. Dêsses, requereram a naturalização (e a obtiverám) 111.576, na seguinte ordem:

Nacionalidade	Imigração	Naturalizados	%
Portuguêses	1.218.956	29.743	2,2%
Italianos	599.848	10.160	1,6%
Espanhóis	477.427	5.312	1,1%
Japonêses	229.966	4.282	1,4%
Alemães	167.340	10.481	6,2%
Outros	484.446	51.598	10,6%

Os 46 impedimentos

O brasileiro naturalizado não pode fazer, no Brasil, uma série de coisas, umas previstas na Constituição, outras estabelecidas por leis ordinárias. São elas:

1 — Ser presidente da República
2 — Vice-presidente
3 — Senador
4 — Deputado Federal
5 — Ministro de Estado
6 — Governador
7 — Ministro do STF
8 — Juiz do Tribunal Federal de Recursos
9 — Juiz Militar Togado
10 — Juiz dos Tribunais Eleitorais
11 — Juiz dos Tribunais do Trabalho
12 — Procurador-Geral da República
13 — Ministro do Tribunal de Contas
14 — Repres. do Ministério Público
15 — Prestar assistência religiosa às Fôrças Armadas e estabelecimentos de internação coletiva (hospitais etc.)
16 — Proprietários, armadores e comandantes de navios nacionais — inclusive na navegação lacustre e fluvial
17 — Exceder mais de um têrço da tripulação de navios nacionais inclusive nos lagos e rios.
18 — Proprietário de emprêsas jornalísticas, sejam políticas ou noticiosas.
19 — Orientação intelectual e administrativa em emprêsas jornalísticas, políticas ou noticiosas, e de radiodifusão
20 — Proprietário de emprêsa de rádio
21 — Reger escolas **rurais**
22 — Exercer funções a bordo de aeronave nacional, salvo se tiverem prestado serviço militar no Brasil
23 — Ser professor primário
24. — Ser prático de barras, portos, rios, lagos e canais
25 — Casar com funcionários do serviço diplomático e consular brasileiros
26 — Ser acionista de emprêsas de mineração
27 — Ser diretor da Estrada de Ferro Central do Brasil
28 — Presidente de Caixa de Aposentadoria e Pensões
29 — Presidente do Banco da Borracha
30 — Ser agente ou representante das emprêsas de navegação que sejam autarquias da União ou estejam incorporadas ao patrimônio nacional
31 — Ser presidente de associações profissionais reconhecidas por sindicatos
32 — Ser vogal na Junta de Trabalho
33 — Ser presidente do Conselho Nacional do Trabalho
34 — Ser membro do Conselho Nacional de Aeronáutica
35 — Ser membro do Conselho Nacional de Petróleo
36 — Ser membro do Conselho Nacional de Águas e Energia Elétrica
37 — Ser membro do Conselho Nacional de Minas e Metalurgia
38 — Ser membro do Conselho Rodoviário
39 — Ser concessionário das loterias
40 — Constituir mais de 25% (como qualquer estrangeiro) dos núcleos de população numa faixa de 150 km ao longo das fronteiras
41 — Dirigir com autonomia emprêsas de indústria ou comércio ao longo da faixa de 150 km da fronteira
42 — Ser proprietário de terras distribuídas pelo govêrno da União na faixa de 30 km a partir da fronteira
43 — O livre exercício da profissão de químico está subordinado à prévia prestação do serviço militar
44 — Não é permitida a revalidação dos diplomas de químicos expedidos por institutos estrangeiros de ensino superior
45 — Presidir associações sindicais de grau superior (Federações)
46 — Só pode ser funcionário do IAPI e do IAPC após 2 e 5 anos da naturalização, respectivamente

As restrições penetram às vêzes no domínio das emprêsas privadas e das sociedades civis. O sr. Roberto Selmi Dei foi impedido de votar nas eleições da diretoria do Jóquei Clube de São Paulo por ser brasileiro naturalizado. Um clube recreativo paulista limita a mil o número de sócios estrangeiros, contando-se entre êles os brasileiros naturalizados.

o batizado da criança

A escolha de um padrinho para a criança que acabava de nascer era a preocupação maior da família.
O pai fazia questão de convidar o cidadão mais importante do bairro: um comerciante, um médico, um advogado.
Confiava em que, dessa forma, dava ao filho proteção que lhe serviria para o resto da vida. Hoje a escolha do padrinho prevalece apenas no campo das relações sociais. Para garantir o futuro dos filhos, os pais dispõem agora de outros meios. Um dêles, o mais simples e mais usual, é o de procurar a agência de um banco e abrir uma conta em nome da criança. Nesse particular, o Banco Agrícola-Mercantil, com suas agências localizadas estratègicamente em diversos bairros, facilita aos pais a abertura rápida de contas juvenis para seus filhos. É o "padrinho" importante na sua concepção mais moderna e avançada.

Banco Agrícola-Mercantil S.A.
— um bom vizinho

Rio Grande do Sul • Santa Catarina • Paraná • São Paulo • Brasília
• Guanabara • Minas Gerais • Bahia • Pernambuco

As eleições estão aí. Em todo o país, milhares de candidatos se enfrentam na corrida para as 409 cadeiras da Câmara Federal. O candidato desta reportagem é uma figura criada para mostrar os segredos de uma campanha. Mas a história poderia fàcilmente ser verdadeira. E teria sido impossível contá-la sem as confissões de um candidato de verdade: Afonso de Souza, candidato a deputado federal por São Paulo.

DE COMO SE ELEGER DEPUTADO
(ou morrer tentando)

Texto de Luiz Fernando Mercadante - Fotos de Geraldo Mori

Com sete anos de idade, em São Paulo, era centro-avante do Infantis Unidos do Bexiga, clubezinho do bairro eternamente invicto: quando não vencia na bola, ganhava no braço.

Com 15 anos, foi orador da turma que concluiu o ginásio no Arquidiocesano, onde estudava graças à bôlsa obtida com a ajuda de um tio padre.

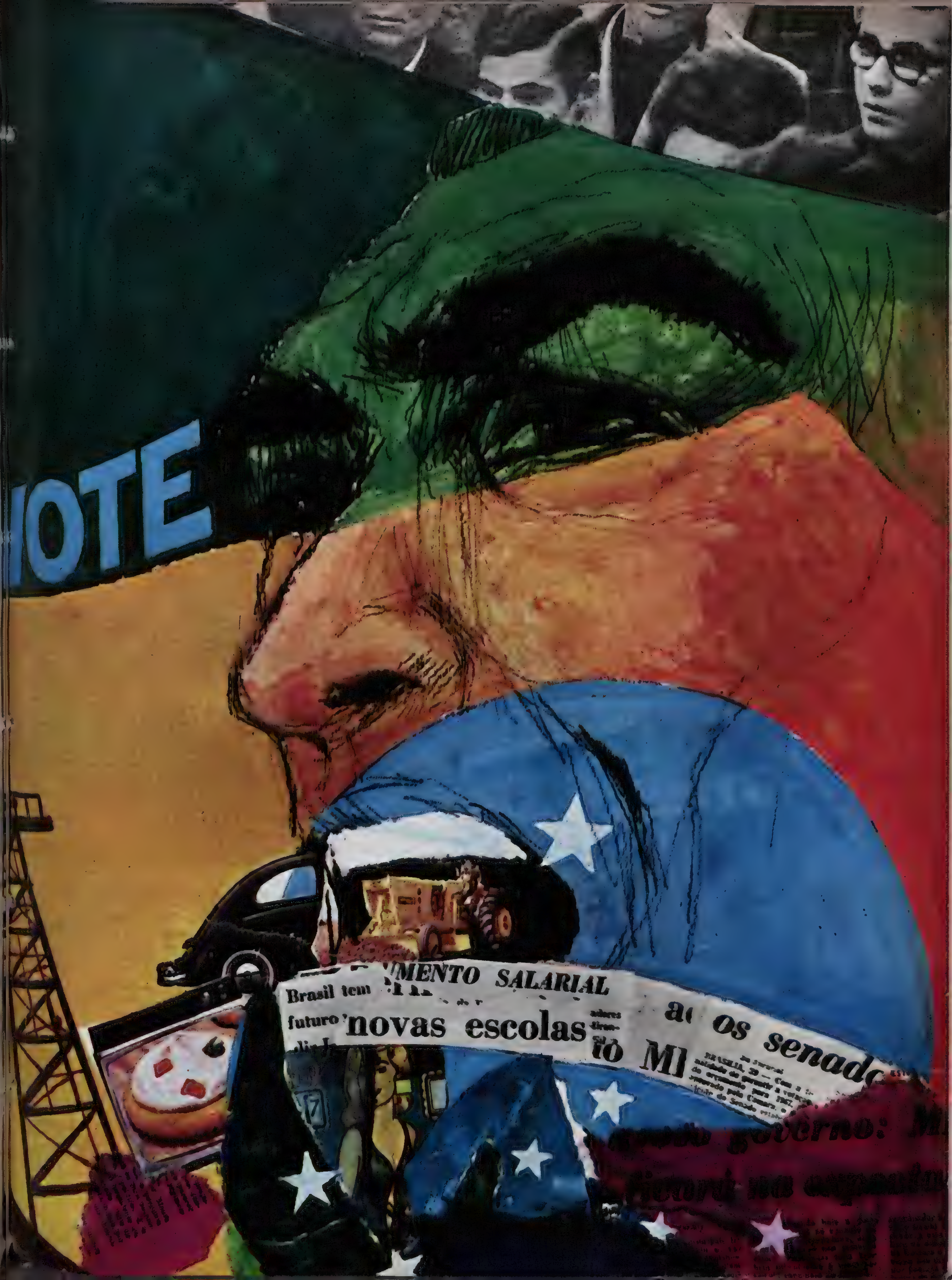
Com 18 anos, conheceu Mariinha, irmã de Ronaldo, seu colega na Faculdade de Medicina: Mariinha era uma morena exuberante e êle perdeu o ano, reprovado em anatomia.

Com 24 anos, seu pai — contramestre de uma fábrica — e sua mãe — costureira das elegantes do bairro — reuniram as economias e lhe deram o verde anel de doutor.

Com 25 anos, seu tio padre casou-o com Teresinha, também irmã de Ronaldo, seu colega da medicina. Mariinha, a esta altura, estava casada com Hermógenes, um cearense fiscal de rendas que até automóvel tinha.

SEGUE

ILUSTRAÇÃO DE EDUARDO BARRETO FILHO



A base é ânimo forte, dinheiro e amigos

Com 40 anos, seus três filhos já cursavam o ginásio, e êle era, sem sombra de dúvida, o pediatra de maior clientela em tôda a Vila Carolina, uma verdadeira cidade na periferia de São Paulo.

Então, num domingo de julho de 1966, quando tomava cafèzinho no bar do Antero, um grupo de homens se aproximou dêle propondo a coisa mais importante que ouvira em tôda a vida:

— Doutor Renato! Estávamos à sua procura e o senhor tem que nos ouvir. Como o senhor sabe, somos diretores da Sociedade Amigos dos Bairros da Periferia. E, mais do que isto, somos todos seus admiradores. Temos conversado muito a seu respeito e, ontem, em nossa reunião, discutimos, discutimos, e chegamos ao seguinte: o senhor tem que ser nosso candidato a **deputado federal.**

Doutor Renato engasgou com o café.

A conversa no bar se estendeu por meia hora. O primeiro impulso do doutor Renato foi recusar enèrgicamente. Seu espanto, porém, retardou a negativa e amoleceu a resposta.

— Não. De maneira nenhuma. Estou honrado com a lembrança, mas a vida pública nunca me atraiu. Há outros mais capazes e mais preparados aqui na Vila. Vocês escolham, eu ajudo. Mas eu, não.

Êle sentia o rosto quente. As orelhas deviam estar vermelhas. Mas que idéia dessa gente? Logo êle que nunca quis saber de política e que vivia exclusivamente para a mulher e as crianças. As suas e as dos clientes.

Mas o grupo, compacto, insistiu. E, enquanto seu coração batia acelerado e sua mão tremia levemente com o fósforo, doutor Renato foi sendo tomado por uma sensação de prazer, morna e deliciosa.

— Preciso de um prazo para pensar. Passem têrça-feira às cinco horas no meu consultório.

Os homens se afastaram. Doutor Renato apanhou a valise e se encaminhou para o Volks. Sentado ao volante, mirou-se no espelhinho, sorriu meio confuso, meio satisfeito, e passou a mão pela testa suada. Estava até meio zonzo. Sem saber, acabara de ser picado pela môsca azul, um inseto fantástico que — segundo os especialistas em eleições — instila em homens comuns a volúpia de sentar numa cadeira executiva ou legislativa e os transforma nessa coisa meio informe que é ser candidato a candidato.

A primeira a saber foi Teresinha, sua mulher, que deixou o pernil assando no forno e, a seu chamado, subiu até o quarto do casal onde êle a aguardava com a novidade, entre impaciente e encabulado.

— Você não imagina o que aconteceu! O Siqueira e uma comissão vieram atrás de mim com uma proposta. Sente aí para não cair. Êles querem me fazer deputado federal.

Dona Teresinha caiu sentada. O silêncio foi pesando. Quando conseguiu abrir a bôca foi para perguntar:

— E agora?

Na corrida dos votos, o candidato sempre repete as mesmas coisas. Só os lugares mudam

— Agora vou telefonar para o Hermógenes. Êle é cearense e deve entender disso.

Teresinha conseguiu rir, quando ouviu a conversa:

— Pois é, Hermógenes, é como eu estou lhe dizendo, federal mesmo.

— Mas que é isso, Renato? Que afobação! Mais cedo ou mais tarde isso viria a acontecer forçosamente. Você é médico, querido, muito relacionado, vivendo aí nessa lonjura, padrinho de mais de 100 crianças, tinha que acontecer. Agora é ter frieza. Pesar os prós e os contras. E decidir, homem! Se você não vai sair hoje eu dou uma passadinha aí pelo fim da tarde e nós conversaremos. Convite assim se aceita ou se recusa. Mas não se desdenha. Sempre rende alguma coisa.

Doutor Renato desligou o telefone quase aliviado. Batuta o Hermógenes. Nada o abala. Até que êle mereceu a Mariinha.

Em São Paulo são 200 candidatos à Câmara Federal para 59 vagas (número de cadeiras relativo à população estadual). Isto quer dizer que se eleição fôsse um jôgo e se os eleitores votassem ao acaso, doutor Renato teria, sem mover palha, pràticamente uma possibilidade em três de ser eleito. Nada mau para começar, como explicou o Hermógenes, na longa conversa que entrou pela noite e em que o cearense procurou introduzir o concunhado no que chamou enfàticamente de "os meandros da política". O pai de Hermógenes fôra chefe político e senador até 1930, quando se retirara da vida pública vencido e desgostoso. Um irmão era prefeito de importante cidade do Ceará. E **Momó** — era êste o apelido de Hermógenes — tinha certa intimidade com o assunto.

As palavras de Hermógenes ainda estavam vivas no pensamento do doutor Renato quando êle se revirava na cama à procura do sono perdido com a excitação do dia:

— Você tem que fazer um levantamento de suas possibilidades. Bàsicamente você precisa de três coisas: ânimo forte, dinheiro e amigos. Faça uma lista geral abrangendo o maior número de pessoas possível. Comece pelos amigos e parentes que seus pais deix-ram em Jacareí, quando se mudaram para Capital; depois enumere os amigos de infân-cia, os vizinhos em tôdas as épocas, os cole-gas de grupo, ginásio, preparatórios e faculda-de; junte os nomes dos professôres, do pesso- do hospital onde você foi interno um ano, do amigos que você deixou nos dois bairros e que clinicou antes de vir para cá, e do pesso- do IAPC onde você trabalhou tanto temp- depois as amigas de sua mulher e os amig- dos seus filhos.

A exposição de Hermógenes ia adian- num crescendo:

— Aqui na Vila Carolina, onde você mora há 12 anos, está a sua base eleitoral. Aqui é que você vai pegar o grosso da vota-ção. Com 20 mil votos se faz um deputa- federal por São Paulo. E é na Vila Caroli- que você vai arrancar no mínimo a meta- Para isso, Renato, você tem que pegar o gário, os gerentes de banco, os profissionais berais, os farmacêuticos, os comerciantes dinheirados, os industriais que dão emprêgo mais de três mil operários, os professôres, donos de bar e os motoristas de praça. E seus clientes, Renato. Essa mulherada que nã pára de telefonar falando de febrinhas e que rendo que você diga as palavras mágicas: "D meio comprimido de melhoral-infantil de du em duas horas e o garotinho vai ficar bom A mulher é importante.

A esta altura dos acontecimentos — e is também estava claro na cabeça do doutor R nato — êle já se sentia candidato. Inexor velmente candidato. Hermógenes, que che ra à sua casa no fim da tarde, como prom tera, tratara a hipótese eleitoral como se candidatura nascente fôsse irreversível.

— Salve o nosso ilustre deputado — fôr assim que o concunhado o saudara.

Até Mariinha — a ex-namorada que vir cunhada — brincara:

— Quem diria, hem? Quietinho, quietinh ainda acaba presidente da República...

A candidatura nascida na reunião da Soc dade Amigos dos Bairros estava de pé.

Depois da favela, as portas das fábricas. O candidato, principalmente aquêle que estréia na política, precisa ter preparo físico de atleta.

Bênção de senador é quase indispensável

— Essa tal Sociedade — advertira Hermógenes — tem boa-vontade muita e voto pouco. Vamos usar a boa-vontade e buscar os votos em outra freguesia.

O Siqueira — presidente da Sociedade — passou a segunda-feira pensando na têrça e na resposta do doutor Renato. Mais antigo corretor de imóveis da região, Siqueira era o tipo do homem que sabe fazer dinheiro e amigos. Presidia a Sociedade havia oito anos e duas vêzes já recusara convites para disputar uma cadeira de vereador. Mas tinha boas relações entre os políticos, e um dêles — o senador Lauro de Barros — lhe dera a idéia de lançar um candidato a deputado federal para correr em **dobradinha** com Mauro de Barros, seu filho e candidato a deputado estadual.

— O Mauro ainda é muito garôto e deve começar como eu, pela Assembléia Legislativa. Eu faço um acôrdo com vocês e jogo minha votação no candidato. Vocês jogam seus votos no garôto.

Siqueira concordou e começou a procurar um candidato, ainda que no fundo, bem no fundo, o seu candidato fôsse **êle** mesmo. Assim, têrça-feira, no consultório do doutor Renato, Siqueira esperava o **não** do médico, para insinuar, como única solução e "pelo bem do povo", a sua candidatura. Foi com uma decepção disfarçada por um sorriso que recebeu a resposta do doutor Renato:

— Meus amigos, pelo bem do povo eu aceito. Agora vamos lutar.

Assim, de candidato a **candidato a candidato,** Siqueira se tornou, num instante, cabo eleitoral de um **candidato a candidato.**

— Ótimo, doutor Renato — mastigou Siqueira sem muita convicção. Agora vamos lutar.

Quarta-feira cedinho Siqueira levou doutor Renato à sede do partido para um encontro com o senador, que o recebeu amàvelmente, disse algumas palavras encorajadoras e o apresentou a três membros do diretório estadual e ao secretário-executivo, a quem caberia regularizar a situação do candidato até a convenção e o registro.

— Primeiro o senhor tem de pagar as mensalidades desde abril, quando se fundou o partido. São 50 mil cruzeiros por mês. Estamos no comêço de agôsto, o senhor paga 250 mil.

Doutor Renato tomou um susto, o primeiro de muitos. Afinal, 250 mil cruzeiros para quem cobrava quatro mil por consulta era um dinheirão. Mas o Siqueira — aparentemente refeito da decepção do dia anterior — interveio:

— Isto o senhor deixa conosco, doutor Renato. Nós já levantamos uns cobres para os alfinêtes.

E fêz o cheque.

A convenção que viria homologar as candidaturas às Câmaras federal e estadual estava marcada para dali a dez dias. Era preciso comparecer. Mas tudo já estava arrumado. O doutor Renato, com a bênção do senador, já tinha nome inscrito. No Brasil, os candidatos ao Legislativo não defendem suas candidaturas nas convenções partidárias, mas nas antesalas dos partidos.

No intervalo de uma partida de futebol de várzea, lá está êle, fazendo seu discurso.

Quando entrou na repartição onde Hermógenes trabalhava para contar ao concunhado os últimos sucessos da candidatura, doutor Renato deparou com inesperados sorrisos nos lábios dos funcionários e, especialmente, das funcionárias. Hermógenes já havia espalhado. Doutor Renato era um deputado federal em perspectiva.

— Enfim — pensou o médico — a luta não vai ser tão espinhosa assim.

A semana que antecedeu à convenção foi de preparativos. Doutor Renato avisou os clientes que passaria a atender só pela manhã e que reservaria a tarde para a campanha. Um mês antes das eleições, sim, largaria tudo e só pensaria nas urnas. Mas até lá se dividiria. Já estava pronta a lista que organizara relacionando dez amigos de absoluta confiança, de onde extrairia seu comitê. Também tinha levantado seus recursos e descoberto que era um homem quase pobre, coisa boa de dizer em comício, mas ruim na hora de pagar os coladores de cartazes. Vendendo os dois terreninhos que comprara no caminho de Osasco obteria uns 3 milhões de cruzeiros. Com 600 mil cruzeiros que tinha no banco era tudo quanto possuía. Pouco para uma campanha. O Tribunal Regional Eleitoral — no partido lhe haviam dito — estipulara que cada candidato a deputado federal poderia gastar, no máximo, 10 milhões de cruzeiros. Mas já haviam advertido:

— Êsse teto estipulado por lei era o mínimo — mas o mínimo mesmo — que um candidato teria que gastar para não fazer feio.

E explicaram também que havia um jeitinho de passar a lei para trás e gastar o que fôsse preciso.

Uma noite, doutor Renato surpreendeu-se fazendo contas:

— Bem, se o que um candidato pode gastar são 10 milhões e se para eleger-se são necessários 20 mil votos, cada voto sai por 500 cruzeiros. Até que é baratinho.

De terno nôvo — exigência da mulher — doutor Renato chegou à convenção com meia hora de antecedência. Esperou. Duas horas depois a convenção se abriu, com Hino Nacional e tudo, tocado pela Guarda Civil. Bonito. Havia gente com bandeirinhas tomando todo o teatro. Mas o que mais o impressionou foi seu nome pendurado no espaldar de uma poltrona: Renato de Azeredo Zanello, com dois **eles**. Isto até o momento em que, encaminhando-se para a poltrona, ouviu uma ovação e o seu nome gritado de uma das galerias. Siqueira não perdia tempo. Já que não pudera se fazer candidato, ia tratar de fazer doutor Renato deputado, e depois, quem sabe. A claque armada na galeria era constituída de gente da Vila Carolina. Todos conhecidos. Doutor Renato reconheceu até Zé Prêto, aplicador de injeções da Farmácia Nossa Senhora das Dores, figura das mais populares no bairro.

Após atas e discursos, mais discursos e mais atas, o secretário-geral do partido passou a enunciar os nomes dos candidatos. Primeiro os senadores, depois os candidatos a deputado federal e estadual. Doutor Renato estava tão emocionado que nem ouviu seu nome direito. Percebeu mais os aplausos vindos da galeria, dos amigos, onde sobressaía a voz de Zé Prêto:

— Manda brasa, doutor Renato!

SEGUE

Slogan "inteligente" nunca deve faltar

Êle levantou-se, encheu o peito e prometeu a si mesmo:

— Vou mandar brasa...

À saída, quando abraçava e agradecia a Zé Prêto pelo entusiasmo, dois médicos, seus colegas de turma, se aproximaram. Hermógenes os avisara e êles, como disseram, "vinham emprestar seu apoio à candidatura do colega que, merecidamente, começava a palmilhar o caminho da política".

Setembro encontrou-o em campanha. Levantava-se cedo, como de costume, e lia os jornais. Costa e Silva era o dono das manchetes. Lacerda articulava a frente dos contrários. Roberto Campos planejava a reforma administrativa. E a nova Constituição estava à caminho. Enfim, o candidato precisava estar a par dos fatos políticos e, ao mesmo tempo, descobrir no noticiário os pontos essenciais a abordar em sua corrida para Brasília. Êle não conhecia a nova Capital. Só de ouvir falar mal. Teresinha não ligava:

— Não deve ser tão ruim assim. As fotografias são tão bonitas...

A partir do dia 15, as campanhas ganharam fôrça graças à lei eleitoral que obriga as emissoras de rádio e televisão a ceder duas horas diárias aos partidos para a propaganda eleitoral dos candidatos. O secretário-executivo do partido lhe telefonara e o convocara para uma reunião que trataria do assunto. Quando chegou para a reunião já encontrou tudo resolvido, e um homem gordo, que fumava grossos charutos, lhe foi apresentado como coordenador do horário político. Perguntou quando e onde poderia se apresentar para falar ao povo. O homem gordo soltou uma fumaçada e grunhiu um "veremos, veremos, o senhor me telefona amanhã que eu vou fazer uma escala geral".

Doutor Renato telefonou no dia seguinte e soube, por uma secretária, que a escala ainda não estava pronta. Mas, mesmo assim, à noite, na televisão do bar de Antero, êle viu o senador e mais seis candidatos inaugurando as transmissões partidárias pela TV.

— Engraçado — comentou o Antero — êles falam em renovação e dos seis candidatos que estão aí cinco são deputados federais em exercício.

Doutor Renato franziu a testa. Era verdade. Também quase a totalidade dos 59 deputados federais por São Paulo tinha se candidatado à reeleição. E as chances de reeleição são sempre muito grandes.

Uma semana depois, o médico foi ao partido disposto a saber se teria ou não chance de falar no rádio e na TV. Falou duro com o gordo e foi incluído num programa de rádio, naquele mesmo dia, e num de TV uma semana depois.

A estréia no rádio foi fácil. O pessoal da estação, muito gentil, tratou-o como se êle já fôsse deputado e o trancou numa cabina com as seguintes instruções:

Pelo rádio é difícil conseguir votos, mas êle dá tudo o que tem naqueles 15 minutos.

— Quando o senhor ouvir uma campainha, começa a falar. O senhor vai ter 15 minutos. Uma segunda campainha lhe avisará que faltam dois minutos para terminar. Então, o senhor vai se despedindo que a gente logo corta. Mas não se afobe.

Doutor Renato falou de improviso. Desde os tempos de escola fazia isso. E bem, no dizer dos colegas.

Começou um discursinho simples, falando devagar para não sair bobagem, procurando ser claro e sincero:

— Meus amigos de São Paulo, há um mês, um grupo de companheiros sugeriu esta candidatura, que não é minha, mas de vocês, como de vocês é meu diploma de médico, pôsto a serviço do povo em todos os meus 16 anos de vida profissional. Sou médico, sou môço, sou pai de três filhos e sou — mais que tudo isto — um entre os milhões de habitantes da periferia de São Paulo. Médico pediatra, recebo no meu consultório dezenas de clientes todos os dias; e todos os dias visito suas casas. Não convivo simplesmente com essa gente. Não me contento em servir a êsse povo humilde e trabalhador. Sempre fui, graças a Deus, humilde e trabalhador como êles. Como êles e como vocês. Porque somos a maioria. Essa maioria que precisa de casa própria e escolas, de hospitais e de alimentos baratos...

Dona Teresinha, cercada dos filhos ao pé do rádio, não se conteve. Seu marido sempre falou bonito. Mas nunca no rádio. Até parecia o Válter Fóster.

— Meus amigos — repetia o doutor Renato. Já chega ao fim o espaço de tempo que me é concedido. Voltarei, se Deus quiser, e não para lhes pedir coisa nenhuma. Quero apenas que vocês saibam que um de vocês é candidato a deputado federal: Renato Azeredo Zanello, para um Brasil mais belo!

Doutor Renato achava o **slogan** horrível. Mas o Hermógenes, que o inventara, dizia que a coisa pegava. E Hermógenes era um vivo.

O secretário-executivo do partido o lembrou:

— O senhor tem que trazer os papéis para o registro. O prazo vai até 15 de outubro, mas quanto antes melhor.

Doutor Renato já mandara providenciar tudo, com o despachante de Vila Carolina, um português esperto que ganhara rios de dinheiro fazendo coisas aborrecidas como entrar em filas e passar um dinheirinho para tudo andar rápido. Eram diversos os documentos que deveriam ser juntados a uma autorização com firma reconhecida para o partido registrar a candidatura; fôlha corrida policial e do Forum Criminal; certidão de inscrição eleitoral no Estado e de quitação com a Justiça Eleitoral; cópia da ata da convenção partidária que indicou o candidato; e declaração de bens.

O gordo, coordenador dos programas de rádio e TV, também lhe recordou:

— O senhor tem que nos dar 40 mil cruzeiros para pagamento das fitas de gravação para programas de rádio e TV.

— Mas ainda não usei nenhuma fita — reclamou.

— Usou, sim — falou o gordo. Todos os programas de rádio e TV são gravados e enviados para o Tribunal Eleitoral fiscalizar o que os candidatos dizem.

E doutor Renato pagou.

— Se depender dos papéis e dêsses 40 contos está salva a pátria — pensou o candidato.

Chegou o dia de ir à televisão. Depois de cinco adiamentos e cinco contatos desagradáveis com o homem gordo do charuto. Finalmente ia aparecer no vídeo: até cortou o cabelo.

— Camisa azul — aconselhou Hermógenes. Fica melhor na televisão.

O gordo do charuto lhe garantiu 15 minutos, mas logo que chegou à estação soube que teria apenas cinco:

— Ah! Aquêle gordo ainda vai pagar caro — pensou. Dizem que anda levando bom dinheiro para favorecer alguns candidatos em prejuízo de outros. Deve ser verdade. SEGUE

Lafer não quer que V. ache esta poltrona bonita.

Lafer quer que V. sente-se nela.

Esta é a poltrona da nova linha Lafer MP 13.

O revestimento é de Plaviroy, da Plavinil, plástico reforçado de luxo, que supera as qualidades do couro natural.

A estrutura é de jacarandá da Bahia, maciço.

A poltrona Lafer MP 13 foi cuidadosamente estudada, como todos os produtos Lafer MP.

Se depois de saber disso, e de ver esta poltrona de p to, V. não sentir vontade de comprá-la, sente-se ne

Largue o corpo, afunde-se, e peça para o vende mostrar o sofá e a mesa, que completam o conjunt

Adivinhe o que vai acontecer.

plaviroy Plavinil — Lafer MP

Standard Propaganda

A terra onde se nasce é fértil em votos

Sob o calor dos refletores, doutor Renato tentou colocar as idéias em ordem. Dentro de um minuto o programa começaria.

O môço da câmara avisava:

— O senhor fica de ôlho na luzinha vermelha. Quando estiver acesa o senhor estará no ar.

Seu corpo tenso aos poucos foi se relaxando. A luzinha vermelha acendeu.

Em casa, Dona Teresinha chegou às lágrimas. O marido estava um **pão.** Um sorriso daqueles. Ia ser um sucesso. A droga da imagem começou a correr. O filho mais velho consertou. O pai estava **mandando brasa:**

— Estou aqui para dizer que sou candidato. Estou aqui para contar quem eu sou.

E repetiu a história do rádio. Ainda com mais segurança. Até acendeu um cigarro.

A lei eleitoral proíbe gastos pessoais. Tôdas as despesas devem ser cobertas pelo partido. Naturalmente isso é a lei. Na verdade, os recibos são emitidos em nome do partido, mas o dinheiro, é claro, sai mesmo do candidato. Há uma alternativa, até usada pelo doutor Renato: constituir um comitê de no máximo cinco membros com a finalidade principal de cuidar dos fundos para a campanha. A êsse comitê se dá o direito de fazer todos os gastos, para depois prestar contas ao partido.

Quanto ao teto máximo de gastos estipulado em 10 milhões de cruzeiros, doutor Renato logo percebeu que não era exatamente assim. O dinheiro que cada candidato conseguisse somar para a campanha seria contabilizado por baixo e as notas emitidas por fornecedores de material de propaganda ou serviços prestados seriam sempre muito menores que o preço pago.

Seu comitê de cinco, constituído por gente de confiança, mais ou menos bem relacionada e com muita boa-vontade, já havia levantado 14 milhões. Não era muito. Mas era mais do que a lei mandava.

Silvino, do depósito de materiais de construção, não quis entrar com dinheiro. Mas trouxe uma velha perua ainda em condições de rodar tôda a campanha. Mesmo assim, o seu Volks ia penar muito. Com êle pretendia fazer as visitas ao interior: poucas mas objetivas. Só iria aonde já contava com votos. Para aumentá-los. Era tarde para abrir novas frentes. Pelo menos era o que dizia Hermógenes, que depois de negacear acabara aceitando a presidência do comitê.

No outro dia êle iria ao fotógrafo, depois ao desenhista, a seguir à tipografia do Maluf. O Maluf também não entrou com dinheiro. Mas ofereceu os serviços gráficos. De graça, contanto que êle entrasse com o papel, a tinta e as horas extras da rapaziada. Ia fazer 50 mil boletins com uma foto pequena e sua biografia, bem caprichada. Cartazes faria só 20 mil. Em prêto e branco. Sua foto e seu **slogan.** Muito pouco, se pensar que outro candidato preparava 200 mil cartazes. Em côres. Coisa que ia ficar pela ordem de 20 milhões de cruzeiros. Uma fortuna.

Beijar crianças é muito importante. Se cada 10 beijos valêssem um voto, estava eleito.

Jacareí, a 90 quilômetros de São Paulo, terra onde seus pais nasceram, se criaram e se casaram, foi a primeira cidade do interior que doutor Renato visitou, numa excursão por algumas cidades do Vale do Paraíba, onde tinha parentes e amigos de infância. Suas férias de rapaz, sempre passara por ali. Deixara muitos amigos e ia revê-los, um a um.

Quando passou a ponte sentiu um nó na garganta. Quanta saudade da infância. Teresinha, ao lado, olhava-o com surprêsa. Siqueira e Zé Prêto, no assento traseiro, nada perceberam. Só a mulher viu a lágrima grossa escorrer do rosto do marido.

Na cidade foram recebidos por um grupo de vereadores, à porta da Câmara Municipal. O encontro fôra combinado pelo telefone. O presidente da Câmara tinha brincado junto com êle na infância. Dali foram todos para a residência de sua tia Benedita, irmã de sua mãe, que os esperava com café, bolinhos e a casa cheia de parentes e conhecidos dos tempos de menino.

O comício do partido estava marcado para as seis horas, na praça principal cortada pelos trilhos da Central do Brasil, uma das curiosidades da terra. Havia tempo para muita conversa. A mais importante, na cozinha, ao pé do fogão de lenha, com o chefe político do partido adversário, afilhado de sua tia Benedita.

O homem, advogado sabido, falou num tom que não deixou dúvidas:

— O senhor me consegue uns dois milhões e eu lhe asseguro mil votos de gente fiel ao ex-governador, área onde eu sei que o senhor conta com alguma simpatia mas nenhum voto. Êsses dois milhões são para amaciar umas três pontas. Mas eu lhe asseguro apoio, num arranjo em que só nós dois estabelecemos e de que ninguém mais precisa tomar conhecimento.

Doutor Renato ficou de pensar. Pena que Hermógenes não estivesse ali. O concunhado saberia o que resolver. Mas tinha ido um dia antes para Taubaté, ponto final da excursão, onde era amigo de um coletor e pretendia conseguir algumas adesões.

A praça estava embandeirada. E os oradores de chamar povo já estavam se sucedendo no palanque. Êsses oradores — geralmente gente de pouca expressão — são usados em discursos rápidos, mais entusiasmados que inteligíveis, só para anunciar que o comício vai começar. A banda do Centro Operário vinha entrando na praça tocando sossegadamente o hino da Marinha norte-americana. Por uma rua lateral, doutor Renato, cercado de amigos, ia distribuindo abraços e beijando crianças. Ah! Se cada dez beijos valessem um voto, doutor Renato seria o mais votado. Quando ia dormir sentia gôsto de criança na bôca, tantas as que beijava. Uma chegara até a fazer pipi no seu colo. Mas isso não assusta um pediatra. Nem um candidato.

O que o andava assustando era um médico mocinho, o doutor Sílvio, muito bem apessoado, que acabara de se instalar em seu bairro, lá na Capital. Era pediatra também e alugara um sobrado no mesmo quarteirão. Assim que abriu o consultório o doutor Sílvio fêz-lhe uma visita e até lhe prometeu uma ajudazinha na campanha. Mas o que o danado estava fazendo era lhe tomar uns clientes. Pudera! Trabalhando de manhã, de tarde e de noite, e cobrando 3 mil cruzeiros por consulta, o mocinho estava entrando no seu terreiro. Bem que lhe avisaram: tome cuidado com sua carreira de médico.

Duas dúzias de rojões marcaram a chegada dos candidatos, que se encontraram ao pé do palanque. Havia dois candidatos ao Senado, cinco deputados federais candidatos à reeleição e um novato: doutor Renato. Sem falar nos 12 candidatos a estadual.

SEGUE

Tudo pronto: agora é esperar o dia quinze

O palanque apertou-se de gente. A banda tocava embaixo. E as faixas diziam que "a democracia é o govêrno do povo" e que "é preciso baixar o custo de vida", com letras enormes. Umas duas mil pessoas se espalhavam pela praça. O locutor dizia:

— A cidade inteira está aqui!

Não era verdade. Mas era o chavão de sempre.

A Rádio Clube ia transmitir o comício. Sessenta mil cruzeiros foi quanto doutor Renato pagou na **vaquinha** para a transmissão. Os que pagaram falariam em horário que seria irradiado. Os outros falariam antes. Doutor Renato tentou um lugar na frente do palanque. Não foi fácil: custou cotoveladas e empurrões. Por fim chegou à primeira fila e cavou um lugarzinho para enfiar a cara. Quanto povo, Deus meu!

O orador, um deputado candidato à reeleição, falava sôbre a moralidade. Uma voz no meio do povo gritou:

— Cala a bôca, jacaré!

Houve risos. Um agente da Polícia prendeu o provocador. Doutor Renato pensou logo:

— Depois do comício passo na Delegacia para soltá-lo. Será um voto a mais.

Ia chegando sua vez de falar: seria o penúltimo, posição honrosa em razão de suas ligações com a cidade. O último ia ser o presidente nacional do partido, convidado de honra da caravana, "homem do mais alto gabarito moral", como frisava o locutor do comício. Doutor Renato olhava o povo, aquêle povo de operários, comerciários e lavradores que enchiam a praça, muita gente de chapéu, alguma gente de pé no chão. Havia em todos um interêsse que, entretanto, estava longe de ser entusiasmado. O povo — pensava o médico — andava decepcionado com os políticos.

Quando anunciaram seu nome, os aplausos foram fortes. Doutor Renato apertou o microfone nas mãos e deteve-se um instante, tempo suficiente para obter silêncio. E então começou:

— Povo da minha terra. Gente que é minha gente.

Houve aplausos. Era como se êle tivesse nascido em Jacareí.

Seu discurso, sempre interrompido por palmas e vivas, ia chegando ao fim quando sentiu que lhe puxavam o paletó por trás. Foi assim que ficou conhecendo mais uma instituição dos comícios brasileiros: os puxadores de paletó, que avisam os oradores que seu tempo está esgotado.

Doutor Renato fêz uma pausa. Voltou-se com a cara fechada para o puxador de paletó e partiu para o fecho da sua oração.

— Gente que é a minha gente. Povo da minha terra. É hora de somar, não de dividir. É hora de trabalhar, não de cruzar os braços. É hora de lutar, não de esmorecer. É hora de vencer a crise nacional, a crise de fé, a crise de esperança e a crise de amor. É hora — minhas senhoras, meus senhores — de votar nos candidatos de nosso partido. E eu, modesta mas confiantemente, conto com isso.

Do palanque — sem lembrar do prêso que pensara soltar — doutor Renato correu para o Volks, rumo a São José, segunda cidade por onde passaria a caravana. Lá, o comício se iniciaria meia hora depois. Assim que os oradores falavam num, partiam rápidos para o outro. Haveria mais quatro depois de São José. A "noite cívica" — como chamava o anunciador dos comícios — se estenderia até meia-noite. Tôdas as delegacias das seis cidades visitadas haviam concedido alvarás, permitindo as concentrações políticas. Um dos delegados quis atrapalhar, mas a um telefonema do secretário de Segurança, na véspera, acabou cedendo.

A um mês das urnas, doutor Renato fechou o consultório para a alegria do seu vizinho e concorrente, doutor Sílvio. Passou a se dedicar só à campanha. Já se sentia calejado. Tivera algumas decepções. Mas seu ânimo continuava de pé. Havia esperanças. Seus dias corriam movimentados, mas muito parecidos. Mudavam os lugares, mudavam as pessoas, mas era sempre a mesma coisa. De manhã visitava os bairros e os lugarejos da periferia da Capital. Ao meio-dia já havia consumido dois maços de cigarros, tinha tomado 30 cafèzinhos e, pelo menos, cinco cachaças, com seus possíveis eleitores. Havia sempre um almôço marcado na casa de um ou de outro. Era duro enfrentar as maioneses. Não tinha intestinos para aquilo. Mas, enfim, não podia desagradar os anfitriões, gente simples, capaz de votar em outro só porque o candidato se recusa a repetir um prato.

As tardes, passava-as do mesmo modo.

Cafèzinhos, uns 30, só na parte da manhã.

Após uma reunião com o comitê e um contato ou outro com líderes políticos que lhe prometiam votos, sempre em troca de votos para um candidato a estadual, doutor Renato saía para novas e infatigáveis visitas pelos bairros. Um primo de sua mulher levou-o à favela do Vergueiro, que êle conhecia de nome. Ficou assombrado. Nunca pensou que em São Paulo houvesse favela tão grande. A miséria, porém, não o impressionou. Êle era médico de gente pobre, estava acostumado.

E as noites, estendia-as até alta madrugada em simpáticos **comícios caseiros,** instituição carioca que vinha usando com grande efeito. Um amigo se encarregava de convidar todos os vizinhos: umas cervejinhas, uns guaranás e um encontro íntimo e informal com os eleitores. Naquela noite, uma mulher **comera-o** com os olhos. Teresinha, no carro, estrilou:

— Eu só não dei uma cotovelada naquela fulana para você não perder um voto. Mas ao menos, você podia ter sido mais frio com ela.

Doutor Renato não respondeu. Pensava nos dez mil envelopes que teria de comprar e timbrar com o nome do partido, para poder enviar dez mil cartas aos dez mil sócios de um clube de futebol. A relação dos associados fôra conseguida por Hermógenes. Pensava também nos dez mil selos que teria de adquirir. Só os selos, 300 mil cruzeiros. Um dinheirão.

Nas duas últimas semanas antes da eleição começa o que os políticos do interior chamam de "carreirão", a verdadeira corrida para as urnas. Um deputado federal, candidato à reeleição, e com sua situação eleitoral perigando, em razão de seu pouco caso pelo mandato, telefonou ao doutor Renato. Tinha sabido que a candidatura do médico vinha crescendo dia a dia. Mas achava que o doutor Renato, "apesar dos seus altos méritos", ia ficar de fora. Então, queria propor um "acôrdo": doutor Renato retirava a candidatura alegando razões de saúde — um enfarte, por exemplo, sensibilizaria o eleitorado — e pediria num manifesto aos seus eleitores que encaminhassem a votação para reeleger "um homem trabalhador e sério". Naturalmente êsse homem era o candidato à reeleição que estava ameaçado de não se reeleger. E, com um cinismo de espantar, a velha rapôsa sugeria uma compensação de 25 milhões de cruzeiros, mais um Volks e um terreno, para doutor Renato desistir.

Doutor Renato não se conteve. Soltou um palavrão. Sua mulher, ao lado do telefone, levou um susto. Êle nunca falava nome feio.

— Que é isso, Renato! Que coisa horrorosa!

— Desculpe, meu bem! Mas é tanta sujeira!

De madrugada, doutor Renato desceu para tomar um copo de leite. O dia começava a clarear. A sala, a copa, a cozinha, tôda a casa estava cheia de cartazes e faixas. Que confusão! Do terraço, viu na rua uma faixa com seu **slogan:** Renato Azeredo Zanelli. Para um Brasil mais belo!

O médico sorriu. Se tudo corresse bem, dentro de 15 dias seria outro homem. Seria um deputado federal.

O ABC DA TEKNE3 COMEÇA COM

a
Alinhamento perfeito

b
Batida constante

c
Cópias numerosas e nítidas

d
Durabilidade

e
Eletrificada inteiramente

De fato, o alfabeto todo pode exprimir
qualidades diferentes dessa máquina moderna e veloz:

Fadiga reduzida de 96% em comparação com a máquina manual
Produtividade aumentada
Versatilidade de rendimento

Verifique você mesmo porque: A BELEZA DA TEKNE VOCÊ VÊ, A SUA EFICIÊNCIA VOCÊ COMPROVA

olivetti Tekne 3

Olivetti industrial s.a.
sede: São Paulo
fábrica: Guarulhos (S.P.)
filiais, agentes exclusivos e revendedores
em todo o território nacional.

dê discos de presente

Este ano, dê discos! O presente de Natal que valoriza o seu bom gôsto, útil o ano inteiro. E para quem? Para você mesmo. Para sua própria família. E, também, para os amigos. Coleções de discos são o presente ideal porque tôdos gostam de música. As Coleções da Abril são novas, atuais e esmeradamente escolhidas: as melhores composições com os melhores intérpretes. E com uma vantagem extraordinária: os discos saem pela metade do preço! E são entregues na sua casa. E, nêste fim de ano, com uma vantagem adicional. Veja:

GRÁTIS! Um disco com lindas gravações de músicas tradicionais de Natal, inteiramente grátis, acompanhará cada coleção vendida durante Novembro e Dezembro. E mais: a capa deste disco é, ao mesmo tempo, um Cartão de Natal que você pode preencher se quiser presentear a coleção a alguém. Agora pense: haverá melhor presente do que êste?

RÍTMOS E MELODIAS NA MÚSICA POPULAR

Um estôjo luxuoso contendo 6 Lps de alta qualidade com 80 composições de sucesso popular, de hoje e de sempre, no Brasil e no mundo. GRÁTIS! Um disco com músicas de Natal.

1 **MÚSICA MODERNA POPULAR BRASILEIRA** □ Nanã - Primavera - Reza - Chegança - Ela é Carioca - A Minha Namorada e outros seis sucessos □ Intérpretes: Tamba Trio - Sérgio Mendes - Walter Wanderley e outros.

2 **MÚSICA DA VELHA GUARDA** □ Se Você Jurar - Luar do Sertão - Chão de Estrêlas - Gavião Calçudo - De Papo Pro Ar - Atire a Primeira Pedra e outros seis sucessos □ Intérpretes: Lamartine Babo - Ataulfo Alves - Almirante - Aurora Miranda e outros.

3 **MÚSICA DA JUVENTUDE** □ Quero Que Vá Tudo Pro Inferno - Se Piangi Se Ridi - Io Che Non Vivo (Senza Te) - Ma Vie - Canto de Ossanha - Escândalo em Família e outros seis sucessos □ Intérpretes: Mina - Bob Smart - Cock Mazzetti - Os Balanceiros e outros.

4 **DISCOTÉCA DANÇANTE** □ Around The World - Love Is A Many Splendored Thing - Tornerai Suzie Wong - The Green Leaves Of Summer - Tender Is The Night/Exodus e outros onze sucessos □ Intérpretes: Sandoval Dias - Sexteto Plazza - Gerson-Plinckas e outros.

5 **MELODIAS POPULARES INTERNACIONAIS** □ Al Di La - Gigi - I Hear A Rhapsody - Stella By Starlight - Tonight e outros sete sucessos □ Intérprete: Caesar Giovanini.

6 **RÍTMOS E ROMANCE** □ My Yiddische Mamme - Clair de Lune - Toselli Serenade - Parlez - Moi D'Amour - With A Little Bit Of Luck e outros sete sucessos □ Intérpretes: Jankowsky, Sua Orquestra e Côro.

CLÁSSICOS DE TODOS OS TEMPOS

Os grandes mestres e os seus mais categorizados intérpretes. 10 Lps com 47 obras primas da música clássica. Um libreto com gravuras e biografias dos autores acompanha a coleção acondicionada em lindo estôjo. GRÁTIS! Um disco com músicas de Natal.

1 Vivaldi, AS QUATRO ESTAÇÕES. Intérpretes: I Musici.

2 Rimsky - Korsakov, SCHEHERAZADE: Orquestra Sinfônica de Minneapolis. Borodin, DANÇAS POLOVETZIANAS: Orquestra Sinfônica de Londres e Côro.

3 W.A. Mozart, SINFONIA JUPITER. Beethoven, Aberturas de: EGMONT, ZUR NAMENSFEIER e CORIOLANO: Orquestra de Concertgebouw de Amsterdã.

4 Tchaikowsky, CONCÊRTO PARA PIANO N.º 1: Orquestra Filarmônica de Haya. Liszt, CONCÊRTO PARA PIANO N.º 1: Orquestra Filarmônica da Rádio de Hilversum.

5 Dvorak, SINFONIA DO NÔVO MUNDO. Smetana, O MOLDAU: Orquestra Sinfônica de Viena.

6 Haydn, CONCÊRTO PARA VIOLINO E ORQUESTRA DE CORDAS N.º 1. W.A. Mozart, DIVERTIMENTOS K 137 e K 138. T. Giordani, CONCÊRTO PARA CRAVO E ORQUESTRA DE CORDAS. Intérpretes: I. Musici.

7 CONCÊRTO DE SEIS NAÇÕES. Autores: A.Vivaldi, J.P. Sweelinck, George Philipp Telemann, A.E.M. Grétry, Henry Purcell e Francóis Francoeur: Orquestra de Cordas. Solistas: Maurice André e Jean-Pierre Rampal.

8 Rossini, ABERTURAS das Óperas: "O Barbeiro de Sevilha", "A Escada de Sêda" e "Guilherme Tell". Paganini, CONCÊRTO PARA VIOLINO N.º 4. Orquestra dos Concertos Lamoureux.

9 F. CHOPIN, AS 14 VALSAS: Alexander Uninsky, piano.

10 FAMOSAS ÁRIAS DE ÓPERAS: VERDI, Caro Nome Se Quel Guerrier lo Fossi - Celeste Aida - La Donna É Mobile. PONCHIELLI, Cielo e Mar. ROSSINI, Una Voce Poco Fa - Largo Al Factotum - Bel Raggio Lusinghier. DONIZETTI, Regnava Nel Silenzio - Una Furtiva Lacrima. Intérpretes: Gianna D'Angelo, soprano; Renato Capecchi, baritono; Gianni Poggi, tenor; Maria Morales, soprano; Richard Tucker, tenor, e outros.

AGORA VEJA NA PÁGINA SEGUINTE AS VANTAGENS QUE VOCÊ TERÁ AO ADQUIRIR ESTAS COLEÇÕES PARA SI OU PARA PRESENTEAR

11-27

À ABRIL CULTURAL LTDA.
Cx. Postal 30.777
São Paulo - SP

Se o CARTÃO DE RESPOSTA COMERCIAL que acompanha êste anúncio já tiver sido utilizado, recorte e envie, hoje mesmo, êste cupom.

Queiram enviar-me as "Coleções" abaixo assinaladas, juntamente com 1 disco-GRÁTIS-com músicas de natal:

- ☐ Coleção "Clássicos de Todos os Tempos"
- ☐ À VISTA = Cr$ 45.000 ou ☐ Cr$ 23.000 na entrega e três mensalidades de Cr$ 10.000 cada uma.
- ☐ Coleção "Ritmos e Melodias na Música Popular"
- ☐ À VISTA = Cr$ 27.000 ou ☐ Cr$ 13.000 na entrega e duas mensalidades de Cr$ 9.000 cada uma.
- ☐ As duas Maravilhosas Coleções
- ☐ À VISTA = Cr$ 68.000 ou ☐ Cr$ 33.000 na entrega e três mensalidades de Cr$ 15.000 cada uma.

ATENÇÃO: Entregamos a domicílio. Escreva o endereço para entrega e cobrança. Sòmente Caixa Postal não é suficiente.

NOME: ....
RUA: ....
.... N.º ....
FONE: .... BAIRRO: ....
CIDADE: .... ESTADO: ....

PREENCHA COM CLAREZA E ENVIE O CARTÃO ANEXO. A ABRIL CULTURAL PAGARÁ A SELAGEM.

NÃO ENVIE DINHEIRO AGORA. A ABRIL CULTURAL VAI ENTREGAR OS DISCOS EM SUA CASA. DEIXE PARA PAGAR - O TOTAL OU A PRIMEIRA PRESTAÇÃO - QUANDO RECEBER OS DISCOS.

GRÁTIS! Aproveite, também, esta oferta especial para os meses de novembro e dezembro: 1 disco com músicas de Natal em gravação especial para os compradores das Coleções da Abril Cultural!

APENAS

4.500

POR LP

Escôlha a Coleção de sua preferência e obtenha esta extraordinária redução de preço — a metade do preço normal!

Comprando as duas Coleções você receberá, ainda, um desconto adicional no valor de 1 Lp, além de 2 discos GRÁTIS com músicas para o Natal!

COLEÇÃO RITMOS E MELODIAS NA MÚSICA POPULAR

6 Lps
Preço Normal: **Cr$ 48.000**
NOSSA OFERTA ESPECIAL DE NATAL: Cr$ 27.000
À VISTA ou Cr$ 13.000 iniciais e duas mensalidades de Cr$ 9.000.

COLEÇÃO CLÁSSICOS DE TODOS OS TEMPOS

10 Lps
Preço Normal: **Cr$ 80.000**
NOSSA OFERTA ESPECIAL DE NATAL: Cr$ 45.000
À VISTA ou Cr$ 23.000 iniciais e três mensalidades de Cr$ 10.000.

dê discos de presente

NÃO MANDE DINHEIRO AGORA

CORTE AQUI

À
ABRIL CULTURAL LTDA.
CAIXA POSTAL N.º 30.777
SÃO PAULO - SP

Queiram enviar-me as "Coleções" abaixo assinaladas, juntamente com 1 disco - GRÁTIS - com músicas de natal:

- ☐ **Coleção "Clássicos de Todos os Tempos"**
- ☐ À VISTA = Cr$ 45.000 ou ☐ Cr$ 23.000 na entrega e três mensalidades de Cr$ 10.000 cada uma.
- ☐ **Coleção "Ritmos e Melodias na Música Popular"**
- ☐ À VISTA = Cr$ 27.000 ou ☐ Cr $13.000 na entrega e duas mensalidades de Cr$ 9.000 cada uma.
- ☐ **As duas Maravilhosas Coleções**
- ☐ À VISTA = Cr$ 68.000 ou ☐ Cr$ 33.000 na entrega e três mensalidades de Cr$ 15.000 cada uma.

ATENÇÃO: Entregamos a domicilio. Escreva o endereço para entrega e cobrança. Sòmente Cx. Postal não é suficiente

Nome ....
Rua ....
.... N.º ....
Fone .... Bairro ....
Cidade .... Estado ....

CARTÃO RESPOSTA COMERCIAL
NÃO É NECESSÁRIO SELAR ÊSTE CARTÃO
O SÊLO SERÁ PAGO POR
ABRIL CULTURAL LTDA.
CAIXA POSTAL N.º 30777
SÃO PAULO - SP.

Cartão Resposta
Autorização N.º 727
Portaria N.º 75
De 21 de Junho de 1966
SÃO PAULO

dê discos de presente

Através do nu, pode-se ter uma visão de tôda a história da arte. Desde a beleza ideal da Vênus de Milo até as mulheres de um ôlho só do cubismo. O nu foi inventado na Grécia antiga: 500 anos antes de Cristo, os artista gregos já cuidavam do tema com muito carinho. Antes dêles, os egípcios tinham reproduzido bailarinas nuas nos túmulos, para entreter seus mortos no além, mas estas bailarinas eram figuras anônimas e apenas decorativas.

Com os gregos é que nasce a adoração do corpo humano. Fídias, o grande escultor, dizia que os artistas deram aos deuses a forma humana porque não conheciam outra mais bela. Mas, se a mulher continua sendo a mesma através dos séculos, sua imagem se transformou, pois o ideal da beleza muda com o tempo e cada artista acrescenta o toque de seu gênio.

A Vênus de Milo, esculpida 200 anos antes de Cristo e descoberta por acaso em 1820, na ilha de Milo, representa o corpo feminino perfeito. Esta deusa da beleza e do amor sente-se orgulhosa de suas formas.

Seu corpo é inclinado, vivo, vibrante, harmonioso. A serenidade e o equilíbrio da figura refletem claramente o ideal de beleza dos gregos. SEGUE

Texto de
Lisetta Levi

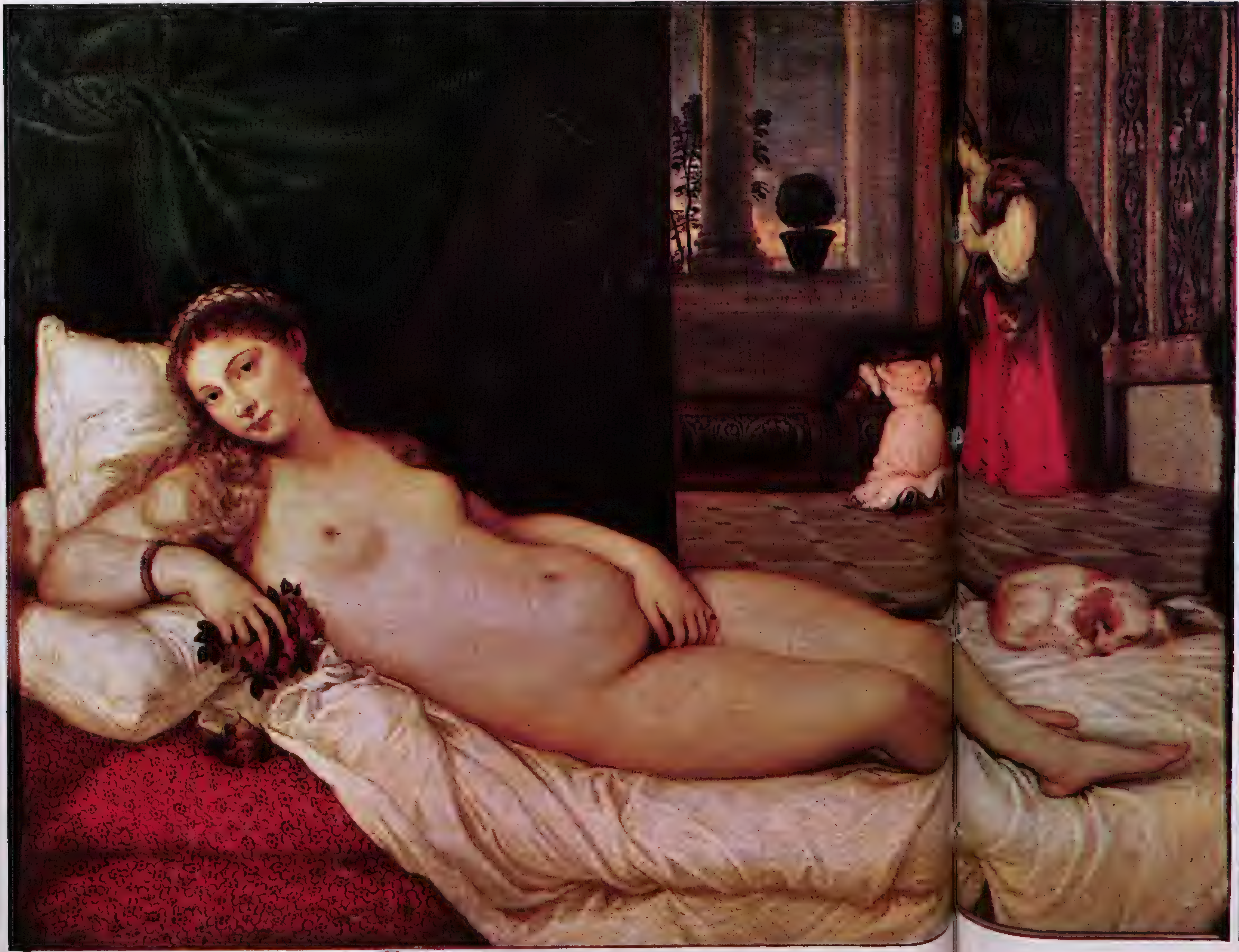
VÊNUS DE MILO - AUTOR DESCONHECIDO
200 A.C. - MUSEU DO LOUVRE (PARIS)

A ARTE DESCOBRE A MULHER

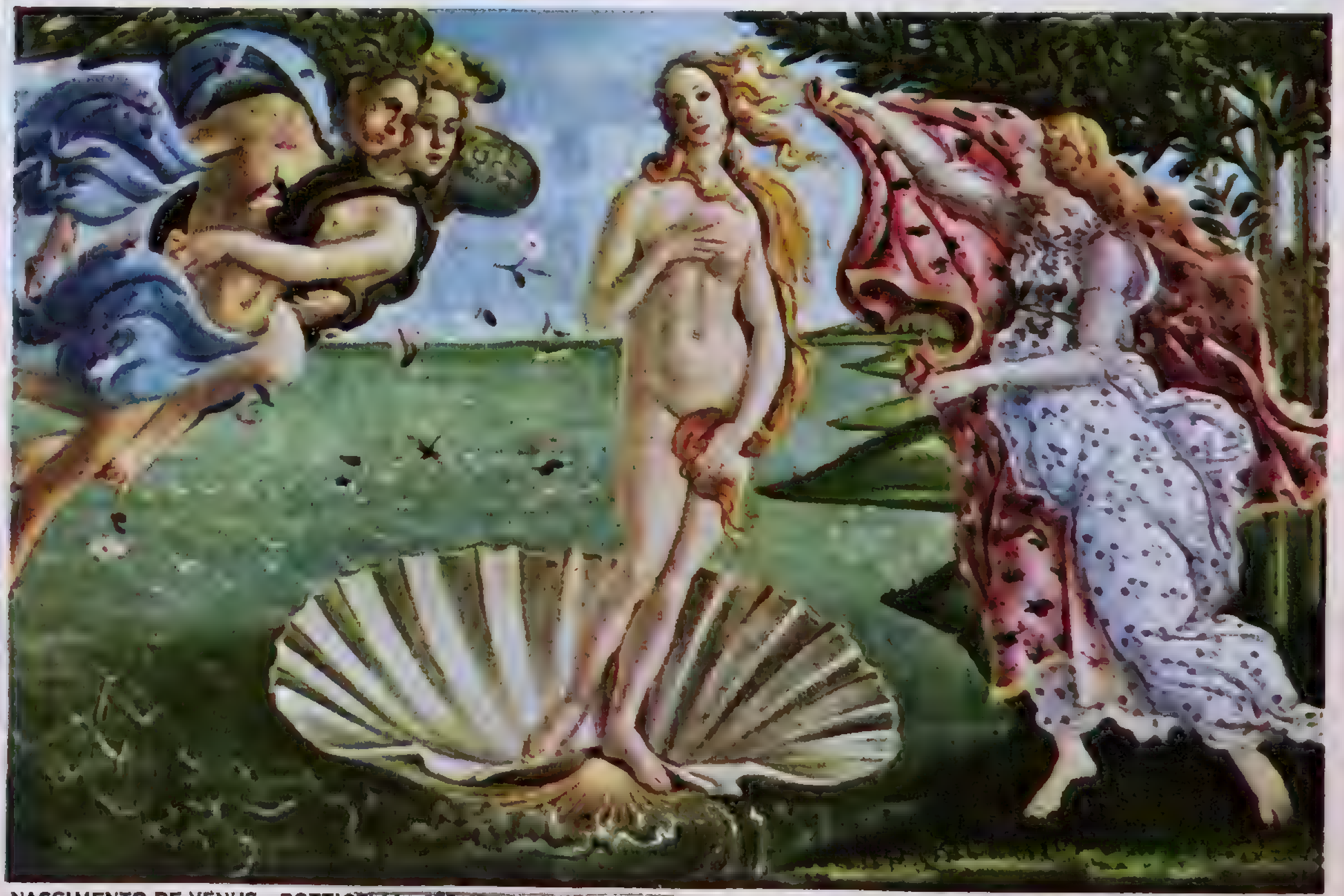
As linhas se libertam

Já na Idade Média, o corpo nu é considerado instrumento do diabo. A mulher é representada vestida, e se estiver nua é tímida, cheia de pudor, ciente do pecado original.
Nasce um nôvo tipo de mulher, de ombros estreitos, braços magros, seios altos e pequenos, o ventre saliente.
Vênus, a deusa da beleza, é substituída por Eva, a mulher expulsa do Paraíso. Esta mudança de concepção aparece no Livro das Horas, *do duque de Berry, pintado em* 1416 *para o Duque de Berry pelos irmãos Pol, Jan e Hermann de Limbourg. Numa das dezenas de miniaturas do livro, o Paraíso é representado em quatro cenas: Eva, com a serpente que lhe oferece duas maçãs; Adão que aceita a fruta oferecida por Eva; Deus, que pronuncia as palavras de condenação eterna; e Adão e Eva que, conscientes do pecado, sentem vergonha pela primeira vez. Com êste sentimento deixam o Paraíso.*
Nus, até o momento em que ignoravam o pecado, cobrem-se quando tomam consciência dêle.
O Renascimento, impaciente por fazer ressurgir o ideal de beleza grega, expulsa a Eva pudica e faz voltar Vênus. O artista é respeitado porque possui a faculdade de tornar eterno o que, sem sua obra, seria passageiro.
Sandro Botticelli (1445-1510), que viveu em Florença, na côrte de Lorenço de Medici, conserva ainda algo de medieval e não se entrega completamente à livre sensualidade do Renascimento.
Em seu Nascimento de Vênus, *o tema é pagão, mas o espírito é o cristão da Idade Média. Nascida da espuma do mar, Vênus se aproxima da terra: dois ventos sopram para acelerar o movimento da concha que a transporta.*
Uma criada lhe estende o manto florido, enquanto ela se cobre castamente, muito mais madona que deusa do amor.
A tristeza de seu olhar é profunda, como se tivesse consciência do sofrimento que o amor lhe trará. É uma Vênus virgem e pura.
Quem posou para Botticelli foi seu modêlo favorito; Simonetta Vespucci, amante de Giuliano de Medici.
Ao estilo linear de Botticelli, seguem-se as linhas sinuosas de Tiziano (1477-1576); o colorido tímido é substituído pelas côres douradas; a resposta à sofisticação florentina é a sensualidade veneziana. O modêlo de Tiziano foi, quase sempre, a sua bela amante.
Na Vênus de Urbino, *de Tiziano, as linhas correm livremente. O espírito ainda receoso do século 15 dá lugar à liberdade do século 16. Já não se trata de uma deusa, mas de uma mulher em sua casa, esperando que as criadas lhe tragam os vestidos. Aguardando o amante, esta Vênus é provocante e tem perfeita consciência do triunfo de sua beleza.* SEGUE

LIVRO DAS HORAS - IRMAOS POL - SEC. 15 - MUSEU CONDÉ (CHANTILLY)



A VÊNUS DE URBINO - TIZIANO - SEC. 16 - GALLERIA DEGLI UFFIZI (FLORENÇA)



NASCIMENTO DE VÊNUS - BOTTICELLI - SEC. 15 - GALLERIA DEGLI UFFIZI

A busca da perfeição

O estilo que surge no século 17 é ornamental e pesado. Há muitas guerras religiosas, o homem perde a fé em Deus e nos outros homens. E mergulha na embriaguez e no amor sensual. O maior nome desta arte é Peter. Paul Rubens (1577-1640). Foi o primeiro que ousou pintar sua própria mulher nua. Helena Forment, segunda mulher de Rubens, serviu-lhe de modêlo para vários quadros. "Ela não enrubescia — escreveu êle — quando eu pegava o pincel para pintá-la." O exagêro com que êle pinta as carnes foi sempre muito criticado, mas é justamente nisso que êle se revela grande mestre. Quem vê seus quadros sente-se atraído pelo turbilhão daquelas figuras voluptuosas: as linhas se quebram, as massas se levantam, as carnes reluzem. Essas mulheres são irmãs das mulheres de Tiziano e já antecedem os nus de Renoir. Cada pincelada é uma carícia: nas costas, nas pernas, nas nádegas — Rubens exalta sem cessar esta sua mulher, que não quer ser outra coisa senão uma mulher. No quadro O Rapto das Filhas de Leucipo, *Rubens apresenta dois corpos de mulher em movimento. A exuberância do barroco é seguida pela delicadeza do rococó. As côres fortes dão lugar às suaves, as cenas violentas mudam para a atmosfera íntima do* bodoir. *O amor não passa de um divertimento Um dos pintores mais representativos da época é François Boucher* (1703-1770), *protegido de madame Pompadour, a quem ensinava desenho. A mulher que Boucher sempre representou é a adolescente e não a mulher madura, como as de Tiziano Rubens. É um tipo de mulher que foi tratado na pintura sòmente nessa época, quando o flêrte substituiu o amor. E sòmente com êsse tipo de mulher-menina se poderia representar o amor brincalhão e superficial.* A Mulher Nua *de Boucher é Louise O'Murphy, favorita de Luís XV. Deitada em lençóis brancos, ela deixa ver as costas e as nádegas. Como acontece muito na época, a mulher não é pintada de frente. Extremamente excitante, essa mulherzinha de Boucher expressa a graça de um tempo no qual o amor se tornou uma distração. No início do século 19, sob o reinado de Napoleão I, a Academia de Belas Artes francesa volta-se novamente para a Antiguidade. Aos alunos não é permitido ter idéias próprias: o único dever é copiar as estátuas gregas. Ao mesmo tempo, a arte tinha obrigação de tratar temas "importantes" e não temas da vida cotidiana. Jean-Dominique Ingres* (1780-1867) *é o pintor mais notável dêsse período. Êle afirma que quer reviver as formas de Rafael. Casado em* 1813 *com a bela Madeleine Chapelle, ao ficar viúvo voltou a casar-se, com uma mulher* 30 *anos mais jovem. Tinha então* 72 *anos. Seu tema preferido: as mulheres. Mulheres tão perfeitas que chegam a parecer estátua. Seu quadro* La Grande Odalisque, *encomendado pela rainha de Nápoles, foi feito em* 1814, *em Roma, e exposto em Paris, em* 1819. *A odalisca foi muito criticada pelos contemporâneos de Ingres (descobriram nela duas vértebras a mais), mas ela corresponde ao ideal da época: o que vibra nesse quadro não é a beleza da mulher, mas a beleza da forma.* SEGUE

MULHER NUA - BOUCHER - SÉC. 18 - PINACOTECA DE MUNIQUE

LA GRANDE ODALISQUE - INGRES - SEC. 19 - MUSEU DO LOUVRE (PARIS)

O RAPTO DAS FILHAS DE LEUCIPO - RUBENS - SEC. 17 - PINACOTECA DE MUNIQUE

A arte moderna começou aqui

OLYMPIA - MANET - SÉC. 19 - MUSEU DO LOUVRE

Com o impressionismo, o artista é livre de descrever o mundo que êle sente. Aqui começa a arte moderna. Após a invenção da fotografia, em 1863, *os pintores não queriam mais representar uma realidade que poderia ser reproduzida fotogràficamente; queriam captar a impressão de um instante. Os impressionistas desprezavam o academismo e preferiam representar cenas da vida de todos os dias. Edouard Manet* (1832-1883), *um dos maiores impressionistas franceses, demonstra na sua famosa* Olympia *tôda a aversão que sentia pela Academia. O modêlo de Manet foi Victorine Meurand, uma jovem que êle encontrou certa vez no palácio de Justiça e à qual pedira para posar. Victorine aceitou. Três anos mais tarde, Manet começou a pintar* Olympia, *que considerou sua obra-prima. Deitada na cama, ela apóia o cotovêlo em uma almofada, para mostrar melhor o seio; ela não sonha, mas olha o espectador, serena. A expressão do rosto é a de uma mulher que pensa nas coisas terrenas. A criada negra que lhe traz flôres de um admirador, e o gato prêto aos seus pés não deixam dúvida quanto à profissão de Olympia. O público quis rasgar a tela, ao ver — era a primeira vez — uma cortesã representada na arte. Hoje,* Olympia *encontra-se no Museu de Louvre. Amedeo Modigliani* (1884-1920), *o artista italiano que foi um dos iniciadores do expressionismo, criou um tipo nôvo de beleza feminina. Rostos e pescoços compridos, cabeças inclinadas, olhares tristes. As suas mulheres, como êle mesmo afirmou, querem expressar a aceitação da vida. Seu modêlo foi Jeanne Hébuterne, a môça que viveu ao lado do artista até sua morte, aos* 37 *anos. Logo que soube da morte de Amedeo, Jeanne suicidou-se. As mulheres de Modigliani, tristes, mas serenas, aparecem atormentadas em seus nus. São mulheres insatisfeitas sexualmente, que se deitam sem espontaneidade. Sempre prontas para levantar, essas mulheres não olham para o espectador, mas sentem dolorosamente o pêso do próprio corpo, que não tem belas formas e expressa um tormento físico e espiritual.*

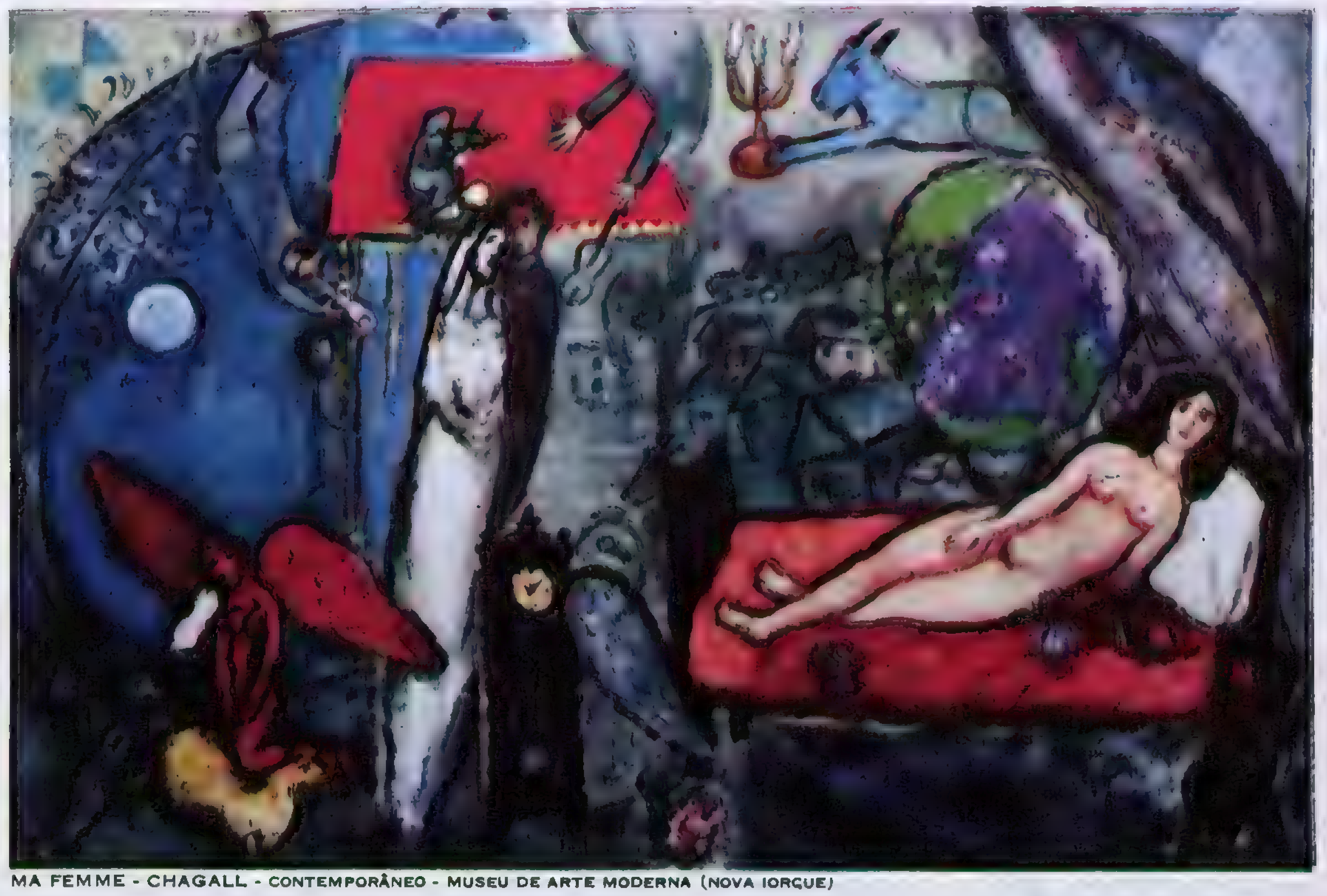
SEGUE

GRANDE NUDO - MODIGLIANI - SÉC. 20 - MUSEU DE ARTE MODERNA (NOVA IORQUE)

A mulher vira objeto

Na arte moderna, a mulher já não é mais um determinado modêlo, mas um objeto por meio do qual o artista mostra seu estilo. O artista cria uma nova forma, tomando como ponto de partida o corpo humano. Isto é bem claro na obra de Pablo Picasso (nascido em 1881), o artista contemporâneo que revolucionou o modernismo, com o cubismo. Criado entre 1907 e 1914 por Picasso, Bracque, Juan Gris e Fernand Léger, o cubismo ofereceu uma nova perspectiva: a profundidade é abolida e a figura avança para o espectador. Nem espontâneo com o impressionismo, nem dramático como o expressionismo, o cubismo é uma arte intelectual. Aos que diziam que não era arte, Picasso retrucou: "Se o cubismo, por muito tempo, não foi compreendido, e se ainda hoje há quem não o compreenda, não quer dizer nada. Eu não sei falar inglês. Um livro escrito em inglês, para mim, é um livro vazio, mas isto não prova que a língua inglêsa não existe". Esta nova maneira de ver foi aplicada ao corpo feminino pela primeira vez com Les Demoiselles d'Avignon *pintado por Picasso em* 1907. *As formas naturais são desmontadas, destruídas, para reconstruir formas completamente novas. As duas figuras de mulher podem ser vistas, ao mesmo tempo, de frente e de lado: o ôlho de uma delas, por exemplo, é desenhado de frente, enquanto que o rosto está de perfil. O surrealismo é o movimento da arte moderna que escolhe como tema o sonho, as alucinações, o mundo do subconsciente. Foi em 1924 que o escritor André Breton publicou seu* Manifesto Sôbre o Surrealismo. *Ispirados por Freud, os surrealistas pintam o que vêem no subconsciente. No surrealismo, as pessoas e os objetos são reproduzidos fotogràficamente, mas as associações são associações do sonho. Assim, as mulheres também são vistas como num sonho. A mulher que o pintor belga Paul Delvaux (nascido em* 1897) *representa é sempre a mesma: aparece nua, perdida em uma praça, uma estação ou um pátio. Geralmente, Delvaux pinta várias mulheres que não se comunicam entre si, que andam como sonâmbulas, em grandes praças vazias, nas quais aparecem altas árvores e templos estranhos. No Cortège, que foi exposto na oitava bienal de São Paulo, um grupo de mulheres caminha como se andasse para o sacrifício. Elas não têm nada de sensual, nem têm consciência de sua nudez. Marc Chagall (nascido em 1887), que não pinta o mundo do subconsciente mas sonha com os olhos abertos, representa o corpo feminino com ternura. Muitas vêzes a mulher dos seus quadros encontra-se nos braços do homem que ama, e parece uma figura oriental. O homem quase tem mêdo de tocá-la. No quadro* Ma Femme, *a mulher está deitada, como nos quadros clássicos, mas é como se ninguém tivesse servido de modêlo. A mulher é um ser suave e necessitado de amor. Ela pensa, lembra. É o seu casamento. Volta a ver-se vestida de branco ao lado do marido. Um relógio com asas dança no ar. O tempo passou e passa. No teto vermelho, uma recordação da infância: o tio sapateiro que toca violino. Um grande anjo vermelho, ajoelhado em cima de um galo, reza para que êste amor não termine jamais. Chagall criou um mundo de poesia infinita.* SEGUE

LES DEMOISELLES D'AVIGNON - PICASSO - CONTEMPORÂNEO - MUSEU DE ARTE MODERNA (NOVA IORQUE)



MA FEMME - CHAGALL - CONTEMPORÂNEO - MUSEU DE ARTE MODERNA (NOVA IORQUE)

CORTÈGE - DELVAUX - CONTEMPORÂNEO

Resta a sugestão de uma presença

Também no Brasil a arte moderna tem se preocupado com a figura feminina, transformando-a completamente. No quadro La Donna é Mobile *do jovem pintor paulista Wesley Duke Lee, a mulher quase desaparece: o que resta é a sugestão de sua presença. Mas o importante é que — ao longo dos séculos e seja qual fôsse o estilo adotado — todos os pintores que reproduziram a beleza feminina amavam as mulheres. Renoir dizia que nunca teria sido pintor se não pudesse pintar os seios das mulheres. E na verdade cada um dêstes quadros é uma história de amor, na qual vibra a personalidade do artista, junto com seu desejo e sua capacidade de transformar carne em poesia. Pois, na verdade, a beleza feminina foi descoberta pelo homem.*

FIM

LA DONNA E MOBILE - WESLEY DUKE LEE - CONTEMPORÂNEO - DA COLEÇÃO DE G. LORCA

O UÍSQUE É NOSSO

ILUSTRAÇÕES DE SÁPIA

Verdade é que muito ainda se discute sôbre como beber, se puro, com gêlo, água, soda, guaraná (segundo o respeitável costume interiorano) ou mesmo com coca-cola, mistura que tem por aí seus defensores. Mas se fôr considerado que a velha aguardente escocesa entre em tôdas essas faladas combinações, pouca importância acabam tendo aquelas discussões, principalmente para fabricantes e vendedores, pois sinal é de que o whisky *ou uísque está sendo consumido como nunca se imaginou neste país.*

SEGUE

Foi preciso usar uma temperatura exagerada, a alta pressão, para que êste fio ficasse com um vermelho tão bonito.

Mas valeu a pena: a côr dêste tapête Tabacow, permanecerá viva e igual por muito tempo.

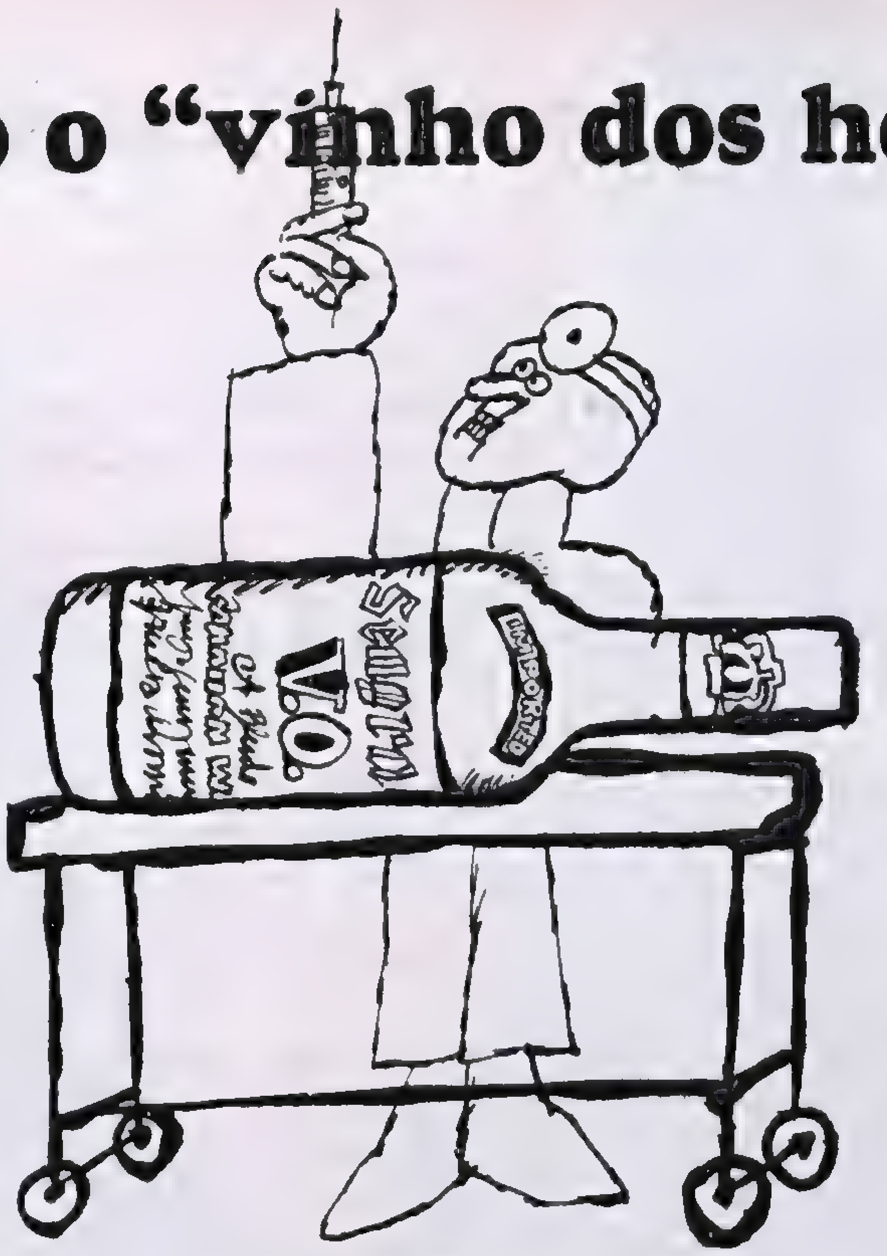
O que acontece quando um fio é tingido à uma temperatura elevada, a alta pressão? O corante se dissolve completamente e a côr é distribuída pelas fibras com uniformidade. Além disso, o corante penetra e reage quimicamente com as fibras, fixando-se profundamente, fazendo com que a côr permaneça inalterada por muitos anos. Todos os tapêtes Tabacow são tingidos dessa maneira. No entanto, daqui a alguns anos, pode ser que alguém diga:
"É, até que é bonzinho êste tapête..."
Sem saber o trabalhão que tivemos para fazê-lo assim.
Não faz mal.
A vida é assim mesmo.

Extralã
Extranylon - Nylonpel
Carpete - Viking - Tropical Süper
Atlas - Olímpia - Cruzeiro
Walt Disney - Pérsia - Floral - Rivoli

tapêtes TABACOW

Fábrica: Rua Boa Esperança, 229 Tels.: 9-0024 - 9-0188 - São Paulo
Exposição e Vendas por atacado - Rua 24 de Maio, 35 - 19.º and. - cj. 1913 - Fone: 34-0486 - Cx. P. 7026

Já foi chamado o "vinho dos homens pobres"



Por sua nobreza e sobretudo por seu preço, o uísque não passava, até bem pouco tempo, de coisa de rico, remédio para pressão ou drinque para convidado importante. Pois não foi que de repente surgiu no mercado uma bebida chamada **uísque nacional,** muito criticada e desprezada a princípio pelos conhecedores de uísque escocês? É a bebida aos pouquinhos foi entrando nas casas de classe média e no costume de freqüentadores de clubes, bares, boates e **inferninhos.**

Quanto às críticas, até já acabaram, pois muitos da velha **ala escocesa** resolveram optar pelo nacional. Quanto ao desprêzo, também não existe mais. E que se cuidem os de muita boa-fé: o uísque nacional, como adiante se verá, também já tem falsificadores.

Essa popularização de consumo do uísque provocou radicais mudanças nos hábitos alcóolicos dêste país, e não menos radicais transformações nos costumes profissionais do **barmen** e outros trabalhadores do ramo.

O ponche, o cuba-libre, o **hi-fi,** uma infinidade de coquetéis está morrendo, para dar lugar ao uísque, puro ou com suas misturas. E os **barmen,** que antigamente eram especializadíssimos conhecedores de misturas e bebidas estranhas, transformaram-se em simples colocadores de litros em cima do balcão, para o garçom levar à mesa.

De bôca cheia se pode dizer que a maneira mais comum de se beber uísque neste Brasil é **on the rocks,** isto é, com gêlo e nada de outras misturas líquidas. Preferem os bebedores que adotaram êste costume o copo **old fashioned,** que é aquêle que tem a forma de um tronco de cone, ou mais fino embaixo e largo em cima.

Depois vêm os que gostam de pôr clube soda ou água no uísque, seguidos pelos que ainda continuam insistindo no guaraná e até pelos que, agora, estão usando coca-cola, para ajudar a bebida a descer. O que contraria muito **the best Highlands fashion,** isto é, a melhor moda de Highlands — a região da Escócia que produz o melhor uísque — de bebê-lo puro, como brasileiro bebe pinga, sem gêlo e sem mais nada.

Pois eis que havia quatro tipos de uísque: o **scotch whiskey** (irlandeses e americanos usam um **e,** que não existe no escocês).

Não se sabe se houve relação ou não, mas o fato é que, mais ou menos na época em que o Brasil começou a importar matéria-prima da Escócia para fazer o seu uísque, apareceu numa revista americana um anúncio de uísque irlandês, que dava a receita do **uísque à brasileira.** Era assim: "encha o copo até o meio com café bem quente. Jogue o café fora. Lave bem o copo com água quente. Deixe o copo esfriar. Coloque uma dose generosa de **Irish whiskey** e gêlo à vontade."

Vendem-se hoje, no Brasil, 30 ou 40 marcas de uísque nacional, mas 50% do mercado está com uma delas sòmente. Marcas registradas, porém, existem mais de 200. Inclusive coisas como **O. Key, Alam-Bik, Sereno, Latino, Atestado de Óbito, Habeas Corpus, Polar,** e outras.

Os uísques brasileiros são, na sua maioria, feitos com malte importado da Escócia, álcool e água daqui mesmo. São do tipo **scotch,** mas algumas fábricas, mesmo importando o malte, usam "fórmulas próprias".

Hoje, o uísque escocês é a bebida mais conhecida do mundo. E muito se deve o seu sucesso à tradicional marinha britânica, que sempre garantia a entrega do uísque em data certa.

A maneira mais segura de se beber **scotch** legítimo é comprá-lo no importador autorizado. Verdade que muitos são os meios de se contrabandear uísque, mas o difícil é saber se é contrabando mesmo, ou falsificação. Fabricantes de uísque nacional calculam que, se entram no Brasil legalmente 50 mil caixas de **scotch,** outras 150 mil entram por contrabando. Outros avançam o cálculo até 400 mil caixas por ano de uísque escocês, entre as legais e contrabandeadas, o que dá 4.800.000 litros de bebida. Como a produção de uísque nacional é também de 400 mil caixas, pode-se considerar nosso consumo de uísque quase igual a dez milhões de litros por ano.

Dizem os entendidos que a maioria do uísque de contrabando entra pela fronteira do Paraguai, onde é trocado por café, também contrabandeado. Ou entra por mar, onde os contrabandistas são poderosos e têm tôda uma rêde de barcos e gente a seu serviço.

Falsificar uísque é uma indústria rendosa. E já foi bem difícil, no tempo em que não havia uísque nacional. Era necessário, antigamente, conhecer complicadas fórmulas, saber dispor muito bem de pinga, iôdo, café, água e de um pouquinho de guaraná para adocicar. Isso não podia ser feito por qualquer dono de boate. Era preciso ter instalações mais ou menos complicadas, que a Polícia sempre acabava descobrindo.

Hoje, a falsificação se chama **fajutagem** e pode tranqüilamente ser feita atrás de um balcão. A receita é fácil:

"Pegue um litro de uísque escocês, vazio. Uma agulha ou arame fino, e o esquente até ficar em brasa. Enfie-o pela válvula do litro de uísque escocês, fazendo um furinho, que ninguém percebe. Encha a seringa com uísque nacional do mais barato, de uns quatro mil cruzeiros o litro. Coloque o bico da seringa na bôca do litro de uísque escocês, aperte a seringa e vá empurrando o uísque".

Essa operação demora de três a cinco minutos por litro. Em uma hora se faz uma dúzia de litros de "uísque escocês". Uísque de quatro mil o litro, que será vendido a cinco mil cruzeiros a dose.

A tampinha de papel metálico, que cobre a válvula do uísque, também pode perfeitamente ser reconstituída, se a marca não tem um sêlo de segurança. Nesses casos, o uísque pode ser recondicionado em caixas e vendido como contrabando.

Outros processos ainda existem. Por exemplo, de uma caixa de bom uísque nacional podem-se fazer duas, desde que se tenham as garrafas vazias. Sempre injetando pelo processo da seringa de borracha, é só acrescentar água e álcool em proporções iguais, uns pingos de café e iôdo até chegar na côr.

Veja-se agora o lucro: uma caixa de escocês, legalmente importada, custa 380 mil cruzeiros, ou seja, 31.700 cruzeiros o litro, que dá 22 doses. As boates, vendendo a dose de **scotch** a cinco mil cruzeiros, fazem, em bruto, 110 mil cruzeiros por litro, ou seja, 1.320.000 cruzeiros em cada caixa. Mais de 200% de lucro. Com uma fajutagenzinha, mesmo que seja com o nacional mais caro, essa porcentagem sobe bastante. Fajutar o bom uísque nacional da lucros na mesma proporção.

O preço de 380 mil cruzeiros, ou mais, pela caixa, é aqui no Brasil, com impostos e tudo.

SEGUE

À noite quase todos os escoceses são pardos

Mas, em aeroportos internacionais de certos países, sai mais barato, como se pode ver numa tabela de preços do **sky Shop,** do Panamá, onde os preços de **scotch** vão de 6.600 a 16.500 cruzeiros o litro. Mas só podem comprar os passageiros em escala no aeroporto ou que estejam saindo do país.

O **scotch,** do qual se consomem nos EUA, por ano, 14 milhões de caixas (168 milhões de litros, ou mais da metade da produção mundial, que é de 27 milhões de caixas), era na Escócia uma bebida plebéia. Tem suas lendas também e dizem até que foi costume usar uísque como remédio para gripe: era beber na frente de uma gaita de fole até enxergar duas.

Como **aquavitae** fôsse o nome latino que se dava a tôdas as bebidas destiladas, logo depois de o sistema de alambique ter sido introduzido na Europa pelos árabes, os escoceses transferiram êsse nome para sua língua de origem celta, e ficou **uisquebeatha,** depois **uísque baugh.** Com o tempo, virou apenas **whisky,** para escoceses e inglêses, e **whiskey** para os irlandeses e americanos.

Não se sabe exatamente quando se começou a fazer uísque. Mas houve tempo, isto é certo, em que muita gente na Escócia tinha alambique doméstico, de onde tirava uma bebida de cevada maltada, de gôsto bem diferente do de hoje, um gôsto de fumaça picante. A bebida era chamada "vinho dos homens pobres", pelos aristocratas.

A produção em nível industrial começou em 1814, quando os alambiques domésticos, por lei, tiveram de ser eliminados ou substituídos por outros de grande capacidade. A invenção do alambique de coluna, em 1826, e seu aperfeiçoamento, logo depois, ajudaram muito a popularização do **scotch.** Com essas invenções, no comêço dêste século, alguém resolveu misturar o velho uísque escocês com outro produto alcoólico, de cereal não-maltado, que os inglêses chamam de **grain whisky,** ou **grain neutral spirit,** e em português é simplesmente álcool de milho.

Surgida a nova mistura, o conservadorismo inglês e escocês pulou de suas tradicionais cadeiras, e surgiu uma questão: essa nova bebida é uísque nacional?

Pois foi constituída uma "Real Comissão" para resolver o assunto. A comissão definiu o uísque como sendo "bebida obtida da destilação da mistura de grãos de cereais, sacarificados pela diástase do malte ou não" e consagrou, assim, os dois tipos de bebida.

O uísque passou a ser uma mistura de malte escocês, álcool de milho, água, e um pedaço de açúcar queimado, o caramelo, que dá uma mãozinha nas misturas muito descoloridas, mas não tem gôsto.

O bom **scotch** tem como características principais: o **peat,** gôsto de fumaça de turfa queimada; o **blending,** arte de misturar vários maltes, em proporções secretíssimas até chegar a um paladar padrão; e a água.

A cevada, de que é feito o **maltwhisky,** depois de limpa, fica imersa na água por dois ou três dias. A seguir é espalhada, em assoalhos apropriados, em condições especiais de temperatura e umidade, para germinar. Quando as raízes dos grãos atingem certo tamanho (3/4 de polegada, mais ou menos), a água é retirada e o grão passa a chamar-se "malte verde". E vem agora a fase da secagem, onde entra o **peat.**

O malte verde é levado para uma estufa ou forno, e espalhado numa grelha, diretamente sôbre um fogo feito de carvão e turfa, ou musgo, que os inglêses chamam **peat.** A fumaça oleosa da turfa leva para os grãos um sabor picante. O malte então é separado de impurezas e fica de môlho em água quente, até se dissolver. Desta **sopa** de cevada maltada, a chamada casca é retirada por não servir para destilação, mas serve para alimentar porcos. Por isso, quase todo fabricante de uísque também cria porcos. O líquido, depois de fermentado (transformação dos açúcares em álcool), é destilado duas vêzes.

As duas fases seguintes são as de amadurecimento e **blending.** O amadurecimento, antigamente, era feito em tonéis de carvalho que a Inglaterra importava da Espanha com xerez dentro. Ficava então o gostinho do xerez. Além disso, as paredes dos tonéis eram levemente carbonizadas. Hoje em dia, usam tonéis onde já foi envelhecido o **bourbon** americano, carbonizam e borrifam um pouco de xerez. O govêrno inglês não deixa colocar à venda **maltwhisky** com menos de três anos de idade.

A Escócia tem quatro principais regiões produtoras de **maltwhisky** diferentes, e a arte do **blending** está em misturar bem êstes **maltwhisky.**

As quatro regiões são Highlands, Lowlands, Campbeltown e Islay. Highlands, às margens do rio Spey, produz os mais saborosos maltes. Os mais fortes são de Islay, por causa da secagem, feita com fogo apenas de turfa. Campbeltown também produz malte do tipo forte, enquanto o de Lowlands é geralmente mais suave, mas sem a **finesse** do de Highlands.

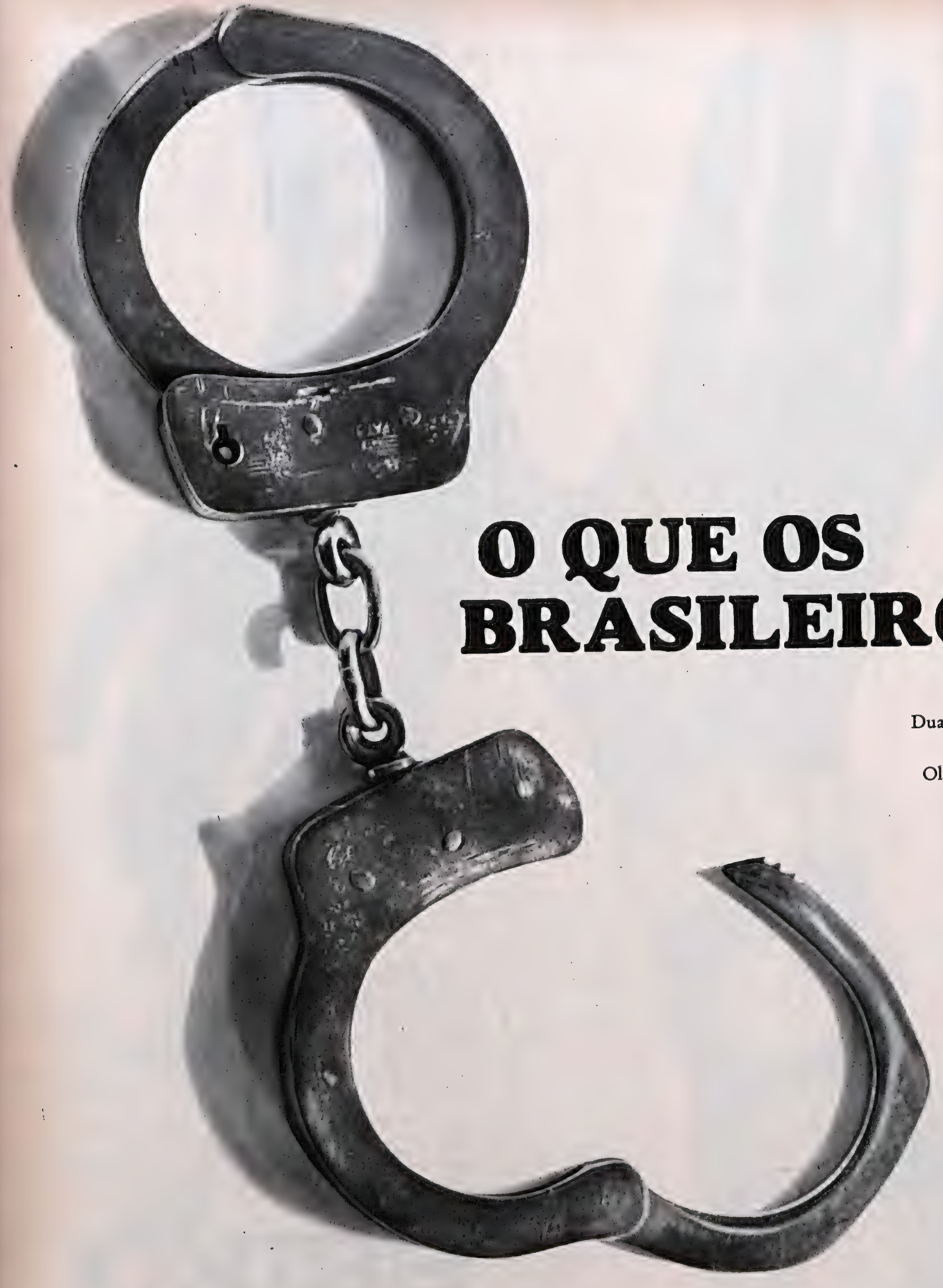
A arte de misturar consiste em pegar os produtos das 106 destilarias de malte e das 13 de álcool de milho, e fazer um tipo característico de **scotch.** O **blender,** homem que faz as misturas, precisa ter grande experiência e conhecer exatamente as proporções de malte de Highlands e de Lawlands, para dar delicadeza, leveza e **finesse** à bebida. Depois, em função da marca para que trabalha, tem de acrescentar pequenas partes de malte de Islay e Campbeltown, pelo **peat,** e, finalmente, a quantidade correta de álcool de milho. Depois disso, o teor alcoólico da bebida ainda é alto, não-comerciável. E é aí, para rebaixar êsse nível, que entra a famosa água da Escócia.

O uísque é bem fiscalizado, na Escócia e Inglaterra. Quando chega ao Brasil, também é examinado, por um serviço de fiscalização de bebidas. Fazem um exame químico, para verificar o teor alcoólico, e outro, chamado organoléptico, para **experimentar** a bebida.

O uísque nacional segue a mesma receita. Importa-se o **maltwhisky** escocês em barris. Êsse também é examinado na alfândega, mas não experimentado, por causa dos seus 60% de álcool.

No uísque nacional, o álcool de milho é destilado aqui mesmo. E a água também é nossa. Isso provoca certas diferenças do **scotch** original. O importante, porém, é a proporção de malte na mistura. Os escoceses têm de 40 a 50% de malte. Os nacionais bons até 40%, mas há quem diga que alguns, de malte mesmo, não têm nada.

Há meia dúzia, entretanto, bastante bons. Porque poucas fábricas deverão usar a receita publicada no livro de José Antônio Sobrinho, "Como Ganhar Dinheiro Fabricando Bebidas", da Coleção "Segredos Industriais", que ensina a fazer uísque artificial dêsse jeito: éter butírico, éter acético, essência de zimbro, essência de amêndoa amarga, essência de coentro, essência de cravo da Índia, xarope de uva, caramelo, tudo em mínimas quantidades, para 65 litros de álcool e 35 de água. FIM



Até agora, sempre que se falou em divórcio no Brasil, opinaram juristas, religiosos, psicólogos, legisladores, sociólogos. REALIDADE tomou a iniciativa de ouvir, pela primeira vez, o grande público. E incluiu, em seu número de julho último, um cartão-resposta onde o leitor daria sua opinião sôbre o problema do casamento fracassado e indicaria sua preferência pelo desquite ou divórcio (ou nenhum dos dois) como melhor solução. Quase 15 mil leitores responderam. E aqui, com quadros elaborados pelo INESE - Instituto de Estudos Sociais e Econômicos - estão os resultados da pesquisa que acabou se tornando um debate nacional e um tão importante quanto surpreendente documento.

O QUE OS BRASILEIROS PENSAM DO DIVÓRCIO

Texto
Duarte Pach

Fotos
Olivier Per

Alguns leitores não gostaram da pesquisa. J.H., de Caxias do Sul, 33 anos, leiteiro, casado, protesta: "Deveria ser baixado um decreto determinando a reclusão de 50 anos para tôda pessoa ou entidade que ventilasse êsse assunto". L.C.B., lavrador de Franca, 35 anos, casado, vai mais longe — pede cassações: "Deveriam ser cassados todos aquêles que estivessem a favor do divórcio ou do desquite". M.P.F., ferroviário de 40 anos solteiro, escreve lá de Vitória: "O assunto demonstra a queda moral de nosso país. Que Deus nos defenda desta hora maldita e de tais pensamentos!" Coisa parecida é o que aconselha W.B., comerciante de São Paulo, 26 anos, casado: "Como bons católicos que somos, nem devíamos pensar nisso." Mas de Recife, F.T., estudante de 20 anos, solteiro, lembra que "no Brasil não existem só católicos". J.O.G., Rio, contador, 39 anos, é mais violento: "Se o divórcio vencesse, acabaria com a hipocrisia da religião católica, pois ela perderia 60% dos católicos".

Outros leitores não gostaram das perguntas. J.R.M., Piracicaba, estudante, 23 anos, solteiro, reclama: "A colocação das três alternativas rouba ao público a opção fundamental: contra ou a favor do casamento. Sou pelo amor livre." Há também os que se mostram preocupados antecipadamente com os resultados da pesquisa, como J.Q.B., professor solteiro de 26 anos: "O critério da verdade não é a quantidade nem o número." Para C.H.M., bancário, 24 anos, solteiro "seria mais oportuno e necessário discutir leis para criar meios de como alimentar a família; desajuste ou imaturidade de uma minoria é assunto secundário". Mas há quem pense o contrário, como R.L.B., estudante de 18 anos, solteiro: "São o desquite e o divórcio o principal mal-estar de uma nação". O importante é que todos participaram do inquérito. As respostas chegaram aos milhares. De tôdas as partes do Brasil, e até de brasileiros que moram no exterior. Muitos casais preferiram responder juntos. De Santos, vieram votos coletivos. Em Caruaru, Pernambuco, grupos de casais católicos e de membros da Confraria das Mães Cristãs se reuniram para "um estudo em conjunto acêrca do assunto", e enviaram seus votos em comum. Um grande número de leitores não se contentou com o cartão-resposta e mandou artigos, cartas, pareceres, poesias; chegou até um folheto impresso, com "os argumentos de um divorcista anônimo". J.S., solteiro, 24 anos, estudante de Belo Horizonte, confessou que não se conteve — enviou um conto: "O Amor Verdadeiro e o Divórcio".

Em setembro foi suspenso o recolhimento das respostas — que continuavam a chegar — e a apuração foi iniciada. Eis os resultados: dos 14.611 leitores que responderam, 11.547 votaram a favor do divórcio; 2.348 foram contrários ao divórcio e ao desquite; e 716 declararam-se a favor do desquite.

Pode-se tirar dêste resultado a média da opinião geral no Brasil? Os leitores que responderam à pesquisa não seriam, por exemplo, todos muito jovens ou todos desquitados?

As características das pessoas que responderam ao inquérito estão no Quadro 3. Há mais homens do que mulheres, é certo. Porém, como se pode ver no Quadro 5, houve uma extraordinária correspondência entre os votos dos homens e os das mulheres.

Observa-se também uma proporção maior de leitores entre 20 e 30 anos. Deve-se considerar, no entanto, que a população brasileira é preponderantemente jovem e que, além disso, aos que se encontram nessa faixa de idade interessam mais do que a nenhum outro os problemas ligados ao casamento.

Há um número elevado de solteiros. O que deve contrariar alguns leitores como E.D., da Guanabara, administrador, casado, que tem a seguinte opinião: "O divórcio, meus caros senhores, é assunto privado para casados; só a êles concerne opinar". Ou como E.H., de São Paulo, professor, 36 anos, casado: "Acho ridículas as campanhas contra o divórcio feitas por estudantes solteiros ou por religiosos." L.N., que se assina "ministro do Evangelho" e se diz favorável ao divórcio em caso de adultério, pois "o próprio Cristo o permite nesses casos", escreve para lembrar que "o clero não entende pràticamente nada sôbre a vida conjugal, pois é celibatário ferrenho. Uma coisa é viver casado, e outra é casar os outros." D.E.E., engenheiro, casado, 49 anos, é ainda mais rigoroso: "A pesquisa deveria ser feita só entre os que têm filhos". No entanto, O.Z. e H.G., estudantes de Curitiba, defendem os solteiros: "Há pessoas que não dão crédito à opinião dos solteiros, porque êstes não tiveram a experiência dos problemas conjugais. Não cremos verossímil tal raciocínio, pois se assim fôsse, pela mesma razão um médico deveria antes contrair moléstias para poder curá-las; um juiz tornar-se criminoso para julgar um réu."

SEGUE

"Só existe um vínculo indissolúvel: o amor"

Os velhos são mais favoráveis ao divórcio que os jovens

Mas o importante é que uma diminuição do número de solteiros não provocaria uma alteração **fundamental** nos resultados da pesquisa, já que os votos dos solteiros acompanharam de perto a votação geral. Poderia, isto sim, elevar um pouco a taxa dos que são favoráveis ao divórcio, pois os solteiros mostraram uma tendência: votar menos do que os outros no divórcio (ver Quadro 7).

Mais significativas parecem as percentagens desiguais por profissão e por residência. Sobretudo por residência, pois a distinção não é sequer por leitores das cidades e leitores do campo, mas leitores das capitais e leitores do interior. Mas, se essas limitações devem ser levadas em conta para a correta interpretação da pesquisa, não se pode deixar de notar que muitas de tais desigualdades equivalem a desigualdades na composição da própria população brasileira. Além disso, a votação por sexo, idade, estado civil, profissão, residência, como se pode ver adiante, apresenta sempre uma mesma tendência básica, de modo que não se pode supor que qualquer variação nas características dos leitores que responderam modificasse profundamente os resultados globais. Isto ainda se torna mais claro quando são comparados os Quadros 3 e 4: há uma superposição tão nítida entre os dois, que os resultados apurados podem ser considerados representativos da opinião geral em todos os setores e áreas abrangidos pela pesquisa.

Embora os homens e as mulheres tenham votado aproximadamente da mesma maneira, não se pode deixar de destacar que as mulheres são até mais favoráveis do que os homens ao divórcio, o que talvez seja surpreendente.

Também os resultados por idade podem surpreender. São os jovens os que mais se opõem ao divórcio e são ainda os jovens que mais se manifestam contra o divórcio e o desquite. A votação a favor do divórcio descreve uma curva, crescendo nas idades intermediárias e diminuindo nas extremidades. Porém diminui nas idades avançadas menos do que na juventude. Enquanto isso, a votação a favor do desquite vai caindo à medida que as idades sobem.

Quanto aos resultados por estado civil, os solteiros estão na frente: são êles os que mais reprovam o divórcio, os que votam mais contra o divórcio e o desquite ao mesmo tempo, e ainda os mais favoráveis ao desquite. Depois, vêm os casados. Um resultado que chama a atenção é o dos amasiados — nem todos são a favor do divórcio. Outro dado que se destaca: só 1% dos desquitados quer o desquite, mas 100% dos divorciados são a favor do divórcio.

Entre as profissões — tirando padres e pastôres — os maiores índices de oposição ao divórcio foram êstes, pela ordem: estudantes, trabalhadores braçais, operários especializados, fazendeiros e professôres. Enquanto os mais favoráveis ao divórcio são os que ocupam posições de alta chefia: os administradores, os gerentes de emprêsas, e os altos funcionários. Há variações entre os Estados e principalmente entre as capitais e o interior. O interior se mostra muito mais contrário ao divórcio, embora se manifeste também muito pouco pelo desquite. Mas as variações não são muito grandes e, de modo geral, se aproximam dos resultados globais. No conjunto, o resultado é ainda bastante favorável ao divórcio: 84% nas capitais e 70% no interior. E a maioria dos que não querem o divórcio não quer também o desquite. No interior, por exemplo, dos 30% que votaram contra o divórcio, 24% votaram também contra o desquite.

As razões

Por que 5% preferem o desquite ao divórcio? Há um argumento que se repete: "porque o desquite é um mal, mas é um mal menor". Ou então: "é um mal necessário". Para muitos outros, porém, o desquite é o mal maior. É o que pensa, por exemplo, G.F.S., industrial baiano, 54 anos, casado: "O desquite é a pior solução. Não resolve o problema da primeira espôsa, relega a segunda a uma condição de inferioridade, leva o marido a uma situação de constrangimento e para os filhos parece-me ainda mais catastrófico." A.D., de Guarabira, Paraíba, médico, viúvo, 52 anos, chama atenção para o fato de que "desquite é divórcio que permanece na metade da solução". Para N.R.T., professôra de 44 anos, São Paulo, "muito bem casada", "separação sem previsão de uma nova união é absurda. Será que algum legislador, ou guia religioso, supõe que uma pessoa desquitada renuncie para o resto da vida a filhos e ao poderoso e salutar impulso do sexo?" Daí, E.C., escritor de São Paulo, 55 anos e casado, considerar o desquite "um medievalismo e um convite ao concubinato". E o carioca C.S.A., casado, 40 anos, com sua "experiência de advogado militante há 15 anos", acha que existe "tanta imoralidade" justamente porque muitos, "valendo-se da proibição legal, debochadamente constituem uniões sucessivas, pois não estão obrigados a se vincular legalmente a nenhuma delas". Esta situação, porém, parece não preocupar A.M.P., de Canoas, RS, 21 anos, militar, que é contra o divórcio e o desquite e acha que "para os inconstantes existe **certa situação** que dá liberdade aos dois sem quebras de leis". Mas há os que se angustiam. A.P., motorista de São Paulo, 38 anos, solteiro: "O desquite está minando a sociedade". A.H.L., comerciante, São Paulo, 54 anos, casado: "O desquite é um destruidor da moral familiar. Dentro em breve o Brasil será o maior país do mundo em casais amigados, com prejuízo enorme para os filhos." Mas V.R., de Recife, estudante, solteira, 15 anos, acha que, "sendo o divórcio proibido pela Igreja", o desquite é a única situação possível "quando é impossível um casal continuar junto". A isso, E.H., de Petrópolis, RJ, contesta: "Proibindo o divórvio, o clero tinha o dever de proibir também o desquite. Será que o clero prefere ao divórcio essas uniões ilegais realizadas aos montes?"

Por várias dessas razões é que muitos preferem o divórcio ao desquite. E a resposta mais comum é curiosamente a mesma: "porque o divórcio é um mal menor". S.H., funcionário público, casado, 29 anos, da GB: "O divórcio não é um bem mas é uma solução menos pior do que o desquite". S.C., de Campinas, SP, pastor evangélico e advogado, 29 anos, casado: "O divórcio é um mal, mas para corrigir um mal ainda maior: os casos de união insolúvel por outros métodos." J.S.M., da GB, contador, casado, 46 anos: "O divórcio é um mal necesário. É como a Polícia, o Exército."

No entanto, P.T.S. de Cubatão, SP, médico, 29 anos, casado diz: "A porta aberta (divórcio) facilita a entrada do ladrão (infelicidade conjugal) e dificulta ou torna impossível sua captura (a reconciliação)". A.V.C., Barbacena, MG, professôra, casada, 24 anos, vê o problema da mesma forma: "Todo casal nos primeiros anos de vida conjugal atravessa um período difícil de adaptação, como aconteceu conosco. Hoje somos um casal feliz. Se existisse o divórcio, êsse período de reajustamento não chegaria a ser superado." Mas M.M.P., professôra solteira de Belo Horizonte, 34 anos, crê que, "havendo divórcio, que dá direitos iguais aos dois cônjuges, haverá mais fidelidade conjugal". J.M.V., funcionário público, casado, 55 anos, também de Belo Horizonte, diz mais: "Com mêdo de perder o companheiro, os cônjuges toleram-se e procuram se compreender melhor."

Porém, para P.U., jornalista da Guanabara, 34 anos, desquitado, "tôda essa discussão é acadêmica. Queiram ou não, o divórcio já existe. Resta reconhecê-lo." Para confirmar o mesmo ponto de vista, L.V., de Pôrto Alegre, funcionária pública, solteira, 26 anos, cita Allan Kardec: "O divórcio é a lei humana que tem por objeto separar legalmente o que já está de fato separado". E o escriturário V.G.C., de Teresina, Piauí, solteiro, 27 anos, pergunta: "Não seria melhor o divórcio que a generalizada prevaricação existente hoje em dia?"

E um estudante de Volta Redonda, RJ, 21 anos, solteiro, que não quis assinar, adverte: "O divórcio abre o caminho para a prostituição". M.L.F., de Salvador, comerciária, 30 anos, solteira, faz uma afirmação: "O divórcio é uma prostituição legalizada". Completando a idéia, A.P.C., funcionária pública de Belo Horizonte, 25 anos, solteira, diz: "O divórcio torna a mulher uma bola de futebol que vai de pé em pé nunca encontra seu verdadeiro dono". Mais radical é A.C.P., de Felipe dos Santos, MG, funcionário, solteiro, 25 anos: "Tanto o divórcio quanto o desquite aumentam a prostituição". Mas a condenação definitiva vem de F.C., de Curitiba, viúva, 36 anos: "Tanto as mulheres desquitadas quanto as divorciadas são volúveis, inconstantes, não dignas de terem êstes títulos sagrados: mulher, mãe, rainha do lar, de amor, de lágrimas, para o bem da pátira e da humanidade". São muitos, porém, os que protestam. E.I., da GB, funcionária desquitada, 50 anos: "O divórcio não é imoral e sim o desquite, que humilha e obriga a viver à margem da sociedade. O divórcio não marginaliza a família." O.L.X., de Juazeiro, BA, professôra, solteira, 21 anos: "A falta do divórcio é um caminho para a prostituição". E N.P.S., de Aracaju, economista, solteiro, 27 anos: "O desquite condena a mulher à prostituição, disfarçada ou não".

Entre os que votaram a favor do divórcio se encontra um argumento constante, sintetizado na frase de E.M.P., GB, bancário, 31 anos, casado: "O principal objetivo de uma pessoa mentalmente sadia é ser feliz". F.C.C., da Guanabara, funcionário, solteiro, 21 anos: continua: "A finalidade do casamento é a felicidade dos cônjuges". No entanto, diz M.E., da Guanabara, funcionário, solteiro, 21 anos: "É muito natural uma pessoa amar alguém com intensidade e depois deixar de amar". "Ora, só há um vínculo indissolúvel: o amor — escreve A.L.B., de Teresina, estudante, solteiro, 22 anos — portanto, acabando o amor, acaba o casamento, e êste deve ser dissolvido."

O problema dos filhos

Aí é que se levantam os antidivorcistas para denunciar, como M.T.P., de Cruzeiro, SP, professôra, 33 anos, casada, que "o divórcio inverte a ordem natural, preferindo a felicidade pessoal ao bem coletivo". Lembram, então, que além da felicidade dos cônjuges o casamento tem outro objetivo: a procriação e educação dos filhos. E perguntam, como S.Z., casada, 29 anos, SP: "Por qualquer motivo, o casal se separa. E os filhos?" E M., de São Paulo, estudante, 18 anos, solteira, é taxativa: "O divórcio e o desquite resolvem apenas o problema do casal, nunca dos filhos". N.G.L., estudante de Juazeiro, BA, solteira, 18 anos, lembra: "Os casais não devem ser egoístas, pensar só em si". Também M.C.A.M., de SP, professôra, casada, 21 anos: "Os filhos merecem o sacrifício dos pais, já que não pedem para nascer". E a professôra E.G., de Timbó, SC, casada, 26 anos, acrescenta: "Fazer a felicidade dos filhos é ser feliz".

"É duro ser filho enganado"

C.M.G., industrial da GB, casado, 37 anos: "Aquêles que julgam proteger os filhos mantendo à fôrça a indissolubilidade do casamento devem ser cegos, pois é mil vêzes preferível ser filho de pais separados do que assistir, diàriamente, ao espetáculo deprimente de um casal em brigas". C.G.O., de SP, industriário, solteiro, 25 anos: "Se os filhos de pais divorciados estão sujeitos a uma série de problemas, os filhos de casamentos infelizes, cujos pais permanecem juntos apenas para salvar as aparências, têm problemas freqüentemente muito maiores". L.F., de SP, secretária, solteira, 22 anos, dá um testemunho pessoal: "Só um filho que já descobriu que seus pais fingem se amar sabe o quanto é duro ser enganado".

A conclusão de P.I., de SP, bancário, casado, 43 anos, é de que "o problema dos filhos é muito sério, mas existe mesmo com o desquite e com as simples separações". D.V.G., de Recreio, MG, funcionário, casado, 47 anos, acha que também para êsse problema a melhor solução é o divórcio, "pois êle irá proteger justamente os filhos. Poderá dar-lhes o que o desquite não oferece: o respeito da sociedade e a assistência moral."

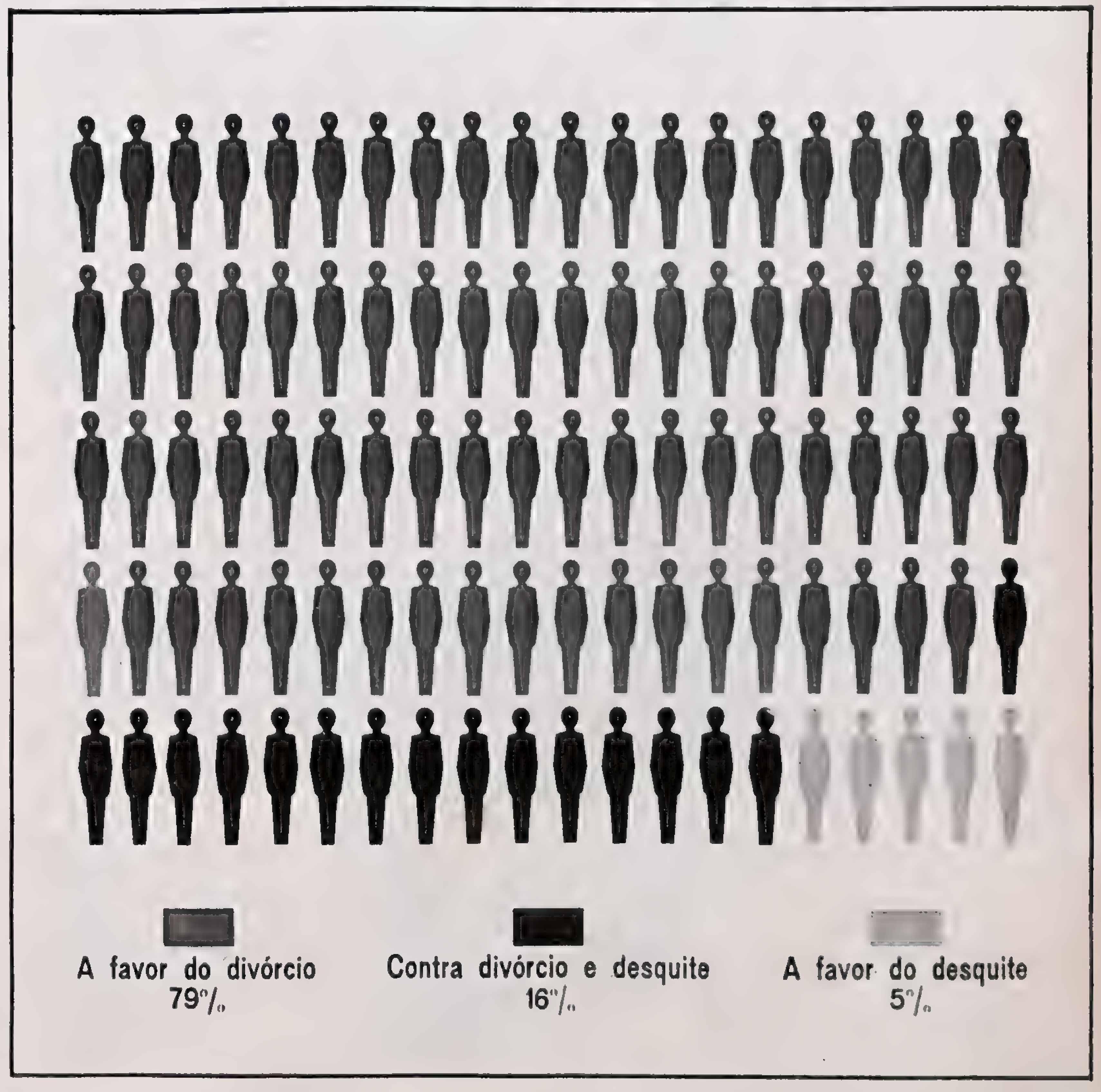
Mas R.M.B., de Colatina, ES, estudante, 16 anos, solteira, discorda: "Jamais desejaria ser filha de pais desquitados ou divorciados. Se isso me acontecesse, não daria apoio nem a um nem a outro. O casamento acaba quando acaba o amor aos filhos." J.G.T.R., da GB, bancário, casado, 32 anos, rebate: "Sou a favor do divórcio porque sou filho de pais desquitados". E S.S., de SP, escreve uma carta para contar: "Sou filha de pais húngaros, divorciados no estrangeiro, e que refizeram suas vidas. Nem por isso fiquei uma filha infeliz, rejeitada, e adoro os meus pais." I.B. de São Paulo, também mandou uma carta: "Sou uma estudante alemã. Meu pai casou em segundas núpcias com minha mãe. Nem por isso deixamos de ser uma família unida, que vive uma vida normal e feliz." Talvez tivesse razão W.R., contador, casado, 28 anos, da GB, quando escreve que "é mais fácil fazer um filho compreender a situação de pais divorciados do que a de pais gladiadores". De qualquer forma, conclui E.A.C., dentista de SP, casado, 27 anos: "Os filhos, com ou sem divórcio, serão as vítimas, cujo maior ou menor desajuste dependerá do caráter e da educação de cada um".

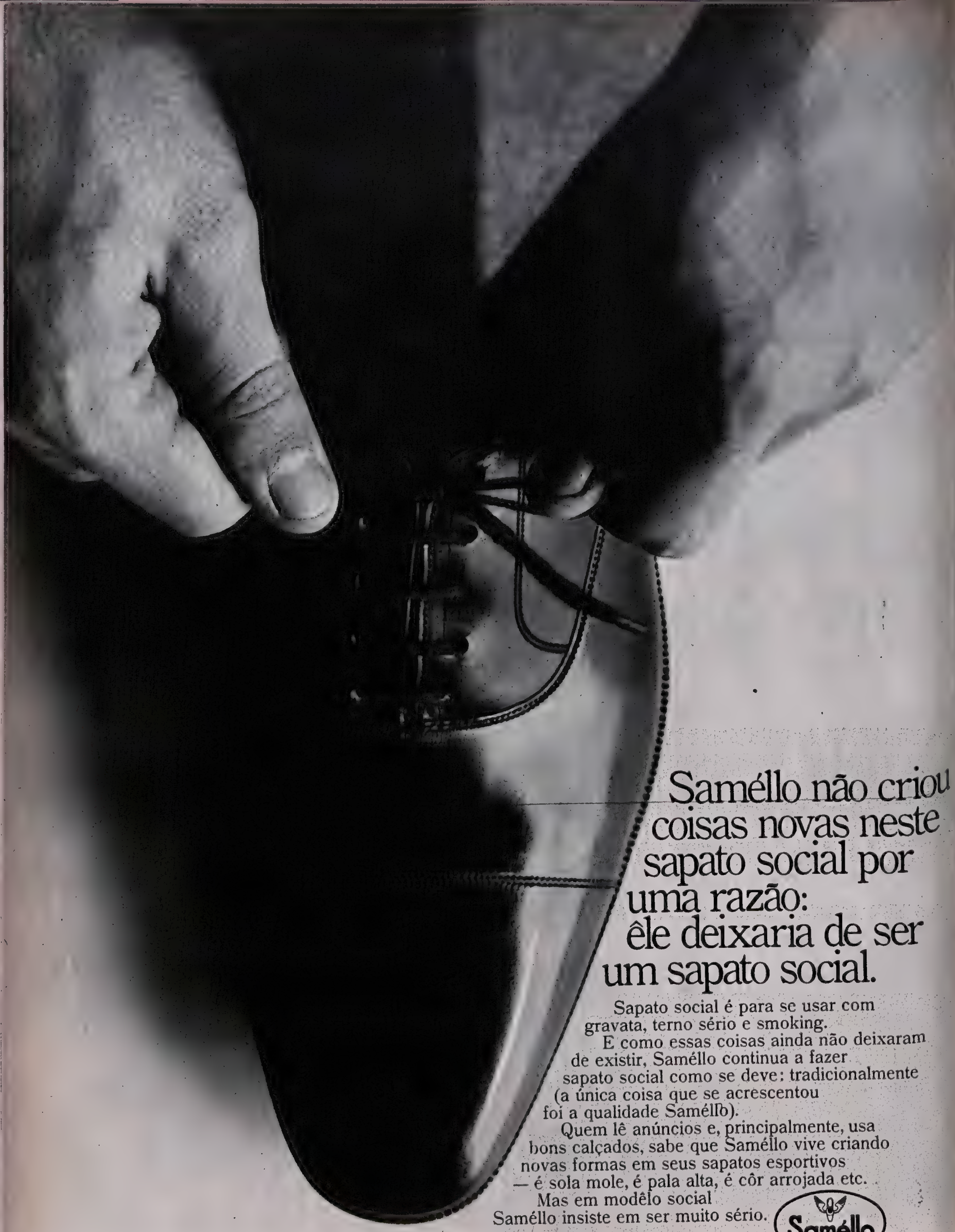
SEGUE

1 — RESULTADOS GERAIS

	NÚMEROS ABSOLUTOS
A favor do divórcio	11.547
A favor do desquite	716
Contra o divórcio e o desquite	2.348
TOTAL	14.611

2 — RESULTADOS GERAIS EM PORCENTAGEM





79% dos homens e 80% das mulheres votaram a favor do divórcio

"Imoral, degradante, pouca vergonha oficializada"

Muitos concordariam com W.D.M., da GB, militar, casado, 28 anos: "Os problemas resolvidos pelo divórcio seriam bem mais e maiores que os por êle criados".

Não pensa assim V.J.S.L., estudante de Niterói: "Instituir o divórcio é combater um problema com outro problema: a troca periódica de cônjuge". Acha inclusive que "o mais lógico talvez fôsse abolir logo o matrimônio". E.S.F.S., estudante de São Paulo, 18 anos, parece dar razão a seu colega de Niterói quando escreve: "O divórcio é o primeiro passo para a abolição do casamento, um dos maiores erros da humanidade". "E o ideal", reforça E.J.S.V., estudante de Salvador, solteiro, 19 anos "seria não haver casamento". Porém, explica J.J.V., de Niterói, casada, 24 anos: "Divórcio não quer dizer fim do casamento. Ao contrário: deve haver o divórcio justamente porque há casamento."

"Mas o divórcio é imoral, degradante, é a pouca vergonha oficializada", escreve D.C.M., securitária de Belo Horizonte, solteira, 48 anos. "O divórcio favorece principalmente os homens", acrescenta, A.M.G.C., de Cachoeira do Sul, RS, estudante, 17 anos, solteira. É também a mesma opinião de A.C.G.I., SP, 44 anos, casada: "As leis atuais favorecem sòmente os homens. É claro: êles que as fizeram.

Boa parte das respostas insiste na necessidade da preparação para o casamento. Uma delas é de F.F.S., de Palmeira, PR, motorista, "casado com 12 filhos", 49 anos: "O que falta no Brasil não é o divórcio, é orientação para noivos". Frei V.P., de Bom Jesus, RS, 40 anos: "Os divorcistas pecam pela base, tentam acomodar situações em lugar de preveni-las. Em lugar de campanha divorcista, campanha de preparação para o matrimônio." Muitos, justamente por isso, são contra o divórcio. M.C.A., Santo André, SP, operária, solteira, 22 anos: "Havendo o divórcio, os jovens não se prepararão para o casamento". P.F.A., Santa Rita do Passa Quatro, SP, professor, 37 anos, casado: "O divórcio é incentivo ao casamento impensado". Já S.C.B., da GB, pensa diferente: "Ainda que pareça incrível, o divórcio fará com que o brasileiro, tão displicente, pense melhor no que faz". E H.M.T., de São Paulo, casada, professôra, 23 anos, escreve: "Sei que muitas vêzes, mesmo com preparação, há o fracasso". N.P., Guanabara, solteiro, militar, 21 anos, complementa: "O casal só se conhece de fato quando começa a viver junto". Nos casos em que, mesmo com preparação, o casamento fracassa, qual o remédio? Para o padre E.G.A., de Aracaju, 39 anos, "o desquite, que deve ser evitado pela sadia formação dos jovens para o matrimônio, mas é um mal menor". SEGUE

3 - CARACTERIZAÇÃO DOS LEITORES QUE RESPONDERAM À PESQUISA

	NÚMEROS ABSOLUTOS	PERCENTAGEM
Por Sexo:		
Homens	9.254	63
Mulheres	5.357	37
Por Idade:		
Menos de 18 anos	847	6
de 18 a 19 anos	1.398	9
de 20 a 24 anos	3.782	26
de 25 a 29 anos	3.050	21
de 30 a 34 anos	1.782	12
de 35 a 39 anos	1.269	9
de 40 a 44 anos	842	6
de 45 a 49 anos	532	4
de 50 a 54 anos	440	3
de 55 a 59 anos	262	2
de 60 e mais	325	2
sem resposta	82	menos de 1
Por Estado Civil:		
casados	5.392	37
solteiros	8.034	55
viúvos	149	1
desquitados	869	6
amasiados	16	menos de 1
separados — não desquitados	50	menos de 1
divorciados	7	menos de 1
sem resposta	94	1
Por Profissão:		
Empregados de escritório	3.329	24
Estudantes	3.080	22
Empregados categorizados	1.425	9
Professôres	1.158	8
Profissionais liberais	899	6
Empregados do comércio	885	6
Comerciantes	858	6
Operários especializados	774	5
Donas de casa	765	5
Militares	506	3
Trabalhadores braçais	256	2
Industriais:	135	1
Fazendeiros	83	1
Aposentados e inativos	56	menos de 1
Padres e pastôres	55	menos de 1
Posições de alta chefia	27	menos de 1
Sem especificar a profissão	320	2
Por Residência:		
Capitais	9.371	64
Interior	5.240	36

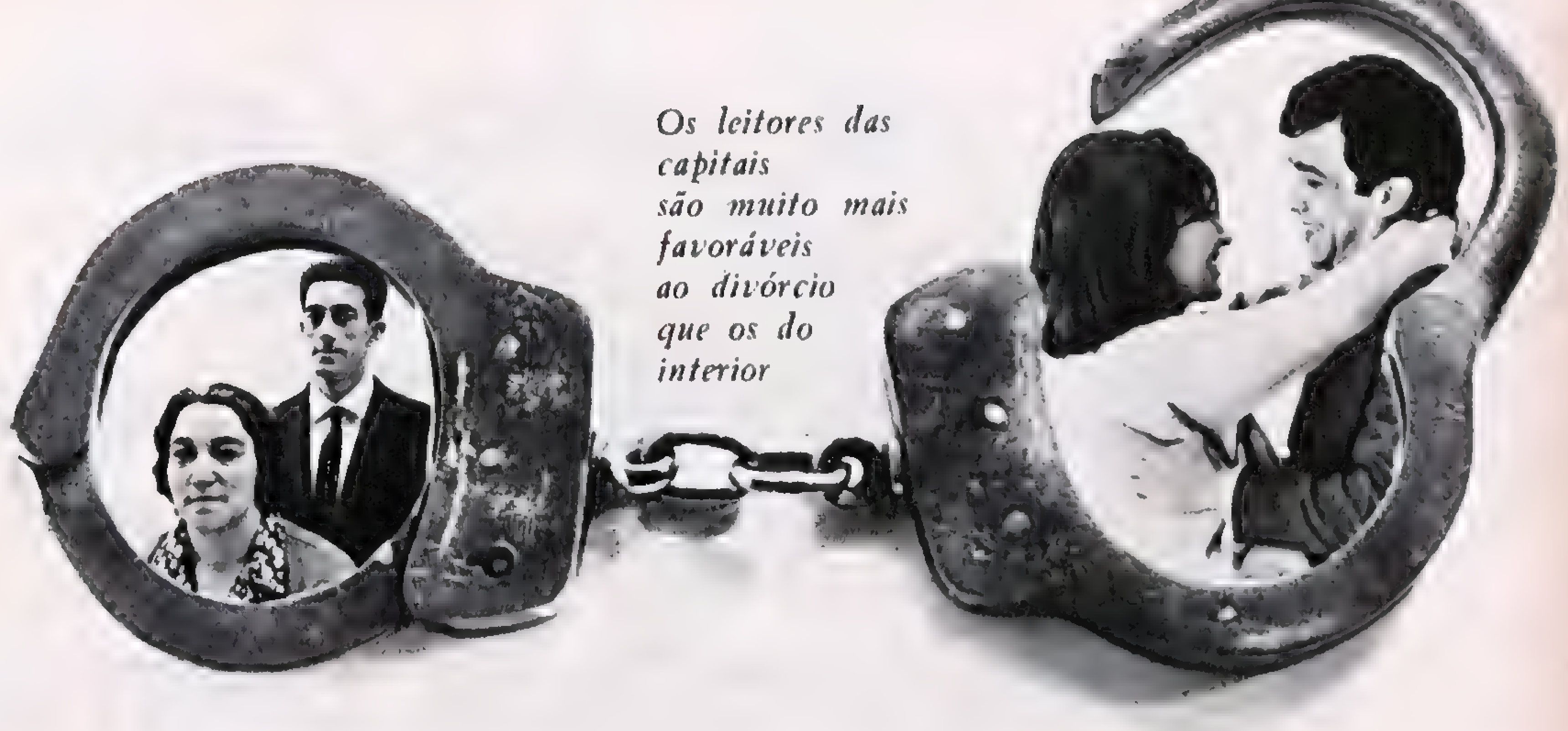
Nova Light, Nôvo Símbolo

A energia da Light impulsionou no passado e sustenta no presente o crescimento econômico da região-líder do progresso brasileiro. Sessenta e sete anos depois de ter iniciado suas atividades, a Light mobiliza-se hoje, por todos os seus homens, para duplicar, em 5 anos apenas, os serviços que tem prestado, sem medir esforços, aos habitantes da região Rio-São Paulo. Uma nova Light, portanto, se acrescenta, com a mesma decisão de servir, à antiga emprêsa pioneira dos serviços de eletricidade no Brasil.

Um nôvo símbolo foi adotado para marcar êsse grande esfôrço da Light; na representação estilizada da faísca elétrica contida num círculo, êle sugere o nome da emprêsa, e a fôrça que ela domina e põe à disposição de seus milhões de consumidores.

O símbolo é nôvo mas o espírito da Light é o mesmo: continuar, no futuro como no passado, a serviço do progresso do Brasil.

LIGHT
A SERVIÇO DO PROGRESSO DO BRASIL



Os leitores das capitais são muito mais favoráveis ao divórcio que os do interior

"Se é ruim, por que quase todos os países adotam?"

D.L., da Guanabara, comerciante, casado, 30 anos, também fala em educação: "Meu lema educar para depois divorciar, se necessário". Justamente por não acreditar na possibilidade dessa educação é que M.M.S., de Gaspar, SC, professôra, solteira, 20 anos, se pronuncia contra o divórcio: "O povo não está preparado. E duvido que algum dia esteja."

4 — LEITORES FAVORÁVEIS AO DIVÓRCIO

	percentagem
Por Sexo	
Homens	63
Mulheres	37
Por Idade:	
menos de 18 anos	4
de 18 a 19 anos	8
de 20 a 24 anos	26
de 25 a 29 anos	23
de 30 a 34 anos	13
de 35 a 39 anos	9
de 40 a 44 anos	6
de 45 a 49 anos	4
de 50 a 54 anos	3
de 55 a 59 anos	2
de 60 e mais	2
Por Estado Civil:	
casados	38
solteiros	53
viúvos	1
desquitados	7
sem resposta	1
Por Profissão:	
Empregados em escritório	24
Estudantes	19
Profissionais liberais	7
Professôres	7
Empregados no comércio	7
Empregados categorizados	7
Comerciantes	6
Donas de casa	5
Operários especializados.	5
Militares	4
Trabalhadores braçais	2
Fazendeiros	1
Industriais	1
Aposentados e inativos	menos de 1
Posições de alta chefia	menos de 1
Padres e pastôres	menos de 1
Sem especificar profissão	2
Por Residência:	
Capitais	68
Interior.	32

R.N.S., da Guanabara, desenhista, solteiro, 21 anos, tem opinião parecida: "Sou a favor, porém não no Brasil. Pois êste ainda é um país subdesenvolvido e a maioria de sua população é ignorante." R.M.F., de Petrópolis, RJ, 24 anos, vendedor, tira do mesmo fato outra conclusão: "Falta ao povo educação; mas sem ela a imoralidade sempre dominará, com divórcio ou sem êle".

W.K.W., da cidade de Campinas, Estado de SP, operário especializado, solteiro, 28 anos, ficou envergonhado quando leu, na Enciclopédia Britânica, as primeiras palavras do verbete sôbre o divórcio: "Só poucos povos não-civilizados consideram o matrimônio indissolúvel ou desconhecem o divórcio". W.L. R., Guanabara, soldador, casado, 33 anos, pergunta: "Se nos EUA existe divórcio por que no Brasil não pode existir?" P.S.A., de Nôvo Hamburgo, RS, estudante, solteiro, 17 anos, responde: "Não devemos esquecer que os Estados Unidos são um outro país, bem diferente". Porém B.N.G., de Santo André, SP, inspetor, casado, 34 anos, insiste: "Se o divórcio é coisa tão ruim, como é que quase todos os países do mundo o adotaram?" A resposta pode ser a de W.S.D.A., Ponta Grossa, PR, técnico agrícola, solteiro, 20 anos: "A família não deve ser dissolvida por meio nenhum". Ou a de C.S.G., Santos, casada, 54 anos: "Ninguém é obrigado a casar, mas desde que o faça, agüente as conseqüências". Muitos não concordam com nenhuma das duas. Como é o caso de Z.T., comerciária, viúva, 33 anos, São Paulo, que pergunta: "Será que a maioria entende pela palavra **lar** só casa, comida, roupa? Onde entra o amor, a ternura, a união?" M.J.M.N., São Paulo, engenheiro, 23 anos, noivo, acha que "o alicerce de um lar deve ser sempre o amor e não a lei, a religião ou o preconceito". E R.F., São Paulo, corretor, casado, 23 anos, pergunta: "Quantos casais desquitados não vivem em situação ilegal hoje no Brasil? Quantas mães solteiras? Quantos filhos sem pais?"

Só os egoístas são contra

Para muitos é aí que está o êrro dos que são a favor do divórcio. "A legislação não deve partir das exceções, mas do bem comum" — escreve W.D.C., de Frederico Westphalen, RS, professor, solteiro, 21 anos. "Uma lei não é feita para casos especiais, mas sim gerais" — insiste N.N., de Ijuí, RS, estudante, solteira, 19 anos. Nessa corrente de opinião entra M.J.E., SP, feirante, casada, 38 anos: "Com o divórcio não seríamos tão felizes como somos neste país glorioso". Já L.M.O. de Fortaleza, 32 anos, professôra, solteira, escreve uma longa carta para dizer que "só as pessoas egoístas podem ser contra o divórcio; vivem num mundo de amor e felicidade e não se lembram dos milhões de casais infelizes e desajustados". E S.M.F., de Vitória da Conquista, BA, professôra, casada, 53 anos, pede "que Deus ilumine os brasileiros felizes e egoístas para que se lembrem dos casais infelizes". De qualquer modo, lembra J.M.A., da GB, sociólogo, solteiro, 27 anos: "Ser a favor do divórcio não é necessàriamente pretender se divorciar".

SEGUE

5 — RESULTADOS POR SEXO

	Homens	Mulheres
A favor do divórcio	79%	80%
Contra divórcio e desquite	16%	16%
A favor do desquite	5%	4%

Se V. vai aplicar milhões num apartamento e sua família vai morar nesse apartamento, V. concordaria com uma "pequena economia" justamente nas fundações?

O custo das fundações representa uma das menores parcelas do custo total da obra. Pois, parece incrível, tem gente que procura sacrificar essa parcela, comprometendo a segurança da construção. Para o seu sossêgo, aconselhamos: antes de fechar negócio, verifique se a responsabilidade pelas fundações foi confiada a uma firma especializada.

fundações ▪ infra-estruturas

FRANKI

Avenida R. Branco, 311 - 10.º and. - telefones 22-7630 e 52-6659 - Rio de Janeiro ● Rua Marquês de Itú, 266 5.º andar - telefone 36-3790 - São Paulo ● Pôrto Alegre, Curitiba, B. Horizonte, Brasília, Salvador e Recife.

"Quem fôr contra que não o utilize, ora bolas!"

Mas J.B., de Usina da Vitória, PR, economista, casado, 33 anos, não vê como o divórcio poderá ajudar um casal a ser feliz: "Se a felicidade não existe no primeiro matrimônio, dificilmente existirá num segundo". Mas A.L.S., de SP, estudante, solteiro, 21 anos, tem outra opinião: "A partir do primeiro rompimento, a pessoa torna-se mais madura e sua visão do matrimônio é ampliada". D.R.M., de Lins, SP, dentista, casado, 39 anos, acha que "todos devemos ter uma segunda oportunidade". É o mesmo argumento de M.D.F., da GB, universitário, solteiro, 26 anos: "O casal, por ser humano, é falível, tem direito a errar, por isso merece nova oportunidade. Proteja-se a mulher, os filhos, os bens, mas é melhor aceitar o divórcio do que o amasiamento oficializado — o desquite."

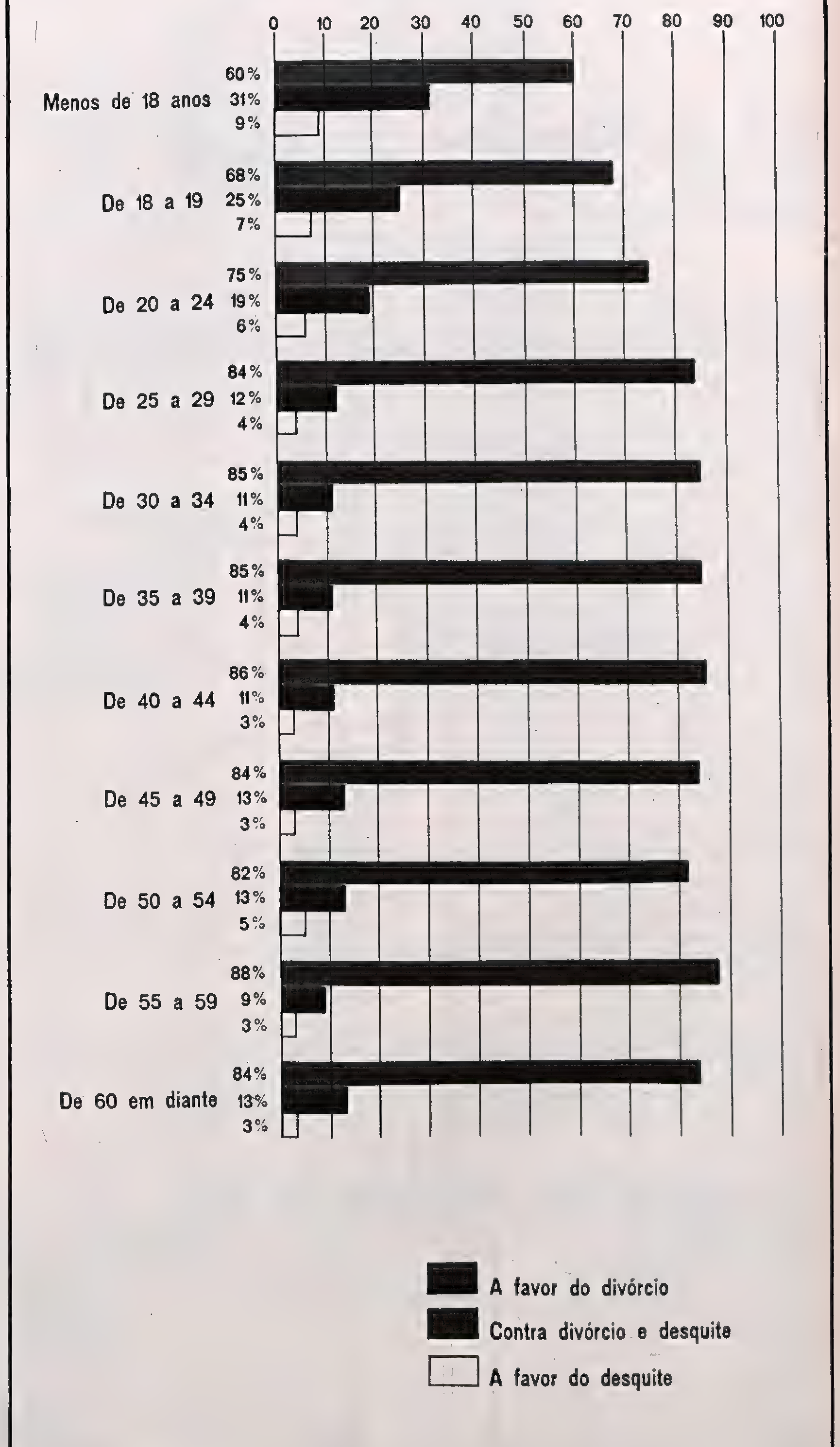
Para outros o argumento predileto a favor do divórcio é o da liberdade humana. "Sou pela ampliação cada vez maior das liberdades individuais", diz F.J.A., de SP, industrial, casado, 30 anos. "Somos contra tudo que restringe a liberdade humana", escreve um grupo de rapazes de Jundiaí, SP. "Ninguém tem o direito de comandar a vida privada de ninguém", acrescenta C.F.D., de SP, comerciante, solteiro, 24 anos. "A liberdade de opção nas relações humanas é sempre uma atitude mais madura e construtiva do que restrições ou coação de qualquer ordem", conclui R.S., de SP, ator, 27 anos, casado.

Daí, I.V., da GB, publicitário, casado, 29 anos, não entender como alguém pode ser "antidivorcista, no sentido de impedir uma lei que permita o divórcio. Quem fôr contra o divórcio, que não o utilize, ora bolas!" Mas A.V.S. de Cubatão, SP, eletricista, solteiro, 22 anos, se preocupa: "Se fôr aprovada essa lei do divórcio nunca mais teremos sossêgo no Brasil". E C.M.M., de Teresópolis, RJ, estudante, solteira, 18 anos, chega a dizer: "Se o divórcio vier mesmo, jamais me casarei!"

Pior que a bomba atômica

De vez em quando, surgem argumentos surpreendentes, contra ou a favor do divórcio. Como o de J.C.N., de Assis, SP, viajante, casado, 28 anos: "O divórcio é muito bom... para dar lucro aos advogados". Ou o de A.V., de Ponta Porã, Mato Grosso, pecuarista, solteiro, 33 anos: "Sem divórcio, casamento é levado a sério e há prosperidade em todos os sentidos, civil e militar". J.R.O.P., da GB, estudante, solteiro, 21 anos: "Pouca vergonha por pouca vergonha, é preferível a pouca vergonha legalizada do divórcio". W.A.O.V., diretor de emprêsa, desquitado, 39 anos: SEGUE

6 — RESULTADOS POR IDADE



DIVÓRCIO CONTINUAÇÃO

"É invenção do diabo, pior que a bomba atômica"

"A negação do divórcio afeta até mesmo a segurança nacional." A.C.M., de SP, estudante, 16 anos, tem um "argumento econômico": "Um milionário pode divorciar-se casando fora do Brasil. Gasta, portanto, seu dinheiro em advogados etc. fora do país. Criando-se o divórcio em nossa terra e fazendo-se com que saia caro, o milionário terá, forçosamente, que gastar aqui o seu dinheiro." P.R.A., de SP., auxiliar de escritório, 18 anos e "celibatário convicto", acha que "o divórcio contribui para a luta de classes". Para J.M., de SP, médico, solteiro, 30 anos, o divórcio "é invenção do diabo, é pior que a bomba atômica, é a pior peste que existe, acaba com a nação, é o fim da família".

Muitos dos que votaram a favor do divórcio se mostram preocupados com os abusos. A. R.F., de SP, aeroviário, solteiro, 24 anos, teme "a indústria do divórcio". M.M.S., de Teófilo Otôni, MG, pastor, casado, 42 anos, não quer "divórcio por qualquer motivo, isto é, **a la Hollywood".** O.H.K., de São Carlos, SP, pecuarista, 65 anos, "casado e muito feliz", quis ser bem claro: "Sou a favor do divórcio justificado. Divórcio quando a vida conjugal já se tornou insuportável para ambos os cônjuges; quando a felicidade matrimonial desapareceu do lar irrecuperàvelmente; quando tôdas as esperanças de reconciliação e recomposição da família desapareceram."

Alguns procuram estabelecer condições. E.S., de Arapiraca, Alagoas, professôra, casada, 38 anos, quer que o divórcio seja concedido no máximo três vêzes. J.M.C., da GB, comerciário, casado, 30 anos, é mais rigoroso: "Sou a favor do divórcio uma vez só". De Pôrto Alegre, uma viúva de 29 anos, que não assinou, acha que só deveriam ser beneficiados pelo divórcio "casais com um mínimo de 5 anos de vida em comum". D.R., SP., contador, casado, 45 anos, daria divórcio "só para casal sem filhos ou casal com filhos acima de 18 anos".

Em qualquer hipótese, lembra A.C.I., de Campinas, SP, funcionário, casado, 36 anos: "O divórcio apenas seria solução simplista. É necessária uma legislação muito bem feita e, antes de tudo, melhor preparação para o casamento."

Ponto de vista da religião

"No fundo do debate", escreve M.F.C.N., de Caçapava, SP, bancário, casado, 31 anos, "resta o argumento religioso contra o divórcio". L.S., de SP, jornalista, casado, 55 anos, tem a mesma opinião: "Quem combate o divórcio o faz principalmente pela religião".

Muitos leitores parecem dar razão aos dois. I.T., de Erechim, RS, comerciária, casada, 33 anos: "Sou contra o divórcio por motivos religiosos". J.G.D., de S. João del Rei, MG, torneiro mecânico, solteiro, 21 anos: "Um dos princípios fundamentais do catolicismo é a indissolubilidade do casamento". J.F.C.B., de Teresina, advogado, casado, 41 anos: "Sou contra o divórcio por obediência à doutrina cristã". N.C.S., Pôrto Velho, T. de Rondônia, professôra, solteira, 21 anos: "Sou contra o divórcio principalmente porque a Igreja Católica o combate". M.S., Nazaré, BA, professôra, solteira, 39 anos: "O casamento é sagrado". M.S., Índia, SC, costureira 20 anos, casada: "O divórcio é pecado". M.P.S.J., de SP, vendedor, casado, 52 anos: "Voto contra o divórcio por ser contra a fé católica papal e mesmo contra a Bíblia". P.F., Lucélia, SP, barbeiro, casado, 50 anos: "Se tivesse divórcio, o Brasil perderia o direito de ser o país mais católico do mundo". E M.V.L.S., de Arcoverde, PE, estudante, solteira, 18 anos, comenta: "Sou católica e muito moderna, mas não exagerada". B.M., de Parintins, AM, funcionário, casado, 37 anos, escreve: "Sou contra o desquite e o divórcio porque sou crente batista". Mas J.D.O., de Manaus, comerciante, 50 anos, casado, responde de outra forma: "Professo a religião evangélica batista, e a Bíblia diz claramente que por motivo de adultério um dos cônjuges pode recorrer ao divórcio ou ao desquite".

A.F.O., porém, de Teresina, militar, 46 anos, casado, é taxativo: "Estou com o Evangelho: o que Deus uniu, o homem não separa". Mas G.H., de Campinas, SP, torneiro mecânico, casado, 30 anos, acha que "o ponto de vista da Igreja é baseado numa interpretação errônea do texto bíblico". L.A.M.C., de Santos, médico, casado, 38 anos, garante que o divórcio "é bíblico, é moral e deve ser legal". L.R.C.P., de Rudge Ramos, SP, acadêmico de teologia, solteiro, 24 anos, escreve: "Como cristão não posso concordar que os cônjuges sejam obrigados a uma condição social e sexual acima de suas fôrças e que tende a encaminhá-los para uma situação forçada, ilegal e quiçá afastada de Deus".

M.E.M., de Vitória, casada, 51 anos, lembra que "nem todo casal foi unido por Deus". Daí, E.S.M., de SP, panificador, solteiro, 23 anos, conclui: "o que o homem ajuntou, o mesmo homem pode separar". Esta é também a opinião de J.G.B., da GB, bancário, solteiro, 21 anos: "O casamento indissolúvel só tem razão de ser para quem o aceita e realiza como um sacramento. Não se pode impor uma moral cristã a um povo que não tem condições para vivê-la". C.C.A., de Lajedo, PE, pede para não se "misturar alho com bugalho, direito civil com direito canônico". O.T.R., de SP, publicitário, casado, 33 anos, protesta: "A Igreja não tem o direito de impor suas leis aos não-católicos". E.S., de Palmital, SP, funcionário público, desquitado, 37 anos, é de opinião que a Igreja não tem o direito de "resolver os assuntos da Constituição brasileira". E A.M.R., de SP, socióloga, casada, 27 anos, considera que "esta interferência atenta contra a separação — que deve existir — entre a Igreja e o Estado".

Com êles está de acôrdo o padre do Rio de Janeiro que se assina "um sacerdote católico e sociólogo" e que defende o divórcio "por causa do pluralismo": "O Brasil é uma sociedade pluralista, isto é, uma sociedade onde há cristãos e não-cristãos. Os cristãos não têm, portanto, o direito de impor sua concepção do casamento aos que não partilham de sua fé. A legislação é para o povo todo e não só para o povo cristão."

Como se vê, os argumentos a favor e contra são múltiplos, e cada um tem um ponto de vista ao mesmo tempo forte e pessoal. Ficou claro, entretanto, que a esmagadora maioria dos quase 15 mil leitores que responderam à pesquisa é a favor do divórcio. O que talvez justifique a sugestão do leitor T.J.G.A., de Campinas, 21 anos, industriário e estudante, que recomenda ao govêrno "contratar uma junta de homens entendidos" para "promover campanhas de esclarecimento do povo" a favor e contra o divórcio, e depois "organizar um plebiscito".

FIM

8 — RESULTADOS POR PROFISSÃO

	resultados em %		
	a favor do divórcio	a favor do desquite	contra div. e desquite
Industriais	86	1	13
Fazendeiros	74	6	20
Comerciantes	86	3	11
Posições de alta chefia	96	0	4
Militares	81	5	14
Profissionais liberais	87	6	7
Padres e pastôres	49	18	33
Professôres	74	7	19
Empregados categorizados	85	4	11
Empregados de escritório	84	3	13
Donas de casa	79	3	18
Estudantes	71	8	21
Empregados no comércio	84	3	13
Operários especializados	73	5	22
Trabalhadores braçais	72	1	27
Aposentados e inativos	79	3	18

7 — RESULTADOS POR ESTADO CIVIL

	resultados em percentagem		
	a favor do divórcio	a favor do desquite	contra o divórcio e o desquite
casados	82	4	14
solteiros	75	6	19
viúvos	86	1	13
desquitados	98	1	1
amasiados	94	0	6
separados — não desquitados	98	0	2
divorciados	100	0	0

O colosso que faz circular as riquezas das Nações

Erigida à entrada do pôrto da Ilha de Rodes, a imensa estátua de bronze dominava o Mar Egeu, a cavaleiro de dois diques. Era o "Colosso de Rodes", farol dos navegantes, iluminando e guiando a entrada e saída das embarcações no grande pôrto comercial, ponto de encontro entre o Oriente e o Ocidente para a troca de suas riquezas.

Promovendo o comércio internacional e estimulando negócios em todo o mundo, o Banco de Londres com suas filiais, agências e organizações associadas nos 5 continentes é um nôvo "colosso" que faz circular as riquezas das nações. O Banco de Londres está a serviço do Brasil há mais de 100 anos. Nos países da ALALC ou nas novas nações da África, nos promissores mercados da Ásia ou nos tradicionais centros da Europa e da Commonwealth, as filiais e correspondentes do Banco de Londres estão cooperando sempre no fomento da compra dos produtos brasileiros.

Confie-nos seus problemas de exportação. O Banco que conhece o mundo, conhece também o melhor mercado para o seu produto.

Record 25.196

BANK OF LONDON & SOUTH AMERICA LIMITED - O Banco que conhece o mundo

São Paulo: Rua 15 de Novembro 143-165
Rio de Janeiro: Rua da Alfândega 29-35
Outras filiais: Bahia, Belém, Belo Horizonte, Brasília, Curitiba, Fortaleza, Joinville, Maceió, Manaus. Pôrto Alegre, Recife, Santos.

Cenário: uma faixa de terra entre o Mediterrâneo e o pequeno rio Jordão — não mais que 100 quilômetros de largura entre o ponto mais ocidental e o mais oriental; ao norte, os montes do Líbano, cobertos de neve eterna; ao sul, a 250 quilômetros de distância, o deserto de Neguev, rochoso e quente. Apesar do solo estéril, talhado em colinas irregulares, é a Terra Prometida.
Personagem: o povo hebreu, também chamado depois de povo israelita e de povo judaico, o que deu em muita confusão através da história.
Época: do vigésimo ao primeiro século antes de Cristo, com profundas conseqüências para os vinte séculos seguintes.
Autor: desconhecido. Mas há os que pensam o contrário.
Inspirador: JHVH.
Lançamento: Ano Nôvo judaico, 456 antes de Cristo, sob os aplausos do povo de Jerusalém.
Título:

A BÍBLIA

Texto de
Marcos Margulies

Quando a humanidade entrou na Idade do Ferro, 20 séculos antes de Cristo, os povos semitas do Oriente Médio tinham vários deuses, e cada deus era **el**, talvez porque **el** significava dirigir-se a algo, elevar-se para algum lugar. **El** era ao mesmo tempo meio e fim, a caminhada e o alvo. Cada grupo tinha seus **el** particulares, e os adorava, mas jamais deixava de temer a todos os outros, por via das dúvidas.

Em certa época, uma tribo resolveu fixar-se numa região que não lhe pertencia, e que era protegida por outros deuses — e isto lhe pareceu perigoso. Para facilitar as coisas e ao mesmo tempo conseguir a maior proteção possível, a tribo recém-chegada fundiu todos os deuses existentes com seu **el**, que era **el**-Chaddai. Assim, êste **el** seria o mais poderoso de todos, o único que somaria tudo o que era **el** no mundo, desde os tempos remotos até os tempos futuros, o **el** absoluto, não mais ligado a uma região ou tribo, mas onipresente. Esta fôrça passou a ser **eloim**, o plural de **el**. Com o tempo, as tribos perderam a noção de que **eloim** era plural e lhe deram um nome abstrato: JHVH.

Sòmente muitos séculos depois esta forma impronunciável transformou-se em Javé ou Jeová.

O nome JHVH nasceu do verbo hebraico **ser** — hvh — que não se conjuga no presente, porque no conceito semítico **o presente é um momento tão passageiro que não chega a existir.** Só Deus pode dizer: "Eu sou aquêle que sou". A letra **J** é o prefixo do futuro. Então JHVH é a projeção do presente no futuro: Deus é também a eternidade do tempo.

Idealizado **formalmente,** Jeová só poderia eleger como **seu** o povo que o instituiu. E, eleito por Jeová, o povo que o criou seria por Êle legitimado em tudo que fizesse. Os livros que contariam a história dêsse povo, seus poemas e suas leis seriam santos. Como santos, seriam venerados e sobreviveriam através dos séculos.

Quatro mil anos antes de nascer a religião cristã, um homem chamado Taré fêz uma longa viagem, desde Ur, na Caldéia, até Aram, no deserto sírio. Devia ser rico: levava a família numerosa e muitos escravos. Mas não se sabe porque teria deixado Ur, cidade próspera, para aventurar-se no desconhecido. Sabe-se apenas que sua atitude, mencionada de leve no Gênesis, foi o primeiro passo, embora inconsciente, na direção do cristianismo.

Quando Taré morreu em Aram, seu filho Abraão atravessou o rio Eufrates e foi para Canaã com todo o grupo. "Ali Abraão ergueu um altar a Jeová e invocou o nome de Jeová".

A região era habitada pelos canaanitas, que chamaram Abraão e seus seguidores de "aquêles que atravessaram o rio": na língua semítica **ivri**. E 60 séculos depois a palavra ainda é usada: **ivri** é hebreu.

SEGUE

Só 25 milhões no mundo inteiro ainda não a conhecem

Para que os hebreus se tornassem israelitas, foi necessário que Jacó, neto de Abraão, vendo Deus em sua frente, lutasse contra Êle. O próprio Deus, admirado com a ousadia do inconformismo de Jacó, o chamou **Isra-el** — aquêle que se opôs a Deus. E êste passou a ser o nome do povo de Deus.

Para escapar à fome, os filhos de Israel fugiram para o Egito, onde foram oprimidos e escravizados. Os faraós — soberanos absolutos do país — eram considerados filhos de deuses: Tat-moses, filho do deus Tat; Ramoses, filho de Ra. Mas não se sabe de que deus foi filho — isto é, **moses** — aquêle parente de faraó que passou a defender os escravos. O que se sabe é que depois de abraçar a fé num só deus, perdeu o prefixo de filiação divina e passou a ser chamado apenas Moses, Moisés em português.

A revolta de Moisés levou a um acôrdo: os escravos que êle liderava — os israelitas — aceitaram muitos dos preceitos éticos e morais da religião egípcia e Moisés aceitou a supremacia de Jeová: "Agora reconheço que Jeová é o maior de todos os deuses". Outros escravos juntaram-se aos israelitas e, sob o comando de Moisés e proteção de Jeová, foram em busca da liberdade. E Deus foi junto, pois da necessidade da presença física de Deus invisível, surgiu o Tabernáculo, e com êle a religião portátil. O Tabernáculo nada mais era senão uma grande tenda, desmontável, que abrigava um castiçal de sete lâmpadas — símbolo da criação do mundo em sete dias — e a Arca da Aliança. "Dentro da Arca depositarás o documento que eu te darei." O documento: os mandamentos, o verbo de Deus.

O Tabernáculo acompanharia os hebreus em tôdas as andanças até que se fixassem no País de Canaã. Ali, em Jerusalém, seria guardado no Templo dos Templos.

Fugindo do Egito, durante 40 anos êles vagaram pelo deserto. Nesse tempo, morreram todos os que tinham conhecido a escravidão, inclusive Moisés, pois sòmente os que nasceram como homens livres podiam chegar à Terra Prometida.

Das doze tribos que ocuparam o nôvo país, destacou-se a tribo de Judá, e a região que habitou, Judéia. Séculos após, os habitantes da Judéia, os judeus, iriam levar ao mundo a mensagem de Israel. É a história dêsse povo todo, hebreu-israelita-judeu, suas guerras, revoltas, glórias e derrotas, que a Bíblia narra. Os fatos, lendas, poemas, provérbios, listas genealógicas e dados estatísticos, leis e preceitos de moral. E profanos cantos de amor.

Os primeiros livros da Bíblia são: Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio. Os gregos deram êsses nomes, baseando-se na essência de cada um: Gênesis, a criação do Universo; Êxodo, a saída do Egito; Levítico, as leis destinadas aos levitas; Números, estatísticas e datas; Deuteronômio, a segunda lei, ou a repetição do que já foi dito.

Os cinco livros (Pentateuco — porque no grego **penta é cinco)** abrangeram um período que vai do século 21 ao século 12 antes de Cristo, ou seja desde a viagem de Taré até a chegada dos israelitas à margem oriental do Jordão, após a fuga do Egito. E também a época pré-histórica: o caos na terra, a criação do homem, o dilúvio. Mas o Pentateuco, em sua forma atual, só começou a ser escrito no século 9 antes de Cristo: 12 séculos depois que começaram os acontecimentos que relata. E três séculos depois do fim dêstes acontecimentos. Os escritores certamente se basearam em documentos anteriores, e algumas vêzes até citam estas fontes: Livro dos Justos, Livro das Guerras de Jeová. Mas a maioria das informações foi sendo transmitida verbalmente de geração em geração, através dos séculos.

Para que o Pentateuco assumisse sua forma atual, foi necessário juntar as quatro **compilações** baseadas na tradição oral. Estas compilações foram escritas em épocas diferentes, em lugares diferentes e por autores com pontos de vista diferentes. Esdras, no século 5 a.C., fundiu as várias versões num conjunto de cinco livros chamado — em hebraico — Torá: o ensinamento, a Lei. No dia do Ano Nôvo Judaico, 456 anos antes de Cristo, o Pentateuco foi santificado perante o povo de Jerusalém.

Assim, foi confirmado o velho acôrdo: Jeová continuaria sendo Deus exclusivo dos hebreus e os hebreus continuariam povo exclusivo de Jeová.

Em nome de Deus, os israelitas haviam invadido a terra de Canaã. Os povos que ali viviam — cananeus, jebuseus, gergeseus, heveus, amorreus — foram exterminados, assimilados, escravizados ou expulsos pelos israelitas. Só resistiram os filisteus, que desapareceriam muito mais tarde. Irônicamente, entretanto, a terra de Israel passaria a levar — até o nosso século — o nome dos filisteus: Palestina (filisteu em hebraico é **pelichtim)**.

Mas no início não há ainda nome nenhum. E nem se pensa nêle. Apenas se luta pela sobrevivência, e só isso interessa. Nessas lutas, as tribos eram chefiadas pelos **juízes,** que não eram magistrados, mas sim líderes guerreiros. Tanto que os juízes que não se destacaram militarmente mal são mencionados na Bíblia. Pouco a pouco, as tribos vão se fixando na terra. A economia nômade e pastoril cede lugar à agricultura. O povo fixa-se, cria raízes. O Tabernáculo pára. A família — e não o clã ou a tribo — destaca-se como unidade básica da sociedade. Um rei, e não mais vários chefes, uma cidade, e não vários lugarejos, é indispensável para que dela emane o poder central. É então que Davi se apodera de Jerusalém.

Mas o poder real centralizado só pode existir ao lado de Deus. Por isso Davi traz a Arca da Aliança a Jerusalém e coloca-a no meio do Tabernáculo. Então, Jeová lhe revela: "Eu firmarei o trono de seu reino para sempre". E legitima o poder monárquico e a dinastia de Davi.

Antes de Davi, Saul reinou sôbre as tribos. Mas para isso era necessário que fôsse ungido, do que se encarregou, por ordem divina, Samuel, "homem de Deus". Sòmente ungido — isto é, envôlto em graça e poder que emanava de Jeová — é que podia ser rei e salvar seu povo. Assim, a realeza passou a ser considerada salvadora e sagrada, pois só podia ser rei quem recebia a unção divina. Ungido, em hebraico é **mechíah** (com H final gutural — como o J espanhol) — e o rei passou a ser sinônimo de **mechíah.**

Mais tarde, os babilônios derrotam a Judéia e Jerusalém é destruída.

Exilados às margens do Eufrates, os judeus choram a independência perdida e, confiantes em Deus, almejam reconquistar a Terra Sagrada sob a chefia de um rei (isto é, ungido) legítimo (isto é, da dinastia de Davi). Êste rei imaginário — êste messias — seria o salvador do povo judeu. Assim, apresentar-se como o salvador, era o mesmo que pretender ser rei dos judeus.

Os profetas ampliarão o têrmo: messias — rei salvador — não defenderá, afirmam, apenas o povo de Israel, mas todos os injustiçados e perseguidos. E vencerá, no fim dos tempos. Muito mais tarde, quando os judeus à cultura grega a ponto de esquecer o hebraico, traduzirão para o grego **christos** a palavra hebraica **mechíah.** E, num certo momento, será preciso traduzir para o grego até as palavras de Deus, para que os judeus não as ignorem. Nos meados do século 3 a.C., setenta sábios judeus de Alexandria, no Egito, põem-se a traduzir a Bíblia do hebraico para o grego, um separado do outro. Mas, como se fôssem uma só, tôdas as setenta traduções são iguais. Assim quer a lenda.

Esta tradução chama-se até hoje a Versão dos Setenta. Na época, transformou-se em poderosa arma do judaísmo. Mas ao mesmo tempo perigosa. Porque, se de um lado atraiu os não-judeus da elite greco-romana e os servos, de outro, provocou a própria desagregação do judaísmo que não estava preparado para sobreviver fora das formas nacionais. Assim, o judaísmo dos **estrangeiros** preparou terreno para a aceitação de um Salvador que não seria o **messias** hebraico, nacional, mas definitivamente o **christos** grego, universal. se submeterão

Durante séculos, a Versão dos Setenta foi a única ligação entre o cristianismo e suas origens. Até 300 anos depois de Cristo, as traduções latinas da Bíblia eram baseadas naquela versão grega. No século 4, São Jerônimo fêz uma nova tradução do hebraico, chamada de Vulgata, porque foi escrita em latim vulgar. Em sua tradução, São Jerônimo salientou as diferenças entre a Versão dos Setenta e o texto hebraico, como ficou canonizado pelos sábios judeus no século 1. Dezesseis séculos depois, a Vulgata continua sendo o texto oficialmente reconhecido pela Igreja católica.

O aparecimento do cristianismo agitou o mundo greco-romano, e uma infinidade de obras religiosas foram escritas. Todos queriam contar sua versão da evolução da Aliança de Abraão e Moisés com Jeová até a de Jesus com Deus. Depois de muito estudar as mais variadas obras, em 692 a Igreja chegou a uma conclusão. Os **homologoumena** — os livros reconhecidos, homologados — constituíram definitivamente o Nôvo Testamento. Os outros eram os antilegoumena: os rejeitados, os apócrifos. Quase mil anos mais tarde, o Sínodo de Trento (1545-1563) estabeleceu finalmente a estrutura dos livros do Antigo Testamento válida para os católicos até os dias de hoje. E a Bíblia ficou completa.

Em 1947 foram encontrados na Palestina vários manuscritos, inéditos, que revelaram as bases do judaísmo pré-cristão e a existência de algumas seitas **cristãs** — isto é, messiânicas — antes de Jesus. Porém é certo que já era tarde demais para mudar qualquer coisa no cânon bíblico — quer hebraico, católico, ortodoxo ou protestante.

Biblos é uma velha cidade fenícia. Pôrto importantíssimo, empório comercial da antiguidade. Centro da distribuição do papiro egípcio. A palavra egípcia "papiro" virou "papel", em muitas línguas. Mas os gregos conheciam o papiro através de Biblos, e para êles papel é **biblon.** O livro é feito de papel, portanto também se chama biblion. No plural, fica **bíblia.** E quando os livros santos, na sua importância, passaram a ser chamados apenas de **os livros,** os gregos os chamaram de "bíblia". E assim ficou.

Inicialmente, esta coleção era composta apenas dos textos hebraicos que se referiam à Aliança de Abraão com Deus. Depois, com o surgimento do cristianismo, alterou-se e transformou-se para incluir a Nova Aliança de Jesus com Deus. Aliança, em hebraico, é **berit.** A tradução grega, porém — **diateke** — significa também pacto, trato, legado e testamento. Os tradutores latinos preferiram esta última versão: testamento, no sentido de legado unilateral. E assim ficou.

O primeiro livro impresso foi a Bíblia: em 1454, quando Gutemberg experimentou sua máquina de imprimir. E ela lhe deu sorte, sua emprêsa progrediu e logo saiu a segunda edição, da qual atualmente só existem dois exemplares, um na França, outro nos Estados Unidos. Da terceira edição, pronta em 1462, impressa em dois volumes, existem valiosos exemplares na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

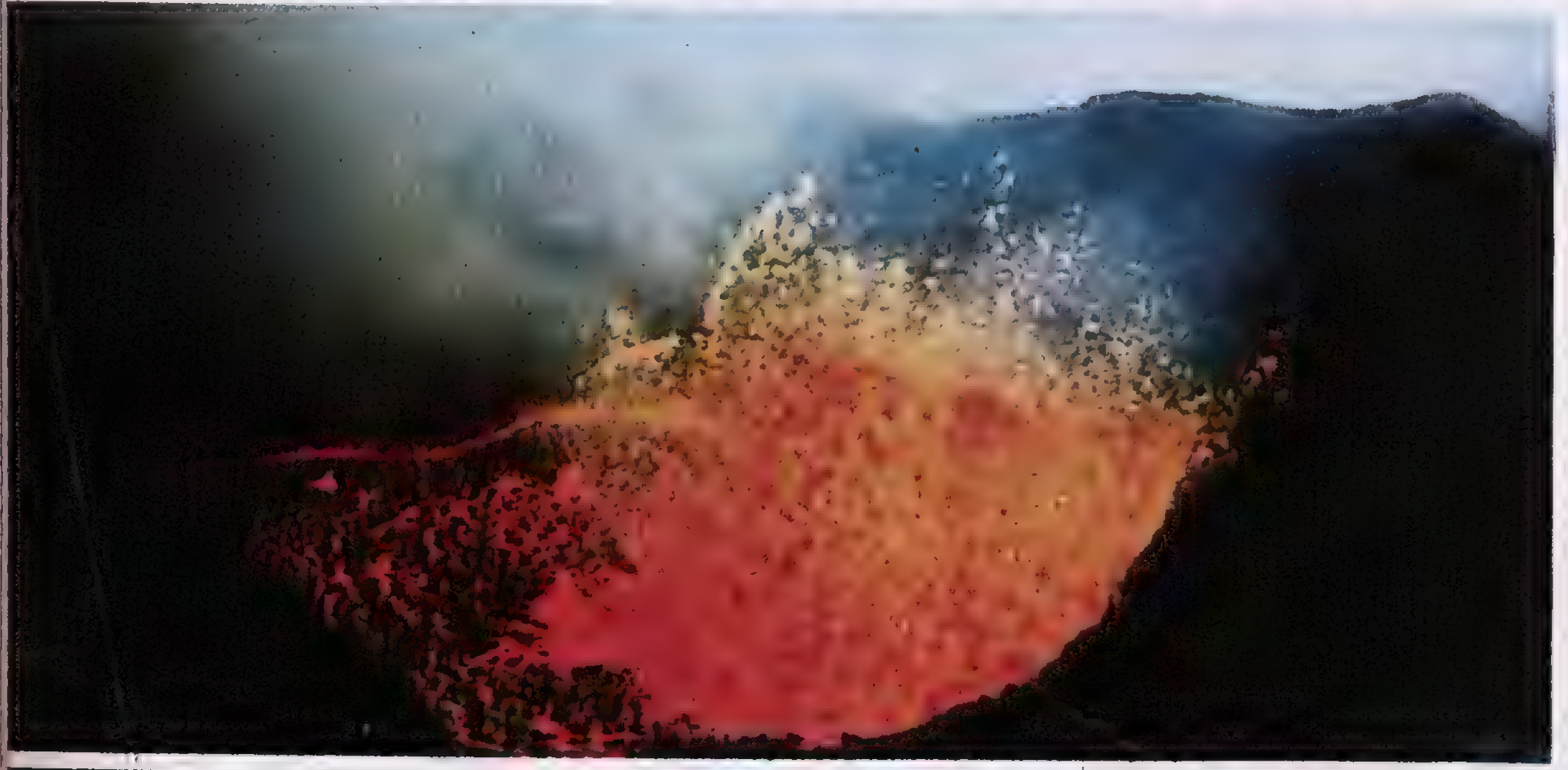
Em 1517 foi editada na Espanha a primeira Bíblia poliglota — sete volumes em hebraico, grego e latim, com dicionário e comentário anexos. Também esta coleção está na Biblioteca Nacional do Rio.

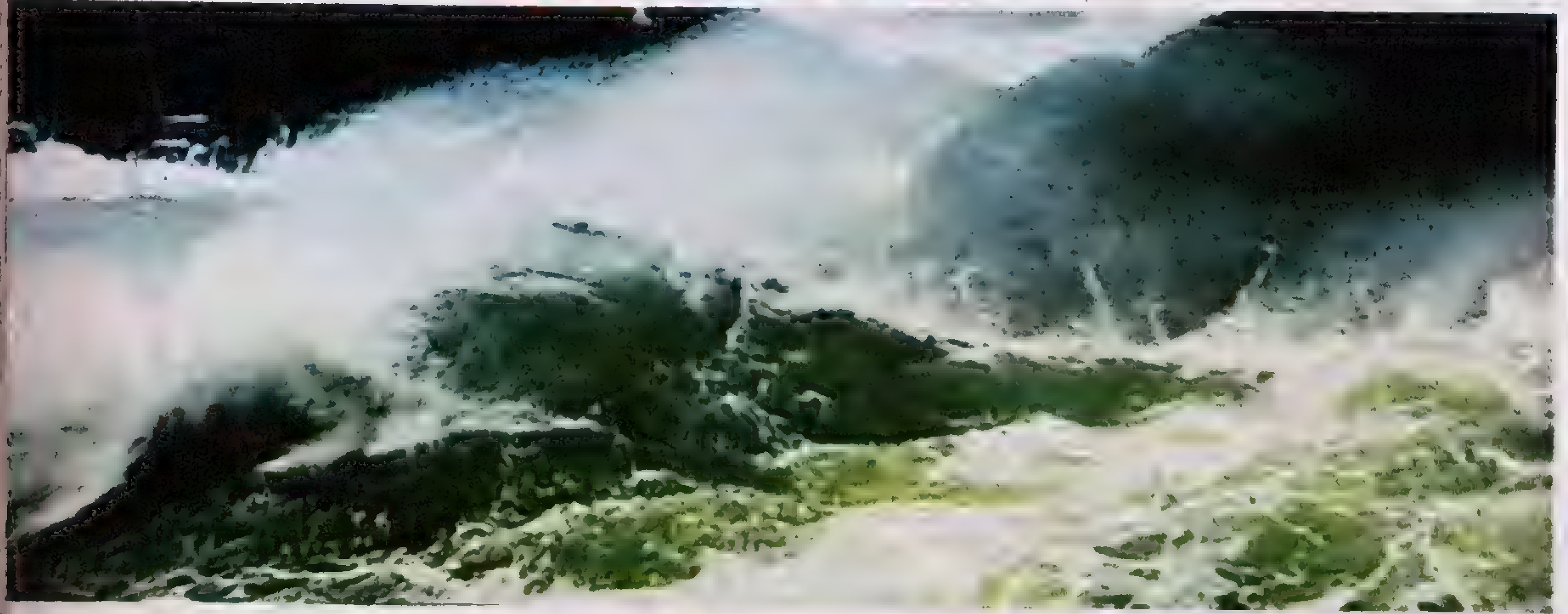
Várias línguas floresceram e se solidificaram com base na Bíblia. Como o moderno alemão, graças à Bíblia de Lutero; e o inglês, graças à tradução do rei James. O mesmo aconteceu com o checo e outras línguas mais.

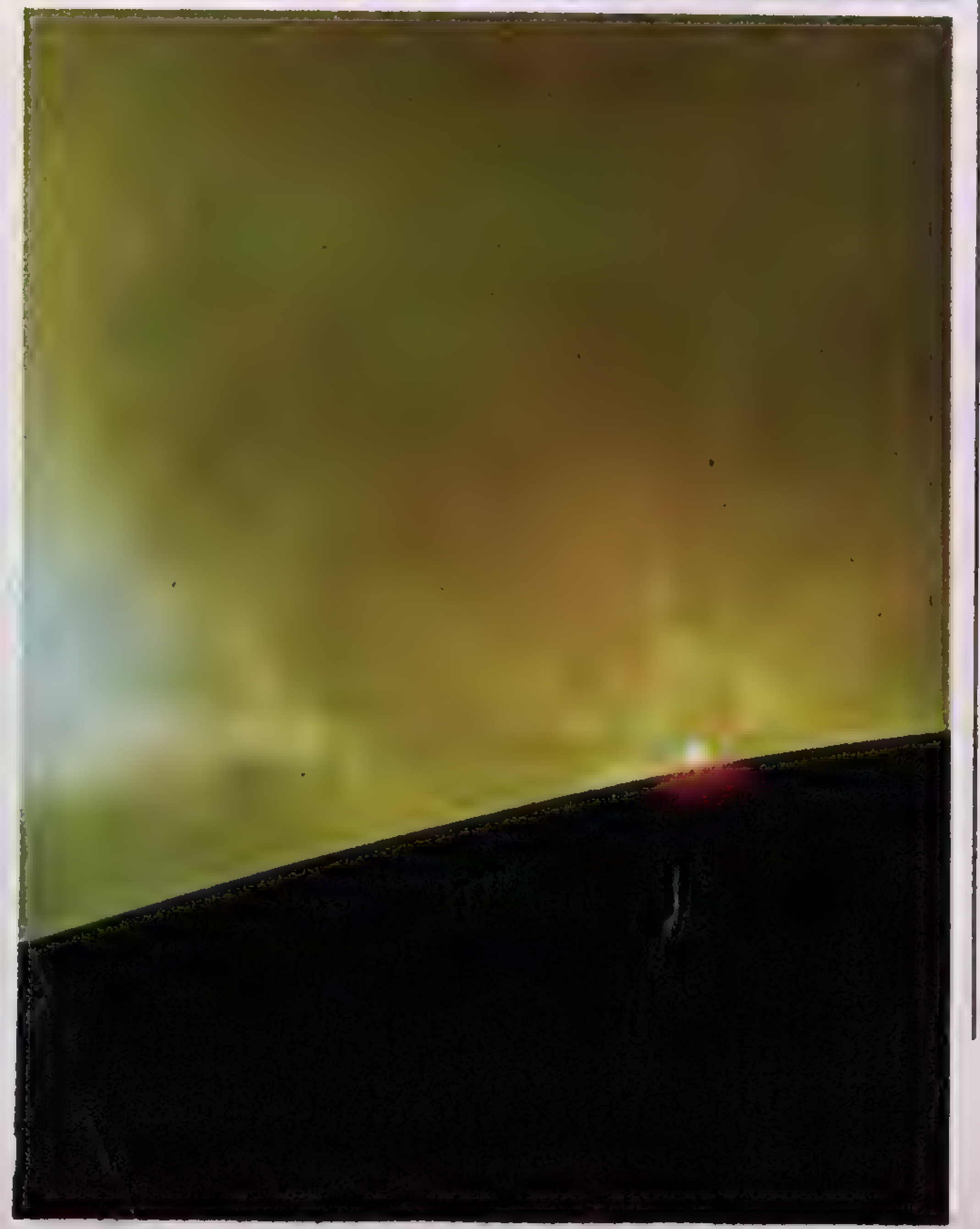
As edições da Bíblia alcançam também o mundo não-cristão: há traduções em mais de mil idiomas. Até no zíngaro, falado pelos ciganos; e em sânscrito, que não se fala mais. Segundo as estatísticas, apenas 25 milhões de pessoas em todo o mundo ainda não conhecem a Bíblia. Mas êstes 25 milhões, que falam cêrca de 2.000 idiomas, representam pequenos grupos de gente primitiva e carente de alfabeto. Assim, continuam vivendo primitivos e felizes, adorando os deuses que o civilizado mundo ocidental em geral desconhece e despreza.

As histórias que a Bíblia conta foram assunto para um número imenso de obras-primas, em tôdas as artes. No cinema, uma delas é o filme **A BÍBLIA,** produzido para a 20th Century Fox por Dino de Laurentis e dirigido por John Huston. As fotos que ilustram as páginas seguintes são desta superprodução que vai estrear no Rio de Janeiro em dezembro, e em São Paulo no começo de janeiro.

Disse por fim Deus: "Façamos o homem à nossa imagem, conforme nossa semelhança"







No princípio, a terra era informe e vazia, diz o Gênesis. Havia trevas sôbre a face do abismo e o espírito de Deus pairava sôbre as águas. No quarto dia da criação os primeiros raios de sol apareceram entre as nuvens e sob sua luz nasceram os primeiros sêres viventes: os mares se povoaram de peixes, e bandos de aves percorreram o céu.

Criado o céu e a terra, criados os animais e as plantas, criadas tôdas as coisas animadas e inanimadas, o Senhor criou um ser à sua imagem e semelhança, que devia reinar sôbre o universo, dominar todos os animais e desfrutar de sua obra. Com o pó da terra, Deus formou o homem e lhe soprou nas narinas o fôlego da vida. Então o homem se transformou em ser vivente. Lentamente Adão se ergueu da terra e deu os primeiros passos. Sua sombra se desenhou sôbre o solo, e na superfície tranqüila de um regato êle pôde ver a própria imagem refletida. Deus plantou um jardim no Éden, que fica no Oriente, e ali colocou o homem que formara, no meio de "tôda espécie de árvores atraentes à vista, e saborosas ao paladar".

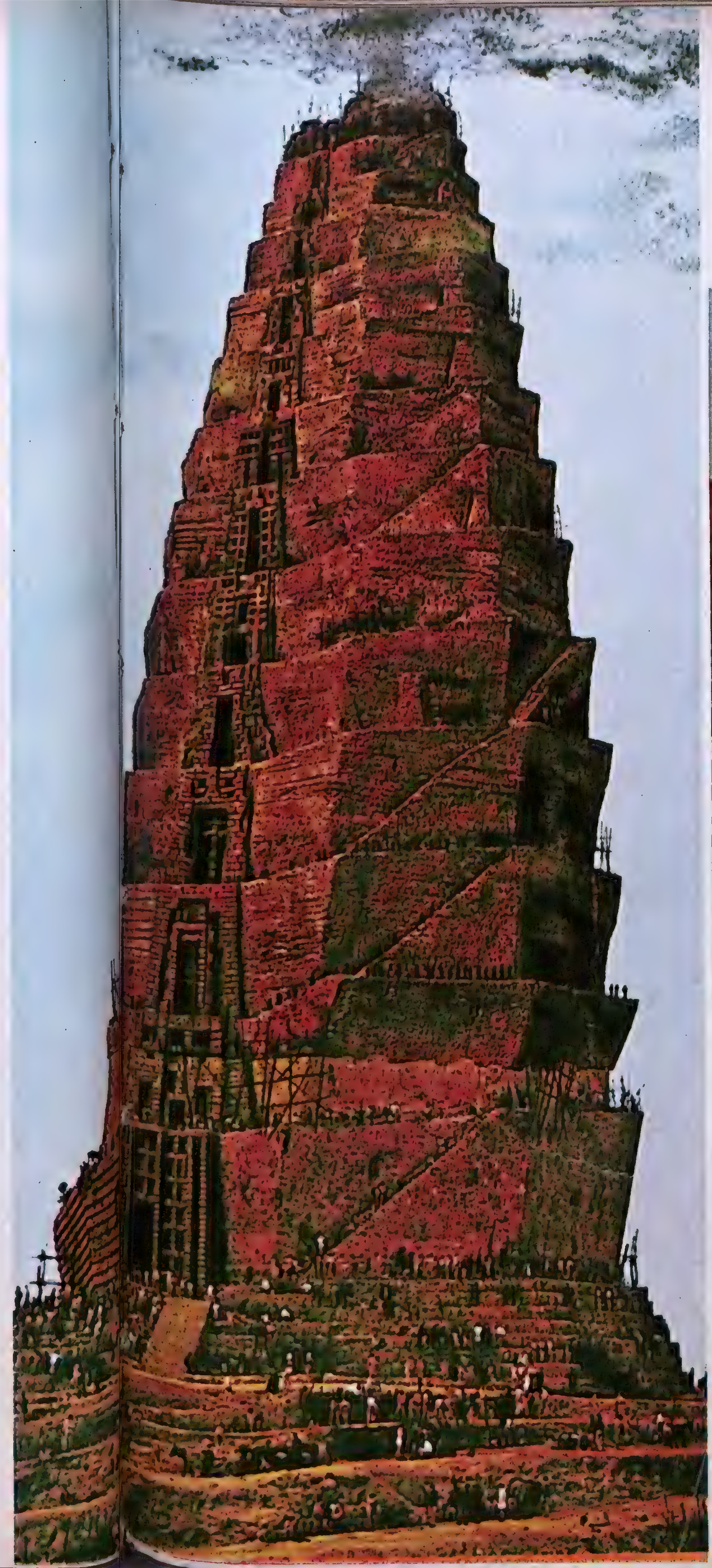
Estava o homem no Paraíso, e para que êle não se aborrecesse da solidão Deus resolveu dar-lhe uma companheira: Adão dormiu profundamente e quando acordou estava criada a mulher. No meio do jardim crescia a árvore do bem e do mal e seu fruto era proibido. Tentada pela serpente, Eva colhe o fruto e o oferece a Adão: êles pecaram e foram expulsos do Paraíso.

Quando estava no campo, Caim investiu contra seu irmão Abel e o matou

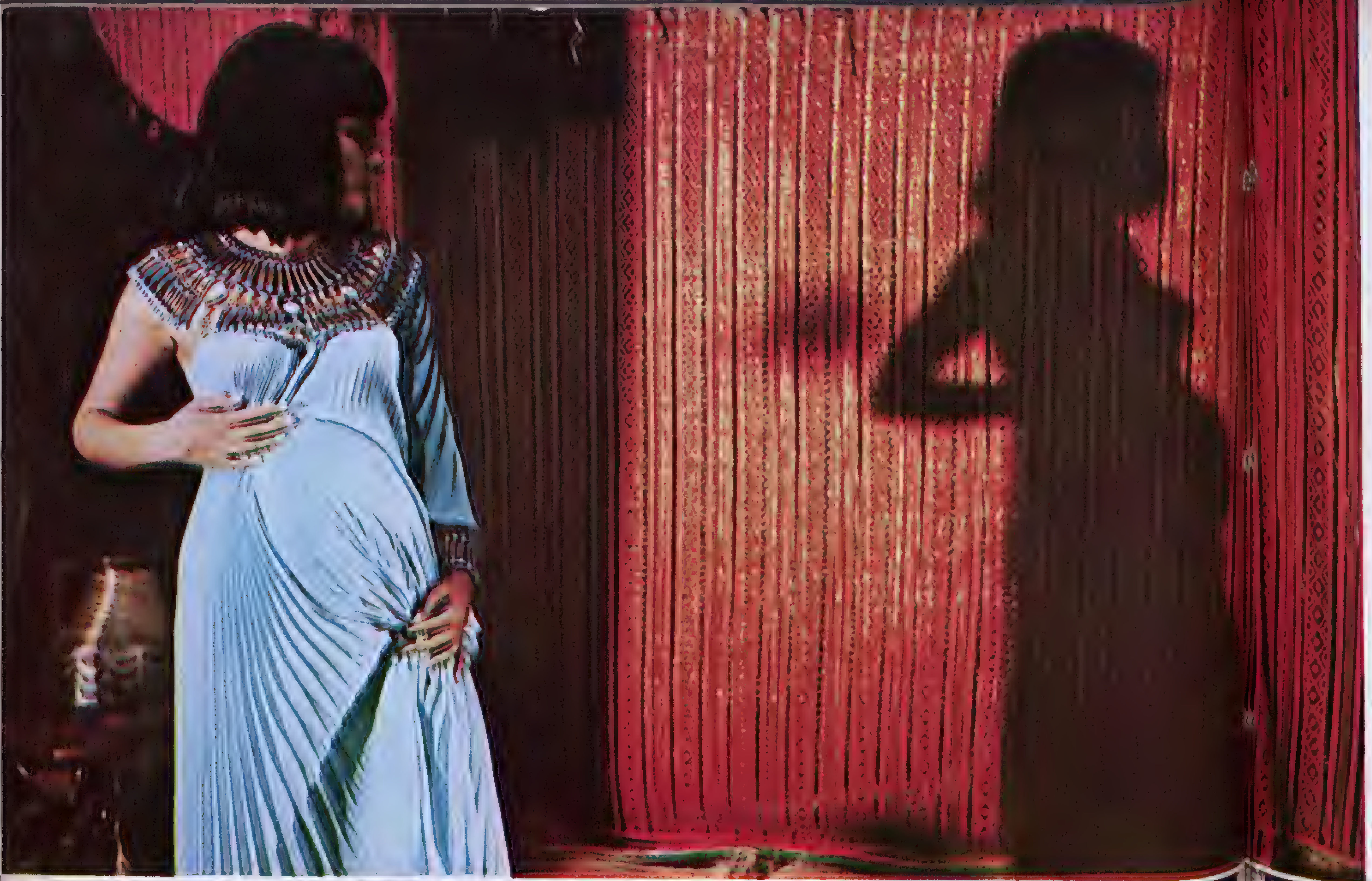
Abel e Caim, filhos de Adão e Eva, crescem juntos. Abel cuida dos rebanhos enquanto Caim se dedica à agricultura. Abel oferece sacrifícios que agradam ao Senhor. Caim sente inveja. Atrai o irmão ao campo e o mata. Maldito por Deus, errante e fugitivo, Caim passou a vagar pela terra.

Veio então o dilúvio sôbre a terra, mas a arca flutuava sôbre a superfície das águas

Para punir os homens, que se tornaram maus, Deus manda o dilúvio, mas avisa antes a Noé. Apenas êle e sua família se salvam na enorme arca que construíram, onde também se abrigam todos os animais, um casal de cada espécie. Após 40 dias e 40 noites de chuva, as águas baixam, a arca desce e repousa sôbre o monte Ararat. Os sobreviventes saem e encontram um mundo desolado onde não sobrou qualquer sinal de vida: os próprios animais se sentem amedrontados.



Os descendentes de Noé se fixam na planície de Senaar e resolvem construir uma tôrre bem alta, para alcançar o céu e deixar seu nome famoso para sempre. Então começaram a fazer o tijolo e a argamassa, e logo a tôrre já alcançava as nuvens. Mas Deus, tendo vindo ver a cidade e a obra dos descendentes de Noé, decide punir aquela orgulhosa pretensão: confundiu a linguagem dêles, e ninguém mais se entendeu, porque antes tôda a terra tinha um só modo de falar. Por causa da confusão, a tôrre se chamou Babel e todos se espalharam pelo mundo.



O primeiro filho de Abraão, Ismael, está para nascer. A mãe será a escrava Agar, que despreza a mulher de Abraão, Sara, por sua esterilidade. Não suportando a presença de Agar, Sara a expulsa de sua casa e a deixa sòzinha no meio do deserto. Quatorze anos depois do nascimento de Ismael, compadecido de Sara, Deus a torna fértil e ela dá à luz outro filho de Abraão. A alegria dos dois é tão grande que Abraão dá ao recém-nascido o nome de Isaac: "aquêle que traz a alegria".

Erigiu Abraão um altar e tomou do cutelo para sacrificar o seu filho

Deus quis experimentar Abraão e lhe ordenou que sacrificasse seu filho Isaac num dos montes da terra de Moriá. Abraão seguiu para o lugar indicado, preparou a lenha e já estava de cutelo na mão, quando um anjo do Senhor o impediu, certo de sua fidelidade a Deus, pois não negou sacrificar seu filho. Deus abençoou Abraão e multiplicou seus descendentes. FIM

Paulinho da Viola, compositor; Gilberto Gil, compositor; Toquinho, violonista; Chico Buarque de Holanda, compositor; Nara Leão, cantora.

A bossa nova mudou. Em vez de falar de céu, sol e mar, a moderna música popular brasileira conta as coisas da vida, amor e liberdade. Os jovens que fazem e interpretam essa música são

A NOVA ESCOLA DO SAMBA

Texto de Narciso Kalili
Fotos de David Drew Zingg

A **revolução** que João Gilberto, Antônio (Tom) Carlos Jobim e Vinícius de Morais iniciaram na música popular brasileira continua, mas mudou muito. Nos objetivos, forma e conteúdo. A bossa-nova não fala mais só de barquinho-sorriso-amor-flor. Nem apenas de terra-fome-sêca-miséria. Não se discute mais se ela é samba-jazzificado ou jazz-sambificado. Nesses oito anos de vida, a bossa-nova mudou até de nome. Agora é moderna música popular brasileira — MMPB. E não pertence mais, como em 1958, quando surgiu a bossa, a um grupo só, uma **igrejinha** local. Hoje ela é a própria música popular, influindo e recebendo influência das manifestações musicais de tôdas as regiões do Brasil.

Ouvindo-se duas músicas — uma de 1958/60, o "Lôbo Bôbo", outra de hoje, "A Banda" — notam-se as grandes diferenças: o ritmo, a harmonia, a interpretação, e principalmente o tema e a forma de fazer poesia: a de Bôscoli e Menescal é assim:

Era uma vez um lôbo mau/ Que resolveu jantar alguém/ Estava sem vintém mas se arriscou/ E logo se estrepou./

A de Chico Buarque diz:

Estava à toa na vida/ O meu amor me chamou/ Pra ver a banda passar/ Cantando coisas de amor/.

Mas, apesar das transformações de João Gilberto para cá, várias constantes permaneceram. Uma é fundamental: a moderna música popular brasileira, como a bossa-nova, é feita por jovens, para os jovens. Disputa comercialmente com o ié-ié-ié o gôsto da juventude — êsse imenso mercado que as emprêsas de disco descobriram recentemente — numa luta em que ainda se vê inferiorizada, mas que pode virar.

Por seis razões principais: 1) o sucesso dos três festivais de música brasileira realizados êste ano; 2) a gravação de quase 600 novas músicas por mês; 3) o aparecimento de dezenas de jovens, entre 18 e 25 anos, que fazem música de qualidade e quantidade só comparadas à primeira fase da bossa-nova; 4) os **shows** e peças dos teatros paulistas e cariocas encenados com base na MMPB; 5) o debate diário e apaixonado de seus problemas, através de todos os meios de divulgação; e 6) a popularidade de seus intérpretes e compositores, como Edu Lôbo, Chico Buarque, Vinícius de Morais, Nara Leão, Elis Regina, Jair Rodrigues.

Ao contrário dos compositores de ié-ié-ié, os jovens da MMPB são, de maneira geral, mais conseqüentes. Em seu protesto vão além das danças exóticas, das botinhas, dos cabelos compridos e da lamentação — através de suas músicas — sôbre a amada que não vem. Sem esquecer seus dramas de amor e suas angústias pessoais, falam também dos problemas políticos, sociais e econômicos de seu tempo. Isso porque possuem as informações sôbre o que é o mundo e o que o mundo faz, pois na maioria são universitários.

SEGUE

No começo: barquinho, amor, mar, flor

No campo restrito da música, aumentam as diferenças entre os dois grupos de jovens. As composições da MMPB são mais ricas musicalmente, complexas, refinadas. Elas representam uma classe média intelectualizada, que ouve muito discos, lê bastante, tem tempo para estudar e dinheiro para contratar professôres ou freqüentar escolas. Em conseqüência, essas músicas não são simples instrumentos de satisfação pessoal. Duas músicas dos dois grupos — "Você me Acende" e "Olê, olá" — cantam até o amor de maneira diferente. Diz a primeira, nos programas de ié-ié-ié:

Meu bem, meu bem/ cada vez que eu te vejo/ Meu bem, meu bem/ Mais aumenta o meu desejo/ Me acende com teu beijo/ Uh, uh, uh, uh.

E a segunda:

Não chore ainda não/ Que eu tenho uma razão/ Pra você não chorar. Felicidade aqui,/ Pode passar e ouvir/ E se ela fôr de samba/ Há de querer ficar.

Tôdas essas diferenças podem ser encontradas nas próprias origens dos dois tipos de música, embora ambos tenham uma coisa em comum; a popularidade entre a juventude. De maneira geral, a música popular tem três formas de manifestação. A primeira chamada folclórica, é música congelada em determinada época e que permanece tal qual era cantada ou tocada quando surgiu. É o caso dos sambas de roda, da Bahia; das **incelenças,** do Nordeste; e das modinhas de viola, do Centro-Sul. As outras duas formas são de origem urbana. Uma, nascida da própria imaginação popular, é aproveitada e divulgada pela televisão e pelo rádio; a outra liga-se ao sucesso de determinada música, cantor ou dança. Está sempre vinculada aos interêsses da indústria de disco, que a relança em vários países simultâneamente, impondo-a pela repetição constante. Ainda que a primeira se modifique de acôrdo com as circunstâncias, continua prêsa às características humanas de seus criadores. O comportamento social, político e econômico de quem fêz a música pode ser analisado através de sua letra e melodia. No primeiro caso está a música de Noel Rosa e Chico Buarque, e no segundo a de Carlos Gardel e a dos Beatles.

Nem todos os países possuem êsses tipos de manifestação musical e, mesmo entre os que possuem, são poucos os que podem ser comparados ao nosso, dada a versatilidade e a criatividade musical do brasileiro. O nosso folclore é considerado um dos mais ricos do mundo. E a nossa música popular tem as mais variadas formas de expressão rítmica e melódica: carnaval, modinhas, canções praieiras, sambas de breque, frevo, xaxado, baião. A tôdas as manifestações juntou-se a bossa-nova, que unificou a música popular brasileira. A revolução começou com o lançamento de um LP de Elizete Cardoso, em 1958, com músicas de Tom Jobim e Vinícius de Morais e onde João Gilberto fazia acompanhamento com violão.

1) Pixinguinha, flautista e compositor. 2) Dorival Caimmi, cantor e compositor. 3) Vinícius de Morais, poeta. 4) Baden Powell, violonista e compositor. Na capa do LP, Tom Jobim, pianista e compositor.

Saturados dos boleros, chá-chá-chás e rock-baladas, alguns jovens da classe média voltam-se para o jazz como única possibilidade de satisfação musical. Êsses jovens, quase todos da Zona Sul do Rio (a bossa-nova é fenômeno tìpicamente carioca), tinham boas possibilidades econômicas, acesso aos discos e aos professôres de música. Podiam, assim, ganhar uma técnica aprimorada de execução e bons conhecimentos de teoria musical. Surgiram as **jam-sessions** e depois os clubes de jazz. Somando-se a isso o clima de euforia nacionalista do govêrno JK, estavam lançadas as bases do movimento de renovação da música brasileira. Faltava apenas uma coisa para a **revolução** ganhar as ruas: alguém que conseguisse interpretar tudo o que os rapazes desejavam, cantando ou tocando. Então apareceu João Gilberto.

Êsse baiano tímido e de fala mansa, considerado hoje o maior intérprete da música popular brasileira de todos os tempos, trouxe para os jovens um nôvo balanço com a simplificação e unificação do ritmo, o enriquecimento das harmonias, a interpretação intimista e integrada ao acompanhamento.

Das **jam-sessions,** os jovens revolucionários, como numa autêntica conspiração, começaram a realizar as **samba-sessions** nos apartamentos de Copacabana, incorporando as descobertas de João Gilberto: nascia a bossa-nova e uma quantidade enorme de melodias era atirada no mercado. Foi o tempo de "Desafinado", "Samba de uma Nota só", "Chega de Saudade", etc. A mais característica da época, mostrando as preocupações do grupo, foi "Desafinado":

Se você insiste em classificar/ O meu comportamento de antimusical/ Eu mesmo mentindo devo argumentar que isso é bossa-nova/ Isto é muito natural.

Os temas da nova música eram extraídos do dia a dia da Zona Sul carioca, das aspirações dêsses jovens de classe média desligados das tradições musicais e das reivindicações e problemas da massa proletarizada da Zona Norte. Então o amor-barquinho-sorriso-flor foi tema constante de suas composições. Cantavam as coisas e os problemas que os cercavam apenas superficialmente. O "Barquinho", de Ronaldo Bôscoli e Roberto Menescal, mostra isso:

Dia de luz / Festa do Sol/ Um barquinho a deslizar/ No macio azul do mar.

Quatro anos depois do aparecimento da bossa-nova os seus temas, tanto poéticos quanto melódicos, pelo uso constante, esgotavam-se. O público foi diminuindo e a música nacional deu lugar, fàcilmente, aos ritmos importados. Apesar disso, o sucesso alcançado por João Gilbetro e Tom Jobim nos EUA impressionou muitos autores que começaram a compor exclusivamente para o mercado norte-americano, repetindo o esquema das músicas que haviam feito sucesso: amor-barquinho-sorriso-flor.

Aconteceu, então, a primeira grande divisão no movimento.

A bossa-nova oferecia muitos caminhos para os jovens inconformados com a imitação das músicas de Tom, João Gilberto e Vinícius. Um dêles foi a união dos jovens compositores dissidentes com os músicos de orelha, que compunham nas mesas de botequim, batendo em caixas de fósforo. Êstes, amedrontados com a técnica e conhecimentos musicais dos moços, até ali haviam ficado alheios à bossa-nova. Não só por isso, mas também porque os primeiros compositores do movimento de 1958, desejando romper com tudo o que consideravam **superado** em matéria de música popular, não os procuravam. Os **dissidentes,** porém, preocupados em manter as linhas mestras da tradição popular na música brasileira, se juntaram aos músicos de orelha. Nasceram então as primeiras parcerias entre jovens da bossa-nova e velhos sambistas de morro. São dessa fase os sambas de Carlos Lira e Zé Kéti, Vinícius de Morais e Pixinguinha e outros.

Por outro lado, a atmosfera do período em que viviam (govêrno João Goulart) levou alguns dos jovens compositores a se integrarem no movimento geral realizado pelo ISEB e pela UNE, na tentativa de encontrar uma vida intelectual voltada para a realidade brasileira. São dessa época o cinema-nôvo e os Teatros de Arena do Rio e São Paulo. Entre os que se ligaram a essa corrente estavam Carlos Lira, Sérgio Ricardo e a cantora Nara Leão, que na época rompeu pùblicamente com a bossa-nova. E um compositor que vinha surgindo, Edu Lôbo. Isso, também, permitiu o aparecimento — para o grande público — dos antigos e novos compositores de samba tradicional que, de outra maneira, nunca teriam suas músicas gravadas. É o exemplo de Élton Medeiros, Cartola, Nélson Cavaquinho.

O outro grupo resolveu continuar compondo para exportação, guardando a influência do jazz em suas melodias e a interpretação intimista da fase de João Gilberto. Jonny Alf, Ronaldo Bôscoli, Roberto Menescal, Aloísio de Oliveira são exemplos dessa tendência.

SEGUE

Depois: sêca, miséria, fome, nordeste

Quando a música, juntamente com o cinema-nôvo, o teatro, a literatura e os estudos sociais, estava nesse estágio, veio a revolução de 1964. A pressão governamental contra organismos como a UNE e o ISEB fêz com que os jovens se reagrupassem em tôrno de experiências de integração literatura-música-teatro. Surgiram então espetáculos como "Opinião e "Liberdade, Liberdade". Os jovens compositores, burlando a censura e em alguns casos contando com a liberalidade do govêrno, aprofundaram suas ligações com a música de participação. João do Vale, um compositor de baião, e Zé Kéti, que anteriormente já fôra lançado para o grande público através de suas parcerias com Carlos Lira, apareceram cantando as reivindicações da intelectualidade de esquerda. São dessa fase as músicas "Plantar pra Dividir" e "Opinião":

Mas plantar pra dividir,/ não faço mais isso não.
Podem me prender/ podem me bater/ que eu não mudo de opinião.

O sucesso alcançado por êsse tipo de música, fêz com que a bossa-nova sofresse nova cisão. Não concordando com os que viam nas músicas participantes apenas o sucesso comercial e achando que novamente a música nova se repetia, esgotando desta vez tôdas as fórmulas de cantar as misérias na trilogia fome-sêca-Nordeste, os jovens compositores se rebelaram. Disso nasceu nossa moderna música popular.

Aceitando as contribuições da bossa-nova (riqueza harmônica, poli-ritmia, tratamento intelectualizado dos temas poéticos e preocupação de sólidos conhecimentos musicais) e da música participante (procura constante de temas folclóricos, integração na vida nacional, interligação entre o morro e a cidade, entre o proletariado e a classe média), a MMPB procura os seus caminhos. E essa nova revolução sòmente pode ser compreendida quando se conhece os jovens compositores, suas músicas, seus problemas e preocupações consigo mesmos e com o mundo que os cerca.

Os refletores estão apagados. No centro do Teatro de Arena, apenas uma luz ilumina um tablado onde estão sentados Gilberto Gil, Maria Bethânia, Caetano Veloso, Capinam e Torquato, o único não baiano, apesar de ter passado grande parte de sua vida em Salvador. Os cinco estão recordando o passado. Fala um de cada vez. O primeiro é Gilberto Gil, mulato, o mais gordo e alegre do grupo:

— Tenho 24 anos de idade e o curso de administração. Sou casado. Morei e me criei em Itauçu, no sertão baiano, onde meu pai, médico, foi trabalhar. Minha infância foi tranqüila. O curso primário fiz com minha mãe, em casa, e depois fui estudar em Salvador. Já me impressionavam, nessa época, as músicas cantadas pelos sertanejos de Itauçu e o baião, que a sanfona de Luís Gonzaga espalhava pelo sertão da Bahia. Resolvi tocar acordeão em Salvador. Pouco antes de entrar na Universidade, o rádio começou a tocar as músicas de João Gilberto. Fiquei impressionado e aprendi a tocar violão e a compor bossa-nova no estilo dêle. Então percebi que havia muita diferença entre seguir uma orientação **moderna** e **modernosa**. O moderno era aproveitar tudo o que já havia sido feito em música, sem imitar, é claro. E modernoso era negar todo o passado a pretexto de superação. A nossa música para enriquecer-se, tornar-se popular, precisa ser moderna, isto é, aproveitar o que já foi feito de bom, criando sôbre essa base, e mais sólidos conhecimentos musicais, coisas novas. E a sensibilidade, coisa que não se aprende na escola, deve presidir a tudo isso. A nossa música pode ter até pretextos políticos, mas como elementos normais, espontâneos, sem que o compositor faça êsse tipo de música sòmente porque está na moda. Os caminhos são muitos, mas o trilho é um só: qualidade.

Com êsse esquema, Gilberto Gil fêz um samba apresentado no Festival da TV-Record, "Ensaio Geral":

O rancho do nôvo dia,/ o cordão da Liberdade/ e o bloco da mocidade/ vão sair no carnaval/ É preciso vir à rua/ esperar pela passagem/ é preciso ter coragem/ e aplaudir o pessoal.

Quando Gilberto Gil terminou de falar, Caetano Veloso que permanecera cabisbaixo, levantou o rosto. É um môço magro, calmo, de rosto fino e mãos compridas. O cabelo longo é prêto como os olhos. De fala mansa, êle quase nunca se abala. O que sua irmã Maria Bethânia tem de agitação, extroversão e alegria, Caetano tem de introspecção, tranqüilidade e tristeza. Êle acentua cada palavra:

— Tenho 24 anos, sou solteiro, filho de funcionário do Departamento de Correios e Telégrafos em Santo Amaro, interior da Bahia, onde nasci. Passei a infância lá mesmo, sentindo curiosidade pelo que me cercava e fascinação por tudo o que me poderia tirar de Santo Amaro. Nesse tempo, eu pintava, escrevia, desenhava e tocava piano. Em 1960 fui para Salvador e ingressei na Faculdade de Filosofia. Estava em evidência a bossa-nova de João Gilberto. Depois de ouvir o que êle fazia, decidi enfrentar com maior responsabilidade a tarefa de saber música. Aprendi a tocar violão e entrei para o grupo do Teatro Vila Velha, em Salvador. Preocupado com as coisas que Tom, Vinícius e João Gilberto formulavam, resolvi usar seus métodos na pesquisa de nossas raízes folclóricas. Daí em diante mudei pouco, pois já havia abandonado a preocupação formal da bossa-nova e queria fazer música brasileira, mesmo sem as pesquisas de harmonia e de forma poética. Hoje digo o que sinto, com o aperfeiçoamento musical que adquiri e com a consciência que a realidade brasileira me dá. Foi assim que falei de amor, na música "Um Dia":

Vê se alegra tudo agora/ vê se pára de chorar/ abre os olhos, mostra o riso/ quero, careço, preciso/ de ver você se alegrar.

Todos saem do palco, as luzes se acendem e o ensaio do **show** "Pois é" começa. Enquanto Maria Bethânia e Gilberto Gil cantam a música "Louvação", José Carlos Capinam e Torquato Neto observam. Capinam é o mais baixo e o mais culto do grupo. Franzino, calmo, só se empolga quando discute política. Êle e Torquato, que tem a pele branquíssima apesar de muitos meses de Rio, começaram a fazer música recentemente, antes eram apenas poetas. Capinam tem 24 anos e Torquato 21. O primeiro nasceu em Pedras, interior da Bahia, filho de funcionário da Estrada de Ferro Leste Brasileiro. Permaneceu em sua terra até os 18 anos, quando foi estudar direito em Salvador.

Torquato é de Teresina, no Piauí, filho único de um promotor público. Aos 16 anos foi para Salvador, pois os padres do colégio onde estudava expulsaram-no por fazer política. Capinam e Torquato ligaram-se quase imediatamente ao Teatro Vila Velha, ali conhecendo Gilberto Gil, Caetano Veloso e Maria Bethânia.

Em música, Capinam está começando agora, mas classificou uma música no Festival Internacional da Canção, no Rio; feita de parceria com Gilberto Gil, "Viramundo":

Sou viramundo, virado/ de ronda das maravilhas/ cantando a faca e facão/ os desastre da vida.

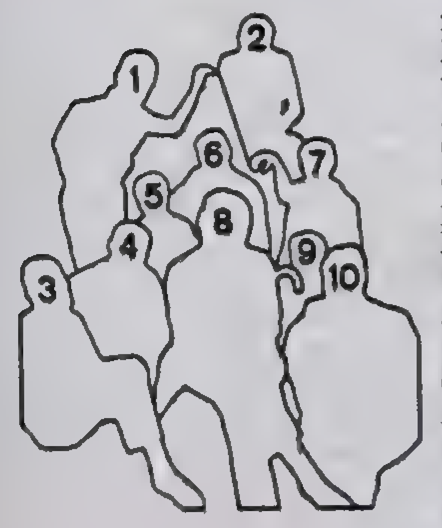
Torquato já tem perto de 30 letras, feitas para canções de Gilberto Gil, Edu Lôbo e outros. Delas, a mais popular é "Louvação":

Vou fazer a louvação, louvação, louvação/ do que deve ser louvado, ser louvado, ser louvado/ meu povo preste atenção, atenção, atenção.

Tanto Capinam como Torquato concordam com os caminhos propostos por Gilberto Gil e Caetano Veloso para a MMPB. Capinam acrescenta:

— A poesia, na música, deve formar uma unidade. Mas separadamente, a melodia e o poema devem ter vida própria. Quanto à participação, cantar a vida e o amor do brasileiro é o que basta.

SEGUE



1) Francis Heime, pianista e compositor. 2) Marcos Vale, pianista e compositor. 3) Aírton Barbosa, do Quarteto Villa Lôbos. 4) Torquato Neto, poeta. 5) Caetano Veloso, poeta e compositor. 6) Macalé compositor. 7) Paulo Sérgio Vale, poeta. 8) Sidney Miller, compositor. 9) José Carlos Capinam, poeta. 10) Edu Lôbo, violonista e compositor.

No caminho: morro, clássicos, folclore

Mas não é só fazer música boa e esperar: devemos montar máquinas de informação, promoção e vendas como as que a turma do ié-ié-ié usa, para levar nossa música ao povo.

Edu Lôbo, Marcos Vale, Francis Heime e Adílson Godói são compositores preocupados com os clássicos. Todos, de uma maneira ou de outra, estão pesquisando há algum tempo a construção harmônica das músicas eruditas.

Edu está com 22 anos. Fala quase sempre sôbre música. É inteligente, culto. Foi até o terceiro ano da Faculdade Nacional de Direito e sempre morou em Copacabana. Dos seis aos 12 anos estudou acordeão e descobriu o violão aos 16, ouvindo primeiro João Gilberto e depois Baden Powell. Daí em diante, Edu só pensou em música:

— Influenciado pela riqueza do folclore brasileiro, estudei ritmo dos 18 aos 20 anos. Foi durante essa época que fiz "Reza", "Arrastão", "Aleluia", nas quais Rui Guerra e Vinícius colocavam a letra.

Edu fêz música folclórica influenciado principalmente pela poesia de João Cabral de Melo Neto, sem uma pesquisa de campo mais demorada, a não ser uma viagem a Recife. Por isso, suas composições nordestinas têm um sabor urbano capaz de agradar ao grande público, como "Reza":

Laia, ladaia sabadan, ave Maria/ laia, ladaia, sabadan, ave Maria/ se é fraca a oração/ mil vêzes cantarei.

Depois do sucesso de "Arrastão", que venceu o 1.º Festival de Música Popular Brasileira, Edu Lôbo parou de compor músicas de estilo folclórico, dedicando-se à pesquisa de músicas clássicas. Dessa sua nova fase é "Jôgo de Roda".

É hora, é hora/ é hora de roda/ jogo a vida/ jogo a tarde/ jogo a faca e a razão/ jogo o mundo à sua sorte/ e a mentira eu jogo ao chão.

Francis Heime, louro, olhos claros, família bem situada econômicamente, é estudante de arquitetura. A música para êle ainda é atividade amadorística. Estuda piano desde menino. Tôdas as suas composições têm intensa elaboração. A produção de Heime é pequena e êle, que só faz as melodias, não tem sido feliz com seus parceiros. Exemplo disso é a música excelente que mandou ao Festival da Record, com uma letra que não faz justiça ao grande poeta que é Vinícius de Morais:

Vai e apaga do corpo seu/ cada beijo meu/ porque foi assim que/ ela me enlouqueceu./ Fatal,/ cruel, cruel demais.

Marcos Vale tem 23 anos e está no primeiro ano da Faculdade de Direito. É casado e faz músicas há seis anos. Está colocado entre os compositores que seguem a tradição de João Gilberto. Embora fazendo pesquisas de música erudita, a obra de Marcos Vale é mais internacional, com menos características de melodia e ritmo brasileiros. É seu irmão, Paulo Sérgio Vale, quem faz as letras, e enquanto estiveram ligados a Carlos Lira fizeram alguns sambas participantes, como "Terra de Ninguém". Mais tarde, retornaram à tradição de João Gilberto, da qual "Preciso Aprender a Ser só" é exemplo:

Ah, se eu te pudesse fazer entender/ sem teu amor eu não posso viver/ e de nós dois o que resta sou eu/ eu assim tão só.

Adílson Godói, advogado formado em Bauru (São Paulo), tem hoje 26 anos. É pianista, filho de músicos. Sua música foi mudando à medida em que ia desenvolvendo seus conhecimentos técnicos, pois até os 21 anos êle foi apurando seus trabalhos, apesar de manter sempre o mesmo filão, o romantismo e os grandes efeitos sonoros. Hoje, sua música mudou pouco, como prova a música "Vela Branca", apresentada no Festival da Record:

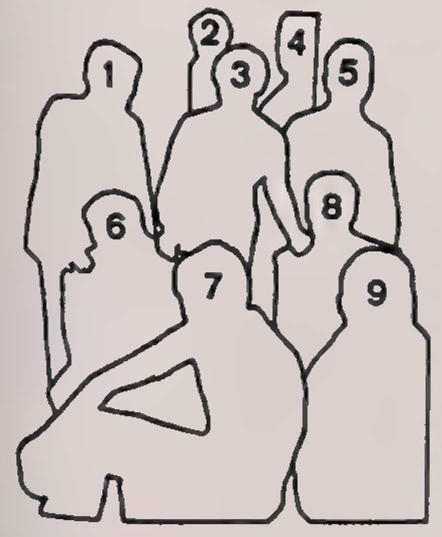
Lá, lá, lá, lá, lá, lá./ Vai pesqueiro, vai pro mar/ vai pesqueiro, cantando cai/ mar levando vai/ mar velando/ gente voltar.

Baden Powel é um dos mais velhos entre os compositores jovens. Aos 29 anos, parece ter encontrado a sua maneira de expressão musical através do que os críticos chamam de afro-sambas. Com formação típica de regional carioca, onde tocou cavaquinho, violão e viola durante quase 15 anos, Baden teve influência dos velhos músicos. Autodidata, recebeu também influências do jazz. Estudioso, aprendeu mais tarde orquestração e regência. Suas músicas, na segunda fase da bossa-nova — com letras de Vinícius de Morais — deram à MMPB a característica negróide que os jovens estudantes buscavam para nacionalizá-la. Sua produção musical é imensa, mas por não ser letrista, algumas vêzes sofre decepções. Mesmo assim, encontrou em Vinícius parceiro perfeito, como no "Samba da Bênção":

É melhor ser alegre do que triste/ alegria é melhor coisa que existe.

Baden não gosta de falar. É introspectivo e quando — depois do segundo uísque — levanta-se agitado para dar suas opiniões é sempre através de imagens. Sôbre os compositores modernos e os caminhos da música, por exemplo, êle fala assim:

— Para derrubar uma casa é preciso saber onde está a viga mestra. Então a gente chega lá e bumba: com uma simples marretada a casa vem abaixo. Sem saber onde está a viga, a gente fica batendo a êsmo, sem mudar nada. É o que acontece com alguns compositores. Êles não querem estudar, saber como é feita a construção da música. Mas querem derrubar tudo. Como não sabem aonde está a viga, não obtêm nenhum resultado. Mas como fazer melodias é mais fácil do que estudar êles preferem ser compositores. Aí só saem musiquinhas.



1) Tenório Jr., do Tenório Trio; 2) Glória, do Quarteto Scala; 3) Cyva do Quarteto em Cy; 4) Roberto Menescal, compositor; 5) Severino Filho, de Os Cariocas; 6) Oscar Castro Neves, pianista e compositor; 7) Antônio José (Magro) do MPB4; 8) Mílton Banana, baterista; 9) Edson Machado.

Paulinho da Viola e Sidney Miller são dois compositores que por caminhos contrários estão fazendo a integração entre a música do morro e a música da classe média. Paulinho, com 24 anos de idade, filho de Benedito César criou-se entre os sambistas de morro e integrou escolas de samba desde garôto. Aprendeu a tocar violão sòzinho — o pai queria que êle fôsse contador — e seu primeiro samba refletia a vontade de ser músico:

Quem sou eu prá viver sem batucada/ Quem sou eu prá viver sem violão/.

Na segunda fase da bossa-nova, Paulinho ligou-se aos jovens da música participante e veio a necessidade de estudar — começou pelos clássicos — para compreender o que estava fazendo. Hoje leva para o morro uma música mais sofisticada, mais trabalhada, mais rica. Jorginho, da ala de compositores da Escola de Samba do Império Serrano, comentando o samba de enrêdo que Paulinho da Viola fêz para a Portela — "Memórias de um Sargento de Milícias" — diz que "é música de morro, mas diferente". Sua música "Canção para Maria", para o festival da Record, mostra a simplicidade de sambista de morro com cultura musical:

Maria, Mariô, raiou o dia/ estou no pôrto esperando/ faz três noites, faz três dias/ que a cidade está chorando/ está chovendo na Bahia.

Sidney Miller fêz o caminho inverso de Paulinho. Nascido no bairro rico de Santa Teresa, no Rio, interessou-se muito cedo por música. Aos 12 anos já tocava violão, fazendo sua primeira música dedicada a uma menina que queria namorar. Estudante de sociologia, depois de uma fase romântica, Sidney voltou-se para o folclore do Centro-Sul brasileiro. Aos 18 anos compunha dois cancioneiros, de 30 minutos cada um, em que os temas folclóricos que recolhera numa viagem a Minas Gerais eram tratados de forma semi-erudita. Depois sentiu que sua música complicava-se e resolveu viver um pouco o samba de morro. O resultado disso foi o samba "Pede Passagem":

Chegou a hora da escola sair/ Deixar morrendo no asfalto uma dor que não quis/ Quem não sente o que é ter alegria na vida/ Tem tôda avenida para ser muito feliz/ Vai e arrasta a felicidade pela rua/ Esquece a quarta-feira e continua

SEGUE

Hoje: vida e amor do povo brasileiro

Convidado para fazer parte da ala de compositores da escola de samba Império Serrano, Sidney Miller acredita que seu caminho é o samba urbano.

O mais jovem compositor de músicas de protesto é Luís Carlos Sá. Carioca de 20 anos de idade, nasceu em Vila Isabel e descobriu a bossa-nova no tempo de ginásio. Aprendeu a tocar violão e pouco depois já fazia "Giramundo", que Peri Ribeiro gravaria bem mais tarde:

Giramundo, me deixa esquecer/ êste amor que você fêz de nôvo morrer.

Luís Carlos diz que abandonou a bossa-nova quando começou a perceber a realidade que o cercava, lendo economia e filosofia. Dessa fase, passou a outra, que considera mais consciente:

— Com a agitação dos problemas da terra, da fome, do Nordeste, comecei a interessar-me em levar para a música o que pensava a respeito de tudo. E os problemas dos jovens hoje não se restringem ao Brasil, são mundiais. Por isso tornei-me cidadão do mundo e fiz músicas como "Garôta de Hirochima" e "Cavalo da Paz":

A primeira batalha começou/ O cavalo da paz vai se agitar/ E para cada criança que chorou/ Cinco cabos de guerra vão gritar.

Geraldo Vandré é de João Pessoa, na Paraíba. Foi para a Guanabara muito cedo e alí, em 1960, revelou-se como compositor fazendo a letra para uma canção de Carlos Lira, "Quem Quiser Encontrar o Amor":

Quem quiser encontrar o amor/ Vai ter que sofrer/ Vai ter que chorar/.

Ligando-se aos jovens da segunda fase do movimento bossa-nova, Geraldo passou a fazer músicas de participação, usando a temática nordestina que o havia impressionado na infância e cuja consciência êle adquiriu na literatura de João Cabral de Melo Neto, Guimarães Rosa e Jorge Amado. Mais tarde, em São Paulo, suas músicas tinham a entonação de canções de manifesto como "Fica Mal com Deus":

Fica mal com Deus/ quem não sabe dar/ fica mal comigo/ quem não sabe amar.

Essa fase, iniciada em 1962, foi evoluindo na temática e nas melodias através da urbanização da poesia de Geraldo Vandré, que culminou com a letra de "Porta-Estandarte", vencedora do primeiro festival de música popular brasileira realizado em 1966:

Olha que a vida é tão linda/ e se perde em tristezas assim/ Desce teu rancho cantando/ esta tua esperança, sem fim.

Depois disso, Geraldo Vandré foi pesquisar as modas de viola do Centro-Sul do Brasil. Ele mesmo explica porquê:

— Sob o pretexto de ser uma música extremamente pobre em melodia e cadência, a **modinha caipira** tem ficado num plano secundário por uma visão preconceituosa dos nossos músicos e letristas de classe média urbana. Realmente a moda de viola do Centro-Sul do Brasil é uma música pobre. Mas êsse problema se resolve por um processo de adoção e recriação dentro de uma visão urbana que seja realizada por êsses próprios músicos.

O exemplo dessa pesquisa realizada por Geraldo Vandré, é a música "Disparada", feita de parceria com Teófilo de Barros Neto:

Prepare o seu coração/ Pras coisas que eu vou contar/ Eu venho lá do sertão/ Eu venho lá do sertão/ Eu venho lá do sertão/ E posso não lhe agradar.

Chico Buarque de Holanda, de 23 anos, ex-estudante de arquitetura, é o maior representante da música urbana brasileira da atualidade, seguindo a tradição firmada por Noel Rosa. Vivendo num ambiente intelectual — seu pai é o historiador Sérgio Buarque de Holanda — Chico formou-se com um sério espírito de pesquisa, mas com liberdade de interpretação que lhe possibilita, hoje, a criação mais autêntica. Carioca de nascimento, viveu e criou-se em São Paulo, passando também longo tempo na Europa. Travou conhecimento com a música em sua própria casa, onde se promoviam reuniões familiares à base de violão e compositores populares. Aprendeu a tocar violão tentando imitar os acordes, a voz e o balanço de João Gilberto. Mas aos 16 anos resolveu fazer suas próprias músicas. Dessa fase, Chico não guardou nada, não lembra nada, considerando tudo o que fêz simples preparação para suas músicas de hoje. Êle diz que faz música por necessidade:

— Para mim é extremamente difícil a comunicação com os outros homens embora sinta necessidade imperiosa de fazer isso. A única maneira que encontrei foi através da música. É essa a minha forma de diálogo.

Chico fala muito pouco, embora não seja tímido. Dá a impressão constante de intensa elaboração interior. A cultura que possui, porém, sòmente aparece nas músicas que faz, pois sente grande dificuldade em formalizar suas idéias através de conversas. Mesmo assim, consegue definir alguns pontos que considera fundamentais no que está fazendo:

1 — O compositor deve estar situado em sua época. Deve ser participante. A sensibilidade não deve estar dirigida sòmente para a composição melódica, mas também para aquilo que pretende dizer.

2 — A música popular brasileira volta hoje às suas raízes, como se os primeiros que fizeram bossa-nova tivessem esquecido alguma coisa que cabe a nós ir buscar.

3 — Não sou compositor de músicas de protesto intencional. Isso porque quando alguém se decide a fazer alguma coisa estraga a espontaneidade. É preciso sentir os problemas de hoje e traduzir êsse sentir nas músicas. A música de protesto intencional é vazia, chata, complexada, passiva, pois apenas se queixa.

4 — Particularmente não dirijo minha música a ninguém. Ela é intuitiva, subjetiva, mas não egoísta, espero, pois sempre procurei viver junto ao povo, sentindo seus dramas e reivindicações. Sou subjetivo objetivamente.

5 — Acho fácil o povo cantar minhas músicas, pois interpreto a vida de maneira simples e o povo consegue cantar as coisas simples fàcilmente.

Chico Buarque de Holanda é pessimista. Para êle o **bom** de agora vai necessàriamente acabar e êle sofre antes que isso aconteça. Suas músicas têm sempre essa colocação, em que o tempo é o carrasco das coisas boas que estão acontecendo. Para êle, nunca se deu tantas oportunidades aos jovens e às suas idéias como no mundo de hoje. Mas êle considera coisas como música aleatória, protest-songs, ié-ié-ié bobagens de uma revolta juvenil pré-fabricada, argumentando:

— Como vamos negar uma cultura que não tivemos e que existia nos países desenvolvidos onde êsse protesto surgiu?

Chico Buarque de Holanda conseguiu o que Noel Rosa teve: através de uma visão de classe média, compõe músicas de boa qualidade musical e poética. E nas músicas de Chico o lirismo é simples, e a participação sentimental nos versos descritivos desencadeiam associações imediatas em quem canta. Como na "Banda":

O homem sério que contava dinheiro parou/ o faroleiro que contava vantagens parou/ a namorada que contava as estrêlas/ parou para ver, ouvir e dar passagem.

Êstes são os jovens que estão fazendo a renovação da música popular brasileira. Buscando caminhos diversos, contraditórios, mas essencialmente ligados à cultura e à tradição do país, êles continuam a revolução iniciada por Tom Jobim, João Gilberto, Vinícius de Morais. A sua concepção do mundo e as reivindicações que fazem, estão resumidas na frase de um dêles, o baiano José Carlos Capinam:

— Hoje nós devemos cantar a vida e o amor do homem brasileiro. FIM

1) Maria Helena Toledo, compositora. 2) Rosana Toledo, cantora. 3) Elis Regina, cantora. 4) Maria Bethânia, cantora. 5) Neta de Elizete. 6) Elizete Cardoso, cantora. 7) Rosinha de Valença, violonista. 8) Clementina de Jesus, cantora.

Quem canta?

Todos os compositores, críticos e diretores de estações de rádio e TV afirmam que existe uma crise de intérpretes na moderna música popular brasileira. Mesmo assim, três cantores, um conjunto vocal e um conjunto instrumental são considerados, hoje, como o **primeiro time** de intérpretes da MMPB.

NARA LEÃO — Carioca da Zona Sul, era tímida e introspectiva na infância. Ligou-se na juventude à turma da bossa-nova e apareceu como cantora. Pouco mais tarde, rompeu com o movimento dizendo que estava na hora de voltar às origens do samba. Nessa época, transformou-se no símbolo da música de participação, atuando no **show Opinião.** Ela tem uma constante: sòmente canta coisas de boa qualidade. E explica: "Quero fazer o que desejo, sem ter que prender-me a pessoas, partidos ou tradições existentes. Quero ser livre para cantar".

JAIR RODRIGUES — Filho de lavradores do interior de São Paulo, foi aprendiz de pedreiro e ajudante de alfaiate antes de cantor popular. Depois do sucesso de **Deixa isso pra lá,** ajudou Elis Regina a transferir o centro da MMPB para o Teatro Record, em São Paulo. Sua popularidade nasceu da simpatia e do jeito característico de cantar rindo, da maneira de curvar-se, dançar e bater palmas. No entanto, cantando **Disparada** mostrou que é capaz de interpretação correta, segura.

MPB-4 — Quatro jovens — o mais velho tem 25 anos — formam o conjunto vocal MPB-4, apontado pelos críticos como o mais representativo da atual fase da nossa música popular, apesar da alta qualidade e dos arranjos de **Os Cariocas.**

ZIMBO TRIO — É o conjunto instrumental mais perfeito tècnicamente. Atuando há dois anos, influenciou a formação de muitos conjuntos com a mesma estrutura: piano, bateria, contrabaixo. É formado por Amílton Godói, pianista; vencedor de três concursos nacionais; Luís Chaves considerado o melhor contrabaixista brasileiro; e Rubens Barsotti, também vencedor de vários concursos, como baterista de jazz.

ELIS REGINA — A figura mais importante entre os intérpretes da MMPB. Ex-normalista em Pôrto Alegre, Elis canta desde menina. Quando veio para o Rio, aos 19 anos (hoje tem 21), conheceu o estilo do dançarino norte-americano Lennie Dale — **show** visual ao lado da interpretação vocal — e os assimilou, criando seu próprio estilo. Venceu o 1.º Festival de Música Popular Brasileira, com a música **Arrastão,** o que lhe valeu um contrato com a TV Record de São Paulo, para a realização do primeiro programa de MMPB na televisão brasileira. Daí para a frente, ela não parou mais, transformando-se na intérprete mais popular, hoje, de música brasileira. Agora, Elis Regina revê toda a sua atuação anterior, atribuindo importância fundamental aos estudos da técnica de canto que vem fazendo. Mais madura, ela é a única intérprete que alia canto e técnica apurada ao talento brilhante. Sôbre a MMPB e seus cantores, Elis afirma: "Uma cantora deve ser ouvida, vista e sentida emocionalmente pelo público. Consegue isto com afinação, respiração correta, divisão adequada de compassos musicais, obtidos com estudo constante e sensibilidade. Desta maneira, o cantor cria um estilo e se fixa junto ao público.

Para a realização desta reportagem foram consultados os seguintes especialistas em música popular brasileira: Nélson Lins de Barros, José Ramos Tinhorão, Sérgio Pôrto, Sérgio Cabral, Aloísio de Oliveira, Vinícius de Morais, Júlio Medaglia, Franco Paulino, Rui Guerra e Manoel Carlos.

ÊLE MUDOU NOSSO TEATRO

E o teatro do mundo inteiro. O nome dêsse alemão revolucionário, que os críticos chamaram de genial, é Bertolt Brecht.

Naquela noite de 2.ª-feira havia muita gente na frente do Teatro Jovem. Mas êle estava de portas fechadas, a Polícia não deixa entrar ninguém. Parou um carro, o motorista perguntou sem tirar as mãos da direção:

— Mas que peça é?

Alguém respondeu quase gritando:

— Peça nenhuma, é uma conferência sôbre Bertolt Brecht. Descobriram que Brecht é subversivo, e não querem que se fale nêle.

Outro fêz piada:

— Estão procurando Brecht. Se o encontram é cadeia certa.

O dono do carro ficou calado um instante. Finalmente, engatando a primeira, fêz a segunda pergunta:

— Desculpe, mas quem é êsse Bretti?

Foi embora antes de receber o esclarecimento: um PM mandou limpar a rua.

Na semana seguinte, outra segunda-feira, as autoridades permitiram o debate sôbre a obra e a técnica teatral de Bertolt Brecht. A sala apertada do Teatro Jovem ficou lotada, das nove da noite às três da madrugada. Os quatro conferencistas responderam a centenas de perguntas.

— O que é distanciamento? — tentava informar-se tìmidamente um estudante de óculos.

— O que é teatro épico? — gritava dos fundos uma mocinha loura, mascando chiclé.

— Mas Brecht era mesmo comunista? — perguntava muito preocupada uma senhora.

Os diretores de teatro — Flávio Rangel, Paulo Afonso Grisoli e Luís Carlos Maciel — e o crítico Paulo Francis responderam a todo mundo, até ficarem de garganta sêca. Falou-se muito em política, liberdade, papel do intelectual na sociedade de seu tempo. Alguns equívocos foram desfeitos, outros nasceram: Marx foi citado pelo menos mil vêzes. Um rapaz de japona azul que tentou inocentemente intervir no debate, falando de Broadway e de Hollywood, foi vaiado. Alta madrugada, do lado de fora do teatro, um grupo grande ainda continuava discutindo. E foi aqui que um môço quarentão, rosto de intelectual sofrido, sentenciou clara e firmemente:

— Amigos, quem não leu o **Uber Eine Nicht-aristotelische Dramatik** e não assistiu a **Leben des Galilei** em Berlim Oriental não pode falar de Brecht comigo.

E ninguém falou mais. Todo mundo foi dormir, levando uma carga de dúvidas. Parece ser êste o parodoxal destino de Bertolt Brecht e de sua obra: na história do teatro, talvez seja o homem mais simples, mais límpido, mais claro, e com a firme vontade de ser um escritor popular. Tão fácil de ser compreendido quanto os cantadores das feiras do interior. Mas — como escreve um de seus biógrafos — a obra de Brecht tornou-se tão complexa que só os intelectuais puderam compreendê-la.

Isso é verdade? Ou são mesmo os intelectuais que, inconscientemente, querem ficar **donos** de Bertolt Brecht, atribuindo-lhe mistérios e escondidos significados? A tese é de um crítico italiano, que acrescenta: "Brecht só pode ser considerado autor difícil e complexo por seus intérpretes, diretores e atôres, nunca pelo público. A dificuldade está em representar o teatro Brechtiano, seguindo as normas ditadas pelo autor. E estas normas têm uma finalidade bem clara: a de ajudar o público a tomar parte ativa no debate que se desenrola no palco e a formular um juízo final. Não é fácil ensaiar e representar uma peça de Brecht, assim como dificìlmente se encontrará público mais satisfeito do que aquêle que assiste a um espetáculo brechtiano bem representado. Haverá quem tenha gostado muito e quem não tenha gostado nada; acontece desde os tempos do teatro grego. Mas nunca haverá alguém que **não tenha compreendido:** porque Brecht conta parábolas, como a dos pães e dos peixes, como a das núpcias de Cananéa. Quem não as compreende?"

Eugen Bertolt Friedrich Brecht (êle mesmo abreviou seu nome para Bertolt ou para Bert Brecht) morreu em Berlim há dez anos, na noite de 14 de agôsto de 1956. Tinha 58 anos e vivia com sua segunda mulher, a atriz Helene Weigel que, atualmente, dirige a famosa companhia alemã do **Berliner Ensemble** .

Quando Brecht morreu, o público brasileiro pràticamente desconhecia o autor alemão. Em 1951, tinha sido representada pela primeira vez, em São Paulo, uma peça sua, curta, em oito quadros: **A Exceção e a Regra,** no Teatro Brasileiro de Comédia. Foi uma experiência corajosa. Na Europa o nome de Brecht, nesta época, ainda circulava entre iniciados, apesar de ser quase popular nos Estados Unidos, onde Charles Laughton tinha interpretado sua obra-prima — **Galileu Galilei.** As peças de Brecht contavam uma história, havia um comêço e um fim. Havia também a moral, é claro. Mas havia mais: a denúncia. E ninguém estava preparado para isso. Ninguém, até ali, tinha ido ao teatro para emitir um veredicto após a representação. Com Brecht é isto o que acontece.

A Exceção e a Regra conta a história de um carregador, um homem bom e simples, que morre durante uma viagem, assassinado pelo seu patrão, quando praticava um gesto de bondade: na tentativa de oferecer a seu senhor — um comerciante apavorado pelas sombras noturnas — um cantil cheio de água, é morto pelo patrão que acredita ser aquêle gesto uma tentativa de assalto. A viúva do carregador recorre ao tribunal para obter justiça mas o comerciante é absolvido porque os juízes lhe reconhecem a legitimidade da defesa. Êle, realmente, **acreditava** estar ameaçado pelo carregador que havia maltratado durante a viagem. "Dadas as circunstâncias", diz o juiz, "o comerciante tinha tôda a razão de acreditar-se em perigo". A regra teria sido o carregador matar seu dono. Mas tratava-se da exceção: quem poderia saber

E desde 1951, o autor estrangeiro mais representado no Brasil, depois de Bernard Shaw e de Tennessee Williams, é o próprio Bertolt Brecht. Isto pelo número de representações. Mas, considerando apenas o número de peças encenadas, sem levar em conta as afluência de público, então Brecht pula para o primeiro lugar absoluto, com nove espetáculos que levam seu nome.

O Brasil é um dos países em que mais se tem representado Brecht. Na Itália, o número das peças levadas ao público chega a oito. E na União Soviética, que consideram a segunda pátria de Brecht, sòmente quatro foram encenadas, e das menos políticas de seu repertório. Não é difícil descobrir porque: as parábolas de Brecht deixam o público com vontade de julgar. Uma peça como **A Exceção e a Regra,** no tempo de Stalin, teria provocado uma resposta ambigua sôbre o comerciante. Representa o símbolo de ricaço corrupto e cruel de Wall Street, ou é o todo poderoso "pequeno pai" que nos guia das alturas do Kremlin? E assim por diante. Por isso, os russos concederam a Brecht o **Prêmio Stalin da Paz,** mas deixaram fechadas as portas dos teatros às suas peças mais significativas.

Sòmente dois anos depois de sua morte, Brecht voltou a ser representado no Brasil, em 1958, e ainda em São Paulo, no **Teatro Maria Della Costa.** A peça era **A Alma Boa de Sê-Tsuan** que conta mais uma história simples, baseada numa antiga lenda chinesa. São três deuses que descem à terra para descobrir uma **alma boa.** Mas existe? Parece que sim. É a doce prostituta Shen-Té, que mora na aldeia de Sê-Tsuan. Merece um prêmio: mil dólares. Shen-Té pode retomar o bom caminho. Mas o dinheiro não lhe traz paz, nem sua bondade infinita ajuda a superar o drama que a envolve. Não existe — é a moral da história — uma alma boa, porque a sociedade não o permite. Brecht fecha sua representação pedindo a participação do público: "Inùtilmente temos procurado um fim para esta peça. Não o encontramos. Tínhamos inventado uma lenda dourada, e transformou-se em ódio. Nem o vosso dinheiro conseguiu inspirar outra saída: é o homem que tem que mudar, ou o mundo inteiro tem que ser refeito?"

Com **A Alma Boa de Sê-Tsuan,** Brecht começou a empolgar o espectador brasileiro da classe média, na grande cidade. Em seguida — e não sòmente por motivos culturais — a mensagem brechtiana foi levada às fábricas, às escolas e até ao interior pernambucano por jovens diretores do Centro Popular de Cultura, que mostraram a obra do autor alemão de norte a sul. A **tournée** acabou em 31 de março de 1964, e não se pode dizer que foi útil, nem aos camponeses nem ao teatro, no sentido em que Brecht o respeitava: "Nunca comício, nunca cartaz: sòmente os fatos, com frieza e distância. Deixem o resto por conta do público."

Brecht marxista, é um dado histórico inapelável. Mas Brecht foi comunista mesmo? Quem responderia **não?** Ninguém, hoje. Sòmente Brecht, talvez, se fôsse ainda vivo, interviria para repetir o que disse em 1947, em Hollywood, diante da **Comissão de investigação sôbre as atividades antiamericanas,** quando foi interrogado juntamente com outros escritores e intelectuais.

SEGUE

Texto de Alessandro Porro

Jane Fonda
– uma linda americana em Paris, diz: "Lux suaviza a pele enquanto limpa..."

Jovem e cheia de vida, sensível e cativante, cintilante como a música de Gershwin, Jane é uma das mulheres cuja beleza dispensa o auxílio de preparados complicados.

Mas ela tem o máximo cuidado com sua pele. "É a minha única preocupação", diz ela, "e entreguei-a ao cuidado do Sabonete de Beleza Lux". Não é surpreendente, então, que ela tenha uma pele tão macia, tão luminosa. E pouco se preocupa com a pele durante o dia. Enfrenta os refletores e as máquinas fotográficas, passeia, goza a vida com sua vitalidade exuberante.

Sua pele se sujeita à tensão a todo instante. Onde quer que ande, sua beleza e o frescor de seu encanto causam admiração. "Meu segrêdo — diz ela — é o mais simples de todos. Diàriamente, pela manhã, faço uma massagem profunda com a rica espuma cosmética de Lux, com especial cuidado ao meu rosto! Que momento delicioso!

Lux é tão suave, tão puro, e o seu perfume é tão marcante! É o meu tratamento de beleza, e não poderia encontrar um melhor. Sòmente Lux me proporciona uma pele tão macia, tão luminosa, tão naturalmente jovem E, acreditem, isto é importantíssimo na minha carreira!".

Lux protege a beleza.

Perfume marcante — Nova e delicada forma
Em 4 maravilhosas côres

PREFERIDO POR 9 ENTRE 10 ESTRÊLAS DO CINEMA

"Eu queria que todos os homens fôssem livres"

O Senador McCarthy era o presidente da comissão e interrogou Brecht pessoalmente:

— O senhor é membro do Partido Comunista?

O teatrólogo respondeu categòricamente:

— Meus amigos e colegas acham que eu não devo responder a esta pergunta. Mas eu sou um hóspede dêste país, e é por isto que vou responder: não, não sou comunista.

— Mas o senhor escreveu numerosos poemas revolucionários. Por que o senhor instiga os operários ao levante, se não é comunista?

— Senhor presidente, meus poemas não foram bem traduzidos. Eu escrevi estas poesias na Alemanha, na época em que Hitler estava tomando o poder. Eu sempre fui antifascista. Meus poemas sòmente se endereçavam aos operários alemães...

O interrogatório continuou nesse estilo. Os inquisidores entraram nos mínimos pormenores da vida de Brecht. Onde êle estava em tal dia e em tal hora, dois ou três anos antes, com quem tinha trocado cartas, qual o teor de um determinado telefonema do ano passado, e assim por diante. E Brecht, sempre respondendo com sua voz doce, seu olhar firme, seus gestos tranqüilos, chegou a modificar a atitude da comissão. Antes de ser dispensado (nada foi apurado contra êle), Brecht quis prestar mais um depoimento na frente de seus juízes:

— Sempre fui contra Hitler, e sempre fui um poeta independente. Eu queria simplesmente ser um homem livre, e queria que também os outros o fôssem. Repito: nunca fui membro do Partido Comunista.

Escreve o biógrafo francês René Wintzen: "Sem dúvida, o anarquista dos primeiros anos transformou-se em marxista convicto, em esquerdista, em intelectual militante. Êle casou com a atriz Helene Weigel, cuja adesão ao partido da Alemanha Oriental é conhecida. Weigel é uma comunista convicta, feroz, decidida. Mas Brecht sempre conseguiu manter tôda sua independência com relação ao regime. Elevado ao grau de poeta oficial do país, sua obra foi igualmente submetida à censura, às críticas e aos chamados à ordem. Desde que chegou, em 1948, à zona soviética da Alemanha, Brecht tomou uma atitude inequívoca em relação ao govêrno e ao partido. Quando, em Dresdeu, os dirigentes do PC quiseram oferecer-lhe uma recepção de honra, Brecht subiu ao palanque oficial com seu pulover fechado até o pescoço, para agradecer, mas recusou-se a tomar a palavra."

Depois de longos anos de exílio — deixou a Alemanha em 1933 quando Adolf Hitler subiu ao poder — e de várias etapas na Checoslováquia, França, Dinamarca, Suécia, Finlândia, Estados Unidos e Suíça, Brecht voltou à pátria só em 1948.

SEGUE

"A Alma Boa de Sé-tsuan"

'O Senhor Puntila e seu Criado Matti"

há muito o que ver através das janelas do VISCOUNT:

São Paulo - Rio - Vitória - Salvador - Fortaleza - Recife - Natal - Goiânia - Belém - São Luís - Belo Horizonte - Curitiba - Florianópolis - Pôrto Alegre - Brasília - Uberlândia - Campo Grande - Cuiabá

(e mais 45 cidades completam a rêde Vasp)

MEMBRO ASSOCIADO
IATA
QUALIDADE EM TRANSPORTE AÉREO

viaje bem... viaje
VASP
Especialista em Brasil

Êle nos obriga a uma tomada de consciência

Mas não foi um retôrno tranqüilo. Os aliados recusaram-lhe permissão para morar na zona ocidental. Brecht, então, pediu a naturalização austríaca, que lhe foi concedida em 18 de abril de 1950, depois de um debate dramático na Câmara dos Deputados de Viena. Mas êle nunca foi morar na Áustria. Ficou em Berlim Oriental, onde o govêrno pôs à sua disposição um teatro e bastante dinheiro para criar uma companhia. Nasceu assim, com a colaboração de Helene Weigel, o **Berlim Ensemble,** a catedral do teatro brechtiano. Inaugurou-se na noite de 8 de novembro de 1949, com a representação de **O Senhor Puntila e Seu Criado Matti,** uma farsa popular — como Brecht a chamou — inspirada em uma série de contos da escritora finlandesa Hella Wuolijoki.

É a mesma peça que a Companhia Carioca de Comédia encenou em setembro dêste ano no Teatro Ginástico do Rio de Janeiro. Essa realização mostrou mais uma vez como não é verdade que Brecht seja difícil para o público, mas — ao contrário — facílimo e até divertido. É claro que quando fecha a cortina o sorriso pode transformar-se numa máscara de preocupada tomada de consciência; mas isto é um mal?

Quem é o Senhor Puntila? E Matti?

Puntila é um fazendeiro ("que como vocês sabem — diz Brecht — é uma besta inútil e comilona"). Matti é o bom criado; honesto, mas não muito; rebelde, quando precisa, isto é, no final da peça. Puntila tem uma filha — Eva — que deveria casar com um diplomata gagá, enquanto êle mesmo está procurando uma viúva rica que possa evitar-lhe a dor de vender um de seus bosques. As relações entre Puntila e Matti são ótimas, quando o patrão está embriagado. Mas péssimas, quando Puntila volta à sua lucidez, à sua consciência de **dono.** É nesta gangorra que os dois vivem a história. E é num momento de gloriosa bebedeira que Puntila desmancha o noivado da filha com o diplomata gagá, oferecendo-a a Matti. A menina vibra de felicidade, mas não o criado: com seu bom senso e suas múltiplas experiências, sabe muito bem que no dia seguinte, passada a bebedeira, Puntila não aceitará aquele noivado. Assim mesmo, o episódio empolga Matti. E faz com que êle compreenda que a condição de criado, a qualquer custo, é insustentável. Então vira as costas ao dono, deixando a fazenda, e oferecendo ao público a lição da história: "O bom patrão você o achará, ràpidamente, no dia em que ficar dono de você mesmo".

Das peças de Brecht, esta é talvez a única que pode ser representada na maneira clássica, isto é, seguindo as regras da tradição teatral. Mas para seus outros 26 trabalhos, Brecht deixou indicações certas, leis severas. SEGUE

"Mãe Coragem"

"A Ópera dos Três Vinténs"

O espectador se transforma em personagem

Deixou tôda uma teoria de interpretação e de recitação: **a toria do distanciamento,** que permite representar o **teatro épico.**

O diretor carioca Luís Carlos Maciel tenta explicar Brecht assim: "Suas peças nos mostraram que o teatro não é um mero desfile de alta costura feito para o deleite das classes privilegiadas, mas também um dos instrumentos de tomada de consciência, pela sociedade humana, de suas contradições, e dos rumos de seu futuro".

É, então, um teatro político, tal qual um colaborador e colega de Brecht, Erwin Piscator, já tinha realizado na Alemanha, com a mesma finalidade, mas sem chegar à sua completa descoberta. Para conseguir isto, Brecht resolveu abandonar as formas clássicas de representação e tomar um nôvo rumo: **o teatro épico.** Na forma dramática do passado, o autor envolve o espectador na história que êle está contando, comove-o, sugestiona-o. No teatro épico, acontece o contrário: o espectador descobre ser um dos personagens de que se está falando. Em vez de chorar, toma posição, resolve por si mesmo. Não é sugestionado, mas fica tomando conhecimento de fatos que êle, se quiser, poderá julgar oportunamente.

Nas representações clássicas, cada cena era ligada à outra, os acontecimentos seguiam um roteiro linear, e faziam o espectador concluir: "Eu penso, logo existo". No teatro épico, cada cena é independente, os acontecimentos tomam um caminho circular, para chegar ao fim maduros. O espectador não pode chegar à conclusão de que existe só porque tem uma cabeça e pensa. Êle tem que concluir que pensa porque existe dentro de um determinado padrão, porque sua condição social, seus meios de vida e sua cultura o impedem de raciocinar de outra maneira.

Êstes são os pontos mais elementares do **teatro épico.** E a **técnica do distanciamento** serve aos atôres para transmitir ao público tais sensações. Como? Nunca como antigamente — **representando** um personagem no sentido clássico da palavra — mas simplesmente **mostrando** ao público êsse mesmo personagem. A atriz que interpretar Julieta, por exemplo, não deverá mais **ser** a triste namorada de Romeu, mas deverá limitar-se a **contar** ao espectador o que lhe aconteceu. Existe um sistema preciso para chegar a êste tipo de representação. Eis um exemplo fornecido pelo próprio Brecht: um personagem que se chame Mário tem que recitar a seguinte fala: "Eu vou embora. Até logo, Fernanda." O ator que faz o papel de Mário, para chegar à perfeição, deverá pensar, antes de recitar a fala: **Agora Mário diz:** "Eu vou embora. Até logo, Fernanda." O ator assim não estará enganando o público para convencê-lo que êle é Mário. Estará, mais honestamente, fazendo a imitação de Mário. E o público, percebendo que lá no palco não há nenhum Mário, mas um ator, ficará consciente, ficará pensando e julgando.

Uma das grandes preocupações de Brecht era a de evitar que o público se emocionasse, durante esta ou aquela cena de suas peças dramáticas. Tinha pavor de demagogia, de retórica. Uma vez, percebendo que a sala inteira chorava ao final do terceiro ato de **Mãe Coragem** (a ação se desenrola durante a guerra dos trinta anos) quando a protagonista vê o filho morto, mas não pode revelar que é a mãe aos soldados inimigos, pensou em quebrar o impacto da cena mandando entrar no palco uma pequena banda com tambores, clarim e bandeiras das côres mais vivas. Mas, apesar da **distração** imposta por Brecht, o público continuou chorando. Neste caso tem razão Martins Esslin quando escreve: "Brecht quer despertar as faculdades críticas do seu público, mas às vêzes consegue comovê-lo até as lágrimas".

Mãe Coragem foi representada no Brasil em 1962. No mesmo ano, foram encenadas **Os Fuzis da Senhora Carrar** e **As Visões de Simão Marchand.** Três peças que condenam a guerra, ou melhor, na teoria brechtiana, que levam o espectador a condenar a guerra. **Mãe Coragem** se passa na Finlândia, **Os Fuzis** na Espanha, **As Visões** na França. Nesta última, a realidade e os sonhos se confudem num trágico delírio. A avançada alemã sôbre Paris e as visões de Joana D'Arc criam um dramático contraponto.

Menos violenta é **Círculo de Giz Caucasiano,** encenada em 1963. Mas não menos polêmica, ou melhor, didática: numa aldeia destruída do Caucaso, logo após o fim da guerra, dois **kolkhozes** (cooperativas camponesas) discutem a melhor maneira de explorar a terra, cada uma das comunidades tentando trazer a água a seu moinho. O comissário político da zona chama então um poeta popular para que êle conte uma velha lenda chinesa aos contendores. A lenda conta que uma mulher poderosa recorre ao juiz, para obter de volta o filho que sua empregada raptou. A criada, porém, afirma ser a mãe do menino. O sábio juiz recorre a uma prova: traça um círculo com o giz, e põe o menino no meio. A verdadeira mãe, diz êle, será a mulher que conseguir tirar o menino do círculo puxando-o pelos bracinhos. Na primeira tentativa a empregada larga o menino, deixando-o com a outra. O juiz manda fazer mais uma prova, mas desta vez a criada não chega nem a pegar no braço do menino. E quando o juiz lhe pergunta porque, a mulher responde chorando: "Eu criei êste menino, não posso tirá-lo, tenho mêdo de ver seu braço arrancado".

— Tu és a verdadeira mãe — é a sentença do juiz, ordenando que a outra mulher se vá com seus advogados e seus conselheiros.

Brecht conclui a peça com uma canção: "Cada coisa tem que pertencer a quem merece, os meninos às mais bondosas; os carros aos bons motoristas; a terra a quem trabalha".

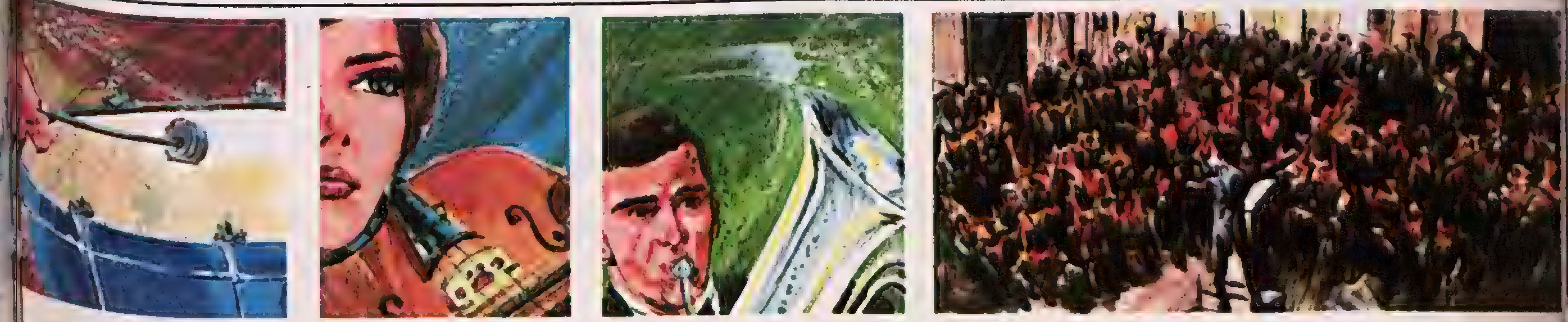
As 24 cenas de **Terror e Miséria do III Reich** foram escritas por Brecht entre 1935 e 1938 quando o nazismo estava na sua fase mais delirante de fanatismo. Cada cena representa o testemunho de uma violência, de um a agressão, de um delito. Talvez seja a obra mais indignada do alemão Brecht. Foi representada êste ano no Rio de Janeiro, mas durante poucos dias.

Uma das primeiras peças de Bertolt Brecht, talvez uma das mais representadas em todo o mundo, é de 1928 (isto é, de dez anos após a primeira peça, **Baal**), e é intitulada **A Ópera dos Três Vinténs.** No Brasil, a peça já teve duas apresentações. A primeira em Salvador, em 1961, e a outra em São Paulo em 1964.

A Ópera dos Três Vinténs — que estabeleceu um nôvo conceito de teatro musicado — é uma livre adaptação que Brecht fêz da **Ópera dos Mendigos** de John Gay (1729), e que foi, na época, uma divertida paródia do melodrama e da ópera lírica italiana. A paródia de Brecht arranharia muito mais profundamente os costumes da década de 30.

A história é linear: mr. Peachum, dono de uma firma **Amigo dos Mendigos** (aluga muletas, pernas de pau, e cartazes comovedores para convencer os passantes a dar sua esmola), tem um inimigo, Macheath, chefe de um bando de ladrões. Quando, com a ajuda do chefe da Polícia de Londres, consegue a prisão do bandido, percebe que sua filha Polly já tinha casado com Macheath secretamente. Condenado à morte assim mesmo Macheath canta na cadeia sua **Balada do Perdão.** Quando os tambores já anunciam a execução, chega um mensageiro a cavalo. É a Rainha da Inglaterra que manda libertar o prisioneiro, nomeando-o lorde, e presenteando-o com um castelo. Polly e Macheath então cantam o dueto da felicidade. Enquanto a cortina é fechada, o poeta adverte: "A realidade, senhores, é diferente. Nem sempre os mensageiros da Rainha chegam em tempo se os mendigos tentam um protesto: por isto, senhores, não insistam em pecar. Meditem sôbre o obscurantismo e o inverno dêste vale sacudido de lágrimas."

Estas as nove peças de Brecht representadas no Brasil. Agora fala-se, mas muito baixinho, de um plano para montar no Rio de Janeiro, em 1967, a **Vida de Galileu Galilei.** Talvez Paulo Autran vá interpretar, com Galilei, o drama do homem moderno, condenado à sua trágica solidão. O drama da ciência e da fé. A obra-prima de Bertolt Brecht. FIM



A pureza do som é Telefunken
Os modelos são três
A escolha é tôda sua

Ouça, veja um estereofono **TELEFUNKEN**
Você sente... é outra categoria.

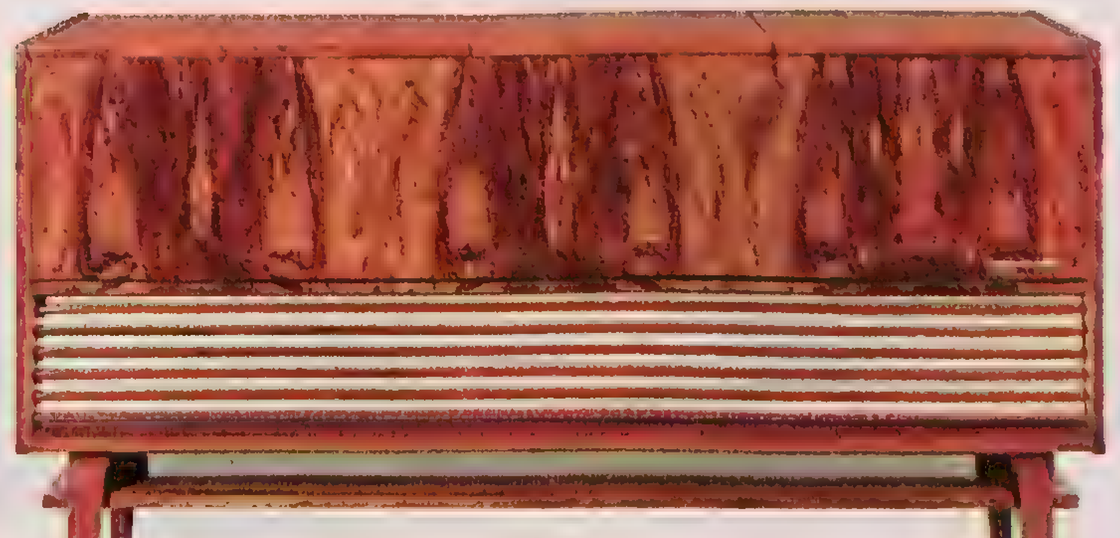
O Dominante é apenas o mais completo e mais requintado estereofono fabricado no Brasil.

O Mattinata prova que um bom estereofono pode ser compacto, sensato, discreto e motivo de orgulho.

O nôvo Melodia é o estereofono que oferece o meio têrmo perfeito entre o requinte e a discrição.

DOMINANTE

MATTINATA


MELODIA

No Brasil, é ao mesmo tempo a coisa mais discutida e menos compreendida. Assusta donas de casa, preocupa ministros de Estado e é apontada como causa de todos os nossos males. E já que vamos ter de enfrentá-la durante mais uns anos, é bom saber

O QUE É INFLAÇÃO

ILUSTRAÇÃO DE QUIMDORO

Texto de Paulo Henrique do Amorim

Para se entender o que é inflação, é preciso voltar no tempo e ver, antes, o que é a troca. Ninguém consegue ser auto-suficiente a ponto de — com seus próprios recursos — produzir tudo o que necessita. Nas comunidades mais antigas, trocava-se trigo por lã, madeira por carne, e assim por diante. Mas, quando as trocas foram ficando mais complicadas, o homem viu que precisava de uma solução mais prática. E inventou a moeda. Ela teria várias funções: medir o valor das mercadorias; permitir uma troca mais rápida; ser aceita por todos; ser mais fácil de se guardar. A melhor maneira de economizar — guardar valôres — não seria, evidentemente, empilhar carne no depósito e mais tarde vir a trocá-la por outro produto. Assim, a moeda passou a ser o intermediário em tôdas as trocas.

E como surgiu a moeda? O que aconteceu quando o homem adotou-a e deixou de trocar dez tacapes por uma ovelha, por exemplo?

Na primeira fase, qualquer um tinha liberdade de cunhar moedas em metais preciosos: prata, ouro ou — em certas épocas — cobre. Mas, com êsse processo anárquico, chegou-se a um impasse: não havendo uniformidade de moedas, elas deixavam de atender a uma de suas funções, isto é, serem aceitas por todos. Isso complicava as trocas outra vez. Ao mesmo tempo, viu-se que a confusão ia levar a um volume exagerado de moedas que não se referiam a coisa nenhuma. O que significavam os milhares de moedas cunhadas? A solução encontrada pelos governantes das sociedades antigas foi absorver a função de cunhagem e passar a fazer moedas padronizadas de ouro, o metal mais valioso. As moedas eram pequenas e tinham grande valor.

O ouro era o padrão para a cunhagem de moedas, exprimia a riqueza de um país e era a base para as trocas internacionais. Tanto que, quando havia uma conquista militar, a primeira providência da nação vencedora era encontrar os estoques de ouro da nação derrotada.

Em 1912, a massa de ouro existente no mundo era avaliada em 37 milhões de dólares, e 80% estavam em mãos das três grandes potências da época: Estados Unidos, França e Inglaterra. Aos poucos, porém, o ouro foi deixando de ser a unidade em que se baseavam as trocas internacionais. Em 1931, a Inglaterra deixou de usar o que se chamava de padrão-ouro. Em 1934, os Estados Unidos fizeram o mesmo. Em seguida, o padrão de trocas internacionais passou a ser o dólar americano, até hoje a moeda mais usada no mundo, e a mais fácil de ser trocada.

Mas cada país emite, naturalmente, a sua moeda. Como é feito isso no Brasil?

As emissões ocorrem quando o govêrno precisa fazer despesas, como pagar os funcionários públicos, comprar máquinas, abrir escolas, construir estradas. A primeira medida é ver se existe dinheiro no Banco do Brasil, a caixa-forte do país. Freqüentemente não existe, e a solução é emitir.

A Constituição estabelece que só a União pode fabricar dinheiro. Antigamente, bancos particulares também podiam emitir. Uma das maiores crises inflacionárias que afligiu o Brasil aconteceu na chamada **fase de encilhamento** (1889-1891), quando o então ministro da Fazenda, Rui Barbosa, estimulou uma emissão gigantesca de papel-moeda por bancos particulares. Hoje, o govêrno só pode emitir depois que recebe autorização do Conselho Monetário Nacional — órgão formado por economistas nomeados pelo presidente da República. O Conselho envia a autorização ao Banco Central, que dá ordem à Casa da Moeda para emitir. A Casa da Moeda é apenas uma emprêsa impressora do govêrno e não decide sôbre a quantidade ou a necessidade da emissão. Isto é tarefa dos Ministérios da Fazenda e Planejamento, além do próprio Banco Central. Mas a Casa da Moeda nem sempre pode executar todos os pedidos. Então, contrata firmas estrangeiras especializadas, e é por isso que vemos em nossas notas os nomes **Thomas de la Rue** e **American Bank Note Company.** Depois de fabricado, o dinheiro vai para o Banco do Brasil, que faz os pagamentos, distribuindo as notas e níqueis novos.

Antigamente, os governantes se preocupavam em relacionar a quantidade de moedas com a quantidade de ouro existente. Hoje, em que se baseiam as autoridades econômicas quando permitem as emissões?

Tudo o que o país produz — as casas que constrói, as estradas, o aço das usinas, o petróleo, os automóveis — tudo isso é a **produção nacional.** Cada um dêstes produtos vale dinheiro, ou seja, pode ser traduzido em moeda. A riqueza de um país se exprime hoje por aquilo que produz, e não mais pelo ouro que tiver guardado. Assim, todo o dinheiro que existe corresponde à produção do país.

Para produzir são necessários vários fatôres. O **Trabalho é um dêles:** nada se produz sem que o esfôrço humano explore as riquezas que descobre. E os **recursos naturais** são outro fator de produção. O último fator é o **capital,** em seu sentido físico, representado pelas máquinas, usinas hidrelétricas, ferrovias, tratores, tudo o que permita ao trabalho realizar a produção. Cada um dêstes fatôres tem seu valor em dinheiro.

Como circula o dinheiro

Em todo o Brasil, circulam aproximadamente dois trilhões de cruzeiros, entre notas e moedas. Mas, se formos apurar a quantidade de depósitos bancários, chegaremos aos seis trilhões. Os quatro trilhões que sobram são chamados de **moeda escritural.** Não é dinheiro de verdade: são cheques, títulos, duplicatas, promissórias — comprovantes de dinheiro, enfim. De todo o dinheiro que um banco tem em depósito, apenas uma quarta parte é movimentada num determinado momento. De modo que, para cada 1.000 cruzeiros que o banco tem, pode emprestar três mil. Isto é a **criação de crédito.**

A contribuição principal dos bancos está justamente em transformar as economias das pessoas em investimentos — recursos para serem empregados na produção. Êstes recursos, em forma de empréstimos, circulam antes que exista a produção.

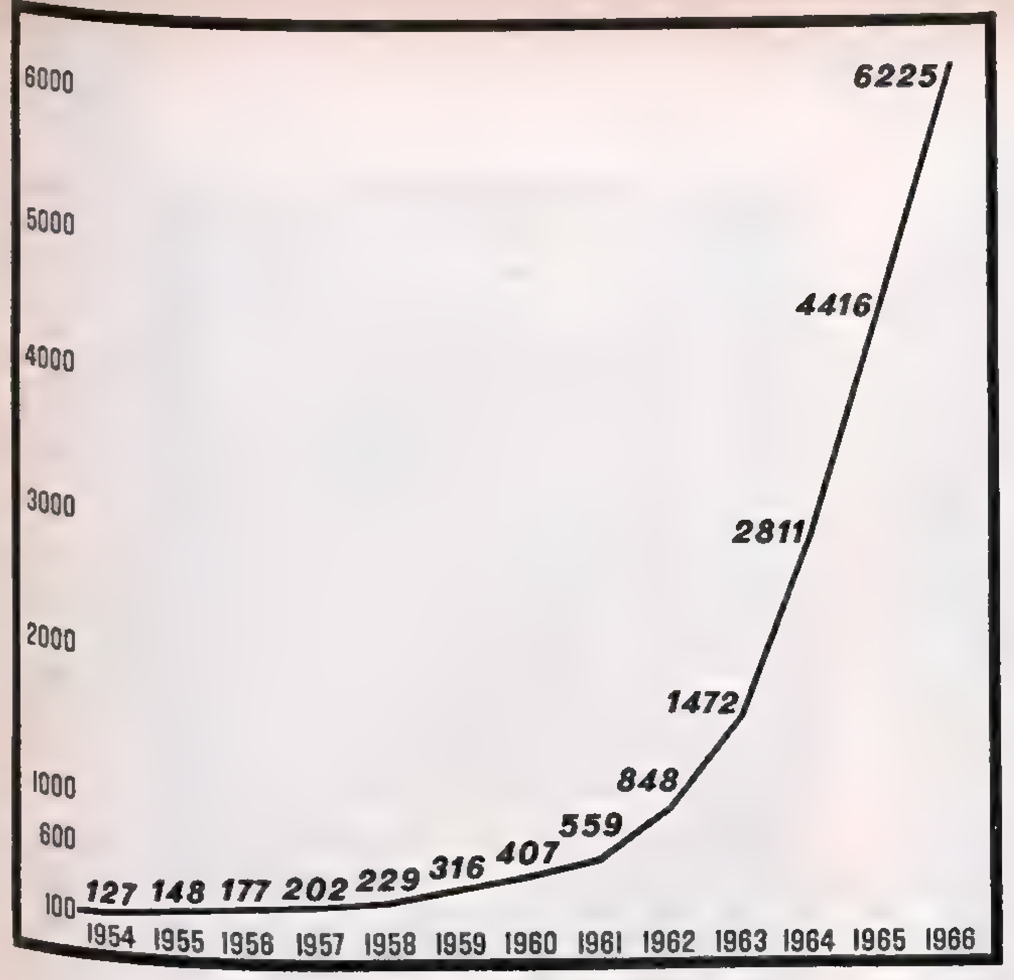
SEGUE

Fizemos Manjar Royal com ameixas, e batemos a foto. Então, comemos o Manjar... e as ameixas. Como estava delicioso...

Em seguida, combinamos Manjar Royal com Pudim Royal, de chocolate. Batemos a foto. E comemos a dupla. Estava excelente...

Ficamos imaginando o que não seria êste trio Royal: Pudim Royal de caramelo Pudim Royal de chocolate e Manjar Royal.

Mais um produto de qualidade F R Fleischmann-Royal



·EVOLUÇÃO DA INFLAÇÃO

A causa de tudo é muita moeda, pouco produto

É claro que, pelo menos teòricamente, os banqueiros só emprestam quando confiam na capacidade do empresário, e têm certeza de que o dinheiro emprestado, empregado para produzir algo, obterá lucros e voltará ao banco com juros. Cada vez que há um empréstimo, então, há uma desproporção temporária entre a moeda circulante e a produção.

A oferta e a procura

Imaginemos uma grande feira na Cinelândia, Rio, ou na praça da Sé, São Paulo. Ali se vendem carros, apartamentos, petróleo, alimentos, roupas. De um lado, estão os produtores, os que têm coisas para vender: **a oferta.** De outro estão os compradores: **a procura.** Se vários produtores oferecem a mesma mercadoria, os consumidores comprarão daquele que vender mais barato, obrigando os demais a baixar seus preços. Se, no entanto, apenas um produtor está vendendo automóvel, por exemplo, todos os compradores de automóvel irão procurá-lo. E o vendedor, é claro, procurará obter por seu automóvel o maior preço possível.

Esta é a base da lei da oferta e da procura. Os preços, formados no choque de interêsses entre compradores e produtores, representam a quantidade de moeda que damos pelos produtos oferecidos no mercado.

A fórmula da inflação

Os economistas viram que quanto mais uma nação produzir, mais ela será rica. E, no século passado, descobriram uma fórmula para exprimir o equilíbrio entre a moeda circulante e a produção. Esta fórmula explica como aparece a inflação: **Volume de moeda x velocidade de circulação = Volume da produção x preços.**

A velocidade indica quantas transações é possível realizar com um mesmo volume de moeda num ano.

Estabelecida a fórmula, a questão fica simples. O que acontecerá se aumentar o **volume de moeda?** O lado esquerdo da fórmula ficará maior, deixará de haver uma igualdade. Para que esta igualdade seja refeita, supondo-se que a **velocidade** permaneça constante, é preciso que haja um aumento no **volume de produção.** Se o volume de produção não aumentar, aumentam os **preços.** É então que aparece a **inflação:** um aumento no volume de moeda sem o correspondente aumento no volume da produção.

Modernamente, há três maneiras de explicar a inflação: 1) os **quantitativistas** pensam que é causada pelo excesso de dinheiro ou de depósitos bancários, isto é, moeda demais em relação ao volume dos negócios que se realizam; 2) os **keynesianos** (seguidores das teorias de Lord Keynes, um dos maiores economistas modernos) dizem que a inflação é provocada pela escassez da oferta global em relação à procura global dos bens (pouca oferta e muita procura); 3) os seguidores da **teoria do comportamento** acreditam que a inflação resulta do combate monetário entre os diversos componentes da sociedade para manter sua parcela costumeira de bens e serviços, quando a massa global dêstes bens e serviços disponíveis na economia é insuficiente para satisfazer tôdas as exigências ao mesmo tempo. De qualquer modo, nas três definições há sempre um ponto em comum: muita moeda, pouco produto.

Analisando-se as causas da inflação, encontramos em primeiro lugar a emissão de dinheiro. Já foi dito que isto acontece quando o govêrno recebe menos do que aquilo que precisa pagar. No orçamento do Brasil aparecem dois tipos de despesas: as de custeio, que são o pagamento dos funcionários e a compra de material; e as de investimento, que levam dinheiro para a construção de usinas, estradas, pontes etc. É claro que as primeiras são menos produtivas. E quanto mais o govêrno conduzir suas despesas para o investimento em obras públicas, mais contribuirá para o aumento da riqueza do país.

Acontece que no orçamento brasileiro as despesas de custeio — pagamento de funcionários e compra de material — representam cêrca de dois terços da despesa total. Além disso, os institutos de previdência social e a maioria das emprêsas estatais contribuem para aumentar o deficit. Poucas emprêsas estatais dão lucro — entre elas a Petrobrás, a Companhia Siderúrgica Nacional e a Companhia Nacional de Álcalis.

Para se ter uma idéia, só a Rêde Ferroviária Federal chegou a representar alguns anos atrás cêrca de 50% do deficit orçamentário brasileiro. Uma de suas estradas — a de Bragança, no Estado do Pará — era tão deficitária que ficava mais barato não cobrar as passagens, pois a impressão dos bilhetes saía mais caro que o preço cobrado. Tudo isso obriga o govêrno a emitir.

Há outra causa para a inflação: a expansão do crédito bancário. O empréstimo bancário, como já foi visto, lança dinheiro em circulação antes da produção correspondente; além disso, há outro elemento importante: o redesconto de títulos. Imagine que alguém vendeu uma fábrica. Recebeu uma entrada em dinheiro e o resto parcelado, em duplicatas de 50 milhões de cruzeiros. Estas duplicatas, é claro, serão pagas em épocas diferentes: uma vence daqui a dois meses, outra daqui a três, e assim por diante. Mas o vendedor, precisando de dinheiro imediatamente, vai ao banco e desconta as duplicatas. O que faz o banqueiro? Pega as duplicatas e as **revende** na Carteira de Redescontos do Banco do Brasil: recebe as várias parcelas de 50 milhões de uma só vez e passa a emprestar o dinheiro. Rigorosamente, cada parcela de 50 milhões só poderia estar circulando em forma de moeda à medida em que a fábrica, colocando seus produtos no mercado, desse ao empresário os meios para pagar mensalmente o valor de cada duplicata. Portanto, o adiantamento obtido pelo banco contribuiu para criar uma pressão inflacionária, já que jogou em circulação dinheiro sem produto correspondente.

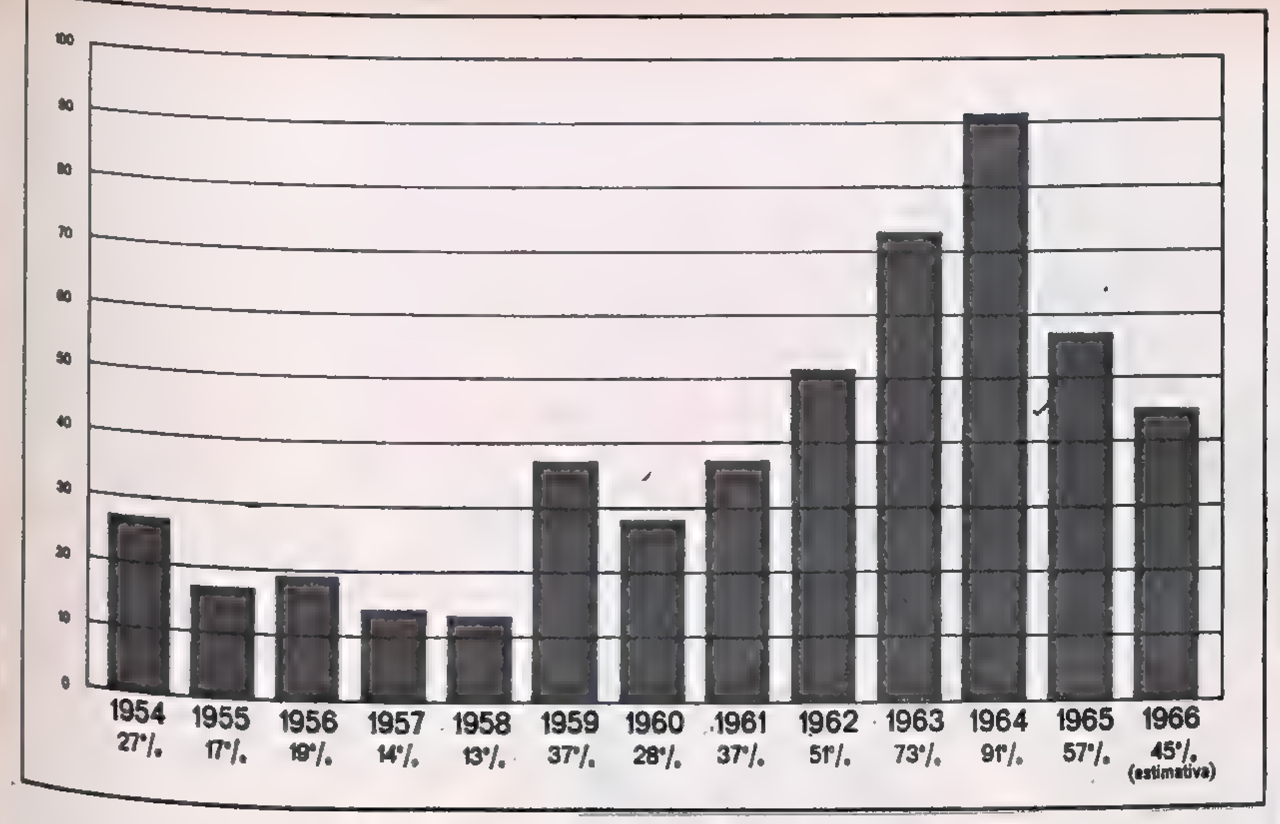
SEGUE

V. precisaria de mais razões para ingressar no Montepio da Família Militar?

MONTEPIO da Família Militar MFM

(PARA MILITARES E RESERVISTAS DE TÔDAS AS CATEGORIAS)

MPM



TAXA DE INFLAÇÃO ANUAL

Por que o dólar subiu tanto ùltimamente?

Qualquer política econômica que não procure aumentar a produção, ou a produtividade, contribui para aumentar a inflação. Da mesma forma, qualquer emissão será inflacionária, se não tiver por objetivo aumentar a produção, seja revitalizando a agricultura, seja favorecendo a indústria.

Mas nem tôda emissão significa inflação. Suponha-se que o país alcançou uma estabilidade econômica. Um dia, o govêrno resolve instalar uma grande usina hidrelétrica. Como não há dinheiro disponível, emite o suficiente para a construção. Já que a usina fornecerá energia a preços mais baixos, barateará e aumentará a produção, a emissão não colaborou com a inflação. Ao contrário: tão logo a usina esteja pronta, sua produção de energia contribuirá para aumentar a riqueza do país.

Porque o dólar sobe

Tudo isso acontece dentro do país. Mas, e as relações internacionais? Por que nossa moeda está desvalorizada?

Vimos que antigamente as trocas se faziam com base no padrão-ouro. Hoje o padrão é o dólar. O país que tiver mais dólares tem condições para comprar mais produtos de outras nações. Como funciona isso, e por que o dólar sobe e desce?

Quando o Brasil exporta (vende), recebe **divisas** — dólares. Com os dólares importa (compra). Quando exporta mais do que importa, o país fica com um saldo em dólares. Sendo uma mercadoria como qualquer outra, havendo dólares em excesso, seu preço em cruzeiros cai. Mas, especialmente no caso de países em desenvolvimento, pode haver a necessidade de importar mais do que exportar. Os dólares passam a ser escassos, sua procura mais forte, e então sobem de preço em cruzeiros. O govêrno resolve então limitar as importações. Parte delas, porém, precisa continuar sendo feita (equipamentos e matérias-primas para manter a produção).

No caso de países que exportam matérias-primas, o valor em dólares de suas exportações tende a crescer menos que o valor das importações. Assim, o preço do dólar aumenta. E já que uma parte do custo da produção depende do preço em dólares das máquinas e matérias-primas, os preços sobem em cruzeiros.

Veja-se, por exemplo, o que acontece com a exportação de café. Se o produtor recebesse no pôrto de Santos um dólar no valor de 2.200 cruzeiros por um quilo cujo custo de produção foi de 1.800, êle ganharia 400 cruzeiros. Mas, se o dólar continuar valendo os mesmos 2.200 cruzeiros e os custos do quilo, em cruzeiros, aumentarem demais, a exportação fica impraticável, porque não dá lucro ao produtor. No entanto, o govêrno precisa exportar o café, para obter divisas (dólares), com as quais comprará máquinas e matérias-primas. Solução: desvalorizar o cruzeiro, ou seja, aumentar o preço do dólar. Enquanto os custos internos continuem subindo por causa da inflação, não há outra alternativa.

Entretanto, o govêrno tem mantido a taxa do dólar estável por vários motivos: primeiro, porque nos governos anteriores ela tinha subido exageradamente, permitindo ao atual uma certa folga; segundo, porque, no caso de certos produtos primários, o govêrno pode adiar o pagamento aos produtores; finalmente, porque temos hoje — pela primeira vez em vinte anos — um saldo positivo em dólares (cêrca de US$ 600 milhões).

Conseqüências da inflação

A inflação é como um pesadelo onde as dificuldades vão aparecendo cada vez maiores. É o círculo vicioso em que o Brasil se encontra: precisamos aumentar a produção e cobrir os deficits; por isso, concede-se crédito aos empresários e emite-se mais dinheiro; as emissões e o crédito inflacionam a economia; como há mais dinheiro que produtos, os preços sobem: mas as pessoas precisam consumir os produtos e, se os preços estão altos, é preciso aumentar os salários; então, a produção fica mais cara, porque também encareceu a mão de obra. Produtos mais caros, salários mais altos; salários mais altos, produtos mais caros. É a chamada espiral inflacionária, a luta sem fim entre salários e preços.

A primeira conseqüência da inflação está em desencorajar os investimentos: os fornecedores de equipamentos não podem financiar seus produtos a longo prazo, em função da constante desvalorização da moeda. Assim, ninguém quer fazer investimentos de base, como, por exemplo, reequipar uma fábrica, ou construir um parque siderúrgico. Além disso, a moeda em circulação vai perdendo constantemente seu poder de compra, o que desencoraja a poupança. Quem vai economizar, sabendo que os 100 mil cruzeiros que deposita hoje no banco dentro de seis meses terão poder aquisitivo de apenas 80 mil?

E o círculo vicioso continua: os que têm renda fixa, ou seja, as classes econômicamente mais fracas, ficam dependendo do aumento de salários para acompanhar o aumento do custo de vida. Mas o aumento de salários implica posteriormente em nôvo aumento de preços.

Como os custos sobem ràpidamente, o empresário não consegue prever exatamente qual o preço de venda necessário para cobrir seus gastos. Procura, então, aumentar seus preços ao máximo. E isto provoca também uma modificação no conceito de lucro. Porque se num país de economia estável uma margem de lucro de 10% sôbre as vendas é excelente, num regime inflacionário um lucro muito maior pode ser insuficiente para o empresário se prevenir contra a desvalorização da moeda. Como diz Paulo Quartim Barbosa, da diretoria da Willys, "para a indústria a inflação é a ilusão de grandeza e a certeza de uma catástrofe".

SEGUE

Há duas maneiras de se acabar com a inflação

Como numa época inflacionária os lucros são fáceis e enganadores, há uma procura muito grande de crédito.

O juro cobrado pelos bancos é geralmente mais baixo do que o lucro que o empresário conseguirá aplicando o crédito. E mesmo que a taxa de juros aumente é sempre bom negócio tomar dinheiro emprestado, porque os lucros compensarão. Mas, à medida em que aumenta a procura de empréstimos, sobe a taxa de juros. Ou seja, quanto maior fôr o regime inflacionário, mais se procurará dinheiro, e mais êle se encarecerá, porque os juros aumentarão. E a produção também encarecerá, porque um dos seus fatôres — o capital — está mais caro.

Chegou a hora de ver como se enfrenta a inflação. Há duas escolas. Uma se preocupa mais com o aspecto da produção. É a escola dos **estruturalistas.** Para êles, o problema está ligado ao desenvolvimento do país. Ou seja, trata-se de saber como aumentar o volume de produtos consumidos por habitante, e eliminar o atraso econômico. Esta escola, muito respeitada na América Latina, acha que quanto mais rápido o desenvolvimento — e maior a produção total — mais enfraquecida ficará a inflação.

A segunda escola é a dos **monetaristas.** Para êstes, o problema está no outro lado daquela igualdade exposta anteriormente: se os estruturalistas se preocupam com o volume dos produtos, os monetaristas combatem o volume excessivo de moeda circulante. Aconselham, então, a contenção de créditos aos empresários, o combate aos deficits da União, ao mesmo tempo em que sugerem evitar que os aumentos de salário superem o nível de crescimento da produção. Finalmente, os monetaristas acham fundamental que o govêrno não execute obras gigantescas, como uma Três Marias, ou uma Brasília, sem que haja realmente recursos disponíveis. Ou seja, que os grandes investimentos se façam, mas sem necessidade de emissão.

Os métodos de aplicar as medidas antiinflacionárias também variam. Há o tratamento de choque, que lembra o conselho dado por Maquiavel em seu livro **O Príncipe.** Dizia êle que as medidas governamentais desagradáveis devem ser tomadas de uma só vez. Já as medidas agradáveis devem ser executadas vagarosamente, uma a uma, para que todos sintam seu gostinho delicioso.

Os partidários do tratamento de choque também acham que a contenção de crétido e salários, a moralização da gerência em emprêsas públicas, e o contrôle do déficit orçamentário devem ser realizados de uma só vez. Já a posterior liberação do crédito aos empresários, bem como o aumento de salários, devem ser medidas cautelosas, aplicadas sòmente quando o tratamento de choque tiver dado resultados satisfatórios. Em oposição, há os **gradualistas:** êles acham que as medidas antiinflacionárias devem ser tomadas aos poucos, sem provocar grandes choques na economia.

O ministro da Fazenda, sr. Gouveia de Bulhões, explica que a política econômica do govêrno tem combinado êstes dois tratamentos: "A fim de não causar mais abalos, decidiu o govêrno restaurar as finanças públicas e revigorar a economia do país por etapas. Procurou consertar e remodelar gradualmente. Se é aconselhável evitarmos medidas drásticas no combate à inflação, mostra a experiência que, também, não podemos suavizar demasiadamente as providências."

Há um impasse entre contenção de inflação e desenvolvimento? E até que ponto seria suportável um regime inflacionário em nossa economia?

Ao contrário do que muitos pensam, não é necessário que haja inflação para haver desenvolvimento. Como exemplos, o economista Eugênio Gudin aponta o desenvolvimento industrial da Inglaterra entre 1789 e 1914; e o impressionante crescimento econômico dos Estados Unidos, Japão e URSS neste século.

Mas um pouco de inflação não prejudica — e há os que sustentam que até é necessário. O secretário da Fazenda do Estado de São Paulo, sr. Antônio Delfim Neto, afirma: "Costuma-se dizer que uma pequena inflação é como um comêço de gravidez: inevitàvelmente cresce. Entretanto, considero que num país como o Brasil, com grandes problemas para realizar seu desenvolvimento econômico, uma inflação anual de 5 a 10% seria perfeitamente aceitável, e não criaria dificuldes para o balanço de pagamentos."

A solução brasileira para o problema inflacionário, expressa pela política econômica do govêrno, tem as seguintes características: 1) contenção salarial, impedindo um aumento exagerado nos vencimentos dos funcionários públicos e contendo os aumentos de salários mínimos; 2) contenção do crédito bancário e diminuição da taxa de redesconto do Banco do Brasil; 3) equilíbrio orçamentário; investimento em obras públicas apenas quando houver disponibilidade real de dinheiro, sem necessidade de recorrer à emissão; diminuição dos deficits nas emprêsas estatais.

Em que ponto está a luta antiinflacionária? Falando recentemente numa cadeia de televisão carioca, o ministro do Planejamento, Roberto Campos, disse: "Presseguiremos na tarefa de desacelerar a inflação, ao mesmo tempo que estamos realizando um programa de investimento sòlidamente concebido e financiado, sem aventureirismo inflacionista. Legaremos ao govêrno futuro uma estratégia de desenvolvimento a longo prazo, um orçamento equilibrado e uma economia imune às graves distorções inflacionistas que herdamos".

Mas um único período de govêrno não pode resolver os problemas que a inflação cria. Poucos dias antes de ser eleito, o marechal Costa e Silva, num banquete que as classes produtoras lhe ofereceram, anunciou que prosseguirá, "sem tréguas e por todos os meios, o combate à inflação, mal a que nenhum país pode resistir".

FIM

Maior potência!

Maior velocidade!

Maior autonomia de vôo!

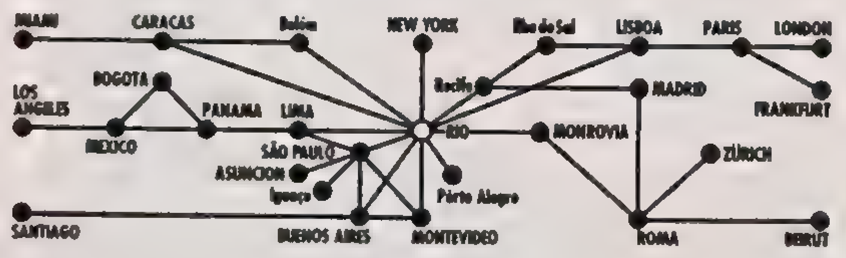
Maior capacidade de carga!

Maior confôrto para o passageiro!

NOVOS JATOS PARA A VARIG

BOEING 707-320C

Êle voa de continente a continente como se estivesse unindo duas cidades próximas. O Boeing 707-320C foi planejado para cobrir longas, longas distâncias.
Sua autonomia de vôo alcança cêrca de 12.000 km.
E êle está preparado para carregar muito mais pêso, graças à maior potência de suas turbinas e às mais modernas características técnicas.
Recém-saídos da fábrica, começam a chegar ao Brasil os novos 320C que a VARIG vai em breve incorporar à sua frota.
Você terá êste nôvo confôrto quando viajar para os Estados Unidos ou Europa nas principais linhas da Pioneira.
É possível que, ao fim da viagem, você ainda não tenha conseguido memorizar o nome "BOEING 707-320C". Mas a viagem que você fará nêle não sairá de sua memória!



CONSULTE SEU AGENTE IATA DE VIAGENS OU

VARIG

O PROGRESSO BRASILEIRO VOANDO A JATO

Motorista! Você foi o convidado especial para a inauguração. Se não pôde vir, receba ainda assim a nossa homenagem. E venha visitar o seu monumento assim que puder.

No marco zero, fazemos história

Acabamos de erguer o primeiro monumento do mundo dedicado ao Motorista. No Trevo da Parada de Lucas (Gb), marco zero da Via Presidente Dutra, está a homenagem aos que transportam o progresso nacional. Foi inaugurado a 28 de setembro de 1966 quando completamos 10 anos de produção no Brasil. E para comemorar êsse conjunto de acontecimentos se deu, ao pé do monumento, o final da "Operação Cruzeiro do Sul". Operação que durante 50 dias, dividida em 4 caravanas, atingiu os pontos mais extremos do país, demonstrando que onde houver Brasil os nossos veículos se farão presentes.

MERCEDES-BENZ DO BRASIL S.A.

p.a.nascimento-acor 200-630

Êle é um dos poucos escritores brasileiros que vivem exclusivamente da literatura. Já foi traduzido para o espanhol, inglês, francês, italiano, húngaro, holandês, finlandês, sueco, norueguês. Érico Veríssimo apareceu em 1933, aos 28 anos, com um livro de contos. Hoje, aos 61 anos, é o mais lido de nossos romancistas, depois de Jorge Amado. Agora prepara o que chama de "autobiografia compacta", intitulada "O Escritor Diante do Espelho". Desta autobiografia REALIDADE publica alguns trechos — inéditos — que deixam bem clara a sincera posição de Érico Veríssimo diante dos problemas de seu tempo. Mais tarde o escritor pretende ampliar a "autobiografia compacta" e transformá-la em um livro de memórias que já tem título: "Solo de Clarineta".

UM ESCRITOR DIANTE DO ESPELHO

O que penso de mim mesmo como escritor? Depende da ocasião. Nos momentos escuros, minha tendência é considerar tudo quanto produzi até hoje medíocre ou mesmo mau. Nas horas claras, porém, olho com mais indulgência para a minha própria obra e concluo que, dentre os vinte e poucos livros que escrevi até hoje, uns três ou quatro possuem alguma importância e pelo menos um dêles — creio que *O Continente* — sobreviverá por algum tempo. Sei que não sou, nunca fui, um *writer's writer*, um escritor para escritores. Não sou um inovador, não trouxe nenhuma contribuição original para a arte da ficção. Tenho dito e escrito repetidamente que me considero, antes de mais nada, um contador de histórias. Ora, nos tempos que correm, contar histórias parece ser aos olhos de certos críticos o grande pecado mortal literário. A chamada "boa crítica" considera a história ou *estoria*, como queiram, uma forma inferior de arte. Na minha opinião isso é por um lado uma atitude esnobe, e por outro um equívoco semântico segundo o qual a *história* passa a ser sinônimo de *anedota, enrêdo, intriga.*

SEGUE

E depois da 3.ª ou 4.ª dose, então. . . todo "whisky" fica bom. Mas no dia seguinte, mesmo, é que você vai saber.

E Old Eight?

Depois de conhecer "Old Eight" você vai entender porque um whisky realmente extra precisa ser envelhecido oito anos. Aliás, a fama dos whiskies escoceses vem daí: seu envelhecimento.

"Old Eight" é produzido com extra scotch malt whisky importado das melhores destilarias da Escócia. Não estranhe, pois, que "Old Eight" custe um pouco mais. Êsse pouco mais, faz muita diferença... no dia seguinte.

Old Eight é envelhecido 8 anos ...que quer dizer isso?

Quer dizer que "Old Eight" passou 8 anos na Escócia esperando amadurecer, aprontando-se para o grande dia. "Old Eight" e você vão ficar velhos amigos desde o primeiro encontro. E quem garante o envelhecimento de "Old Eight" é DRURY'S - o maior nome em whisky no Brasil.

Faça a prova

Coloque "Old Eight" num copo e o melhor whisky escocês noutro copo. Convide aquêle seu amigo que se diz grande conhecedor de whisky. Veja se êle nota alguma diferença. Êle vai achar que você está brincando. Seja bonzinho e informe que "Old Eight" já existe no Brasil.

e...onde está à venda?

Em algumas poucas casas, exatamente aquelas que fazem questão de ter o melhor produto de cada especialidade.

produzido e engarrafado por
Drury's S.A. para:
Fabrizio Fasano & Cia.
Rua Maestro Elias Lôbo, 987
Fone: 8-7521 - São Paulo

O bom whisky você conhece no dia seguinte...

Costumam chamá-lo de erótico e pornográfico

Nota-se também hoje em dia uma grande preocupação com a busca de novos meios de expressão verbal. Nunca a linguagem literária foi tão importante como em nosso tempo. Fazem-se com as palavras e suas combinações sintáticas as mais estranhas experiências. Estou certo também de que nesse setor minha contribuição tem sido pobre ou nula. Não ignoro, porém, que para tentar descrever o indescritível, exprimir o inexprimível, transmitir ao leitor certos estados de espírito particulares — angústias, alucinações, sonhos, delírios e mesmo certos pensamentos e sentimentos sutis do cotidiano — o escritor é obrigado a esquecer a sintaxe gramatical e recorrer à sintaxe psicológica. (No Brasil ninguém faz isso melhor que Clarice Lispector e Guimarães Rosa, na minha opinião duas figuras literárias de estatura internacional).

Mas aí temos um terreno perigoso que só os realmente grandes podem trilhar, pois nunca estamos livres do perigo de ver as palavras usadas não como um meio de comunicação entre o autor e o leitor, mas como peças dum jôgo esotérico hermético e portanto um fim em si mesmas. Creio que o enigma da vida é já tão complicado, que o escritor não deve criar em tôrno dêle outro enigma, nem mesmo de natureza verbal. A poesia sim, é o reino das palavras, o campo próprio para experiências imagísticas, metafóricas, em suma, para tôda essa metafísica ou alquimia da linguagem. E há estados de alma que nem a poesia consegue descrever ou mesmo sugerir, e é nesse ponto que a música pode ser chamada em seu socorro.

Confesso que sinto uma sadia, cordial inveja dos escritores que têm uma real intimidade com a terra, as árvores, os ventos, os bichos e principalmente com as criaturas humanas que também estão perto das raízes profundas da vida. Às vêzes chego a pensar — por mais ridícula que a imagem possa parecer — que sou uma planta do asfalto, mas planta de papel.

Em geral quando termino um livro encontro-me numa confusão de sentimentos, um misto de alegria, alívio e vaga tristeza. Relendo a obra mais tarde, quase sempre penso: "Não era bem isto o que queria fazer".

Em meus romances tenho sido tão indiscreto com a vida sexual dos personagens, que nesta autobiografia me pude dar o luxo de ser discreto com a minha.

Chegamos assim a um assunto que eu gostaria de discutir com mais vagar. Sou habitualmente apontado como um escritor erótico ou mesmo pornográfico. O meu último romance, **O Senhor Embaixador,** chocou, por seus aspectos sexuais, muitos críticos e leitores. Afinal de contas, pergunto, que outros autores êsses senhores lêem, e em que época estão vivendo?

Por que — perguntam-me às vêzes — tenho eu tanta **preocupação** com o sexo? Ora, respondo, decerto é porque no fundo sou um moralista. Mora dentro de mim um pastor protestante a pregar interminàvelmente um sermão apocalíptico contra o pecado da carne, e eu não posso consentir que êsse homenzinho castre as minhas personagens ou a mim mesmo.

Por outro lado quero contribuir para que o problema do sexo seja examinado com mais coragem, honestidade, espírito adulto e . . . saúde. Muitas vêzes fico alarmado ao pensar que, relativamente falando, um leitor sente menos indignação ao tomar conhecimento do assassínio de seis milhões de judeus nas câmaras de gás dos campos de concentração nazistas; ou o lançamento da bomba atômica em Hirochima, que matou mais de cem mil pessoas; ou ainda ao saber que mais de dois terços da população do Brasil vivem numa miséria infame — do que quando lê num romance uma cena erótica descrita com clara franqueza. O que quero dizer é que noto uma desproporção absurda, monstruosa mesmo, entre a natureza e a intensidade dêsses dois tipos de indignação.

Falando com a maior sinceridade, para mim pornografia é a crueldade do homem com seu semelhante, a exploração do homem pelo homem; obscenidade é a guerra, o genocídio. Os mocambos do Recife, as favelas do Rio e de centenas de outras cidades compõem as mais indecentes e repulsivas páginas e cenas da vida brasileira.

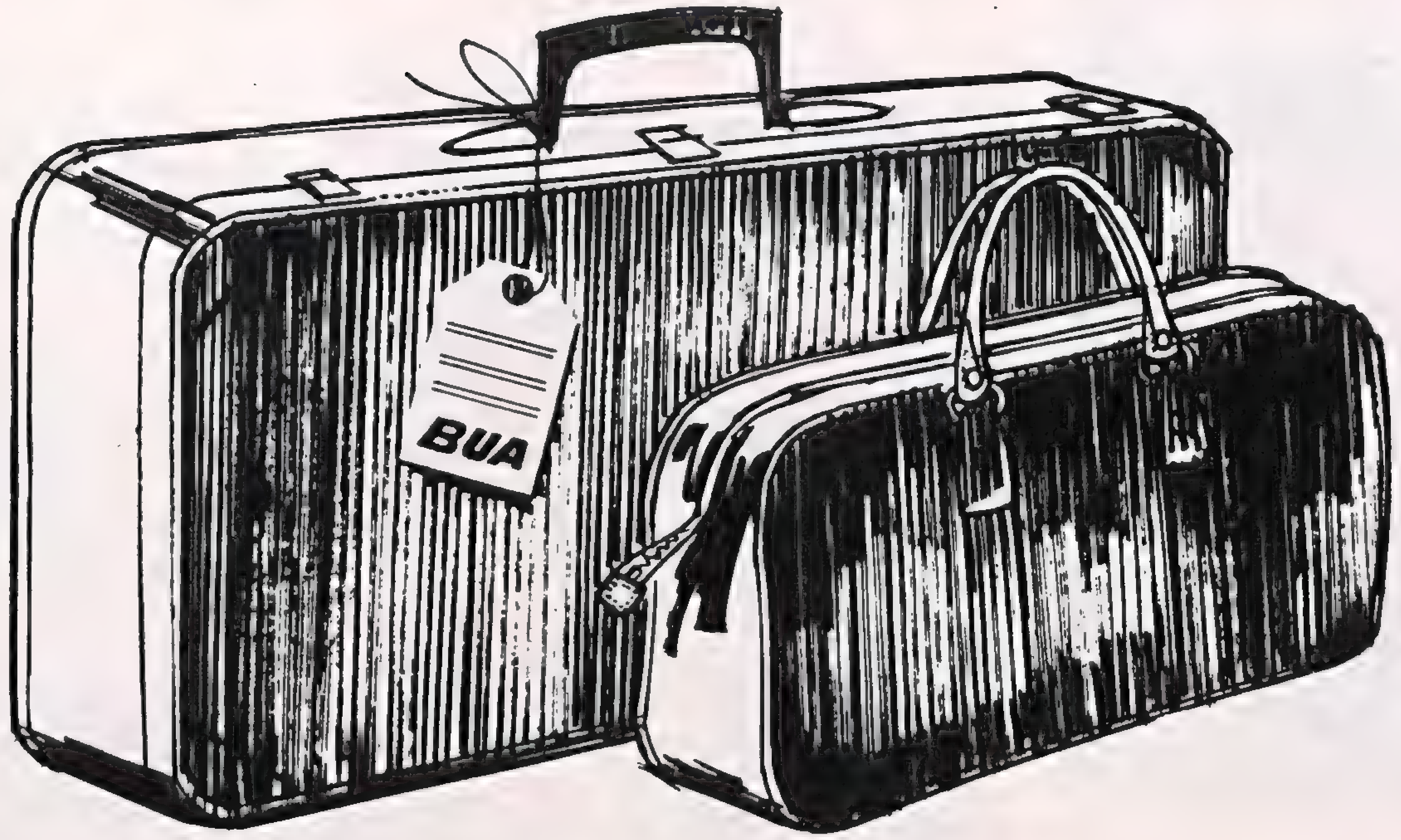
Acho que os verdadeiros pornógrafos da História — já que só se poderá sorrir das grotescas fantasias eróticas do Marquês de Sade — foram homens como Tamerlão, Nero, Calígula, Stalin, Hitler — para mencionar apenas os primeiros nomes que me ocorrem.

Quanto à questão dos "nomes feios", creio que não existe nada mais ridículo que êsse supersticioso temor a certas palavras que, afinal de contas, não passam de sinais ou símbolos convencionais. Tomemos por exemplo a famosa palavra de quatro letras que designa a mais antiga das profissões. Conta-se que Rui Barbosa descobriu 40 sinônimos, entre perfeitos e imperfeitos, para o têrmo **prostituta,** de maneira que não temos nenhuma desculpa quando usamos a palavrinha tabu. Na verdade, o que importa mesmo, o realmente deplorável e melancólico, é a existência da prostituição, o que não parece preocupar muito as pessoas mais sensíveis às palavras do que às coisas que elas representam.

Isso nos dá ilusões semânticas. Por causa de palavras ou frases matamos ou morremos, sentimo-nos desgraçados ou infernizamos a vida dos nossos semelhantes. Qualquer ato ou fato, por mais reprovável que seja, de acôrdo com paradigmas morais rígidos, perde sua fôrça, sua natureza pecaminosa e tende a ser ignorado ou esquecido quando não verbalizado, principalmente em romance! **Fazer,** pois, não é tão importante, tão grave quanto **dizer** ou **escrever.**

SEGUE

DEIXE QUE AS MALAS ESPEREM EM SEU LUGAR!



AGORA, COM O DESPACHO ANTECIPADO DE BAGAGEM, VOCÊ SÓ PRECISA CHEGAR AO AEROPORTO

30 MINUTOS ANTES DA PARTIDA DO AVIÃO

Nada de esperar no Aeroporto. Isto já passou. No dia de sua viagem para a Europa dirija-se aos escritórios da British United, à Av. Rio Branco, 251-B (às 2.as e 6.as feiras, entre 9 e 18 horas) e faça o despacho de sua bagagem e a apresentação de seus documentos em poucos minutos. E pronto! Daí por diante a responsabilidade é nossa! Quando você chegar ao Aeroporto, verá que 30 minutos passam "voando" quando são gastos só em despedidas.

Passageiros de São Paulo serão transportados para o Rio em vôo especial pelos "Dart Herald" da Sadia, recebendo as melhores atenções de um funcionário da BUA.

BRITISH UNITED

AGENTES GERAIS DA BOAC NO BRASIL

Consulte seu Agente de Viagens ou nossos escritórios - Rio de Janeiro: Av. Rio Branco, 251-B - Tel: 42-4046; São Paulo: Rua São Luiz, 258 Lojas 32/33 - Tels.: 33-7715 e 37-5788

Tentou a ioga: só ganhou risadas e tombos

Quantas vêzes transferimos a culpa duma situação vergonhosa — que na realidade cabe a um regime político-econômico ou a uma conjuntura social — para cima dos ombros do jornalista ou do ficcionista que ousa reproduzi-la numa reportagem ou numa novela?

E é exatamente por causa da exagerada importância que damos às palavras que muitas vêzes **resolvemos** nossos problemas apenas no papel, isto é, de maneira verbal, e vamos dormir tranqüilos. Porque se ninguém jamais pronunciar ou escrever a medonha palavra de quatro letras a prostituição deixará de ter existência real.

E para terminar o assunto **palavrão,** direi que poucos de nós conseguem se libertar de um fantasma da infância, daquela senhora — mãe, avó, tia ou babá — que nos ameaçava: "Se disseres outra vez êsse nome feio, menino, te boto pimenta na língua!"

II

Tenho encontrado certa dificuldade em explicar a amigos e leitores a minha posição em face de Deus. Repetirei que sou agnóstico, isto é, um homem que não se encontra na posse de provas convincentes que lhe permitam negar ou afirmar a existência de um Criador.

Posso, no entanto, garantir que não sou destituído de sentimento religioso, pois tenho uma genuína, cordial reverência por tôdas as formas de vida, e um decidido horror à violência.

Sinto grande afeição e admiração pela figura histórica de Cristo e acredito sinceramente que, se a ética cristã fôsse realmente posta em prática, as criaturas humanas poderiam resolver os seus problemas de convivência num mundo que cada dia se complica mais e mais. Infelizmente o que vemos em certos círculos religiosos é um grande farisaísmo, um cristianismo puramente de fachada. Citando, com a devida licença do autor, um personagem de ficção — o dr. Leonardo Gris, de **O Senhor Embaixador** — direi que certos homens de negócio que se dizem piedosos conseguiram erguer uma parede de concreto entre suas igrejas e seus escritórios comerciais, de maneira que assim podem não só obedecer o preceito bíblico segundo o qual a nossa mão direita nunca deve procurar saber o que a esquerda faz, como também lhes torna possível acariciar ao mesmo tempo com uma das mãos o Cordeiro de Deus e com a outra o Bezerro de Ouro. E quando algum escritor se refere a essa prática hipócrita, a primeira idéia que ocorre a êsses donos do poder é denunciar o "escriba subversivo", à Polícia ("para isso pagamos impostos!").

Não aceito as fábulas bíblicas da Criação, nem idéias como a do Paraíso, o pecado original, a Santíssima Trindade e outras quetais. Acima de tudo, não acredito no inferno e na danação eterna. Creio que os cristãos que admitem essa monstruosidade estão insultando o seu Deus, que deveria ser lògicamente a encarnação da suprema bondade e da mais alta justiça, isso para não falar na capacidade de perdoar. Por outro lado, parece-me que aceitar o mito de que os que se comportam bem na vida terrena ganharão o céu — onde permanecerão por tôda a eternidade fantasiados de anjos, entre nuvens côr-de-rosa, tocando lira e cantando — seria fazer pouco, muito pouco, da imaginação do Ente Superior que teve capacidade para criar o universo com tudo quanto nêle há. O que, convenhamos, é realmente um feito prodigioso.

Não, meus amigos, na minha opinião um problema da tremenda magnitude dêsse que envolve o mistério do universo, de nossa vida e de nossa morte, merece, ou melhor, **exige** uma explicação menos simplória e pueril do que essa que as religiões nos oferecem como chave do Grande Enigma.

O curioso, entretanto, é que não raro me comovo ante a serena, grave beleza de certos templos — principalmente das velhas igrejas e mosteiros românticos. "Êste claustrófobo ama os claustros!" Quando visitei a Basílica de São Francisco, em Assis, senti a presença do Poverello. Em Gênova, numa meia-noite de Sábado de Aleluia, numa antiga igreja gótica assisti a um serviço religioso que me deslumbrou pela sua colorida pompa litúrgica. Numa memorável manhã de domingo, em Paris, na catedral de Notre Dame, no momento em que o grande órgão acompanhado de fanfarras rompeu uma tocata de Bach, senti um arrepio em todo o corpo e tive a impressão de levitar no ar numa experiência quase mística, que suponho tenha sido mais de natureza estética do que pròpriamente religiosa.

Tenho pensado também nas religiões orientais, que Arthur Koestler de certo modo "desmascara" em seu livro **The Lotus and the Robot.** Mais de uma vez tentei fazer ioga. Fracasso total. Não consegui executar os seus exercícios físicos porque me produziam terríveis cãibras que chamavam violentamente à terra. Quanto aos espirituais, os de pura meditação, acabavam atirando-me invariàvelmente num profundo sono. E quase sempre o satirista que me habita se punha a ridicularizar as minhas posturas (ou imposturas) e eu desatava a rir...

III

Qual deve ser a posição do escritor diante dos problemas sociais, políticos e econômicos de sua época? Esta é a pergunta que continua no ar, sempre atual, e jamais respondida de modo a satisfazer a todos.

Para principiar, direi que só quem pode e deve dicidir sôbre o comportamento político do escritor é o próprio escritor. Se êle quiser permanecer alheio a todos êsses problemas e inquietações na sua tôrre de marfim e puder viver sem remorsos nessa ausência do mundo, que o faça e tenha bom proveito. Rechaço a idéia de que o escritor **deva** estar necessàriamente a serviço dum **partido político,** mas aceito a de que êle **possa fazer** isso, se assim entender. Fala-se muito em literatura engajada. Repito mais uma vez que o engajamento dum escritor deve ser com homem e vida, no sentido mais amplo e profundo destas duas palavras.

SEGUE

papai! mamãe!
presente de natal "barra limpa" é

mais um sucesso MONARK!

Monareta 67

a onda máxima do ano!

Monareta 67 é o que há de genial para presentear gente jovem no Natal. Monareta tem selim e guidão ajustáveis - podem ser regulados à vontade. Tem uma sacola de cada lado, pra levar discos, roupas, livros. Tem mini-rodas, moderninhas e baixinhas, pra rodar na maciota, naquela base. O bagageiro "é o fino" pra carregar a vitrolinha ou dar uma carona legal. As côres, então, são bacanérrimas! Quem está por dentro, sabe: Monareta 67 é a onda máxima do ano, mora!

Monareta 67

Monareta Mirim é o sonho de tôda criança feito realidade. É prática: cresce com seus filhos. Não precisa comprar outra todos os anos. Basta ajustar selim e guidão. E Monareta Mirim ajuda seus filhos a crescer. (Você sabe que pedalar é o exercício ideal pra ganhar saúde e desenvolver depressa). E o selim "Mustang" é igualzinho a uma sela de verdade, para que o garôto - ou a garôta - sinta a emoção de cavalgar um pônei. Não tem conversa: Monareta é o presente que vai deixar seus filhos felizes (não é isso que Você quer?).

Monareta Mirim

Neste Natal, o presente é Monark a bicicleta do Rei Pelé

Em política, nem o centro nem as extremas

Já se tem dito e escrito que eu jamais me comprometo pollticamente. Ridículo! Creio que durante êstes 35 últimos anos tenho me manifestado claramente sôbre problemas e acontecimentos políticos e sociais de maneira que me parece coerente e inequívoca, sempre a favor da liberdade e dos direitos do homem e contra tôdas as formas de opressão — coisa que nem sempre poderia fazer se fôsse obrigado a seguir obedientemente a linha sinuosa e muitas vêzes autocontraditória dum partido político.

Não tenho gôsto nem talento para a política ativa. Restrinjo-me a princípios de ordem geral. Claro, sei que se eu me aproximar do leito em que um doente agoniza e romper a berrar que amo a saúde e a vida e detesto a doença e a morte, êsses protestos ruidosos em nada poderão ajudar o moribundo, que necessita, isso sim, dum remédio ou intervenção cirúrgica de urgência para salvar-lhe a vida. Parece-me, entretanto, que é importantíssimo não cessarmos de proclamar a necessidade de curar o organismo enfermo, mas sem mutilações inúteis.

Afinal, em que posição política me encontro? Considero-me dentro do campo do humanismo socialista, mas — note-se — voluntàriamente e não como um prisioneiro.

Por que **socialista?** — hão de perguntar. Porque o extremismo da esquerda e o da direita não passam de faces da mesma moeda totalitária; e porque o centro é quase sempre o conformismo, a indiferença, o imobilismo.

Poderá também o leitor perguntar como pode um homem que tanto preza a liberdade inclinar-se para o socialismo... Ora, é um êrro imaginar que socialismo e liberdade sejam têrmos ou idéias que se contradizem. Basta ler o que se escreve hoje na Polônia, Checoslováquia e na Iuguslávia, em suma, é suficiente inteirar-se a gente do pensamento dos neomarxistas para compreender que Stalin e, em certos casos, também Lenini, deturparam as teorias de Karl Marx. Como resultado dessa deturpação, na Rússia Soviética stalinista criou-se uma nova classe de privilegiados, uma burocracia desumana e inumana, e um nôvo tipo de alienação das massas, tudo em nome da ditadura do proletariado e do futuro socialismo no mundo.

A dialética marxista é inseparável de seu humanismo. Segundo Marx, uma sociedade não pode ser livre se todos os indivíduos que a compõem não forem também livres. Quando o autor de **O Capital** falava em "prática socialista", referia-se especìficamente à liberdade. E essa noção de liberdade não foi apenas o ponto de partida de suas idéias, mas também o seu objetivo mais alto.

Karl Marx escreveu também que a teoria não deve separar-se da pràtica, nem o conhecimento divorciar-se da ação, e que o sistema social não pode ficar alienado de **objetivos espirituais.** Segundo êle, só podem existir homens independentes dentro dum limite social e econômico cuja abundância e racionalidade tenham conseguido liquidar a "pré-história" e inaugurar a era da "história humana" que há de redundar no pleno desenvolvimento da sociedade.

Não sou sociólogo nem historiador e muito menos economista, mas com um pouco de intuição e uma certa dose de senso comum, cheguei cedo à conclusão de que seria absurdo aceitar qualquer sistema político-econômico que exige o sacrifício do homem de hoje em benefício dos chamados "interêsses mais altos de amanhã".

Segundo o socialismo marxista, o homem como homem não deve ser imolado em nome da humanidade do futuro. (Tenho escrito repetidamente que o homem é um ser real, a humanidade um ente abstrato, e a **humanidade do futuro** uma dupla abstração).

Em conversa com amigos muitas vêzes lhes disse que, a meu ver, o que faltava à análise marxista da sociedade era uma psicologia. Li recentemente com grande satisfação um ensaio em que Erich Fromm levanta essa idéia com sua autoridade e lucidez habituais. Escreveu êle textualmente: "A teoria de Marx necessita duma teoria psicológica do homem". Acrescenta que os marxistas se convenceram finalmente do fato de que o socialismo tem de também satisfazer a necessidade que a criatura humana tem dum **sistema de orientação e devoção,** e que portanto o socialismo tem de tentar responder a perguntas como: "Quem é o homem? Qual o sentido e objetivo de sua vida?" Acentua Fromm a importância das normas éticas e de desenvolvimento espiritual que ultrapassem frases vazias como "é bom tudo quanto possa servir à revolução, o Estado proletário, a evolução histórica, etc... etc... etc..."

Afirmou Marx que a raiz do homem é o próprio homem. Erich Fromm insiste em que uma teoria cujo centro seja o homem não pode continuar como teoria sem uma psicologia, sob pena de perder contacto com a realidade humana. No mesmo ensaio Fromm refere-se também a um problema que muito me preocupa, principalmente quando me encontro nos Estados Unidos: o do carater do **homo consumens,** criado pelas sociedades altamente industrializadas. O objetivo do **consumidor** não é o de possuir coisas, mas de **consumir** cada vez mais e mais, a fim de com isso compensar seu vácuo interior, sua passividade, sua solidão, seu tédio e sua ansiedade. E aí estão as emprêsas de publicidade, que dispõe de meios cada vez mais insidiosos e engenhosos para criar nas massas **necessidades artificiais.**

Ora, no Brasil o fenômeno apenas começa a esboçar-se. O que me preocupa por ora não é ainda o reduzido número de nossos consumidores, mas sim os muitos milhões de **consumidores** que nos cumpre libertar da miséria, da fome, da doença e do analfabetismo.

Êste não me parece o lugar apropriado para propor e desenvolver um programa político-econômico capaz de resolver os problemas cruciais do Brasil, nem tenho a pretensão de ser portador da fórmula mágica para a nossa salvação.

SEGUE

a exclusiva perfeição mobilinea

Com a estante desmontável Mobilinea, v. poderá guardar seus livros, discos, vitrola, caixa acústica, bar, TV, além de um espaço para um escritório improvisado (tenha outras idéias para aproveitá-la!).

O tamanho? à sua escolha. Tudo dando o aspecto decorativo ideal para sua sala (principalmente como divisão de ambientes)

Procure conhecer a estante desmontável Mobilinea, terá uma surprêsa agradável quando souber seu preço!

MOBILINEA S.A.
São Paulo
r. Augusta, 875
r. São Luiz, 258 - Lojas 34 e 36
Rio
r. Montenegro, 74

Revendedores
Salvador
Móveis Ralf Ltda
av. 7 de Setembro, 249 - tel. 5-0205
Belo Horizonte
Morada Arq. Int. Ltda
r. Tamoios, 200 - 7.º and. - tel. 4-7321
Goiânia
Taba Móveis e Decor. Ltda
r. 23, esq. r. 4

Nova loja Mobilinea
Shopping Center em São Paulo
r. Iguatemi, 1191 - Loja 56

MOBILINEA

Passou a vida procurando o lar perdido

Achei, isso sim, que devia fazer mais uma vez uma declaração de princípios, e repetir que, se por um lado acredito na necessidade de todos os escritores e artistas terem uma consciência política e social que os torne responsáveis — e portanto merecedores da liberdade — por outro lado estou cada vez mais convencido de que não cabe ao romancista apresentar **soluções** para as crises econômicas, políticas e sociais que nos atormentam.

E, para encerrar êste capítulo, quero transcrever as palavras do prof. H. Marcuse, com as quais estou de perfeito acôrdo: "A realidade humana é um sistema "aberto" nenhuma teoria, marxista ou outra qualquer, pode "impor-lhe" uma solução".

IV

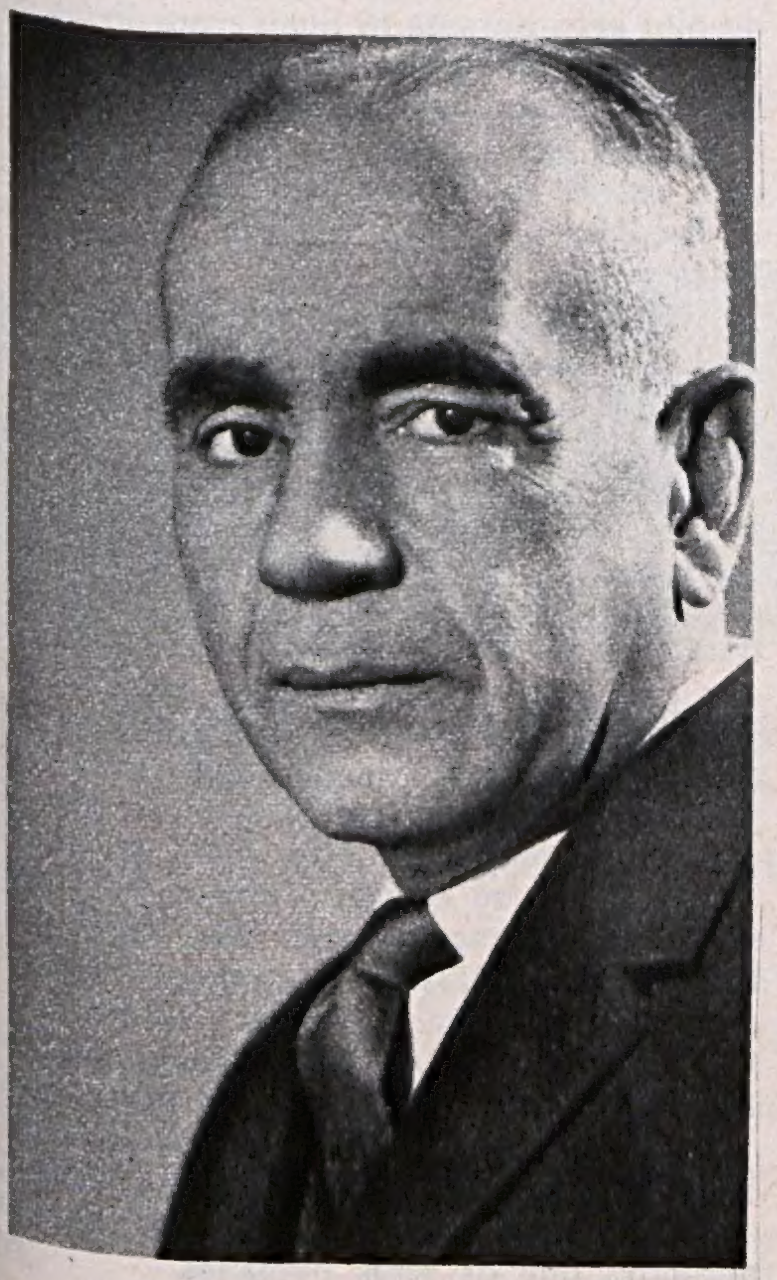
Que espécie de homem sou eu? Creio que deixei nesta narrativa autobiográfica elementos que podem ajudar o leitor a encontrar resposta a essa pergunta. Claro, faltam muitas peças neste jôgo de armar. Algumas delas omiti voluntàriamente por diversas razões; quanto às outras omissões; nada posso dizer porque, se pudesse, elas não teriam sido "involuntárias".

Empreguei em muitas destas páginas o estratagema um tanto batido e convencional de dividir minha personalidade em duas partes. Está claro que, a rigor, a coisa não é bem assim. Não temos dentro de nós dois **eus,** mas uma legião dêles. E ninguém como o escritor de ficção — talvez apenas o ator — exerce com mais freqüência essa faculdade de multiplicar-se.

Sempre senti em mim tôdas as possibilidades, tanto para o bem como para o mal. Cometi todos os pecados da imaginação, bem como muitos outros que não foram apenas da fantasia. Depois que publiquei **O Arquipélago** muitos leitores quiseram saber se o personagem Floriano Cumbará é autobiográfico. Ora, parece-me que o presente ensaio deixou claro que, no que diz respeito aos fatos, nossas vidas diferem muito uma da outra. Nem tôdas as coisas que aconteceram a Floriano aconteceram a êste contador de histórias. Poder-se-ia dizer, isso sim, que psicològicamente Floriano e eu somos irmãos gêmeos ou sósias. •

Desconfio que ficou também claro nesta narrativa que, embora eu não seja por inclinação natural um homem de ação, sou capaz de ação quando necessário.

Se me perguntarem que constantes de meu temperamento sinto com mais freqüência, eu diria que é uma curiosa combinação de preguiça — física e mental — e timidez. Tenho passado a vida a combater ambas, muitas vêzes com o mais positivo sucesso.



Sou de raro em raro assaltado pelo tédio, mas reajo com a maior energia, repelindo-o, pois me parece que entregar-se a gente a êsse inimigo cinzento é uma prova de falta de imaginação e senso comum — pois como pode aborrecer-se um homem que pensa num universo tão cheio de desafios ao seu espírito, à sua capacidade de fantasia e de iniciativa, aos seus desejos de aventura, um mundo onde há tanta coisa a aprender, descobrir, desfrutar e principalmente compreender.

A despeito de tôdas as minhas pluralidades psicológicas, digamos assim, e das minhas contradições, que não são poucas, creio que a história da minha vida seguiu uma trajetória clara e até certo ponto coerente, e que se tem mantido ininterrupta desde meus dezoito anos até hoje. É como o **leit motif** duma sinfonia.

Depois daquela terrível noite de 1922 em que meus pais se separaram, eu saí em busca do lar perdido. E tudo quanto até hoje tenho feito ou deixado de fazer, tôdas as minhas audácias ou temores, meus avanços ou recuos, a minha fidelidade a certos princípios — tudo tem sido determinado por essa busca no tempo e no espaço. Eu poderia gritar triunfalmente que por fim encontrei o que procurava. Mas como gritar não está na minha natureza, sussurro aqui estas serenas palavras de vitória, que têm mais a ver com minha vida de homem que com a de escritor.

Nem tôda casa — já se tem dito muitas vêzes — é um lar. Nunca, porém, fui indiferente à expressão material do lar, o que se explica pela minha tendência de ter do mundo uma visão plástica. A noção de lar está em mim associada à de casa — conteúdo inseparável de continente. Ambas como que se interpenetram: há entre elas uma espécie de interação.

Nossa casa está sempre de portas abertas. Nunca se sabe quem por elas vai entrar nem quando. Minha mulher e eu podemos estar à noite completamente a sós, lendo ou escutando música, e minutos depois têrmos conosco dez, quinze, vinte pessoas — amigos e às vêzes até desconhecidos que aparecem para uma prosa, sem nenhum motivo relacionado com o calendário ou qualquer convite especial.

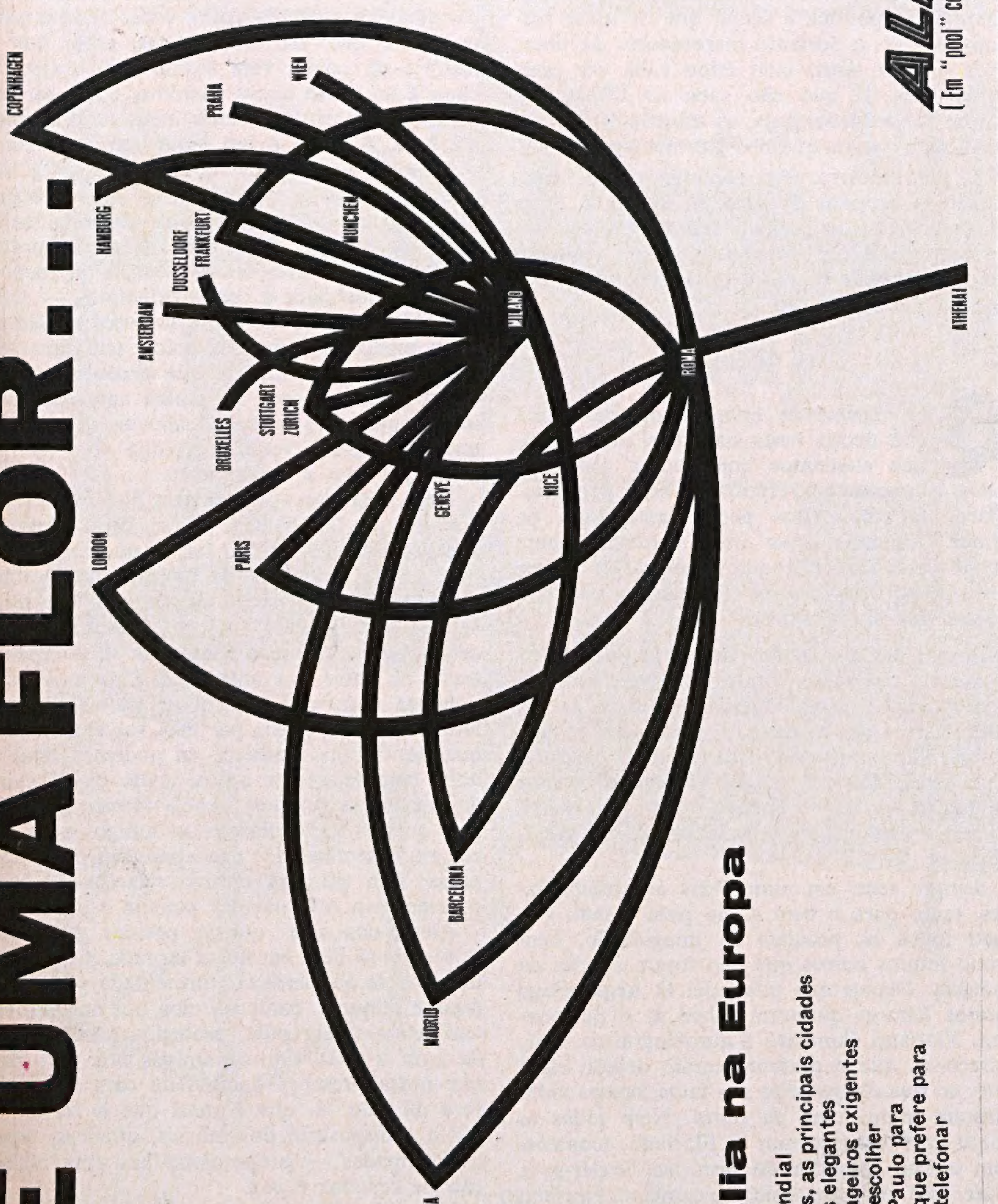
Alegra-nos saber que as pessoas geralmente sentem-se bem em nossa morada. Certa vez, uma jovem que andava atormentada por incertezas e temores, confessou-nos que sob aquêle teto sentia-se abrigada, protegida e reconciliada com a vida. Outros amigos nos têm dito que nossa presença combinada com a atmosfera da casa — que é mais que a forma, a côr e a disposição dos móveis, quadros, tapetes, lâmpadas — proporciona-lhes uma sensação de repouso e paz.

Um dia, cêrca de sessenta meninas, estudantes duma escola normal de Curitiba, desceram dum ônibus, entraram no meu gabinete de trabalho, acomodaram-se como puderam — no sofá, nas poltronas, nas banquetas, nos rebordos dos armários de livros, no soalho — e eu lhes fiz uma breve conferência e depois fiquei a responder, durante quase uma hora, às perguntas que me fizeram.

Durante o ano escolar recebo uma média de vinte estudantes por semana. Chegam-me aos grupos e tanto podem ser meninos e meninas do curso primário como alunos de ginásio ou das duas universidades locais. Entrevistam-me, pedem-me que lhes fale de meus livros, da literatura brasileira em geral, ou da vida.

Uma vez que outra um ônibus estaca à nossa porta e descarrega um ilustre grupo de bolsistas da Fullbright, de professôres americanos de universidades ou de **high schools.** SEGUE

PARECE UMA FLOR...



...são as linhas Alitalia na Europa

Agora está esclarecida a razão de uma preferência mundial para os serviços Alitalia. Repetidas vêzes, todos os dias, as principais cidades da Europa estão ligadas à Itália pelos melhores e mais elegantes aviões a jato. O serviço de bordo é o que todos os passageiros exigentes sempre desejaram. Na Europa, para voar Alitalia é só escolher a hora e a cidade. Saindo do Rio de Janeiro e de São Paulo para Roma ou Milão marque com antecedência a conexão que prefere para a cidade da Europa à qual se destina. Para isso basta telefonar ao seu Agente de Viagens ou à Alitalia.

ALITALIA
(Em "pool" com VARIG na rota Brasil-Itália)

Não quer ser estátua ou nome de praça

Nestes últimos anos tenho feito poucas conferências públicas, mas sou convocado constantemente para falar em estabelecimentos de ensino públicos e particulares — grupos escolares, ginásios, escolas técnicas, cursos noturnos, faculdades de Filosofia e Letras... Essas palestras em geral constam dum monólogo inicial seguido dum longo diálogo durante o qual respondo, sem restrições, a tôdas as perguntas que os estudantes me fazem.

Gente das mais variadas profissões e procedências me procuram constantemente para pedir conselhos ou auxílio. Muitos me trazem originais de romances, de livros de poesia ou conto, na ilusão de que basta uma palavra minha favorável sôbre seus trabalhos para que as portas de tôdas as editôras se lhes abram imediatamente. Parecem não dar-me crédito quando, com a intenção de estimulá-los e ao mesmo tempo evitar que se entreguem a perigosas ilusões, conto-lhes das dificuldades e reveses de minha carreira de escritor, e dos sete ou oito anos durante os quais meus livros contavam com um público tão diminuto que eu era um "mau negócio" para meus editôres. Creio que êsses jovens imaginam que dei um salto mágico das ruínas de minha botica cruzaltense para o lugar em que me encontro hoje.

Talvez o leitor tenha a curiosidade de saber qual é a minha reação à notoridade. É evidente que a idéia de ser conhecido, lido e de fazer amigos através de meus livros me é muito agradável. Poucas coisas haverá na vida mais tristes que a solidão e o anonimato. Por outro lado, porém, é muito desagradável, além de absurdo, quando um escritor passa a ser tratado mais como **assunto,** uma **notícia** do que como uma pessoa. Reajo com a maior veemência, procurando manter o meu **copyright** individual e evitando cair em domínio público. Horroriza-me a idéia de ser transformado num medalhão. Não quero ser estátua, seja de busto ou de corpo inteiro. Não quero ser nome de praça ou rua. Não quero e não hei de me candidatar à Academia Brasileira de Letras. Não tenho o menor aprêço por títulos e condecorações. O que desejo, isso sim, são leitores, e amigos, amigos e mais amigos, neste mundo mecanizado em que os objetos, as mercadorias, as coisas, em suma, desgraçadamente se vão tornando cada vez mais importantes que os sêres humanos.

FIM

"EU QUERO MESMO É SECURIT...
...não faz mal que elas digam que tenho mania de grandeza!"

Vá ver a super-cozinha SECURIT
ao lado das outras cozinhas... compare-a!
A verdade, você mesma vai descobrir!

– a senhora das cozinhas de aço!

SUPER-COZINHA
SECURIT

12029

Brasil pergunta

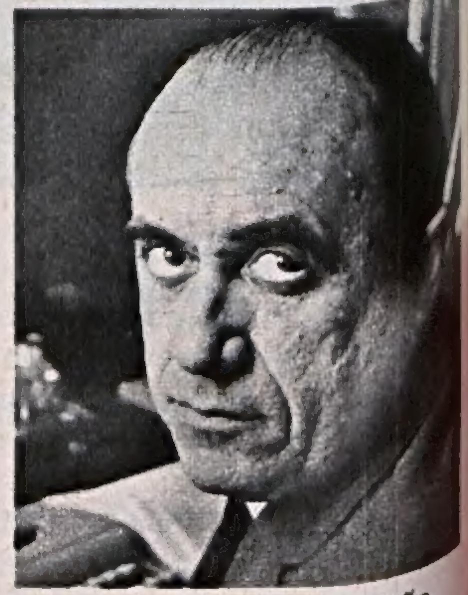
ESTA ÚLTIMA PÁGINA É DE DEBATE. AQUI, RESPONDENDO AOS LEITORES, PERSONALIDADES ENTRAM EM CHOQUE, DISCUTINDO PROBLEMAS NACIONAIS.

OS CASSADOS TÊM O DIREITO DE DEFESA?

SIM É pacífico, no direito das gentes, que ninguém pode ser condenado senão por fato que uma lei anterior definiu como crime. Trata-se de prerrogativa indestrutível, ligada à segurança, à dignidade, à consciência das criaturas humanas. Ao capricho e vontade do soberano — rei ou marechal — não é lícito transformar em delito comportamento válido no instante adotado. Não há necessidade de que nos enredemos nas sutilezas do direito puro, ou do direito natural, para que se responda, com firmeza, à pergunta. Os cassados, os ameaçados, deveriam ter e têm, incontestàvelmente, o mais amplo direito de defesa. A posteriori, não se fulmina o que, a priori, se decretou como legítimo. A Santa Inquisição não foi tão longe. Napoleão o ousou uma vez, o que lhe macula indelèvelmente a biografia. Os chamados governos fortes, contemporâneos, deslembrando-se da precariedade do poder, atrevem-se, por vêzes, a tais atentados e, com isto, semeiam imprudentemente as bases da própria eliminação. A história política da América Latina é fértil em amostras sangrentas do que há de terrível, senão de sinistro, na ignorância e no desconhecimento de norma que esteia uma tranqüilidade comum, benéfica a todos, indispensável à comunidade. O disparo de uma metralhadora, uma conspiração bem sucedida, um golpe de Estado afortunado convertem o carcereiro em ditador e transformam o ditador em carcereiro. Ai dos vencidos, então! Parece claro que os cassados brasileiros — muitos dos quais honram e orgulham a nacionalidade, seja pela inteligência, pelo saber, seja pela conduta, ética impecável — merecem o direito de se defender. Tinham e têm a prerrogativa de saber do que os acusam, quem os acusa, quais as provas, inclusive o texto legal que se diz ofendido. Tinham e têm direito a uma sentença fundamentada, pública, recorrível. Nada disto se concedeu a nenhum dêles. Postos de cambulhada no mesmo pulverizador autoritário, mecânico, cego, viram-se triturados e confundidos, os culpados e os inocentes, o joio e o trigo, sem que possam distinguir-se, alcançados pelo mesmo decreto, que os iguala, e macula a alguns. Além de melancólica, a pergunta é profundamente triste. A possibilidade da sua formulação mostra que regredimos às cavernas, nas quais, inflexível e cruel, imperava a lei do mais forte. O mais forte era juiz e carrasco, até que tombasse, impotente, sob o cutelo de outro, o que se tornara mais forte do que êle. Se os homens ainda pudessem envergonhar-se da ferocidade com que destroem os que lhes disputam o poder, conviria arrancar da história do Brasil menção a êste período em que tantos foram cìvicamente degolados, sem que se lhes outorgasse a mercê de indicar as falhas que se lhes cobram, sem que se lhes admitisse o exercício do direito de defesa. É a minha opinião, depressiva mas sincera.

Oscar Pedroso Horta
Ex-ministro da Justiça

NÃO Primeiro convém acentuar que tôda revolução é levada a adotar medidas de exceção. Ela própria já é uma exceção, que explode dentro do mecanismo do Estado. A Revolução de março não podia fugir ao estilo de tôdas as revoluções. Como se trata de uma revolução democrática, seus chefes se esforçaram para não praticar abusos. Autolimitaram-se mediante o Ato Institucional de 9 de abril de 1964, e se impuseram uma linha moderada de ação. Logo nos primeiros dias, o Comando Supremo da Revolução cassou mandatos eletivos e suspendeu por dez anos os direitos políticos de algumas pessoas. Não houve, nem podia haver, tempo para o exame profundo de cada caso. Mas o Comando Revolucionário foi sóbrio e equilibrado, embora sob o impacto dos acontecimentos militares. Depois, empossado o marechal Castelo Branco, outras cassações vieram. O presidente resistiu ao exagêro. Pelo contrário: usou com economia a faculdade que a Revolução lhe outorgara. Assim é que, recebendo as denúncias, ou entendendo que é necessário investigar um determinado fato, o govêrno incumbe o Serviço Nacional de Informações, ou outros órgãos, de investigar. Só depois encaminha o processo ao ministro da Justiça, que propõe ao presidente a aplicação de punição ou o arquivamento do caso. Na primeira hipótese, o assunto é submetido ao Conselho de Segurança Nacional. Sua opinião habilita o presidente da República a tomar uma decisão. Clàssicamente, o direito de defesa é considerado sagrado. Mas a Revolução não seria revolução, pelo menos durante um período transitório, não pusesse de lado o que é clássico. Sendo o julgamento dos homens falível, é possível que haja casos de cassações injustas, que mereçam revisão posterior. Não revisão em massa, sob a forma de uma anistia ampla, que simbolizaria, pura e simplesmente, a volta do passado e a repetição dos erros e crimes que foram a causa profunda da Revolução. Mas, sim, o reexame cuidadoso e rigoroso, quando os princípios da Revolução estiverem definitivamente implantados, de situações isoladas, em que os interessados não possam mais representar algum perigo para a sorte das instituições democráticas. Eu aproveito a oportunidade para sugerir que, no futuro, depois de votados a nova Constituição, uma nova Lei de Defesa do Estado e outros diplomas essenciais à segurança do Brasil contra a guerra revolucionária, seja criado um Tribunal Especial, com prazo de existência pré-fixado, que tenha a missão específica de reexaminar, com base na ordem institucional da Revolução, a situação dos que se julguem injustiçados. Aí, então, em sessões públicas e com o direito de defesa plenamente assegurado, que se discutam e se encerrem, em definitivo, os atos punitivos da Revolução. O Tribunal Especial deveria ter vindo logo que triunfou a Revolução de março de 1964. Nunca é tarde, entretanto, para adotar-se uma medida de interêsse público.



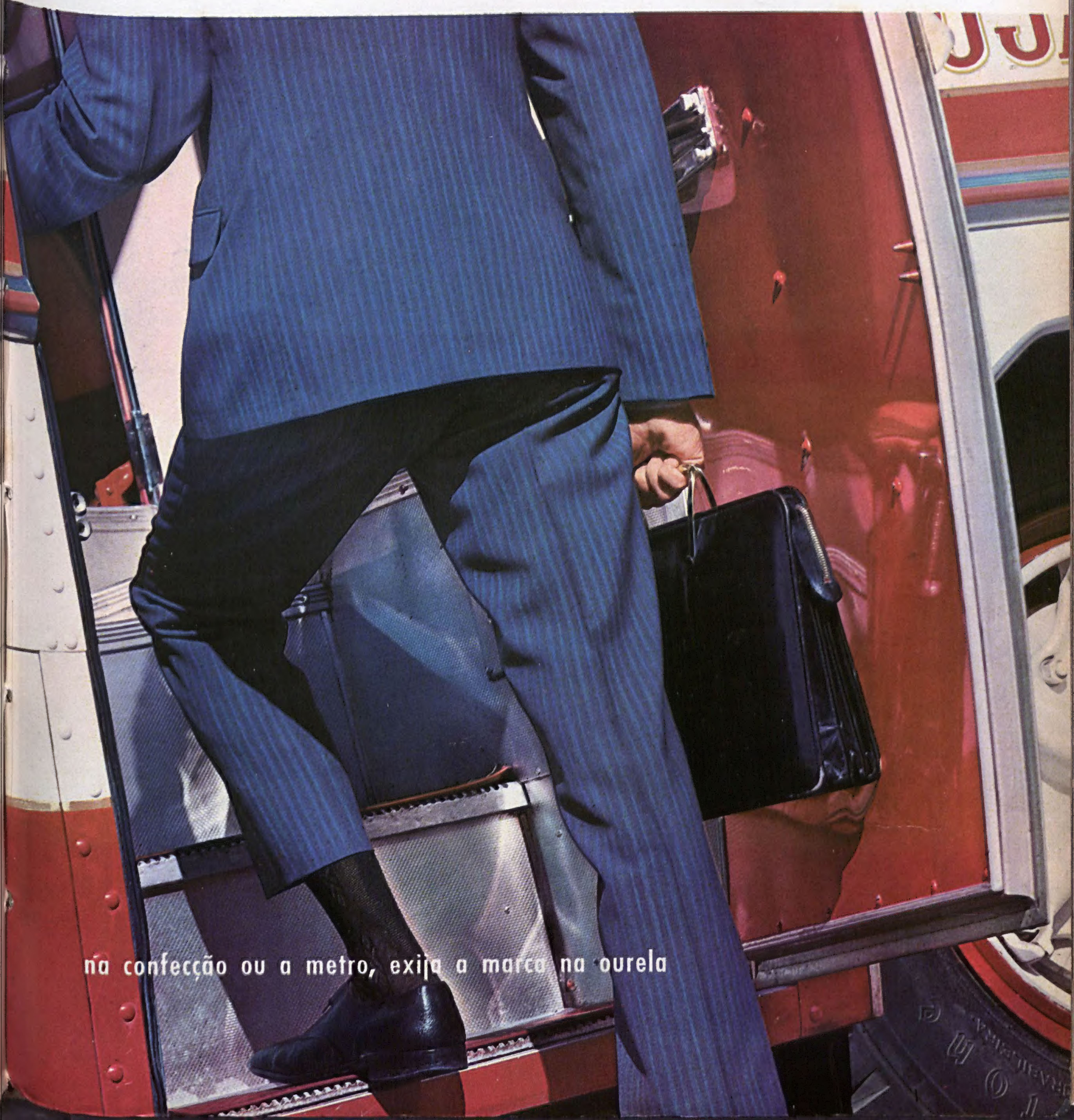
Deputado Armando Falcão
Ex-ministro da Justiça

Resposta à pergunta do leitor Júlio S. Moreira — São Paulo.

Homens que vencem em tôda a linha usam
pervinc-70
VINCO PERMANENTE LEVE — AGRADÁVEL DE VESTIR — AREJADO

Não é coincidência: o homem dinâmico exige um tecido superior. De padrões e côres personalíssimos. Atualizado.

TERGAL LA
SANTISTA



Você nunca encontrará pudim num abacaxi... Mas encontra fácil abacaxi num pudim: no seu nôvo

PUDIM ROYAL ABACAXI

Mais um produto de qualidade F&R Fleischmann-Royal